

**BOLETIM DA
BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

VOL. 53/54 (2023/24)

**Boletim da
Biblioteca Geral
da Universidade
de Coimbra**

**Bulletin of the
General Library
of the University
of Coimbra**

VOL. 53/54 (2023/2024)



COIMBRA, 2024

FICHA TÉCNICA

DIRETOR / DIRECTOR

A. E. Maia do Amaral (BGUC – aemaia@bg.uc.pt)

SECRETARIADO DA REDAÇÃO / SECRETARIAT

Jaquelina Neves (BGUC – jneves@bg.uc.pt)

CONSELHO CIENTÍFICO / SCIENTIFIC BOARD

Ana Isabel Buescu (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
Ana Maria Araújo Leitão Bandeira (Universidade de Coimbra, Portugal)
Ana Paula Gordo (Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal)
António Manuel Lopes Andrade (Universidade de Aveiro, Portugal)
Armando Malheiro da Silva (Universidade do Porto, Portugal)
Carla Alexandra Gonçalves (Universidade Aberta, Portugal)
Carlos Fiolhais (Universidade de Coimbra, Portugal)
Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra, Portugal)
Elizama Almeida (Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, Brasil)
Fernanda Maria Guedes de Campos (Universidade Nova de Lisboa e U. dos Açores, Portugal)
Fernanda Ribeiro (Universidade do Porto, Portugal)
Fernando Taveira da Fonseca (Universidade de Coimbra, Portugal)
Isabel Ferreira da Mota (Universidade de Coimbra, Portugal)
João Gouveia Monteiro (Universidade de Coimbra, Portugal)
Jon Zabala Vázquez (U. C. de Madrid; Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Espanha)
José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra, Portugal)
José Vicente Rodríguez Muñoz (Universidade de Murcia, Espanha)
Julio Alonso-Arévalo (Universidade de Salamanca, Espanha)
Manuel Cadafaz de Matos (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
Manuel Portela (Universidade de Coimbra, Portugal)
Manuel Simplício Geraldo Ferro (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Beatriz P. de Sá M. Marques (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Cristina Vieira de Freitas (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Inês Cordeiro (Biblioteca Nacional, Portugal)
Maria José de Azevedo Santos (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Manuel Lopes Borges (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria do Rosário Morujão (Universidade de Coimbra, Portugal)
Onésimo Teotónio Almeida (Brown University, Providence, EUA)
Pedro Penteado (Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, Portugal)
Ricarda Musser (Ibero-Amerikanische Institut, Berlin, Alemanha)
Saul António Gomes (Universidade de Coimbra, Portugal)
Viviana Fernández Marcial (Universidade da Coruña, Espanha)

PROPRIEDADE / OWNER

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA / ADDRESS FOR CORRESPONDENCE

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
Largo da Porta Férrea
3000-447 Coimbra
E-mail: boletim@bg.uc.pt
URL: <http://www.uc.pt/bguc/>

EDIÇÃO / PUBLISHER

Imprensa da Universidade de Coimbra
E-mail: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

INFOGRAFIA / INFOGRAPHICS

Imprensa da Universidade de Coimbra

ISSN 2184-7673 (impresso)

ISSN 2184-7681 (em linha)

DEPÓSITO LEGAL 431919/17

DOI DA REVISTA 10.14195/2184-7681_53/54

PERIODICIDADE / PERIODICITY Anual / Annual

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

Sumário / Contents

ESTATUTO EDITORIAL / EDITORIAL STATUS9

NOTA DE APRESENTAÇÃO / PRESENTATION NOTE 13

ARTIGOS / ARTICLES

Índices de “Cadernos de Biblioteconomia,
Arquivística e Documentação” (Série Coimbra, 1963-1977) /
Indexes of “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística
e Documentação” (Coimbra Series, 1963-1977)
António José Pina Falcão, Zita Correia17

Heresy and Martyrdom in the Life and Tragic Death of Mary Stuart
by Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo (1737) /
Heresia e Martírio em Vida, e Morte Trágica de Maria Stuart
por Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo (1737)
Jorge Bastos da Silva 73

Marcas bibliográficas da Biblioteca Matemática da Universidade
de Coimbra / Bibliographic marks of the Mathematical Library
of the University of Coimbra
Carlos Tenreiro 85

Observações astronómicas e ensino de astronomia em Coimbra à luz de
uma carta de Cristoforo Borri a André de Almada (1626) / Astronomical
observations and astronomy teaching in Coimbra in the light of a letter
from Cristoforo Borri to André de Almada (1626)
Luís Miguel Carolino, Carlota Simões, Isabel Ramires..... 105

Uma personalidade seiscentista quase desconhecida: os aspectos da sua presença na exploração mineira ao serviço do Vice-Reino do Perú, ou nas funções de arquitecto em Lima e Valdivia / An almost unknown seventeenth century personality: aspects of its presence in mining exploration at the service of the Viceroyalty of Peru, or as an architect in Lima and Valdivia
Manuel Cadafaz de Matos..... 137

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, um bibliotecário em Coimbra / Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, a librarian in Coimbra
Maria Beatriz Matos França 191

VIDA DA BIBLIOTECA / LIFE OF THE LIBRARY

Atividades culturais 2022/2023 / Cultural activities 2022/2023
Maria Luísa Sousa Machado, José Alberto Mateus 233

Catálogos de exposições bibliográficas / Exhibitions catalogues
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra 253

Coimbra na revista «O Occidente» / Coimbra in the magazine
 «O Occidente»..... 255

Devoção sobre o papel: exposição documental / Devotion on paper: documentary exhibition 269

Holocausto / Holocaust..... 279

Centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul / Centenary of the first flight across the South Atlantic 295

O ABC-zinho, Cottinelli Telmo e os outros / O ABC-zinho, Cottinelli Telmo and the others..... 303

A Universidade de Coimbra e a independência do Brasil : catálogo da exposição documental e bibliográfica / The University of Coimbra and the independence of Brazil: catalogo of the documentary and bibliographic exhibition 313

A Guerra colonial na literatura portuguesa / The colonial war in Portuguese literature 345

A Ilha dos Amores e outros lugares imaginários das literaturas portuguesa e brasileira / The Island of Love and other imaginary places in Portuguese and Brazilian literature 355

250 Anos da fundação da Imprensa da Universidade de Coimbra / 250 Years since the founding of the University of Coimbra Press	391
Centenário do nascimento do poeta Eugénio de Andrade / Centenary of the birth of the poet Eugénio de Andrade	403
«Afinal o que importa não é a literatura...» Mário Cesariny (1923 - 2006) / After all, it's not the literature that matters...» Mário Cesariny (1923-2006)	419
Pablo Picasso, no cinquentenário da morte do pintor / Pablo Picasso, on the fiftieth anniversary of the painter's death	431
Natália Correia : centenário do nascimento da poetisa / Natália Correia: centenary of the poet's birth	443
Guerra Junqueiro : exposição bibliográfica / Guerra Junqueiro: bibliographic exhibition	452

Estatuto Editorial / Editorial Status

1. Âmbito e objetivo

O *Boletim* assume-se como herdeiro do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra* que veio pela primeira vez a lume em janeiro de 1901 e que se manteve, sem interrupções, até maio de 1913. De janeiro de 1914 até finais de 1916, viria a público com uma designação ligeiramente diferente: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. A partir do vol. 4 (jan./jun. 1917) publicou-se com o título *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, e assim se manteve até ao vol. 46/47 (2015/2016), quando assumiu a atual designação de *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*.

O *Boletim* tem como principal objetivo o estudo e a divulgação dos fundos documentais da Biblioteca Geral e de todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra. Encontra-se aberto à comunidade científica portuguesa e estrangeira para a publicação de trabalhos no âmbito da Biblioteconomia e da Cultura, dando preferência aos que tenham por objeto acervos existentes na Universidade ou com eles relacionados.

Colaborarão na revista, por convite e/ou sob proposta de submissão, especialistas em ciências da informação e da documentação e outros investigadores de reconhecida idoneidade e mérito, com artigos originais, resenhas, notícias ou outro tipo de trabalhos.

2. Acesso

Com uma periodicidade anual, o *Boletim* é publicado em versão impressa e em versão eletrónica. O formato eletrónico, em acesso

aberto, encontra-se alojado na plataforma *Impactum* da Imprensa da Universidade de Coimbra: <https://impactum-journals.uc.pt> ou <https://impactum-journals.uc.pt/bbguc>

3. Informações para os Autores

Local e data da submissão de artigos

Os trabalhos deverão ser submetidos através da plataforma OJS (Open Journal System), até finais de mês de SETEMBRO de cada ano, no seguinte endereço: <https://impactum-journals.uc.pt/bbguc/about/submissions>

Registe-se e siga as instruções.

Seleção dos artigos

Os trabalhos propostos para publicação devem ser originais e devem seguir as normas de redação adotadas pelo *Boletim*. Uma vez aceites pelo conselho editorial serão submetidos a um sistema de arbitragem científica anónima de pelo menos dois pares externos. Todo o processo seguirá o *Código de Ética* e o *Guia de Boas Práticas para Editores de Revistas da Universidade de Coimbra* (<https://impactum-journals.uc.pt/codeofethics>).

Direitos de autor

Ao aceitarem publicar um artigo no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, os autores cedem à Biblioteca Geral o direito de o publicar, em formato impresso e/ou digital, em qualquer momento e por tempo indeterminado, e sem quaisquer contrapartidas.

No caso de os autores incluírem nos seus artigos qualquer material que envolva a autorização de terceiros, é da responsabilidade do autor obter a respetiva autorização escrita, assumindo os eventuais encargos que daí possam decorrer.

Línguas de publicação

São admitidos textos em português, espanhol, inglês, francês e italiano.

Apresentação e extensão dos artigos

Os artigos, apresentados em formato Microsoft Office Word, não devem exceder 50.000 caracteres (espaços incluídos) e devem conter:

- a) o título, na língua do artigo e em inglês;
- b) o/os nome(s) do(s) autores e respetivo(s) endereço(s) de e-mail, a identificação ORCID e indicação da afiliação institucional;
- c) resumo com o máximo de 300 palavras em português e em inglês;
- d) duas a seis palavras-chave, na língua do artigo e em inglês;
- e) bibliografia, no final do artigo;
- f) as notas de rodapé serão breves, introduzindo esclarecimentos ou comentários pontuais considerados indispensáveis. A chamada surge antes do sinal de pontuação;
- g) ilustrações, tabelas e gráficos devem ser gravados em ficheiros individuais, com indicação, no texto do artigo, do local exato onde devem ser inseridas as figuras com as respetivas legendas.

Formatação

- a) Título: tipo de letra Arial Bold, tamanho de letra 14, espaçamento entre linhas 16,36 pts, alinhamento à esquerda;
- b) Subtítulo / Capítulos: Arial Bold, tamanho 9 pt, alinhamento à esquerda;
- c) Resumos e palavras-chave: Arial, tamanho 9 pt;
- d) Texto principal: Arial 10 pt, espaçamento entre linhas 16,36 pt, alinhamento justificado, início de parágrafo 5 mm, numeração de páginas e de notas sequencial; Não serão admitidos sublinhados, nem outros negritos além dos títulos;

- e) Citações: entre aspas portuguesas («»), exceto se excederem as três linhas, caso em que devem ser destacadas do texto por um espaço, tamanho da letra 9 pontos, acompanhadas pela referência à obra citada de forma abreviada; alinhamento justificado, recuo à esquerda 10 mm;
- f) Notas de rodapé: Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 10 pt, alinhamento justificado;
- g) Referências bibliográficas: Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 10 pt, alinhamento justificado;
- h) Material gráfico e ilustrações: formato TIFF com 300 dpi de resolução.

Referências bibliográficas

A bibliografia deverá constar no final de cada artigo.

As referências e as citações bibliográficas devem ser elaboradas de acordo com uma das seguintes normas:

NP ISO 690:2024 - «Informação e documentação – Diretrizes para a redação de referências bibliográficas e citações de recursos de informação». (Substitui as Normas NP 405-1/4, encontram-se tecnicamente ultrapassadas em consequência do desenvolvimento a nível internacional)

Norma APA (American Psychological Association)

Revisão de provas

Serão enviadas aos autores provas tipográficas para correção. Não se aceitarão alterações superiores a 10% do texto original.

Nota de apresentação

Presentation note

A publicação do «Boletim» é tarefa que a BGUC teima em manter, mas em relação à qual a ocorrência de quaisquer circunstâncias excepcionais facilmente consegue comprometer, tal a escassez de meios humanos que para estes trabalhos podem ser solicitados sem agravar as restantes funções da Biblioteca. Não usando como justificação os atrasos registados no passado de uma publicação já centenária, por este nos penitenciamos e pedimos desculpas aos autores e aos leitores.

A acumulação de conteúdos que se registou justifica que este número se apresente como duplo. O crescimento não é tanto ao nível dos artigos, mas da duplicação do período abrangido pela «Vida da Biblioteca», que queremos sempre assinalar tão exaustivamente quanto possível.

O número abre com a reparação de uma grave falta bibliográfica: a publicidade dos índices da revista «Cadernos» nos seus anos de Coimbra. Há muito que estavam publicados índices da série lisboeta, sem que os conteúdos da revista original, a primeira que sobre assuntos biblioteconómicos e arquivísticos se fez no país, fossem suficientemente conhecidos, até dada a raridade dos primeiros números. Colmataram essa falta os colegas Pina Falcão e Zita Correia, recuperando e completando a nosso pedido um seu trabalho académico antigo. Como conimbricense e conhecedor da importância

histórica da publicação para o estudo da profissão entre nós, muito gratos lhes estamos por esse esforço.

Em segundo lugar, tentámos reparar outra falta importante, que foi a passagem do centenário do nascimento de Jorge Peixoto, não assinalado por ter acontecido durante os confinamentos do Covid-19. Pela sua importância para esta casa, parecia-nos estrita obrigação marcar comemorativamente aquela data e evocar a sua vida profissional. Obrigado à Beatriz Matos por ter correspondido tão prontamente ao pedido que lhe fizemos nesse sentido.

O professor Jorge Bastos da Silva submeteu-nos um artigo que não tem a ver com a Biblioteca nem com os seus fundos, mas que também tem total cabimento no nosso *scope* temático, como se pode verificar nos números anteriores. Nem só da BGUC deve viver esta publicação.

Em seguida, o professor Carlos Tenreiro aborda temas de biblioteconomia que nos são caros, nomeadamente as muito desvalorizadas «marcas de posse» das bibliotecas. E fá-lo em relação a uma das bibliotecas especializadas mais antigas da UC, a velha «Bibliotheca Mathematica».

O artigo que se segue, *Observações astronómicas e ensino da astronomia em Coimbra...* retoma um tema abordado com muito sucesso numa sessão da Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Baseado no mais recente «tesouro» incorporado pela BGUC, uma carta do astrónomo jesuíta Cristóvão Borri (ou Cristóvão Bruno) achada entre as páginas de um dos seus livros antigos, insere-se cabalmente na nossa preocupação permanente de valorizar os fundos documentais da instituição.

Finalmente, publica-se a conclusão de um denso estudo iniciado no número anterior acerca de Constantino de Vasconcelos, personalidade quase desconhecida de um período também menos bem estudado da nossa história política e cultural, o século XVII. Ao professor

Manuel Cadafaz de Matos renovamos os agradecimentos pela confiança manifestada.

Como sempre, o relato das principais atividades da Biblioteca no período em apreço ficou garantido pelos colegas da Área de Leitura, Referência e Apoio ao Utilizador, Maria Luísa de Sousa Machado e José Mateus. Para eles os nossos renovados agradecimentos.

O elenco das exposições cujo catálogo se reproduz aqui «para memória futura» ascende a catorze, o que reforça a imagem do grande investimento feito em atividades de divulgação e de promoção dos nossos fundos documentais.

O envolvimento da BGUC no ambicioso projeto de digitalização integral da Biblioteca Joanina ainda não se reflete no alinhamento deste número duplo, mas estamos certos de que marcará os próximos anos da publicação.

Esses serão tempos para novos temas e para novos protagonistas. Na eminência do abandono da minha posição de Diretor do «Boletim», por aposentação, seja-me permitido despedir e agradecer aqui aos autores, leitores e colaboradores com que me cruzei durante esses anos. Sobretudo a estes últimos, as colegas Iuliana Gonçalves, Jaqueline Neves e Mickael Silva da Imprensa da UC, sem os quais não teria conseguido exercer tão prestigiadas quanto pesadas funções.

Muito obrigado a todas e todos.

O Diretor do «Boletim»

A. E. Maia do Amaral

Índices de “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação” (Série Coimbra, 1963-1977)

Indexes of “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação” (Coimbra Series, 1963-1977)

António José Pina Falcão ¹

Zita Correia ²

RESUMO

Ao contrário do que aconteceu com os índices dos artigos publicados na segunda série dos «Cadernos», depois que estes foram adotados pela Associação como seu órgão próprio, os índices da primeira série (coimbrã) nunca tinham sido publicados. Entendemos que esse levantamento, iniciado há anos em âmbito escolar pelos subscritores, e agora

1 Ex-Presidente da Direção da BAD
<https://orcid.org/0009-0000-1264-3044> ; pinafalcao@sapo.pt

2 Investigadora do INETI (aposentada)
<https://orcid.org/0009-0003-2250-8147> ; zita.pereira.correia@gmail.com

completado para esta publicação, se justificava tendo em vista a enorme importância da série original da revista, realmente fundadora dos trabalhos biblioteconómicos e arquivísticos em Portugal e expressão dos seus profissionais.

PALAVRAS-CHAVE

Cadernos de biblioteconomia e arquivística. Coimbra, 1963-1964; Cadernos de biblioteconomia, arquivística e documentação. Coimbra, 1965-1977.

ABSTRACT

Unlike the indexes of the second series of the «Cadernos», the indexes of the first series were never published before. We think that the survey and publishing of the first series indexes is justified due to its high importance, as a founding series on library science subjects and the expression of library professionals.

KEYWORDS

Cadernos de biblioteconomia e arquivística. Coimbra, 1963-1964. Cadernos de biblioteconomia, arquivística e documentação. Coimbra, 1965-1977.

INTRODUÇÃO

1. Objetivos

A série coimbrã dos “Cadernos” constituiu uma experiência pioneira em Portugal, e congregou à sua volta a vontade e os esforços de muitos profissionais do setor, funcionando como elemento polarizador de discussão e troca de experiências, contribuindo inclusivamente para a dignificação da carreira.

Apesar da desatualização de grande parte dos temas abordados, os “Cadernos” constituem de certo modo a memória coletiva da classe e, nessa medida, é importante que não se perca a informação de que são depositários.

Para tal, torna-se imprescindível criar instrumentos de recuperação dessa informação, e foi nessa perspetiva que elaborámos uma bibliografia Sinalética das colaborações incluídas naquela série dos “Cadernos”. Além da relação de analíticos, a bibliografia inclui um índice de autores, um índice de títulos e um índice de assuntos: é sobre este que nos debruçaremos, visto constituir o objetivo específico deste trabalho é ser, em nossa opinião, o instrumento mais útil na recuperação da informação.

2. Metodologia

Não nos preocupámos, portanto, com o aspeto formal da publicação, que aliás, foi objeto de estudo recente publicado no n.º 1/84 da série de Lisboa, a não ser na medida em que condicionou a seleção das rubricas a tratar, dada a evolução da estrutura interna ao longo dos 45 fascículos.

As rubricas selecionadas foram:

ARTIGOS
DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS
ANTOLOGIA
DOCUMENTA

Os ARTIGOS são a rubrica mais substancial, incluindo estudos de dimensão variável sobre temas que vão da gestão de bibliotecas as técnicas documentais, variando a tónica consoante as preocupações próprias de cada período.

Em DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS aparecem notas sobre a estrutura e funcionamento de algumas bibliotecas e arquivos.

Quanto a ANTOLOGIA, inclui textos de interesse histórico a que nem sempre é fácil ter acesso direto, pelo que nos pareceu de interesse situá-los nos “Cadernos”.

Finalmente, DOCUMENTA constitui uma recolha de textos legais visando as bibliotecas e a atividade do bibliotecário.

Foram excluídas, portanto, rubricas como ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES, CONSULTAS TÉCNICAS e COMENTÁRIOS E NOTÍCIAS, umas por serem meras indicações de como resolver problemas muito concretos postos por alguns assinantes, outras por estarem perfeitamente datadas, referindo-se a acontecimentos que na altura foram objeto de atenção e discussão.

Para a recolha das palavras-chave que iriam dar origem aos cabeçalhos, procedemos à leitura em diagonal da totalidade dos textos selecionados uma vez que grande parte dos títulos se mostravam pouco ou nada significativos, e os resumos, quando existiam, nem sempre eram suficientemente elucidativos.

Quanto ao critério da seleção, teve em vista o peso relativo das palavras-chave ou conceitos em cada texto, e a forma definitiva consagrada no cabeçalho teve em conta:

- A proximidade da forma usada no texto, apenas quando essa forma não punha em risco a apreensão do conceito à luz da terminologia usada atualmente.

P. ex: COMPUTAÇÃO ELETRÓNICA (v. Informática)

- A adoção de termos uniformes para traduzir conceitos muito semelhantes, usados por diferentes autores em contextos diversos.

P. ex: AUTOMATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO em vez de computorização, informatização, etc.

3. Questões técnicas levantadas

Um índice pode definir-se como um guia sistemático para localização de palavras, conceitos ou outros itens em livros, periódicos ou outras publicações, consistindo numa série de entradas que aparecem

na ordem em que surgem na publicação, mas numa outra ordem pré-definida.

Neste caso, trata-se mais exatamente do índice de um reportório bibliográfico e, portanto, não autossuficiente uma vez que, para funcionar, se reporta necessariamente à relação de analíticos, e as referências numéricas que acompanham as entradas apontam para essa relação, ou seja para a referência do artigo em que são expressos conceitos patentes na entrada, e não para a página ou páginas exatas em que o conceito aparece expresso.

Uma questão de fundo a resolver logo à partida, e se se opta por um sistema de classificação para dar forma ao índice, ou não. Norman Knight, que discorda da adoção de esquemas de classificação nos índices, recorda que, se levasse um sistema de classificação até às últimas consequências, ou seja, até ao absurdo, o resultado seria uma única entrada - o grande tema abordado na publicação - e tudo o resto se enquadraria como subentradas e sub-subentradas, etc., dentro do tema mais vasto.

Tratando-se de um periódico, a opção por uma estrutura classificativa global seria duplamente inadequada, dada a diversidade dos temas abordados, das perspectivas de abordagem, e da própria terminologia utilizada, não só pelos diferentes autores, mas também consoante as várias fases da vida da publicação.

Posta noutros termos, a questão é esta: deve-se optar por entradas genéricas ou por entradas específicas? Acabámos por adaptar uma solução intermédia, não por recear os extremos, mas porque se nos depararam situações em que foi de facto útil recorrer a esquemas de classificação para pequenos núcleos de termos, e outras em que nos pareceu muito mais razoável manter-nos próximo do texto. Exemplificando: Dada a natureza de publicação especializada dos “Cadernos”, algumas palavras-chave aparecem com alguma frequência, podendo ocorrer duas situações, que convém distinguir: ou se trata de espécies ou de aspetos de um mesmo cabeçalho genérico.

Havendo relação de gênero e espécie, convém agrupar essas palavras-chave sob designações que façam ressaltar esse parentesco, mesmo que não se respeite uma hierarquia rígida, mas estabelecendo pelo menos o relacionamento através de remissivas. Foi a solução adotada no caso das BIBLIOTECAS. Uma entrada tão genérica perderia todo o sentido numa publicação como os “Cadernos”, mas já nos pareceu razoável adotar a classificação consagrada pela UNESCO para designar as várias espécies de bibliotecas (universitárias, especializadas, públicas e escolares), se bem que transigindo com outras designações que correspondem a franjas contempladas em estudo nos “Cadernos” (nacionais, infantis e particulares, por exemplo).

Sob cada um destes cabeçalhos, foram agrupados subcabeçalhos contemplando aspetos de cada espécie de biblioteca. Contudo, e para que não se perca informação, cada entrada específica por biblioteca-instituição remete (v.t.) para a entrada mais genérica do tipo de biblioteca em que se insere. O mesmo aconteceu relativamente aos ARQUIVOS, à FORMAÇÃO, etc. Para a generalidade das outras entradas, optamos pela forma específica, tentando respeitar a forma por que aparecem no texto (BIBLIOTECA DO INSTITUTO FRANCÊS EM LISBOA) ou quando não há clareza na designação, juntando-lhe um qualificador (BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE (Munique)).

A segunda questão é bastante complexa e tem a ver com a seleção dos cabeçalhos das entradas, enquanto pontos de acesso ou guias para a informação contida no texto. Tentámos que a palavra-chave selecionada para o cabeçalho fosse expressiva, e enriquecemo-la com qualificadores e/ou modificadores, de modo a facilitar a pesquisa ao hipotético utilizador, de acordo com o seguinte esquema:

CABEÇALHO (qualificador), modificador

Quanto aos subcabeçalhos que funcionam como cabeçalhos subordinados ou mesmo como modificadores dos cabeçalhos - devem

manter uma relação estreita com estes, e tentámos obtê-la, inclusivamente em termos de articulação gramatical.

P. ex.:

ARQUIVÍSTICA

princípios e métodos, em França

instrumentos de recuperação da informação em

Para obstar a situações de difícil leitura, “promovemos” a cabeçalhos alguns subcabeçalhos que não dispensavam sub-subcabeçalhos. Ainda para facilitar a leitura, optámos pela disposição dos subcabeçalhos em coluna em vez da disposição na horizontal.

Quanto ao uso do singular e do plural, e à semelhança do procedimento adotado na formulação de descritores para os Thesauri, optámos pelo singular no caso de processos (formação, p. ex.) ou funções (catalogação, recuperação da informação, alfabetação) e pelo plural no caso de realidades quantificáveis.

Seguindo o conselho de N. Knight recorreremos a um léxico (lista permutada de descritores de biblioteconomia-informação, dos Serviços de Documentação -a Universidade de Aveiro) não para indexar os artigos, mas para facilitar a opção por certos termos e assegurar a consistência de critérios, evitando-se a perda de informação que derivaria, p. ex., do uso de termos sinónimos.

4. Limitações

Tratando-se essencialmente de um exercício académico, encaramos este trabalho não só como uma forma de testar a apreensão de conhecimentos, mas sobretudo como uma forma privilegiada de os pôr em prática, beneficiando da crítica construtiva que o mesmo pode proporcionar.

Enquanto exercício académico, enferma precisamente das limitações daí decorrentes, nomeadamente o facto de só na fase

final do trabalho nos termos apercebido de lacunas que já não foi possível corrigir, dada a necessidade de cumprir o prazo de entrega.

As lacunas mais graves resultaram da dificuldade de acesso aos “Cadernos”; na realidade, a primeira abordagem dos textos - ocasião em que foram selecionadas as entradas para o índice - mostrou-se insuficiente, tendo daí resultado um número relativamente diminuto de entradas. Teria sido importante um segundo contacto para rever, melhorar e possivelmente aumentar o número de entradas, bem como o número de remissivas, tendo embora o cuidado de evitar o círculo fechado.

RELAÇÃO DE ANALÍTICOS

1. ACORDÃO DO- SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO RELATIVO AO RECURSO
Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo relativo ao recurso, n.º 1280.
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (5) Maio 1964, pp. 1-2
2. ALVES, Luís
Conjuntos, matrizes e probabilidades: 6.ª sessão – a optimização da informação.
Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (3-4) Jul.-Out. 1970, pp. 155-173
3. AMADOR, Rui
Documentação e empreendimentos
“ Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (3) Jul. 1971, pp. 144-147
4. AMARAL, Lia Arez Ferreira do
Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (5) Maio 1964, pp. 49-56

5. ANDRADE, Mário Francisco
A história portuguesa nos arquivos estrangeiros
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (5) Maio 1964, pp. 15-18

6. AZEVEDO, Pedro A. de
Meios de defesa dos arquivos
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 10 (1) Jan. 1973, pp. 16-20

7. BIO-BIBLIOGRAFIA DE JORGE PEIXOTO
Bio-bibliografia de Jorge Peixoto
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (1) Jan.-Jun. 1977, pp. 6-23

8. BOHIGAS, Pere
Normas para a descrição codicológica dos manuscritos
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (1) Jan.-Jun. 1977, pp. 29-33

9. BRITO, Maria Fernanda Constante de
O curso de Biblioteconomia organizado pelo British Council, em Londres e Sheffield
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (4) Out. 1966, pp. 139-143

10. BRITO, Maria Fernanda Constante de
Esboço de uma biblioteca sonora
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (2) Abr. 1971, pp. 65-77

11. CABRAL, Luís
Bibliotecas na Dinamarca: algumas notas
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) Jul.-Dez.1977, pp. 185-189

12. OS “CADERNOS” IMPRESSOS
Os “Cadernos” impressos
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (6) Set. 1964, pp. 1-4

13. CALADO, Adelino de Almeida
Algumas características funcionais das instalações e mobiliário das bibliotecas
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (2) Abr. 1966, pp. 59-62

14. CALADO, Adelino de Almeida
Automatização dos serviços do Departamento de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica de Angola: descrição esquemática de um sistema integrado
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 11 (1-2) Jan.-Abr. 1974, pp. 4-20

15. CALADO, Adelino de Almeida
A Biblioteca de Empresa: esquema de uma planificação dos serviços de biblioteconomia
“Cad. Bibl. Arq. Doc.” Coimbra, 3 (1) Jan. 1966, pp. 13-31

16. CALADO, Adelino de Almeida
Investigação e documentação ao nível nacional
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (4) Out. 1967, pp. 170-179

17. CALADO, Adelino de Almeida
Plano de um sistema provincial de informação científico-técnica
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (3) Jul. 1971, pp. 121-143

18. CALADO, Adelino de Almeida
V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: Considerações à margem
Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (3) Nov. 1963, pp. 1-5

19. CALADO, Adelino de Almeida
Os serviços de documentação da Universidade de Aveiro: princípios de organização e perspectivas de desenvolvimento

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (1) Jan.-Mar. 1976, pp. 4-31

20. CALADO, Adelino de Almeida

O sistema de depósitos à ordem no processamento das aquisições

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (4) Out. 1968, pp. 120-124

21. CAMPOS, Astério

A edição média da Classificação Decimal Universal

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (3-4) Jul.-Out. 1970, pp. 174-180

22. CAMPOS, Astério

Ficção ou começo de uma alienação?

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (2) Abr. 1972, pp. 92-94

23. CAMPOS, Astério

Novas perspectivas para a CDU face à sua possível inserção no projecto UNISIST

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (2) Abr. 1972, pp. 89-91

24. CAMPOS, Astério

Sobrevivência ou morte da Classificação Decimal Universal (CDU) na era dos computadores eletrónicos

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (4) Out. 1971, pp. 186-189

25. CARVALHO, Margarida Fernandes

Escola e biblioteca: necessidade de uma pedagogia da leitura extensiva

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 10 (2) Abr. 1973, pp. 71-107

26. CEPEDA, Isabel Vilares

A biblioteca da Academia Nacional de Belas Artes (ANBA)

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (3) Jul. 1965, pp.180-183

27. CEPEDA, Isabel Vilares

A Biblioteca Americana em Lisboa

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, [Coimbra], (6) Set. 1964, pp. 17-20

28. CEPEDA, Isabel Vilares

Uma biblioteca infantil nos arredores de Paris

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (4) Out. 1969, pp. 170-172

29. CEPEDA, Isabel Vilares

A biblioteca do Instituto Francês em Lisboa

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (2) Abr. 1965, pp. 112-113

30. CEPEDA, Isabel Vilares

O museu de literatura da Biblioteca Real da Bélgica

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (2) Abr. 1970, pp. 90-93

31. COELHO, Maria Angelina Teixeira

Serviço de publicações de uma grande biblioteca (Planejamento)

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (3) Jul. 1967, pp. 93-112

32. COLÓQUIO INTERNACIONAL ORGANIZADO PELA BIBLIOTECA APOSTÓLICA VATICANA. Cidade do Vaticano, 1975.

Conservação e reprodução de manuscritos e impressos antigos

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (1) Jan.-Jun. 1977, pp. 78-80

33. CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE A PLANIFICAÇÃO DAS INFRAESTRUTURAS NACIONAIS EM MATÉRIA DE DOCUMENTAÇÃO DE BIBLIOTECAS E DE ARQUIVOS. Paris. Setembro 1974. NATIS (Sistemas Nacionais de Informação)

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (1) Jan.-Mar. 1976, pp. 79-80

34. AS CONFERENCIAS DO DR. MANUEL DOS SANTOS ESTEVENS NO CURSO DE BIBLIOTECÁRIO-ARQUIVISTA, EM COIMBRA, SOBRE O NOVO EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA NACIONAL
As conferências do Dr. Manuel dos Santos Estevens no Curso de Bibliotecário-Arquivista, em Coimbra, sobre o novo edifício da Biblioteca Nacional
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (5) Maio 1964, pp. 45-47
35. COSTA, Avelino de Jesus
As lições de Arquivística do Prof. Bautier no Curso de Bibliotecário-Arquivista
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (4) Fev. 1964, pp. 39-52
36. COSTA, Mário Alberto Nunes
O processo Filmorex
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (2) Set. 1963, pp. 17-20
37. CRÓ, Jorge Manuel de Gouveia e
Combate às baratas e “Muchem”
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (4) Out. 1969, pp. 165-169
38. CRUZEIRO, Maria Manuela
A Biblioteca Nacional de Paris
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (2) Abr. 1967, pp. 70-74
39. CRUZEIRO, Maria Manuela
Necessidade de cooperação nas tarefas de documentação
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (4) Out. 1971, pp. 195-197
40. CRUZEIRO, Maria Manuela
A secção de documentação económica do Instituto Nacional de Investigação Industrial

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (2) Abr. 1970, pp. 74- 79

41. CUNHA, Rosalina da Silva

A Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (1) Jul. 1963, pp. 17-21

42. DIAS, Rosa Maria de Mouta

Visita às novas instalações da Biblioteca Nacional de Lisboa

“Cad. Bibl. Arq.”, Coimbra, (4) Fev. 1964, pp. 33-37

43. DINIS, Maria de Lurdes

A Biblioteca Central do Instituto Superior Técnico

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (2) Abr. 1966, pp. 63-65

44. DOCUMENTOS RELATIVOS À LIVRARIA DO COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA...

Documentos relativos à livraria do Colégio de Nossa Senhora da Graça, incorporado na Universidade por carta de lei de D. João III, de 12 de Outubro de 1549

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1976, pp. 200-201

45. ESTORNINHO, Carlos

Biblioteca do Instituto Britânico em Portugal

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (3) Nov. 1963, pp. 31-32

46. FARIA, Mário

O Instituto Jurídico da Faculdade de Direito de Coimbra

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (4) Out. 1965, pp. 244-255

47. FARIA, Mário

Tentativa de uniformização do catálogo ideográfico do Instituto Jurídico de Coimbra, no que respeita a Direito Civil

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (4) Out. 1966, pp. 122-138

48. FERNANDES, A. Ferrand de Almeida

Em torno da noção de arquivo

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (4) Out. 1965, pp. 231-240

49. FERNANDES, A. Ferrand de Almeida

Stace Technique International d’ Archives: 1963

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (4) Fev. 1964, pp. 3-21 ; (5) Maio 1964, pp. 19-37 ; (6) Set. 1964, pp. 7-16

50. FERREIRA, Silvestre Pinheiro

Reflexões sobre os diferentes métodos de confeccionar os catálogos das bibliotecas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (1) Jan. 1965, pp. 36-38 ; (2) Abr. 1965, pp. 114-116

51. FRANÇA - Secrétariat Général du Gouvernement. Direction de la Documentation.

A leitura pública em França

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (3) Jul. 1969, pp. 116-142

52. GONÇALVES, Maria da Conceição Osório

Armazenamento da documentação

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 11 (3-4) Jul.-Out. 1974, pp. 82-87

53. GONÇALVES, Maria da Conceição Osório

O “Centre National de la Recherche Scientifique” (Paris)

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 11 (1- 2) Jan.-Abr. 1974, pp. 21- 25

54. GONÇALVES, Maria da Conceição Osório

Excerpta médica, sistema de informação documental em Medicina

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) jul.-Dez. 1977, pp. 179-184

55. GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo

Biblioteca da Reitoria da Universidade de Lisboa: extractos do relatório do bibliotecário, 2/1/62-31/12/62

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (3) Nov. 1963, pp. 27-31

56. GOUVEIA, Helânia Maria Paiva

Problemas de alfabetação

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (1) Jan. 1965, pp. 12-30 ; (2)

Abr. 1965, pp. 93-105

57. HAVARD-WILLIAMS, P.

Serviço universitário ou departamento de ensino?

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (1) Jan. 1972, pp. 31-35

58. HONORÁRIOS DO BIBLIOTECÁRIO-ARQUIVISTA

Honorários do bibliotecário-arquivista

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (1) Jan. 1968, pp. 14-16

59. IGREJA CATÔLICA. Papa, 1700-1721 (Clemente XI)

Breve ad favorem bibliothecarum. Clemens Papa XI. Ad futuram Rei memoria

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (2) Jul. 1968, pp. 88-89

60. INTRODUÇÃO À COMPUTAÇÃO ELECTRÔNICA

Introdução à computação electrónica

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 11 (3-4) Jul.-Out. 1974, pp. 88-130

61. JACOB, Louis

Traicté des plus belles bibliothèques publiques et particulieres qui ont été et qui sont à present dans le monde: chapitre-LXXI: De Lisbonne

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (4) Out. 1969, p. 173-174

62. JENKS, George M.

Algumas considerações sobre bibliotecas portuguesas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1976, pp. 162-166

63. KING, Trevor Anthony

Serviços para o leitor em bibliotecas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (1) Jan.-Jun. 1977, pp. 34-41

64. LEMOS, Maria Luísa

Problemas de nomenclatura na catalogação

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (1) Jan. 1968, pp. 5- 13

65. LOPES, Rosalina Pereira

O depósito legal na Alemanha

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (3) Jul. 1966, pp. 85-93

66. LOPES, Rosalina Pereira

A formação profissional dos bibliotecários alemães (Alemanha Ocidental)

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (1) Jan. 1966, pp. 3-8

67. LOURO, Maria São José

A Biblioteca Internacional da Juventude

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, (6) Set. 1964, pp. 21- 26

68. ACHADO, Maria Luísa Saavedra

Um curso de Arquivologia para empresas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (1) Jan. 1967, pp. 10-23 ; (2) Abr. 1967, p. 59-69

69. MACHADO, Maria Teresa Pinto
Biblioteca Municipal do Porto
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (2) Abr. 1965, pp. 106- 112
70. MARIANO, Lúcia
A propósito das conclusões do VI Encontro de Bibliotecários
Arquivistas e Documentalistas Portugueses
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (1) Jan.-Jun. 1977, pp. 42- 48
71. MENDES, Maria Teresa Pinto
As bibliotecas e a educação permanente: trabalhos prepara-
tórios do estatuto da Educação Nacional
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (4) Out. 1968, pp. 125-130
72. MENDES, Maria Teresa Pinto
Elementos básicos para a organização de bibliotecas escolares
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (3-4) Jul.-Out. 1972, pp.
175-200
73. MENDES, Maria Teresa Pinto
Notas de Arquivologia e Biblioteconomia
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (2) Abr. 1967, pp. 55-58
74. MENDES, Maria Teresa Pinto
O problema da autoria nas Regras Anglo-Americanas : pre-
parando a crítica ao anteprojecto das Regras Portuguesas de
Catalogação
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (1) Jan. 1972, pp. 5-20
75. MENDES, Maria Teresa Pinto
O tratamento catalográfico das publicações menores
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (1) Jan. 1965, pp. 3-11

76. MÜHLENBROCK, Sigurd
Construir bibliotecas
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1976, pp. 186-190

77. MONTEZ, Cesário
Proémio à catalogação
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (3) Jul. 1968, pp. 63-82

78. MONUMENTOS LITERÁRIOS E BIBLIOTECAS DE ESPANHA
Monumentos literários e bibliotecas de Espanha
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 10 (2) Abr. 1973, pp. 108-112

79. MOREIRA., Maria Alzira Teixeira Leite
Conservação, selecção e eliminação de documentos nos arquivos administrativos
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (1) Jan. 1972, pp. 21-27

80. MOUTA, Maria Fernanda Sombreiro Falcato Henriques
Arquivos: instrumentos de recuperação da informação
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) Jul.-Dez. 1977, pp. 190-202

81. MUSSO, Luís Alberto
La evasion del saber
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (2) Abr. 1967, pp. 52-54

82. NEVES, Álvaro
Estudos Camilianos: bibliografia, biblioteconomia
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (3-4) Jul.-Out. 1972, pp. 201-206

83. NOGUEIRA, Manuela
Bibliotecas infantis

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (6) Set. 1964, pp. 5-6

84. NORTON, Manuel Artur

A reorganização do Centro de Documentação Técnica do Laboratório de

Ensaio de Materiais e Mecânica do Solo

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (1) Jan. 1966, pp. 9-12

85. NORTON, Manuel Artur

Tentativa de elaboração de um thesaurus de catalogação bibliográfica

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (1) Jan. 1971, pp. 3-22

86. NUNES, Natália

Lista primeira dos inventários de bens móveis de várias igrejas portuguesas e irmandades, insertos nos livros de registos paroquiais

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (4) out. 1967, pp. 180-184

87. OLIVEIRA, Eduardo Freire de

Da bandeira do arcanjo S. Miguel

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 111 (3-4) Jul.-Out. 1974, p. 131

88. OLIVEIRA., Emanuel Domingues de

Algumas considerações ao artigo “Notas de arquivologia e biblioteconomia”

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (2) Abr. 1960, pp. 43-45

89. OLIVEIRA., Emanuel Domingues de

A Arquivologia e os arquivos das empresas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (3) Jul. 1966, pp. 94-100

90. ORDEM DO CARMO

Estatutos literários dos religiosos Carmelitas descalços da província de Portugal: Cap V - Dos Vice-Reitores e Bibliotecários
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (2) Abr. 1968, p. 46

91. ORDEM DE S. BENTO

Plano e Regulamento dos Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (1) Jan. 1968, pp. 20-21

92. ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Plano, pelo qual se hão de observar literalmente na província de Portugal os menores Observantes de S. Francisco as disposições, que se acham determinadas nos estatutos da Universidade de Coimbra: Do bibliotecário
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (1) Jan. 1968, p. 20

93. A ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE TÉCNICA BIBLIOGRÁFICA

A organização do curso de técnica Bibliográfica a efectuar em Luanda de 21 de Novembro a 5 de Dezembro de 1966
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (4) Out. 1966, pp. 144-147

94. P., F.A.M.

Método para preservar os livros da Traça-Guadelupe
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13, (1) Jan.-Jun. 1977, p. 51

95. PACHECO, Maria Fernanda Ribeiro Duarte

Achegas para o estudo do panorama actual da documentação nalguns países da Europa
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (4) Out. 1971, pp. 181-185

96. PAIVA, Lucília Matos

Catalogação centralizada a nível internacional

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (2) Abr. 1968, pp. 37-42

97. PEGADO, César

Breve história de uma causa justa

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (1) Jan. 1970, pp. 24-37 ; (2) Abr. 1970, pp. 94-102

98. PEIXOTO, Jorge

Aspectos das novas Regras Catalográficas Anglo-Americanas de 1967

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (3) Jul. 1967, pp. 115-138

99. PEIXOTO, Jorge

Circuitos e zonas nas bibliotecas e arquivos

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (2) Set. 1963, pp. 5-9

100. PEIXOTO, Jorge

Nota sobre os títulos dos livros e a mentalidade de cada época

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (2) Abr. 1966, pp. 56-58

101. PEIXOTO, Jorge

A propósito de um “quadro para a alfabetação”

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (1) Jan. 1969, pp. 15-20

102. PEIXOTO, Jorge

As reuniões de IFLA e da FID em Budapeste de 26 de Agosto a 14 de Setembro de 1972

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (3-4) Jul.-Out. 1972, pp. 152-172

103. PEIXOTO, Jorge

Sistema Mundial de Informação Científica: o Unisist e a sua reunião de Paris, Outubro de 1971

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (3) Jul. 1971, pp. 113-120

104. PEREIRA, Joaquim Tomás Miguel

A biblioteca municipal de Elvas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (1) Jan. 1965, pp. 31-35

105. PEREIRA, Joaquim Tomás Miguel

Depósito legal

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (1) Jul. 1963, pp. 5-16 ; (3) Nov. 1963, pp. 13-20 ; (5) Maio 1964, pp. 3-13

106. PEREIRA, Joaquim Tomás Miguel

O utilizador português da documentação: necessidade de um inquérito

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 10 (1) Jan. 1973, pp. 6-15

107. PERES, Damião

Curso de Bibliotecário-Arquivista

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) Jul.-Dez. 1977, pp. 205-220

108. PORTOCARRERO, António

A classificação Decimal Universal no domínio da energia nuclear

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (1) Jan. 1967, pp. 4-9 ; (3) Jul. 1967, pp. 113-114

109. PORTOCARRERO, António

A Documentação, a ciência e a técnica

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (3) Jul. 1965, pp. 161-172

110. PORTOCARRERO, António

A reorganização da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (1) Jan. 1969, pp. 21-24

111. PORTOCARRERO, António

Sobre algumas regras do documento n.º 13, apresentado à Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação: Paris 1961

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (4) Fev. 1964, pp. 23-31

112. PORTUGAL. Biblioteca Nacional de Lisboa

Regulamento da Biblioteca Nacional de Lisboa

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 10 (3-4) Jul.-Out. 1973, pp. 175-188

113. PORTUGAL. Governo Constitucional, 1.º

Programa do Governo: Cultura

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1976, pp. 231-235

114. PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

[Criação das bibliotecas populares]

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (1) Jan.-Mar. 1976, pp. 46-47

115. PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

Decreto-Lei n.º 429/77 de 15 de Outubro: [Protecção do património nacional]

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) Jul.-Dez. 1977, pp. 270-271

116. PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

Secretaria de Estado da Instrução Pública: Repartição de Instrução Universitária: Decreto n.º 4885 [Regulamento do curso superior de Bibliotecário-Arquivista]

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 11 (1-2) Jan.-Abr. 1974, pp. 26-40

117. PORTUGAL. Príncipe Regente, 1799-1816 (D. João VI)
[Alvará de 26 de Setembro 1805 que obriga à entrega de um exemplar de todas as obras impressas no Reino à Real Biblioteca Pública da Corte]
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (3-4) Jul.-Out. 1970, pp. 181-183
118. PORTUGAL. Rainha, 1777-1799 (D. Maria I)
[Criação da Real Biblioteca Pública da Corte]
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (4) Out. 1908, pp. 131-134
119. PROENÇA, Raul
O problema das bibliotecas em Portugal
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (3) Jul. 1971, pp 148-153 ; 8 (4) Out. 1971, pp. 198-206
120. QUINTELA, Pedro José
O redactor
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (2) Abr. 1972, pp. 95-96
121. RAPOSO, Maria Emília
Alguns problemas catalográficos que se põem à internacionalização da shared cataloguing
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (2) Abr. 1972, pp. 71-88
122. RAPOSO, Maria Emília
ISBN: Número-normalizado internacional do livro
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1976, pp. 127-146
123. RAPOSO, Maria Emília
Questões de alfabetação
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 9 (3-4) Jul.-Out. 1972, pp. 173-174

124. REAL COLÉGIO DE N.^a SENHORA DA GRAÇA DE COIMBRA
Estatutos para o Real Colégio de N.^a Senhora da Graça de Coimbra: Do Bibliotecário do Colégio: Do ofício de Regente
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (1) Jan. 1968, pp. 19-20
125. REGULAMENTO E NORMAS DE FUNCIONAMENTO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
Regulamento e normas de funcionamento das bibliotecas universitárias
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) Jul.-Dez. 1977, pp. 120-178
126. RIBEIRO, Maria Fernanda Antunes
O Instituto de Patologia do Livro em Roma
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (2) Set. 1963, pp. 11-16
127. ROCHA, José Monteiro da, vice-reitor da Universidade de Coimbra
[Regimento da Livraria, de 7 de Novembro de 1800]
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (4) Out. 1965, pp. 256-257
128. RODRIGUES, Mário António Dionísio Alves
Biblioteca Central do Ministério das Finanças Doutor Oliveira Salazar
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, (5) Maio 1964, pp. 57- 61
129. ROLLING, L., e outro
Interacção da economia da automatização num sistema de recuperação de grande dimensão
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (1) Jan.-Mar. 1976, pp. 33- 44
130. SÁ, Eduardo Alves de
A bibliografia em Portugal

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (4) Out. 1966, pp. 152-155

Extraído de:

Bibliografia jurídica portuguesa. – Lisboa : [s.n.], 1898.

131. SAMPAIO, Eduardo Jaime Franco

Os insectos bibliófagos: como identifica-los e combatê-los

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra 2 (2) Abr. 1965, pp. 91-92

132. SANTOS, Maria Fernanda Pais dos

Bibliotecas escolares: proposta para um sistema nacional de organização

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1976, pp. 147-161

133. SANTOS, Mariana Amélia Machado

O problema biblioteconómico português e o panorama actual das bibliotecas de África

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (4) Out. 1967, pp. 157-169

134. SERRANO, Maria Alice Pereira de Lima

A Biblioteca do Ministério das Corporações e Previdência Social

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 4 (1) Jan. 1967, pp. 24-27

135. SILVA, Armando Carneiro da

A Biblioteca Municipal de Coimbra como elemento de alfabetização

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (4) Out. 1965, pp. 241- 243

136. SLYPE, Georges van

Grandes lignes d’une politique nationale de la documentation au Portugal

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (1) Jan. 1970, pp. 4-23

137. SOUSA, José Manuel Mota de
A biblioteca Municipal de Tours ou a Biblioteca Municipal ao serviço da educação permanente de uma comunidade
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (1) Jan. 1969, pp. 3-11
138. SOUSA, José Manuel Mota de
Das bibliotecas e da normalização
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 2 (3) Jul. 1965, pp. 173- 179
139. SOUSA, José Manuel Mota de
A formação profissional dos bibliotecários e documentalistas em França
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (2) Abr. 1969, pp. 49-58
140. SOUSA, José Manuel Mota de
Publicações periódicas
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 10 (3-4) Jul.-Out. 1973, pp. 139-174
141. SOUSA, Maria Armanda de Almeida e
O ex-libris: significado, uso e história (breves apontamentos)
“Cad. Bibl. arq.”, [Coimbra], (3) Nov. 1963, pp. 7-11
142. SOUSA, Rogério Lopes de
A 29.º Conferência da FID
“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (3) Nov. 1963, pp. 21-25
143. TÚLIO, Silva
Fac-simile da Bíblia de Guttenberg, que possui a Biblioteca Nacional de Lisboa
“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 3 (2) Abr. 1966, pp. 66-67
144. UNESCO

Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas

“Cad. Bibl. Arq.·Doc.”, Coimbra, 12 (1) Jan.-Mar. 1976, pp. 78-79

145. VAZ, Maria Laurinda

As condições de conservação do livro na sala dos reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

“Cad. Bibl. Arq.”, [Coimbra], (5) Maio 1964, pp. 39-44

146. VELOSO, Lúcia

VII Encontro de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (2) Jul.-Dez. 1977, pp. 203-204

147. VERNIMB, Carlo

Um sistema automático de informação e os seus utilizadores

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 12 (2-4) Abr.-Dez. 1970, pp. 167-185

148. VICENTINI, Abner Lellis Correa

Documento básico apresentado no Encontro de professores de Classificação

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (1) Jan. 1969, pp. 12-14

149. VICENTINI, Abner Lellis Correa

Informática

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 5 (3) Jul. 1968, pp. 83-87

150. VICENTINI, Abner Lellis Correa

Mecanizacion y automatizacion: perspectivas de la America Latina

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 6 (2) Abr. 1969, pp. 59-68

151. VICENTINI, Abner Lellis Correa

O novo código de catalogação

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 7 (2) Abr. 1970, pp. 80-89

152. VICKERS, Stephen

National Library planning and universal availability of publications

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 13 (1) Jan.-Jun. 1977, pp. 24-28

153. ZAMBEL, Miriam Mani

Centros de documentação: uma necessidade vital

“Cad. Bibl. Arq. Doc.”, Coimbra, 8 (4) Out. 1971, pp. 190-194

NOTAS

(1) Publicado originalmente em:

“O archeologo Português”, Lisboa, (13) Jan-Jun. 1908, pp. 6-10

(2) Introdução e tradução de Marcelino Pereira

(3) Publicado originalmente em:

“Studi e Testi”, Vaticano, 1976

(4) Documentos existentes no Arquivo da Universidade de Coimbra

(5) Publicado originalmente em:

“Pantólogo”, (3) 1844, p. 20-21 ; (4) 1844, pp. 114-116

(6) Publicado originalmente com o título:

La lecture publique en France:

Rapport du groupe d' études .- Paris: La Documentation Française, 1968

(7) Tradução de M. L. Lemos

(8) Publicado originalmente com o título:

University service or teaching department?

“New Zealand Libraries”, Wellington, 20 (6) Ago. 1957

- (9) Publicado originalmente em Roma em Janeiro de 1721
- (10) Material difundido pelos frequentadores de um curso de iniciação promovido pelo Centro de processamento de dados e estudos de Sistemas, da Universidade de São Paulo
- (11) Publicado originalmente com o título:
Traicté des plue belles Bibliothèques Publiques et particulières qui ont été et qui sont à present dans le monde.- Paris: Rolet le Duc, 1644
- (12) Tradução de Maria Teresa Lello
- (13) Publicado originalmente com o título:
Construire des bibliothèques
“Bulletin du livre”, Paris, (292) 1976, pp. 32-33
- (14) Tradução de J. M. Motta de Sousa
- (15) Publicado originalmente em:
“Diário do Governo”, Lisboa, 100, Abr. 1835, pp. 427-428
- (16) Extraído de:
Estudos Camilianos: Bibliografia. Biblioteconomia. Lisboa : Ernesto Rodrigues, 1917
- (17) Extraído de:
Elementos para a história do município de Lisboa. Lisboa : (Tipografia Universal, 1889). – Vol. V, 1ª parte, pp. 580-581

- (18) Publicado originalmente em Lisboa, em 1776, pela Regia Oficina Tipográfica
- (19) Publicado originalmente em Lisboa, em 1789, pela Regia Oficina Tipográfica
- (20) Publicado originalmente em Lisboa, em 1776, pela Regia Oficina Tipográfica
- (21) Publicado originalmente em:
“Revista Universal Lisbonense”, Lisboa, (1) 1841-1842, p. 18
- (22) Publicado originalmente em:
“Diário do Governo”, 295, 13 Dez. 1836
- (23) Decreto do Ministério dos Negócios da Instrução Pública, publicado em:
“Diário do Governo”, 143, 1 Jul. 1870
- (24) Publicado originalmente em:
“Diário do Governo”, I Série, 222, 1918, pp. 10-11
- (25) Publicado originalmente em Lisboa, em 1805, pela Imprensa Regia. Compilado por Adriano Andrade
- (26) Publicado originalmente em Lisboa, em Abril de 1796, pela Regia Oficina Tipográfica
- (27) Publicado originalmente em:
“Pela Grei”, Lisboa, 1 (1) 1918, pp. 54-60
- (28) Publicado originalmente em:

“O Redactor ou Ensaios periódicos de literatura e conhecimentos científicos”, Lisboa, (1) 1803, pp. 5-6

(29) Publicado originalmente em Lisboa, em 1774, pela Regia Oficina Tipográfica

(30) Regulamento elaborado por uma comissão de bibliotecários-arquivistas eleitos para o efeito e discutido e aprovado em reuniões dos bibliotecários-arquivistas da Universidade de Coimbra, para ser aplicado nos respectivos serviços.

(31) Contém em apêndice a Portaria n.º 20538 - Regulamento da Biblioteca Doutor Oliveira Salazar

(32) Piette, J., co-aut.

(33) Extraído de:

Le service de documentation face à l’ explosion de l’ information / Georges van Slype. – Paris : Éditions d’ Organization, 1969

(34) Publicado originalmente, como anónimo, em:

“Arquivo Pitoresco”, (4) 1861, pp. 103-104

O autor, que não assinou o texto, é Silva Túlio. A ortografia foi actualizada.

(35) Publicado originalmente com o título:

Un système d’ information automatique face à ses utilisateurs
“Eurospectra”, 9 (1) Mars 1970, pp. 11-19

(36) Tradução de Maria Teresa Lello

ÍNDICE DE AUTORES**A**

ALVES, Luís - 2

AMADOR, Rui - 3

AMARAL, Lia Arez Ferreira do - 4

ANDRADE, Maria Francisca - 5

AZEVEDO, Pedro A. de - 6

B

BOHIGAS, Pere - 8

BRITO, Maria Fernanda Constante de - 9, 10

C

CABRAL, Luís - 11

CALADO, Adelino de Almeida - 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

CAMPOS, Astério – 21, 22, 23, 24

CEPEDA, Isabel Vilares – 26, 27, 28, 29, 30

CLEMENTE XI v. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1700-1721 (Clemente XI)

COELHO, Maria Angelina Teixeira. - 31

COLÓQUIO INTERNACIONAL ORGANIZADO PELA BIBLIOTECA
APOSTÓLICA VATICANA. Cidade do Vaticano. 1975 - 32

CONFERENCIA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE A PLANIFICA-
ÇÃO DAS INFRAESTRUTURAS EM MATÉRIA DE DOCUMEN-
TAÇÃO, DE BIBLIOTECAS E DE ARQUIVOS. Paris. Setembro
1974 - 34

COSTA, Avelino de Jesus – 35

COSTA, Mário Alberto Nunes - 36

CRÓ, Jorge Manuel de Gouveia e - 37

CRUZEIRO, Maria Manuela – 38, 39, 40

CUNHA, Rosalina da Silva - 41

D

DIAS, Rosa Maria de Mota – 42

DINIS, Maria de Lurdes - 43

E

Estorninho, Carlos - 45

F

FARIA, Mário – 46, 47

FERNANDES, A. Ferrand de Almeida – 48, 49

FERREIRA., Silvestre Pinheiro - 50

FRANÇA. Secrétariat Général du Gouvernement. Direction de la
Documentation - 51

G

GONÇALVES, Maria da Conceição Osório – 52, 53, 54

GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo - 55

GOUVEIA, Helânia Maria Paiva - 56

H

HAVARD - WILLIAMS, P. - 57

I

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1700-1721 (Clemente XI) - 59

J

JACOD, Louis - 61

JENKS, George M. - 62

JOÃO VI, Príncipe Regente de Portugal v. PORTUGAL. Príncipe
Regente, 1799-1816 (D. João VI)

K

KING, Trevor Anthony - 63

L

LEMOS, Maria Luísa - 64

LOPES, Rosalina Pereira - 65, 66

LOURO, Maria São José - 67

M

MACHADO, Maria Luísa Saavedra – 68

MACHADO, Maria Teresa Pinto - 69

MARIA I, rainha de Portugal v. PORTUGAL. Rainha, 1777-1799
(D. Maria I)

MIARIANO, Lúcia - 70

MENDES, Maria Teresa Pinto – 71, 72, 73, 74, 75

MÜHLENBROCK, Sigurd - 76

MONTEZ, Cesário - 77

MOREIRA, Maria Alzira Teixeira Leite - 79

MOUTA, Maria Fernanda Sombreiro Falcato Henriques – 80

MUSSO, Luís Alberto - 81

N

NEVES, Álvaro - 82

NOGUEIRA., Manuela – 83

NORTON, Manuel Artur – 84, 85

NUNES, Natália - 86

JOÃO VI, Príncipe Regente de Portugal v. PORTUGAL. Príncipe
Regente, 1799-1816 (D. João VI)

O

OLIVEIRA., Eduardo Freire de – 87

OLIVEIRA., Emanuel Domingues de - 88, 89

ORDEM DO CARMO - 90

ORDEM DE S. BENTO - 91

ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO - 92

P

P., F. A. M. - 94

PACHECO, Maria Fernanda Ribeiro Duarte - 95

PAIVA, Lucília Matos – 96

PEGADO, César - 97

PEIXOTO, Jorge – 98, 99,100, 101, 102, 103

PEREIRA, Joaquim Tomás Miguel – 104, 105, 106

PERES, Damião – 107

PIETTE, J., Co-aut. - 129

PORTOCARRERO, António – 108, 109, 110, 111

PORTUGAL, Biblioteca Nacional de Lisboa – 112

PORTUGAL, Governo Constitucional, 1.º - 113

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – 114, 115, 116

PORTUGAL. Príncipe Regente, 1799-1816 (D. João VI) - 117

PORTUGAL. Rainha, 1777-1799 (D. Maria I) - 118

PROENÇA, Raul - 119

Q

QUINTELA, Pedro Joel - 120

R

RAPOSO, Maria Emília – 121, 122, 123

REAL COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE COIMBRA - 124

RIBEIRO, Maria Fernanda Antunes - 126

ROCHA, José, Monteiro da - 127

RODRIGUES, Maria Antónia Dionísio Alves - 128

ROLLING, L. - 129

S

SÁ, Eduardo Alves de - 130

SAMPAIO, Eduardo Jaime Franco - 131

SANTOS, Maria Fernanda Pais dos - 132

SANTOS, Mariano Amélia Machado - 133
SERRANO, Maria Alice Pereira de Lima - 134
SILVA, Armando Carneiro da - 135
SLYPE, Georges van - 136
SOUSA, José Manuel Mota de - 137, 138, 139, 140
SOUSA, Maria Armanda de Almeida e - 141
SOUSA., Rogério Lopes de - 142

T

TÚLIO, Silva - 144

U

UNESCO -144

V

VAZ, Maria Laurinda – 145
VELOSO, Lúcia – 146
VERNIMB, Carlo - 147
VICENTINI, Abner Lellis Correa - 148, 149, 150, 151
VICHERS, Stephen - 152

Z

ZAMBEL, Miriam Mani – 153

ÍNDICE DE TÍTULOS

A

A propósito das conclusões do VI Encontro de Bibliotecário, Arquivistas e Documentalistas - 70
A propósito de um “quadro para a alfabetação” - 101
Achegas para o estudo do panorama actual da documentação
nalguns países da Europa - 95

- Acordão do Supremo Tribunal Administrativo relativo ao recurso n.º 1280 - 1
- Algumas características funcionais das instalações e mobiliário das bibliotecas - 13
- Algumas considerações ao artigo “Notas de arquivologia e Biblioteconomia” - 88
- Algumas considerações sobre bibliotecas portuguesas - 62
- Alguns problemas catalográficos que se põem à internacionalização da shared catalogung - 121
- [Alvará de 26 Set. 1806 que obriga à entrega de um exemplar de todas as obras impressas no Reino à Real Biblioteca Pública da Corte] - 117
- Armazenamento da documentação – 52
- Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa - 4
- A Arquivologia e os arquivos das empresas - 89
- Arquivos: instrumentos de recuperação da informação - 80
- Aspectos das novas Regras Catalográficas Anglo-Americanas de 1967 – 98
- Automatização dos serviços do Departamento de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica de Angola: descrição esquemática de um sistema integrado – 14
- B**
- A bibliografia em Portugal - 130
- A Biblioteca da Academia Nacional de Belas Artes (ANBA) – 26
- A Biblioteca Americana em Lisboa - 27
- A Biblioteca Central do Instituto Superior Técnico - 43
- Biblioteca Central do Ministério das Finanças Doutor Oliveira Salazar - 128
- A Biblioteca de Empresa: esquema de uma planificação dos serviços de biblioteconomia - 15
- Uma biblioteca infantil nos arredores de Paris – 28

- Biblioteca do Instituto Britânico em Portugal – 45
- A Biblioteca do Instituto Francês em Lisboa - 29
- A Biblioteca Internacional da Juventude - 67
- A Biblioteca do Ministério das Corporações e Previdência Social – 134
- A Biblioteca Municipal de Coimbra como elemento de alfabetização – 135
- A Biblioteca Municipal de Elvas - 104
- Biblioteca Municipal do Porto - 69
- A Biblioteca Municipal de Tours ou a Biblioteca Municipal ao serviço da educação permanente de uma comunidade - 137
- A Biblioteca Nacional de Paris - 38
- Biblioteca da Reitoria da Universidade de Lisboa: extractos do relatório do bibliotecário - 2/1/62 - 31/12/62 - 55
- A Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa – 41
- Bibliotecas na Dinamarca: algumas notas - 11
- As bibliotecas e a educação permanente: trabalhos preparatórios do estatuto da Educação Nacional - 71
- Bibliotecas escolares: proposta para um sistema nacional de organização - 132
- Bibliotecas infantis - 83
- Bio-bibliografia de Jorge Peixoto - 7
- Breve ad favorem bibliothecarum. Clemens Papa XI. Ad futuram Rei memoriam - 59
- Breve história de uma causa justa - 97
- C
- Os “cadernos” impressos - 12
- Catálogo centralizada a nível internacionalização - 96
- O “Centre National de la Recherche Scientifique” (Paris) – 53
- Centro de documentação uma necessidade vital – 153
- Circuito e zonas nas bibliotecas e arquivos - 99
- A classificação Decimal Universal no domínio da energia nuclear – 108

- Combate às baratas e “Muchem” - 37
- As condições de conservação do livro na sala de reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - 145
- As conferências do Dr. Manuel dos Santos Estevens no curso de Bibliotecário-Arquivista, em Coimbra, sobre o novo edifício da Biblioteca Nacional - 34
- Conjuntos, matrizes e probabilidades: 6ª sessão - a optimização da informação - 2
- Conservação e reprodução de manuscritos e impressos antigos - 32
- Conservação, selecção e eliminação de documentos nos arquivos administrativos – 79
- Construir bibliotecas - 76
- [Criação das bibliotecas populares] - 114
- [Criação da Real Biblioteca Pública da Corte] - 118
- Um curso de Arquivologia para empresas - 68
- Curso de Bibliotecário-Arquivista – 107
- O curso de biblioteconomia organizado pelo British Council, em Londres e Sheffield - 9
- D
- Da bandeira do arcanjo S. Miguel - 87
- Das bibliotecas e da normalização - 138
- Decreto-Lei n.º 429/17 de 15 de Outubro: [Protecção do património nacional] - 115
- Depósito Legal - 105
- O Depósito Legal na Alemanha - 65
- A documentação, a ciência e a técnica - 109
- Documentação e empreendimentos - 3
- Documento básico apresentado no Encontro de professores de Classificação - 148
- Documentos relativos à livraria do Colégio de Nossa Senhora da Graça, incorporado na universidade por carta de lei de D. João III, de 12 de Outubro de 1549 - 44

E

- A edição média da Classificação Decimal Universal - 21
- Elementos básicos para a organização de bibliotecas escolares - 72
- Em torno da noção de arquivo - 48
- Esboço de uma biblioteca sonora - 10
- Escola e biblioteca. necessidade de uma pedagogia de leitura extensiva - 25
- Estatutos literários dos religiosos Carmelitas descalços da província de Portugal – 90
- Estatutos para o Real Colégio de N.^a Senhora da Graça de Coimbra – 124
- Estudos Camilianos: bibliografia, biblioteconomia – 82
- La evasion del saber – 81
- O ex-libris: significado, uso e história – 141
- Excerpta médica, sistema de informação documental em Medicina - 54

F

- Fac-simile da Bíblia de Guttenberg, que possui a Biblioteca Nacional de Lisboa - 143
- Ficção ou começo de uma alienação? - 22
- A formação profissional dos bibliotecários alemães (Alemanha Ocidental) - 66
- A formação profissional dos bibliotecários e documentalistas em França - 139

G

- Grandes lignes d'une politique nationale de la documentation au Portugal - 136

H

- A história portuguesa nos arquivos estrangeiros - 5
- Honorários do bibliotecário- arquivista - 58

I

Informática - 149

Os insectos bibliófagos: como identificá-los e combatê-los - 131

O Instituto Jurídico da Faculdade de Direito de Coimbra – 46

O instituto de Patologia do livro de Roma - 126

Interacção da economia da automatização num sistema de recuperação de grande dimensão - 129

Introdução à computação electrónica - 60

Investigação e documentação ao nível nacional - 16

ISBN: Número normalizado internacional do livro – 122

L

A leitura pública em França - 51

As lições de Arquivística do Prof. Bautier no curso de Bibliotecário Arquivista - 35

Lista primeira dos inventários de bens móveis de várias igrejas portuguesas e irmandades insertos nos livros de registos paroquiais - 86

M

Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas - 144

Mecanizacion y automatizacions perspectivas de la America Latina - 150

Meios de defesa dos arquivos - 6

Método para preservar os livros da traça ... - 94

Monumentos literários e bibliotecas de Espanha - 78

O Museu da Literatura da Biblioteca Real da Bélgica - 30

N

National library planning and universal availability of publications - 152

NATIS (Sistemas Nacionais de Informação) - 33

- Necessidade de cooperação nas tarefas de documentação – 39
- Normas para a descrição codicológica dos manuscritos - 8
- Nota sobre os títulos dos livros e a mentalidade de cada época - 100
- Notas de Arquivologia e Biblioteconomia - 73
- Novas perspectivas para a CDU face à sua possível inserção no projecto UNISIST - 23
- O novo código de catalogação - 151
- O
- A organização do curso de Técnica Bibliográfica a efectuar em Luanda de 21 de nov. a 5 de Dez. 1966 – 93
- P
- Plano, pelo qual se hão de observar literalmente na província de Portugal os menores Observantes de S. Francisco as disposições que se acham determinadas nos estatutos da Universidade de Coimbra: Do bibliotecário - 92
- Plano e Regulamento dos Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal - 91
- Plano de um sistema provincial de informação científico-técnica – 17
- O problema de autoria nas Regras Anglo-Americanas: preparando a crítica ao anteprojecto das Regras Portuguesas de Catalogação – 74
- O problema das bibliotecas em Portugal - 119
- O problema biblioteconómico português e o panorama actual das bibliotecas de África - 133
- Problemas de alfabetação - 56
- Problemas de nomenclatura na catalogação - 64
- O processo Filmorex - 36
- Proémio à catalogação – 77
- Programe do Governo: cultura – 113
- Publicações periódicas - 140

Q

Questões de alfabetação - 123

V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros - 18

R

O redactor - 120

Reflexão sobre os diferentes métodos de confeccionar os catálogos das bibliotecas – 50

[Regimento da Livraria, de 7 de Nov. de 1800] - 127

Regulamento da Biblioteca Nacional de Lisboa - 112

Regulamento e normas de funcionamento das bibliotecas universitárias - 125

A reorganização da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto – 110

A reorganização do Centro de Documentação Técnica do Laboratório de Ensaios de Materiais e Mecânica do Solo - 84

As reuniões da IFLA e da FID em Budapeste de 26 de Ag. a 14 de Set. de 1972 - 102

S

A secção de documentação económica do Instituto Nacional de Investigação Industrial - 40

Secretaria de Estado da Instrução Pública: Repartição de Instrução Universitária: Decreto n.º 4885: [Regulamento do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista] - 116

Serviço de Publicações de uma grande biblioteca (Planejamento) – 31

Serviço universitário ou departamento de ensino? - 57

Os Serviços de documentação da Universidade de Aveiro: princípios de organização e perspectivas de desenvolvimento - 19

Serviços para o leitor em bibliotecas - 63

VII Encontro de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas - 146

Um sistema automático de informação e os seus utilizadores - 147
O sistema de depósitos à ordem no processamento das aquisições – 20

Sistema Mundial de Informação Científica: O Unisist e a sua reunião de Paris, Out. de 1971 - 103

Sobre algumas regras do documento n.º 13, apresentado à Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação: Paris, 1961 – 111

Sobrevivência ou morte da Classificação Decimal Universal (CDU) na era dos computadores electrónicos - 24

Stage Technique International d’Archives: 1963 - 49

T

Tentativa de elaboração de um Thesaurus de catalogação bibliográfica - 85

Tentativa de uniformização do catálogo ideográfico do Instituto Jurídico de Coimbra, no que respeita a Direito Civil - 47

Traité des plus belles bibliothèques publiques et particulières qui ont été et qui sont à present dans le monde - 61

O Tratamento catalográfico das publicações menores – 75

U

O utilizador português da documentação: necessidade de um inquérito - 106

V

A 29.º Conferência da FID - 142

Visita às novas instalações da Biblioteca Nacional de Lisboa – 42

ÍNDICE DE ASSUNTOS

AACR (v. Regras Anglo-Americanas de Catalogação)

- ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES, Biblioteca (v. tb. bibliotecas universitárias) - 26
- ALFABETAÇÃO, princípios de - 56, 101, 123
- ANÁLISE DE TÍTULOS - 100
- ANGLO AMERICAN CATALOGUING RULES (v. Regras Anglo-Americanas de Catalogação)
- AQUISIÇÕES BIBLIOGRÁFICAS
 - planificação - 20
 - sistema de depósitos bancários - 20
- ARQUIVÍSTICA
 - princípios e métodos, em França - 49
 - instrumentos de recuperação da informação em - 80
- ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (v. tb. arquivos históricos) - 4
- ARQUIVOS (v. tb. arquivos correntes; arquivos históricos)
 - instalação de - 35
 - organização - 4, 35
- ARQUIVOS CORRENTES
 - caracterização – 48
 - classificação em – 88
 - eliminação de documentos – 79
 - em empresas – 89
- ARQUIVOS HISTÓRICOS
 - caracterização - 48
 - em Portugal – 35
 - história – 4
 - organização - 4
- ASLIB - 95
- AUTOMATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
 - análise de custos – 129
 - na América Latina - 22, 149
 - pesquisa em linha - 146

- BÍBLIA DE GUTTENBERG, da Biblioteca Nacional - 142
- BIBLIOGRAFIA (Portugal)
- conceito - 82
 - história - 130
- BIBLIOTECA AMERICANA EM LISBOA – (v. tb. bibliotecas públicas) – 27
- BIBLIOTECA DE CLAMART (França) (v. tb. bibliotecas públicas) – 19
- BIBLIOTECA DO INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL (v. tb. bibliotecas públicas) - 45
- BIBLIOTECA DO INSTITUTO FRANCÊS EM LISBOA (v. tb. bibliotecas públicas) - 29
- BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE (Munique) (v. tb. bibliotecas infantis) - 67
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA (v. tb. bibliotecas públicas) – 135
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ELVAS (v. tb. Bibliotecas públicas) – 104
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DO PORTO (v. tb. bibliotecas públicas) – 69
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE TOURS (v. tb. bibliotecas públicas) - 137
- BIBLIOTECA NACIONAL (PORTUGAL) , novas instalações 1964 (v. tb. bibliotecas nacionais) - 34, 42
- BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS (v. tb. bibliotecas nacionais) - 38
- BIBLIOTECÁRIOS
- perfil funcional - 90, 91, 92, 124
- BIBLIOTECAS, gestão de – 102
- BIBLIOTECAS ESCOLARES
- função social - 132
 - organização - 72, 132
- BIBLIOTECAS ESPANHOLAS - 78
- BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS
- funcionamento - 14, 40, 41, 84, 134
 - funções - 153
 - história - 41
 - organização - 15, 128

regulamento - 128

BIBLIOTECAS INFANTIS

função educativa - 83

funcionamento - 28, 67

BIBLIOTECAS NACIONAIS

funcionamento – 38

funções - 119, 152

história – 38

planeamento - 152

regulamento - 112

BIBLIOTECAS PARTICULARES

Portugal, sec. XVII - 61

BIBLIOTECAS POPULARES (v. bibliotecas públicas)

BIBLIOTECAS PÚBLICAS

criação - 114

função cultural - 9, 25

função educativa - 25

função social - 10, 25, 71, 133, 135, 137

funcionamento - 29, 62, 63, 69, 104, 137

história - 61, 59, 104

na Dinamarca – 11

organização - 10, 11, 27, 45, 137

regulamento - 43, 59, 127

serviço para cegos - 10

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

funcionamento - 19, 26, 43, 46, 52, 125

funções - 57

história - 26

organização - 55, 110

regulamento - 125, 127

CADERNOS DE BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVÍSTICA E DOCUMENTAÇÃO - 12

CAMPANHA MUNDIAL DE ALFABETIZAÇÃO (Unesco, 1966-1970)

- 133

CARREIRA BAD

em França - 49, 58, 97

em Portugal – 35

estrutura - 49, 97

formação - 1

remuneração - 58, 97

CATALOGAÇÃO

centralização da - 96

cooperação internacional - 96,121

determinação e forma de cabeçalhos - 73.74,112

material impresso não livro - 75

normalização internacional - 121

princípios de (v. Conferência Internacional de Paris, 1961) re-

gras de (v. Regras Anglo-Americanas de Catalogação; Regras

Portuguesas de Catalogação)

terminologia de - 64, 85

CATÁLOGOS, gestão de - 47, 50

CDU – 24, 25

energia nuclear - 108

recuperação automática de informação - 21, 24

sistema unisist - 23

CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO – 60, 82, 149

CLASSIFICAÇÃO

programa de curso – 148

Sistema NATO - 77

CLASSIFICAÇÃO DÉCIMAL UNIVERSAL (v. CDU)

CNRS – 53

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS,

5.º - 18

CONFERÊNCIA FID

29.º - 142

36.º - 102

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE PARIS, 1961 – 111

CONFRARIA DOS LIVREIROS PORTUGUESES (sec. XVII) - 87

CONSELHO GERAL DA IFLA, 38.º - 102

CONSERVAÇÃO DE DOCUMENTOS

medidas preventivas - 6, 94

na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - 145

processos de desinfestação - 37, 131

CURSO DE BIBLIOTECÁRIO- ARQUIVISTA (v. formação académica BAD, em Portugal)

DEPÓSITO LEGAL

em Portugal - 117

na República Federal da Alemanha - 65

normalização internacional - 105

DIFUSÃO SELECTIVA DA INFORMAÇÃO - 147

DISPONIBILIDADE UNIVERSAL DE PUBLICAÇÕES - 152

ELIMINAÇÃO DE DOCUMENTOS, com recurso à microfilmagem - 49, 52, 79

ENCONTRO DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 7.º - 79, 146

EXCERPTA MÉDICA - 54

EX-LIBRIS - 141

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, Biblioteca (v. tb. bibliotecas universitárias) – 110

FORMAÇÃO ACADÉMICA BAD

em França - 49, 139

em Portugal - 107, 116

na República Federal da Alemanha - 66

FORMAÇÃO BAD (v. formação académica BAD; formação profissional BAD)

FORMAÇÃO PROFISSIONAL BAD

- em Angola - 93
- em Inglaterra - 9
- em Portugal – 59
- GESTÃO DE BIBLIOTECAS (v. bibliotecas, gestão de)
- GESTÃO DE CATÁLOGOS (v . catálogos, gestão de)
- GESTÃO DA INFORMAÇÃO - 2
- GRUPO DE TRABALHO PERMANENTE PARA A DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL, programa e objetivos - 39
- GTPDIÉS – v. Grupo de Trabalho Permanente para a Documentação e Informação Económica e Social
- HISTÓRIA DE PORTUGAL, em arquivos estrangeiros – 5
- IMPLANTAÇÃO DE BIBLIOTECAS
 - arquitectura – 13, 76
 - organização do espaço interno - 99
- INSECTOS BIBLIÓFAGOS (v. tb. conservação de documento) - 37, 94,131
- INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE ANGOLA, Departamento de documentação e Informação (v. tb. bibliotecas especializadas), automatização - 14
- INSTITUTO JURÍDICO DA FACULDADE DE DIREITO DE COIMBRA, Biblioteca (v. tb. bibliotecas universitárias) – 46
- INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO INDUSTRIAL, Secção de Documentação Económica (v. tb. Bibliotecas especializadas) - 141
- INSTITUTO DE PATOLOGIA DO LIVRO (Roma) (v. tb. conservação de documentos) - 126
- INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, Biblioteca Central (v. tb. bibliotecas universitárias) - 42
- INTERCALAÇÃO (v . alfabetação, princípios de)
- ISBD (S) – 102
- ISBN, princípios e aplicação – 122

- JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – 16
- LABORATÓRIO DE ENSAIOS DE MATERIAIS E MECÂNICA DO SOLO, Centro de Documentação Técnica (v. tb. bibliotecas especializadas) - 84
- LEITURA, benefícios da - 120
- LEITURA PÚBLICA, em França – 51
- LIVRARIA DO COLÉGIO De NOSSA SENHOHA DA Graça (v. tb. bibliotecas públicas) - 44
- MANUSCRITOS, descrição codicológica - 8
- MICROFILMAGEM
- microfilme de conservação – 79
 - microfilme de substituição – 49, 52, 79
 - processo Filmorex - 36
- MINISTÉRIO DAS CORPORações E PREVIDÊNCIA SOCIAL, Biblioteca (v. tb. bibliotecas especializadas) - 134
- MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, Biblioteca Central Dr. Oliveira Salazar (v. tb. bibliotecas especializadas) - 128
- MUSEU DA LITERATURA DA BIBLIOTECA REAL DA BÉLGICA, tratamento da informação - 30
- NATIONAL LENDING LIBRARY FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY - 95
- NORMALIZAÇÃO - 138
- PATRIMÓNIO ARTÍSTICO, inventário através de registos paroquiais - 86
- PATRIMÓNIO BIBLIGRÁFICO
- alienação do, na América Latina - 81
 - defesa do, em Portugal - 115
- PEIXOTO, Jorge, bio-bibliografia - 7
- PLANO NACIONAL DE LEITURA (v. leitura pública)
- POLÍTICA CULTURAL, em Portugal - 113
- POLÍTICA DE INFORMAÇÃO
- em Portugal - 136

- Informação Científica e Técnica - 16, 102, 109
- Investigação e Desenvolvimento - 16
- PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS - 140
- REAL BIBLIOTECA PÚBLICA DA CORTE, criação e regulamento - 118
- RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO - 3, 109, 129
- REGRAS ANGLO-AMERICANAS DE CATALOGAÇÃO - 74, 98, 151
- REGRAS PORTUGUESAS DE CATALOGAÇÃO (anteprojecto) - 74
- REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS, processos de - 11
- RESTAURO DE DOCUMENTOS (v. tb. conservação de documentos) - 126
- SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
 - automatizados - 147
 - estrutura - 17
 - fases de implementação – 17
 - financiamento - 17
 - organização - 54, 132
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA, Biblioteca (v. tb. bibliotecas especializadas) - 41
- TRANSFERÊNCIAS DA INFORMAÇÃO - 102
- UNISIST, programa e objectivos - 103
- UNIVERSIDADE DE AVEIRO, Serviços de Documentação (v. tb. bibliotecas universitárias) - 19
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Livraria (v. tb. bibliotecas universitárias) - 127
- UNIVERSIDADE DE LISBOA, Biblioteca da Reitoria (v. tb. bibliotecas universitárias) - 55
- UNIVERSIDADE DE LUANDA, Serviços de Documentação (v. tb. bibliotecas universitárias) - 52
- UTILIZADORES
 - formação - 106
 - necessidades - 106
 - perfil - 106

BIBLIOGRAFIA

BAKEWELL, K.G.B.

Subject indexes : production and use in the IT age “The indexer”, 13 (4) Oct. 1983, pp. 249-251

INTNER, Sheila S.

Censorship in indexing

“The indexer”, 14 (2) Oct. 1984 , pp. 105-108

KNIGHT, G. Norman

Indexing, the art of : a guide to the indexing of books and periodicals / G. Norman Knight. - London : George Allen & Unwin, 1979. - 218 p.

ROWLEY, Jennifer E.

Abstracting and indexing / Jennifer E. Rowley . – London : Clive Bingley, 1981

SEAL, Alan

Indexes from a user’s viewpoint

“The indexer”, 14 (2) Oct. 1984, pp. 111-113

Heresy and Martyrdom in the *Life and Tragic Death of Mary Stuart* by Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo (1737)

Heresia e martírio em *Vida, e Morte Tragica de Maria Stuart* de Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo (1737)

Jorge Bastos da Silva¹

ABSTRACT

Substantial interest in British queens on the part of Portuguese men of letters does not seem to have abounded in Portugal during the Early Modern Period, at least as far as printed sources are concerned. This article focuses on a book that stands in a category of its own, as presumably the only sustained biography of a British monarch – male or female, for that matter – penned by a Portuguese author for several centuries. My purpose is to make a short presentation of a work that has been neglected but deserves to be noticed in the context of British-Portuguese cultural exchanges.

¹ Professor Associado do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0003-4349-9756>; jmsilva@letras.up.pt

The article accordingly offers information about the author, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo, and an analysis of the historiographic methods, style, and intentions underlying *Vida e Morte Tragica de Maria Stuart, Rainha de França, e Escocia, e Pertendente da Coroa de Inglaterra*, published in Lisbon in 1737. Rebelo's biography of Mary Queen of Scots will be placed in the tradition of commending Mary as a Catholic martyr which underlines Mary's Christian virtues as well as her innocence of the charges brought upon her and which led to her execution. Rebelo's work will be read as a character study which sets Elizabeth I against Mary, the latter standing as the consummate example of constancy and piousness, well deserving of a crown of grace. Other aspects of the work deserving of mention are the effective dismissal of Protestants, and especially of Calvinists, as a perfidious religious and political group, and the depiction of Scotland as a kingdom rife with rivalry, strife and betrayal.

RESUMO

Não aparenta ter abundado o interesse por rainhas britânicas, da parte dos homens de Letras portugueses, ao longo do Período Moderno, pelo menos no que respeita a fontes impressas. O presente artigo debruça-se sobre um livro ao qual se pode reconhecer um estatuto singular, na medida em que é, presumivelmente, a única biografia desenvolvida de uma figura real britânica – trate-se de reis, trate-se de rainhas – escrita por um autor português no espaço de vários séculos. O objectivo reside em efectuar uma breve apresentação de uma obra que tem permanecido ignorada mas que merece ser conhecida no contexto dos intercâmbios culturais luso-britânicos.

Em conformidade, o artigo oferece informes acerca do autor, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo, e uma análise dos métodos historiográficos, do estilo e das intenções subjacentes a *Vida e Morte Tragica de Maria Stuart, Rainha de França, e Escocia, e Pertendente da Coroa de Inglaterra*, obra publicada em Lisboa no ano de 1737. Esta biografia de Maria, Rainha dos Escoceses será situada na tradição de louvor de Maria como mártir do Catolicismo, tradição essa que sublinha as virtudes cristãs da monarca assim como a sua inocência no que concerne às acusações que enfrentou e que conduziram à sua execução. Ler-se-á o trabalho de Rebelo como um estudo de caracteres que contrapõe Isabel I a Maria, figurando esta última como exemplo consumado de constância e de piedade, merecedor de uma coroa de graça. Outros aspectos da obra que justificam menção são a crítica aos protestantes, e em especial aos calvinistas, como grupo político-religioso caracterizado pela perfídia e a descrição da Escócia como reino acometido de rivalidades, conflitos e traições.

Substantial interest in British queens on the part of Portuguese men of letters does not seem to have abounded during the Early Modern Period, at least as far as printed sources are concerned. It is well known to scholars of the age that the distinguished humanist and bishop of Silves, D. Jerónimo Osório, sometimes praised as the 'Portuguese Cicero', published a long letter to Elizabeth I in 1562, in Lisbon, urging her to relinquish the errors of the Reformation and return to the fold of Catholicism.¹ Written in Latin, the prelate's letter had considerable impact across Europe, and gave rise to a polemic with the royal commissioner Walter Haddon that lasted for several years.² As a second significant episode, it comes as no surprise that one century later a number of pamphlets were published in Lisbon (either in Portuguese or Spanish) giving extensive accounts of how Charles II announced his betrothal to Catherine of Braganza (D. Catarina de Bragança), and of the celebrations surrounding her departure from Lisbon and arrival in London.³ My present object of study, which appears not to have so far received the attention of researchers,⁴ stands very much in a category of its own, as presumably the only sustained biography of a British monarch – male or female, for that matter – penned by a Portuguese author for several centuries. My purpose in this article is to make a short presentation of a work that has been neglected but deserves to be noticed in the context of British-Portuguese cultural exchanges.

The title page of the volume reads like this:

*Vida, e Morte Tragica de Maria Stuart, Rainha de França, e Escocia, e Per-
tendente da Coroa de Inglaterra, que compoz, e dedica à milagorisissima
Imagem de Nossa Senhora da Invocaçam da Abadia Francisco de Sousa
da Sylva Alcoforado Rebello. Lisboa Occidental. Na Officina de Antonio
Correa Lemos. Anno M. DCCXXXVII. Com todas as licenças necessarias.*

[*Life and Tragic Death of Mary Stuart, Queen of France and Scotland, and Pretender to the Crown of England, written and dedicated to the most miraculous image of Our Lady of the Invocation of the Abbey by Francisco de Sousa da Sylva Alcoforado Rebello. West Lisbon. At the Press of Antonio Correa Lemos. Year M. DCCXXXVII. With all the necessary licences.*]⁵

Not much is known about the author, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo. According to the bibliographers Diogo Barbosa Machado and Inocência Francisco da Silva,⁶ he was born in 1697 in Barcelos, and died in 1772. He owned an estate in Lordelo, just outside of (and now part of) Porto, and was a gentleman of the royal household. He studied Latin, Philosophy, Theology, and History. In a text dated 1730, Anselmo Caetano M. de A. G. Castello Branco, who knew him personally, while dedicating a book to Rebelo mentioned the fact that he was working on a biography of Mary Stuart, and describes him as versed in Latin, French, Spanish and Italian from his youth – to which Barbosa Machado adds English.⁷ Apart from the life of Mary Queen of Scots, Rebelo published the biography of a nun, and a ‘political manual’ for the courtier (the latter work under the pseudonym Luiz Florencio da Sylva, modern spelling Luís Florêncio da Silva). He left a life of the Athenian general Alcibiades in manuscript. Inocência testifies to the fact that such writings are on the whole held in low esteem, and himself derides their quality in point of style.

Rebelo’s style may, indeed, give cause for reservation. Passages can be somewhat belaboured, and the author’s penchant for the pathetic may occasionally prove to be out of tune with contemporary taste, but in light of Rebelo’s intentions this proclivity answers a purpose. From the outset, in fact from the reference to Mary’s death as ‘tragic’ in the title itself, it becomes clear that there is a quasi-hagiographic quality to the biography which is all too understandable, given the already well established tradition of commending Mary as a Catho-

lic martyr. By dedicating his work to a particular Marian invocation Rebelo reinforces the devotional purport of his writing,⁸ and the piety is further made clear by the licenses from the Inquisition and the court censors (the *Desembargo do Paço*), which underline Mary's Christian virtues together with her innocence of the charges brought upon her and majesty of character.⁹

Accordingly, the biographer's approach is coloured throughout with a factor of adulation regarding Mary and of outrage at the injustice, the perfidiousness even, of her oppressors, with special emphasis on Elizabeth I, who is described as the epitome of hypocrisy, jealousy and tyranny. To a certain extent, the work may be read as a character study which sets Elizabeth against Mary, the latter standing as the consummate example of constancy and piousness, well deserving of a crown of grace. It is moreover interesting to observe that allusions to Mary's beauty are frequent. She is 'the most perfect comeliness admired by Europe' ('a formosura mais perfeita, que admirava Europa'). A papal legate exhorts the Scots to stand by her, claiming that, 'just as you defend a nobler and more comely Helen than the Trojans, so shall your name be more famous in the memory of men' ('assim como defendeis mais nobre, e formosa Elena, que os Troyanos; assim o vosso nome será mais famigerado na memoria dos homens').¹⁰ Conversely, Elizabeth's beauty, which was much lauded by her subjects (obviously, either out of conviction or as a matter of convention and convenience), is never mentioned by Rebelo, who thereby omits from the story a potential factor of empathy that might have worked for the benefit of the English monarch.

But, obviously, this life of Mary Stuart has more to offer. In addition to his heroine's character and that of her nemesis, Rebelo focuses on the political events of the period, highlighting a world of feuds and rivalry among the nobility, rife with court intrigue, violence and deceit, where much is at stake and nothing can be taken for granted in the fields of diplomacy, war and personal allegiance. Scotland

and England are very much at the centre of the narrative, as is to be expected, with France and Spain playing supporting but important roles, and the occasional glimpse at the Papacy. The account is punctuated by transcriptions from assorted documents, namely letters and speeches, and comprises opinionated maxims about human nature and conduct, especially regarding the relationship between princes and courtiers.¹¹ Historiographic and documentary sources are regrettably not specified in the course of the historical narrative, apart from scattered references to George Buchanan and William Camden, even if a list of names may be found in the Prologue, where Rebelo declares he has read authors both Catholic and 'heretic' in order to establish the factual truth, and mentions John Lesley, Adam Blackwood, Michel de Castelnau and Antonio Herrera, among others.¹² To be more precise, Rebelo is keen to refute Buchanan for his imputation that Mary was involved in the assassination of her second husband, Lord Darnley,¹³ and submits that Camden could not but betray the falsity of the charges rendered against Mary for allegedly being involved in Anthony Babington's plot to assassinate Elizabeth, such is the power of truth even over 'an impassioned writer' ('hum Escritor apaixonado').¹⁴

This tendency to gloss over the opposite side of the political and religious divide and present it as merely vicious and treacherous is of course served by the label of heresy with which Protestants are branded wholesale (moreover, the word 'heretic' often being coupled with the term 'rebel'),¹⁵ and is perhaps nowhere more palpable than in the historian's refusal to grant them a fair hearing. Nothing is said about what Protestants stood for, except that it amounted to faction, treason and 'erroneous dogmas' ('errados dogmas').¹⁶ No theological doctrines are imparted to the reader, and no ideas about the establishment and the government of the church. The great figure of the Scottish Reformation, John Knox himself, is mentioned only in passing (twice in the main text, and once in the index), and inciden-

tally with a different spelling each time,¹⁷ as having argued for the necessity of Mary's deposition and death. As is widely acknowledged, Knox's *History of the Reformation in Scotland* is a crucial testimony to his confrontations with Mary and to the ways in which Knox was instrumental in shaping the queen's destiny by forcing her into exile in England. However, it is not among Rebelo's stated sources, and the biography does not reflect its reading. This is symptomatic. Being denied a proper voice, Protestants are effectively elided as a group capable of making its own claims. The rendition is so simplistic that Rebelo fails to recognize the diversity of the branches of Christianity within Protestantism, ascribing the Calvinist faith to Edward VI and Elizabeth I,¹⁸ and calling the English 'Puritans' instead of 'Anglicans'.¹⁹ For his part, Henry VIII is unsurprisingly anathematized as 'a schismatic king' ('hum Rey scismatico')²⁰ who was blinded by lust to marry Anne Boleyn and deny obedience to the Pope.

It is at the intersection of Protestantism and Catholicism that a third major character sketch emerges in the narrative, that of Lord James Stuart, the bastard son of James V. Mary's half-brother is at first the Prior of St Andrews, and then leaves the clergy to become the earl of Moray (or Murray, Rebelo's preferred spelling) and later viceroy, while embracing an ambiguous religious stance. As explained by Rebelo, this shift is due to political expediency, since the majority of the people of Scotland in the meantime turned to Protestantism, as well as to Elizabeth's enticements promising James the Scottish throne.²¹ Moray is depicted as a Machiavellian character (matching Elizabeth in this respect) who is eventually assassinated – and well-deservedly so, although, of course, not on Mary's initiative, rather as the natural outcome of his many wrongdoings, or, to put it another way, as an instance of divine justice.

James Stuart exemplifies the manner in which outside pressure bears upon Scotland alongside internal strife of several kinds. This is a double topic that runs through the narrative as a thread that con-

nects the scheme of uniting the two kingdoms of Great Britain (an ambition cherished by both Henry VIII and Elizabeth), the irreconcilable differences between Protestants and Catholics, and of course the personal and public contingencies of Mary's exiles in France and England, her successive marriages to Francis II, Lord Darnley and the earl of Bothwell, and the attendant tensions with her courtiers and grandees, members of Parliament, and Church dignitaries and theologians.

On balance, Rebelo's biography maintains Mary's blameless conduct in regard not only to the murder of Lord Darnley but also to her subsequent marriage to Bothwell, the latter forced upon her by an act of abduction and threats to her life, its disgraceful nature thus being disproved. If anything, her only fault was political naiveté, utterly excusable in a young woman who was innocent in the ways of the world and had to rely on poor or disloyal counsellors. The author asserts Mary's helplessness against the ruthlessness of those around her, and tries to engage the reader's empathy by resorting to pathos and melodrama. This is evinced in several episodes. One relates the moment when the queen's secretary, David Rizzio, was stabbed to death in her private chambers in the Palace of Holyroodhouse. Rizzio died clinging to the queen's garments, staining her hands with 'innocent blood' ('innocente sangue'), while Mary was prevented at gunpoint from interfering. She was pregnant with the future James VI at the time.²² A second tableau describes how the Calvinists dragged the captive queen to Edinburgh and then Lochleven Castle, exposing her to the most ignominious treatment from the mob as in a public triumph:

Hia a Rainha a cavallo em hum animal tam indecente, que he o de menos preço na republica dos brutos, quasi sem mais adorno que o da natureza; porque huma roupa velha, que acaso acháram, era toda a galla, que vestia; e tam indigna, que para juntar o desprezo,

e a indecencia, lhe nam passava dos joelhos. Diante della hia uma bandeira, em que estava pintado o marido morto, e seu filho Jacobo a seus pés postrado pedindo vingança. Servia-lhe a grandeza de Magestade, com que nacéra, de aumento à confusam, em que se via; (...) nas vozes, e expressoens a insultavam pelo caminho os condutores, tam atrevidos no desacato, como protervos na malicia.²³

[The queen was made to ride on such an indecent horse that it was the least valued in the republic of brutes. She rode almost entirely deprived of adornments other than those of nature; for some old clothes found by chance were all the pomp she wore; and they were so undignified, in order to give additional contempt and indecency, that they did not reach lower than her knees. Before her there was a flag, on which her dead husband was painted, and her son James at his feet asking for revenge. Her native greatness of majesty increased her distraction; (...) by means of callings and expressions her guard insulted her on the way, being as injurious in their mischief as they were insidious in their malice.]

The pathos in this passage puts one in mind of the predicament of Marie Antoinette as poignantly described on the pages of Edmund Burke's *Reflections on the Revolution in France* half a century later. And a third episode details in a particularly graphic manner how Mary was intimidated in order to sign the terms of abdicating the throne in favour of her infant son. The Calvinists, we are told, took her to a lake and threatened her with a dagger, saying the water would be her grave and the blade was the tool with which they would extract the blood for the signing of the document if she refused to do it by her own hand.²⁴

Needless to say, this general exoneration of Mary's conduct while in Scotland is matched by the attestation of her innocence regarding Catholic plots in England, and is in keeping with her upbringing,

temper, and frame of mind. From her childhood, not only was Mary a good scholar, proving that women were not incapable of cultivating the sciences and the liberal arts, but she also showed an admirable combination of prudence, gravity and kindness.²⁵ Such traits culminated in her attitude towards her final ordeal of trial and execution after two decades of captivity. The biographer expatiates on how Mary endured her unfair treatment with an appropriate mixture of humility and majestic pride, and on how she surrendered herself to the designs of providence, intent on the crown of glory reserved for the martyr. Her spiritual fervour gave her an aura of sainthood, and her most signal preoccupation, on the imminence of the beheading, was to assert her unswerving fidelity to the Catholic Church – and that there would be witnesses to testify to the fact that she never apostatized. She was mindful of her future in the afterlife as well as of her legacy to the world she was leaving behind. To this much boils down, in Rebelo's words, 'the execution of the most lamentable tragedy represented in Europe for many centuries' ('a execução da mais lamentável tragédia, que representou Europa ha muitos seculos').²⁶

Endnotes

- 1 Osório, J. *Carta à Rainha de Inglaterra*, ed. J. V. P. Martins and S. de Pinho, Lisboa, 1981.
- 2 Now hardly remembered, Haddon was a Cambridge University man, civil lawyer, Member of Parliament, and trusted servant of the queen in various Church matters. See the entry by Gerald Bray in the *Oxford Dictionary of National Biography*, ed. H. C. G. Matthew and Brian Harrison, Oxford, 2004, XXIV, 414-415.
- 3 See, namely, the anonymous pamphlets *Relaçam da Forma com que a Magestade delRey da Graõ Bretanha, manifestou a seus Reynos, tinha ajustado seu casamento, com a Serenissima Infante de Portugal...*, Lisboa, 1661; *Relacion de las Fiestas que se hizieron en Lisboa, com la nueva del casamento de la Serenissima Infanta de Portugal...*, Lisboa, 1662; *Relaçam Diaria, da Jornada, que a Serenissima Rainha da Gram Bretanha D. Catherina fez de Lisboa a Londres, indo já desposada...*, Lisboa, 1662.
- 4 Neither studies of the history of Portuguese historiography nor anthologies of historiographical texts contain references to Rebelo. This springs from the fact that such works are mainly interested in the historiography that focuses on Portugal and, secondarily, on Portugal's role in the world. See Marques, A. H. de O. *Antologia da Historiografia Portuguesa. I – Das Origens a Herculano*, n.p., 1974; Pereira, J. F. *Historiografia*. In Pereira, J. C., ed. *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*, n.p., 1991, I, 312-14; Quadros, A. And Gomes P., eds. *A Teoria da História em Portugal*, n.p., n.d., 2 vols.; Rebelo, L. de S. *Historiografia*. In *Biblos*,

- Lisboa, 1995-2005, II, cols. 1063-1072; Serrão, J. V. *A Historiografia Portuguesa: Doutrina e Crítica*, Lisboa, 1972-1974, 3 vols.; idem, *História Breve da Historiografia Portuguesa*, Lisboa, 1962; Soveral, C. E. *Historiografia Moderna*. Em Portugal. In Coelho, J. do P., ed. *Dicionário de Literatura*, 3rd ed., Porto, n.d., II, 404-418; Torgal, L. R., Mendes, J. M. A., and Catroga, F., *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, n.p., 1996.
- 5 Translations are mine throughout.
 - 6 Machado, D. B. *Bibliotheca Lusitana Historica, Crítica, e Cronologica...*, Lisboa, 1741-1759 (4 vols.), II, 270; Silva, I. F. *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, 1858-1923 (22 vols.), III, 70-71.
 - 7 Castello Branco, A. C. M. de A. G., *Ennæa [sic], ou Applicaçõ do Entendimento sobre a Pedra Philosophal...*, Lisboa Occidental, 1732-33 (2 vols.), II, [ix].
 - 8 Rebelo refers to the Church of the Lady of the Abbey (Igreja da Senhora da Abadia), in the municipality of Amares, in the region and archdiocese of Braga. See Leal, A. S. A. B. P., *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1873-1886 (12 vols.), I, 428-431.
 - 9 Rebelo, F. de S. da S. A. *Vida, e Morte Tragica de Maria Stuart, Rainha de França, e Escocia, e Pertendente da Coroa de Inglaterra...*, Lisboa Occidental, 1737, [xii-xvii].
 - 10 Rebelo, 1737, 121, 30.
 - 11 See, e.g., Rebelo, 1737, 38, 124, 166, 199.
 - 12 Rebelo, 1737, [vii-viii].
 - 13 Rebelo, 1737, 134-135, 149, 157.
 - 14 Rebelo, 1737, 197.
 - 15 See, e.g., Rebelo, 1737, 174.
 - 16 Rebelo, 1737, 21.
 - 17 Rebelo, 1737, 130, 133, 253-254.
 - 18 Rebelo, 1737, 37, 75.
 - 19 Rebelo, 1737, 180. Among other more or less significant inaccuracies there is the notion that Elizabeth succeeded in uniting the two Crowns, and appointed a governor or viceroy to rule over Scotland – in a passage which virtually conflates the late Tudor period with the Union of 1707 (see Rebelo, 1737, 3). This is perhaps a misunderstanding of the terms the Treaty of Berwick of 1560, the clauses of which were effectively revoked by of the Treaty of Edinburgh later that same year and which in any case was never ratified by the queen and Parliament.
 - 20 Rebelo, 1737, 4.
 - 21 To a degree, Moray's character mirrors that of the Scottish people. Rebelo's indictment of the Scots on the grounds of their having apostatized Catholicism equates with the imputation that, having lived in the French court, it was painful for Mary to return to the mother country, where her vassals were uncouth and the land was uncultivated (Rebelo, 1737, 66). In turn, the earl of Bothwell exemplifies the paradoxes of the Scottish temperament: 'One could find in the person of this earl the vices and virtues which are generally ascribed to the Scots; for he was possessed of a shrewd spirit, perseverance in labour, and the necessary strength to execute any action; but together with this there were also a haughtiness and a freedom that degenerated into insolence' ('Achavam-se na pessoa deste Conde os vícios, e virtudes, que geralmente se atribuem aos Escocезes; porque possuía animo sagaz, perseverança no trabalho, e forças necessarias para executar qualquer aççam; mas junto com isto se encontravam tambem nelle a soberba, e a liberdade, que degenerava em insolencia', Rebelo, 1737, 119-120).
 - 22 Rebelo, 1737, 109.
 - 23 Rebelo, 1737, 129-130.
 - 24 Rebelo, 1737, 132.
 - 25 Rebelo, 1737, 40, 42.
 - 26 Rebelo, 1737, 224.

Marcas bibliográficas da Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra

Bibliographic marks of the Mathematical Library of the University of Coimbra

Carlos Tenreiro¹

RESUMO

Durante a sua existência já secular a Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra utilizou três marcas bibliográficas principais que damos a conhecer neste texto. Os correspondentes períodos de utilização, bem como os autores, ou prováveis autores, dos respetivos desenhos são identificados, o que nos conduz aos nomes do mestre António Augusto Gonçalves (1848-1932) e do escultor, cinzelador e medalhista João da Silva (1880-1960).

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca Matemática, Marcas bibliográficas, Universidade de Coimbra.

¹ CMUC, Departamento de Matemática, Universidade de Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-5495-6644> ; tenreiro@mat.uc.pt

ABSTRACT

During its century-old existence the Mathematical Library of the University of Coimbra used three main bibliographic marks which we make known in this text. The corresponding periods of use, as well as the authors, or probable authors, of the respective drawings are identified, which leads us to the names of the master António Augusto Gonçalves (1848-1932) and the sculptor, carver and medalist João da Silva (1880-1960).

KEYWORDS

Mathematical Library, Bibliographic marks, University of Coimbra.

Introdução

A constituição de uma biblioteca privativa no seio da Faculdade de Matemática, instituída pelos Estatutos Pombalinos da Universidade de Coimbra, era um desejo antigo do seu corpo docente que havia sido levado ao conhecimento do Governo em dois projetos, um de 1857 e outro de 1887, que, entre outras reformas, incluíam a constituição de uma biblioteca privativa da Faculdade de Matemática. No entanto, a falta de instalações apropriadas, mas principalmente a inexistência de dotações orçamentais para o efeito, impossibilitaram a organização na Universidade de Coimbra de uma biblioteca dedicada à Matemática até ao final da primeira década do século XX². A situação irá alterar-se com a publicação do decreto de 19 de agosto de 1907³, ao abrigo do qual a Universidade de Coimbra passa a reger-se pelo princípio de autonomia, podendo administrar parte das suas receitas próprias. A aplicação das dotações previstas no decreto anterior é regulamentada por um novo decreto de 8 de outubro de 1908⁴, que, relativamente à receita proveniente das propinas de matrículas

2 Sobre os projetos mencionados, ver TENREIRO 2022, p. 21-51.

3 D.G. 188 (24.8.1907) 2673-2677.

4 D.G. 229 (10.10.1908) 3085-3088.

las, estabelece que a quarta parte da mesma seja distribuída pelas Faculdades de Teologia, Direito, Matemática, Filosofia e Medicina, de acordo com as percentagens, 10, 16, 18, 23 e 33, respetivamente. Em resultado de tal distribuição, logo na congregação da Faculdade de Matemática de 10 de novembro de 1908, de um total de 1.614\$650 réis que é posto à disposição da Faculdade para o ano letivo de 1908-09, são destinados 100\$000 réis para compra de livros com os quais se inicia a constituição duma biblioteca⁵. Paralelamente à compra de livros, para a qual se continuam a destinar verbas nos orçamentos para os anos económicos de 1909-10 a 1911-12, desenvolvem-se esforços para encontrar instalações apropriadas para a biblioteca. O problema da falta de instalações, desde sempre sentido pela Faculdade de Matemática, é atenuado durante o ano escolar de 1910-11 quando o reitor Manuel de Arriaga (1840-1917) cede à Faculdade de Matemática três salas do lado norte do primeiro andar do edifício do antigo colégio de S. Pedro no Paço das Escolas da Universidade de Coimbra. Depois de obras de reparação e pintura que estavam terminadas em meados de 1912, duas salas são adaptadas para aulas, ficando a biblioteca — da agora Secção de Matemática da Faculdade de Ciências⁶ — instalada na terceira sala.

Em finais de 1912, o acervo da biblioteca da 1.ª Secção da Faculdade de Ciências é necessariamente parco, constituído por livros que foram sendo adquiridos ao longo dos anos, muitos deles requisitados pelos lentes das diferentes cadeiras para uso nas aulas, ou por obras compradas a partir de meados de 1909, usando para o efeito, como referimos, receitas proveniente das propinas de matrículas. Relativamente às mais antigas, muitas delas possuem marcas de posse

5 *Atas da FM*, vol. 7, 1886-1911, fl. 136.

6 A Faculdade de Ciências, criada pelo decreto de 12.5.1911 (D.G. 112 (15.5.1911) 1966-1967), regulamentado pelo decreto de 22.8.1911 (D.G. 197 (24.8.1911) 3578-3579), resultou da fusão das Faculdades de Matemática e de Filosofia Natural instituídas pelos Estatutos da Universidade de 1772.

manuscritas da Faculdade de Matemática; as mais recentes, quando adquiridas até ao momento da extinção da Faculdade de Matemática, possuem na página de rosto o carimbo da Faculdade de Matemática com a legenda «UNIVERSIDADE DE COIMBRA / FACULDADE DE MATEMÁTICA» (dimensões: 21x49 mm). Estão identificadas cerca de duas dezenas e meia de obras que exibem um tal carimbo. Tal como é ilustrado na Fig. 1, na quase totalidade de tais obras são posteriormente colocadas outras marcas de posse da Biblioteca Matemática que tem o ano de 1913 como ano da sua fundação⁷.

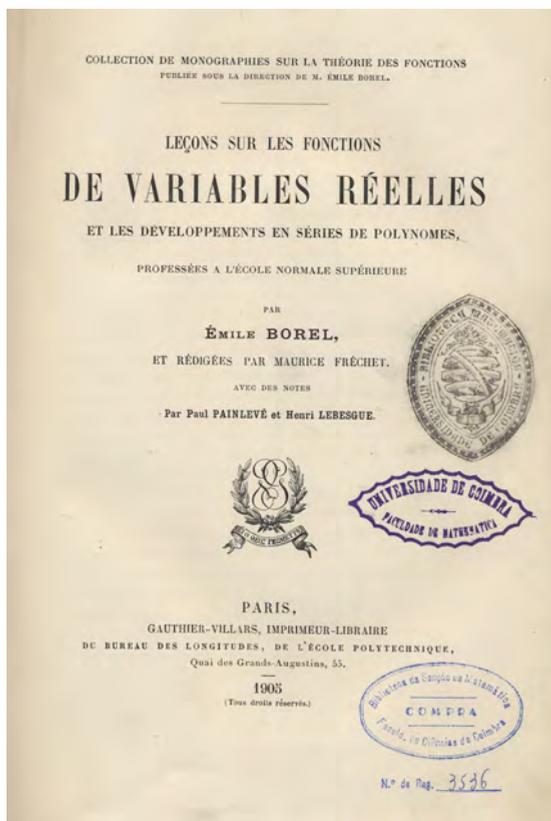


Fig. 1. Livro com marca de posse da Faculdade de Matemática, colocada em c.1910, e carimbo da Biblioteca Matemática, colocado entre 1922 e 1927. O terceiro carimbo é usado a partir de 1970 para colocação do número de registo em obras adquiridas por compra.

⁷ Sobre o período fundacional da Biblioteca, ver TENREIRO 2022, p. 53-79.

São as marcas bibliográficas usadas pela Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra, bem como os respetivos períodos de utilização, que identificamos neste texto que abarca dois grandes períodos temporais. No primeiro, anterior a 1969, a Biblioteca Matemática tem as suas instalações no edifício do antigo Colégio de S. Pedro e usa duas marcas bibliográficas principais: um carimbo a tinta e um selo branco que incorporam elementos iconográficos, como a esfera armilar, o mocho e a *Sapiência*, que podemos encontrar nos mais antigos selos conhecidos da Universidade de Coimbra. Para espécies bibliográficas recebidas por oferta utiliza ainda um carimbo a tinta de forma retangular em cuja zona central se identifica o ofe-rende⁸. O segundo período, que se prolonga até ao tempo presente, inicia-se no momento da instalação da Biblioteca Matemática nos espaços construídos para o efeito no novo edifício da Secção de Matemática, inaugurado a 17 de abril de 1969. A partir desta data é atribuído, pela primeira vez, um número de registo a todas as obras, e o selo branco usado até esse momento, por já não marcar convenientemente, é pouco depois substituído por um novo selo branco, ainda hoje utilizado, que ostenta uma nova representação da *Sapiência*. Neste período a Biblioteca utiliza diversos carimbos a tinta para a colocação do número de registo nas suas obras, mas, a partir de julho de 1998, usa para o efeito uma cópia do seu carimbo a tinta inicial, retomando assim, de forma feliz, a utilização da sua primeira marca de posse bibliográfica.

A primeira marca bibliográfica da Biblioteca Matemática

Apesar de, desde meados de 1912, a biblioteca privativa da Secção de Matemática ter instalações próprias na metade norte do primeiro andar da Ala de S. Pedro do Paço das Escolas, o ano de 1913 é fixado

8 A utilização destas marcas ficaria definida no Art.º 4 do REGULAMENTO da Biblioteca Matemática de 1933.

pelo professor João Pereira da Silva Dias (1894-1960)⁹, num relatório que apresenta ao diretor da Faculdade de Ciências em dezembro de 1927, como ano de fundação da Biblioteca Matemática:

«Fundada em 1913, a Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra alcançou no seu início um notável desenvolvimento, devido não só à importância das suas dotações orçamentais mas também às ofertas valiosas que recebeu.»¹⁰

Dois razões de monta sustentam tal escolha: a nomeação do primeiro diretor e a fixação da designação «Biblioteca Matemática» têm ambas lugar nesse ano. No que respeita à nomeação do diretor, ela ocorre na congregação da Secção de Matemática de 14 de janeiro de 1913¹¹, onde — após se discutir a gratificação a atribuir ao bedel Augusto Dinis de Carvalho pelos serviços que, desde meados de 1912, executava na biblioteca da 1.ª Secção — se nomeia o professor Henrique de Figueiredo (1861-1922) para dirigir a biblioteca¹².

Neste período inicial da Biblioteca Matemática não é colocada qualquer marca de posse nos livros adquiridos por compra ou por oferta. No entanto, passado o período da Grande Guerra, com o aumento do volume de obras incorporadas por compra, mas também devido às ofertas que entretanto recebe, a Biblioteca Matemática, já sob a direção do professor João Pereira Dias, vai adquirir, em meados de 1922¹³, a sua primeira marca bibliográfica que podemos observar nas Figs. 1 e 2. Trata-se de um carimbo a tinta de forma oval e eixo maior com 45

9 Professor da Secção de Matemática desde 1920, João Pereira da Silva Dias (1894-1860) dirige a Biblioteca Matemática de 1922 a 1933, e de 1942 a 1955; entre 1939 e 1959 é diretor da Faculdade de Ciências.

10 DIAS 1928, p. 3.

11 *Atas da FM e da SM*, 1911-1935, fl. 10.

12 Professor da Faculdade de Matemática desde 1888, Henrique de Figueiredo (1861-1922) dirige a Biblioteca Matemática até ao início 1922.

13 *Documentos de despesa da UC*, 1922 (junho).

mm, que inclui a legenda «BIBLIOTECA MATEMÁTICA / UNIVERSIDADE DE COIMBRA». Este carimbo incorpora elementos iconográficos, esfera armilar e mocho, que podemos encontrar nos mais antigos selos conhecidos da Universidade de Coimbra (MADAÍL 1937), símbolos esses que foram também incluídos, em diversos momentos, nas marcas de posse da *Livraria da Universidade* (MAIA DO AMARAL 2011). A partir de 1922 a Biblioteca Matemática usará esta marca bibliográfica não só nos livros que a partir desta data adquire, por compra ou por oferta, mas também em livros, adquiridos a partir de meados de 1909, que possuíam já marca de posse da Faculdade de Matemática. No entanto, em muitas das obras que adquire, principalmente por compra, não é colocada qualquer marca bibliográfica (o que só acontecerá muito mais tarde), provavelmente por a Biblioteca não possuir, nesta altura, qualquer funcionário exclusivamente ao serviço da Biblioteca, sendo o trabalho de catalogação desempenhado, como já demos conta, pelo bedel da 1.ª Secção.

Da consulta da documentação de despesa da 1.ª Secção da Faculdade de Ciências depositada no Arquivo da Universidade de Coimbra, sabemos que quando adquire a sua primeira marca bibliográfica, a Biblioteca Matemática adquire também um carimbo a tinta, de forma rectangular (dimensões: 40x60 mm), destinado às obras que recebe por oferta, que será usado nas espécies bibliográficas que desde 1912 lhe são oferecidas por Francisco Gomes Teixeira (1851-1933), antigo professor da Faculdade de Matemática e primeiro reitor da Universidade do Porto¹⁴, e nos livros pertencentes às livrarias de Luís da Costa e Almeida (1841-1919), último diretor da Faculdade de Matemática e primeiro diretor da Faculdade de Ciências¹⁵ — que a Biblioteca incorpora em 1919 por oferta do filho e professor da Faculdade de Letras Eugénio de Castro (1869-1944) —, e de

14 Francisco Gomes Teixeira (1851-1933) foi professor da Faculdade de Matemática de 1876 a 1884, ano em que se muda para a Academia Politécnica do Porto.

15 Professor da Faculdade de Matemática desde 1862, Luís da Costa e Almeida (1841-1919) foi diretor da Faculdade de Matemática de 1888 a 1911 e diretor da Faculdade de Ciências de 1911 a 1917.

Henrique de Figueiredo, primeiro diretor da Biblioteca Matemática — que a Biblioteca recebe em 1922 por oferta do professor Luciano Pereira da Silva (1864-1926)¹⁶, colega de curso de Henrique de Figueiredo, que havendo recebido dos herdeiros deste a sua coleção de livros de matemática, resolve oferecê-la à Biblioteca¹⁷. Este carimbo, que podemos observar na Fig. 2, colocado numa obra pertencente à doação de Gomes Teixeira, será também usado esporadicamente, mesmo em tempos mais recentes, aquando de ofertas diversas recebidas pela Biblioteca Matemática.

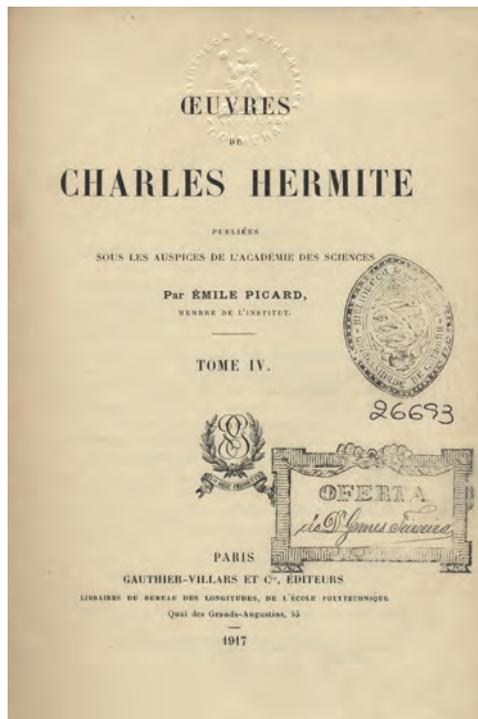


Fig. 2. Exemplar pertencente à doação de Gomes Teixeira (1851-1933) exibindo o respetivo carimbo de oferta, que é colocado entre 1922 e 1927 juntamente com o carimbo a tinta da Biblioteca Matemática. Posteriormente será colocado neste exemplar o selo branco da Biblioteca Matemática, e bastante mais tarde, já em 2001, ser-lhe-á atribuído um número de registo.

16 Professor da Faculdade de Matemática desde 1889, Luciano António Pereira da Silva (1864-1926) desenvolverá trabalho de relevo sobre a história da astronomia náutica que publica a partir de 1913.

17 Sobre as ofertas mencionadas, que têm um papel importante no desenvolvimento inicial da Biblioteca Matemática, ver TENREIRO 2022, p. 82-93.

O antigo selo branco da Biblioteca Matemática

Como podemos confirmar pela documentação de despesa à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra, em novembro de 1927 a Biblioteca Matemática adquire uma nova marca de posse bibliográfica que irá substituir o carimbo a tinta, que deixa de ser usado a partir desta data¹⁸. Trata-se de um selo branco que surge descrito num interessante artigo do paleógrafo António Gomes da Rocha Madaíl (1893-1969) sobre a insígnia da Universidade de Coimbra, publicado na primeira parte do Vol. 92 (1937) de *O Instituto*, volume dedicado ao 4.º centenário da instalação definitiva da Universidade de Coimbra. Aí, diz Rocha Madaíl que o selo da Biblioteca Matemática é o único selo das bibliotecas privativas das Faculdades que mantém a ligação ao passado universitário ao incluir a figura da *Sapiência*:

«Nas bibliotecas privativas das Faculdades, apenas o carimbo da de Ciências mantém ligação com o Passado universitário incluindo a figura da *Sapiência* no seu conjunto simbólico; o seu desenho é simples, mas bem ordenado; de recorte circular, com 36 mm de diâmetro, apresenta em volta da *Sapiência* a legenda “BIBLIOTHECA MATHEMATICA / UNIVERSIDADE DE COIMBRA”; é utilizado apenas para gravar em relevo, a seco.»¹⁹

Como podemos observar na Fig. 2, e tal como acontecia já com o carimbo a tinta, o antigo selo branco da Biblioteca Matemática incorpora elementos iconográficos que podemos encontrar nos mais antigos selos conhecidos da Universidade de Coimbra, aí surgindo representada a *Sapiência*, numa figura de mulher que segura um ceptro encimado por uma esfera armilar. Apesar de não possuímos elementos documentais que nos permitam determinar, sem dúvida, a autoria deste selo, os elementos que a seguir apresentamos levam-nos a concluir que a representação

18 *Documentos de despesa da UC, 1927* (novembro).

19 MADAÍL 1937, p. 455.

da *Sapiência* é inspirada num desenho da autoria de António Augusto Gonçalves (1848-1932)²⁰, datado de c.1897. Este desenho, que segundo Rocha Madaíl precede outro que a partir do ano letivo de 1910-11 será adotado para insígnia oficial da Universidade de Coimbra, surge reproduzido no já citado artigo de Rocha Madaíl, explicando este autor que o mesmo foi «desenhado para o verso do ante-rostro do livro *Francisco Suárez (Doctor Eximivs)*, do Sr. Doutor António de Vasconcelos»²¹, livro que tem 1897 como ano de publicação. Apesar de nenhuma ligação ser feita por Rocha Madaíl entre este desenho de António Augusto Gonçalves e o selo branco da Biblioteca Matemática, as duas representações da *Sapiência*, que apresentamos ampliadas na Fig. 3, não deixam dúvidas que o antigo selo branco da Biblioteca Matemática tenha sido inspirado no desenho de António Augusto Gonçalves, tendo sido ele, muito provavelmente, a adaptar o seu antigo desenho para servir de marca bibliográfica da Biblioteca Matemática.



Fig. 3. Representações da Sapiência no desenho de António Augusto Gonçalves de c.1897, e no antigo selo branco da Biblioteca Matemática.

20 Sobre António Augusto Gonçalves (1848-1932), ver os diversos textos em sua homenagem publicados em *O Instituto* 108, 1946, p. 1-102. URL: <https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/indiceinstituto.htm>

21 MADAÍL 1937, p. 429.

As ligações de António Augusto Gonçalves à Faculdade de Matemática eram antigas, e remontavam, pelo menos, à *Exposição de Manufaturas do distrito de Coimbra* de 1884, promovida pela Escola Livre das Artes do Desenho da qual António Augusto Gonçalves era o principal mentor e impulsionador²². Nessa altura, a Aula de Desenho da Universidade e o seu professor José Miguel de Abreu (1850-1921)²³ foram convidados a participar na exposição, sendo o assunto discutido no Conselho da Faculdade de Matemática de 17 de outubro de 1883:

«O Sr. Professor de Desenho apresentou também um ofício que recebera do presidente da comissão da próxima Exposição de Manufaturas do distrito de Coimbra, pedindo a concorrência a esta exposição com alguns trabalhos dos estudantes das cadeiras de Desenho Matemático e Filosófico. Ouvida a opinião do digno Professor, o Conselho resolveu anuir a este pedido, bem como à conveniência que mostrou também haver em expor o material da aula destinado ao estudo do Desenho, e que é já muito importante; deixando à sua discrição o cuidado de tomar as medidas necessárias para que não sofram prejuízos os objetos expostos, nem se sinta a falta deles no aproveitamento dos cursos deste ano.»²⁴

A relação de António Augusto Gonçalves com a Faculdade de Matemática ir-se-ia ainda estreitar a partir do ano escolar de 1897-98 quando a cadeira de Desenho anexa à Faculdade de Matemática

22 Sobre a Escola Livre das Artes do Desenho e a Exposição distrital de Coimbra de 1884, ver FERNANDES 2009.

23 José Miguel de Abreu (1850-1921) rege a cadeira de Desenho de finais de 1871 ao início de março de 1887; sobre os professores da antiga Aula de Desenho da Universidade de Coimbra, ver <https://www.mat.uc.pt/~tenreiro/GDDesenho/Desenho.html>

24 *Atas da FM*, vol. 6, 1871-1886, fl. 121-121v; o ofício mencionado apresentado pelo professor de desenho, surge transcrito em FERNANDES 2009, vol. 2, p. 197-198.

passa a contar com o concurso de dois professores, um responsável pelo curso matemático e outro pelo curso filosófico. Devido ao falecimento inesperado do professor de desenho João Rodrigues Vieira (1856-1898)²⁵, que ocorre no início de 1898, a Faculdade de Matemática reúne-se em congregação convocada especialmente para tratar da nomeação de alguém que pudesse assumir a regência do curso de desenho filosófico, resolvendo a Faculdade propor, para o efeito, o nome de António Augusto Gonçalves. Estes factos ficaram registado da forma seguinte na ata da congregação da Faculdade de Matemática realizada a 10 de janeiro de 1898:

«O Ex.^{mo} Decano disse que sendo necessário prover desde já alguém interinamente na regência das cadeiras de Desenho filosófico e querendo o Reitor nomear quem a Faculdade entendesse estar nas condições de assumir essa regência, fora a congregação convocada para esse fim. Resolveu-se propor o sr. António Augusto Gonçalves, professor da Escola Industrial Brotero.»²⁶

No dia seguinte o reitor António Augusto da Costa Simões (1819-1903) nomeia António Augusto Gonçalves professor interino da cadeira de Desenho anexa à Faculdade de Matemática:

«Achando-se vago o lugar de professor da cadeira de Desenho anexa à Faculdade de Matemática, e tendo esta reunido extraordinariamente em sessão de ontem e deliberado indicar para exercer o dito lugar António Augusto Gonçalves, diretor e professor de desenho na Escola Industrial Brotero, e conformando-me com a indicação da mesma Faculdade, nomeio para exercer o dito lugar, enquanto o Governo de Sua Magestade não deliberar o contrário, o mesmo António Augusto

25 O pintor e escultor João Rodrigues Vieira (1856-1898) rege a cadeira de Desenho de finais de abril de 1887 até à sua morte em 5.1.1898.

26 *Atas da FM*, vol.7, 1886-1911, fl. 78.

Gonçalves, professor interino da cadeira de Desenho anexa à Faculdade de Matemática, devendo prestar o devido juramento no ato da posse.»²⁷

Logo a partir de janeiro de 1898, António Augusto Gonçalves ficará assim a reger o curso de desenho filosófico, na qualidade de professor interino. A separação dos dois cursos de desenho virá a ser formalizada com a reforma dos estudos de 1901, que reconhece a conveniência do quadro dos professores de desenho constar de dois lugares de professores efetivos, sendo um encarregado do ensino do curso matemático e outro do curso filosófico²⁸. Assim, a partir do ano letivo de 1902-03 António Augusto Gonçalves ocupará o lugar de professor proprietário da cadeira de desenho anexa à Faculdade de Filosofia. A partir de 1911, com a criação da Faculdade de Ciências, António Augusto Gonçalves transita para a nova Faculdade, passando a reger cadeiras de desenho aplicado às ciências biológicas.

Do exposto, não é assim de estranhar que necessitando de marcas bibliográficas para a sua biblioteca, a Secção de Matemática da Faculdade de Ciências, herdeira natural da Faculdade de Matemática, tenha recorrido ao mestre António Augusto Gonçalves, não só para desenhar um selo branco para a sua Biblioteca, mas também, e aqui entramos no campo da especulação plausível, para desenhar a primeira marca bibliográfica da Biblioteca Matemática.

O novo selo branco da Biblioteca Matemática

No início da década de 1930 a Secção de Matemática vê as suas instalações significativamente melhoradas, passando a ocupar todo o primeiro andar da Ala de S. Pedro do Paço das Escolas. A Biblioteca Matemática instala-se em três salas da ala sul do edifício usufruindo de

27 *Portarias dos Prelados, liv. 10, 1892-1911, fl. 45.*

28 *Anuário da UC. 1902-1903, p. 28-29.*

instalações mais amplas que viriam a ser ainda melhoradas nos anos seguintes com a aquisição de mobiliário apropriado. Esta situação vai alterar-se no início de 1944 quando a Secção de Matemática se vê obrigada a abandonar parte das suas instalações devido às obras da Cidade Universitária de Coimbra²⁹. Após um conturbado processo a Biblioteca Matemática acabará por permanecer no Paço das Escolas até à conclusão, um quarto de século mais tarde, das novas instalações da Secção de Matemática. No início de 1970 a Biblioteca abandona definitivamente as suas antigas instalações ocupando os novos espaços construídos para o efeito no novo edifício da Secção de Matemática.

Para todas as espécies bibliográficas adquiridas ao longo dos anos é agora terminado o seu tratamento bibliográfico, sendo-lhes atribuídos, pela primeira vez, números de registo que são apostos nas respetivas páginas de rosto usando um de dois carimbos de borracha destinados a obras adquiridas por compra ou por oferta. Na Fig. 1 podemos observar o carimbo destinado a obras adquiridas por compra, o qual exhibe a legenda «Biblioteca da Secção de Matemática / COMPRA / Faculd. de Ciências de Coimbra / N.º de Reg. ...» (dimensões: 32x44 mm). Legenda idêntica é exibida pelo carimbo usado para obras adquiridas por oferta.

O selo branco da Biblioteca Matemática, utilizado desde finais da década de 1920, não só na página de rosto dos livros adquiridos, mas também em muitas outras páginas, encontrava-se nesta altura em deficientes condições, levando o professor António Ribeiro Gomes (1930-2017), que desde março de 1970 desempenhava as funções de diretor da Biblioteca Matemática³⁰, a dirigir-se, em meados de

29 Sobre a Secção de Matemática e as obras da Cidade Universitária de Coimbra, ver TENREIRO 2022, p. 139-159.

30 Professor da Secção de Matemática desde 1964, António Ribeiro Gomes (1930-2017) dirige a Biblioteca Matemática até setembro de 1972; será, em diversas ocasiões, diretor do Departamento de Matemática.

agosto de 1971, ao diretor da Casa da Moeda em Lisboa solicitando a substituição do selo branco da Biblioteca:

«Possuindo esta Biblioteca um selo branco já em deficientes condições, peço a V. Ex.^a que nos seja fornecido um outro de modelo rigorosamente igual ao desenho que junto se envia. (...)»³¹

A resposta da Casa da Moeda, em ofício assinado pelo chefe dos serviços administrativos, coloca problemas relativamente à execução duma cópia do selo branco da Biblioteca unicamente com base no desenho que lhe havia sido remetido:

«Citando o ofício em referência, tenho a honra de enviar um modelo dos selos brancos que ultimamente se têm feito para diversos departamentos da Universidade de Coimbra.

Em lugar de “Tesouraria”, levaria a legenda “Bibliotheca Mathematica”. No caso de V.Ex.^a pretender uma gravura igual à enviada, torna-se necessário remeter um desenho bem visível da figura a gravar, visto não ser possível proceder à sua execução só com o decalque do atual selo branco dessa Biblioteca.»³²

Em ofício datado de 2 de outubro de 1971, Ribeiro Gomes comunica à Casa da Moeda que aceita a sugestão que lhe foi apresentada, atualizando contudo a grafia da legenda sugerida:

«Em resposta ao ofício de V.Ex.^a, acima referido, comunico que me decidi pela sugestão apresentada, agradecendo portanto o fornecimento dum selo branco do modelo junto, com a inscrição “BIBLIOTECA MATEMÁTICA” contornando o círculo na parte inferior.»³³

31 *Correspondência do DMUC*; ofício datado de 13.8.1971.

32 *Correspondência do DMUC*; ofício datado de 15.9.1971.

33 *Correspondência do DMUC*.



a)



b)



c)

Fig. 4. Principais marcas de posse bibliográfica da Biblioteca Matemática utilizadas a) entre 1922 e 1927 (e após 1998); b) entre 1927 e 1972; c) após 1972.

O novo selo branco da Biblioteca Matemática é remetido pela Casa da Moeda em 16 de março de 1972, sendo indicado na respetiva guia de remessa que o mesmo está montado em prensa de alavanca, com gargantilha, cadeado e duas chaves. O selo, que podemos observar na Fig. 4 ao pé das antigas marcas bibliográficas da Biblioteca Matemática, tem 38 mm de diâmetro e inclui a legenda «S.VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS / BIBLIOTHECA MATHEMATICA». Tal como o antigo selo branco, é utilizado apenas para gravar em relevo, a seco. O seu desenho é baseado na face que representa a insígnia universitária

da medalha comemorativa do 4.º centenário da fixação definitiva da Universidade de Coimbra, da autoria do escultor, cinzelador e medalhista João da Silva (1880-1960). Como se explica em MADAÍL (1937, p. 431-432), o desenho dessa face da medalha foi adotado para cunho dum novo selo da Universidade de Coimbra, que, de acordo com a informação que transcrevemos prestada pela Casa da Moeda, terá sido usado no início da década de 1970 para fazer selos brancos para «diversos departamentos da Universidade de Coimbra».

Retorno às origens

A utilização intensiva dos carimbos de borracha usados desde o início da década de 1970 leva à deterioração do carimbo destinado à colocação do número de registo em espécies bibliográficas oferecidas à Biblioteca Matemática, o que obriga à sua substituição, em dezembro de 1988, por um carimbo de desenho semelhante (dimensões: 32x50 mm), onde as designações «Secção de Matemática» e «Faculdade de Ciências» são substituídas pelas novas designações «Departamento de Matemática» e «Faculdade de Ciências e Tecnologia», respetivamente³⁴. A partir de março de 1992 a colocação do número de registo em espécies bibliográficas adquiridas por oferta ou por compra será feita com um único carimbo de forma oval (dimensões: 32x50 mm) em que o número de registo, em vez de ser colocado na base do carimbo, é agora colocado na região central do mesmo. De realçar neste carimbo a utilização da designação mais antiga de «Biblioteca Matemática» em vez da designação mais usual de «Biblioteca do Departamento de Matemática». Este *retorno às origens* será em breve reforçado quando, a partir de julho de 1998, este carimbo é substituído por um carimbo idêntico à primeira marca de posse bibliográfica da Biblioteca

34 Designações alteradas pelo decreto-lei n.º 259/72 D.G. I Série. 175 (28.7.1972) 973-974, que determina que passem a ser professados na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra os cursos de Engenharia.

Matemática, que, como vimos, havia sido usada entre 1922 e 1927. O (novo) selo branco da Biblioteca Matemática colocado na página de rosto dos novos livros adquiridos passa a ser acompanhado desta antiga e distintiva marca bibliográfica, na base da qual é colocado manualmente o número de registo respetivo.

Conclusão

Neste texto, dedicado às marcas de posse bibliográfica usadas pela Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra, centramos a nossa atenção em três marcas principais (Fig. 4). As mais antigas são um carimbo a tinta de forma oval, adquirido em 1922, onde surgem representados a esfera armilar e o mocho, que inclui a legenda «BIBLIOTECA MATEMÁTICA / UNIVERSIDADE DE COIMBRA», e um selo branco de recorte circular, adquirido em 1927, que inclui a figura da *Sapiência* tendo em volta a legenda «BIBLIOTHECA MATHEMATICA / UNIVERSIDADE DE COIMBRA». A representação da *Sapiência* é inspirada num desenho do mestre António Augusto Gonçalves (1848-1932), datado de c.1897, que conjecturamos possa ser o autor dos desenhos do selo branco e do carimbo a tinta. A marca bibliográfica mais recente é também um selo branco de recorte circular, adquirido em 1972, que ostenta uma nova representação da *Sapiência* e a legenda «S.VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS / BIBLIOTECA MATEMÁTICA», sendo o respetivo desenho da autoria do escultor, cinzelador e medalhista João da Silva (1880-1960).

Financiamento

Centro de Matemática da Universidade de Coimbra (financiado pelo Governo Português através da FCT/MCTES, <https://doi.org/10.54499/UIDB/00324/2020>).

Bibliografia e documentação

Referências bibliográficas

- DIAS, João Pereira — Biblioteca Matemática (anexa à Faculdade de Ciências de Coimbra). *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1929). Vol. 9 (1928), p. 6-11.
- FERNANDES, Deodoro dos Reis — *A Escola Livre das Artes do Desenho em Coimbra: 1878-1936*; Dissertação de Mestrado sob a orientação de Pedro Dias. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.
- MADAÍL, António Gomes da Rocha — A insígnia da Universidade de Coimbra: esboço histórico. *O Instituto*. Vol. 92 (1937), p. 355-456.
- MAIA DO AMARAL, A.E — Marcas bibliográficas da “Livreria da Universidade” (sécs. XVI-XXI). In *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, p. 126-131. DOI: 10.14195/978-989-26-0171-7
- REGULAMENTO da Biblioteca Matemática anexa à 1.ª Secção da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933). Vol. 10 (1932), p. 309-324.
- TENREIRO, Carlos — *A Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra (1913-1969): génese, formação e desenvolvimento* (2.ª edição). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. DOI: 10.14195/978-989-26-2199-9

Fontes documentais

- Anuário da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1866-1986.
- Atas das congregações da Faculdade de Matemática, 1773-1911*. Arquivo da Universidade de Coimbra.
- Atas das congregações da Faculdade e da Secção de Matemática, 1911-1935*. Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra.
- Correspondência do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra*. Arquivo do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra.
- Diário do Governo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869-1913.
- Diário do Governo. I Série*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1914-1976.
- Documentos de despesa da Universidade de Coimbra (Reitoria, Arquivo, Biblioteca Geral e Faculdades), 1834-1976*. Arquivo da Universidade de Coimbra.
- Registo de Provimientos e Portarias dos Prelados, 1772-1911*. Arquivo da Universidade de Coimbra.

Observações astronómicas e ensino de astronomia em Coimbra à luz de uma carta de Cristoforo Borri a André de Almada (1626)¹

Astronomical observations and the teaching of astronomy in Coimbra in the light of a letter from Cristoforo Borri to André de Almada (1626)

Luís Miguel Carolino²

Carlota Simões³

Isabel Ramires⁴

RESUMO

Este artigo apresenta uma carta autógrafa original, inédita, recentemente encontrada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra-BGUC, escrita

-
- 1 Queríamos deixar expresso o nosso agradecimento a A. E. Maia do Amaral pelo incentivo e pelas condições que nos deu para escrever este artigo.
 - 2 Professor Associado no Departamento de História no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) CIES-IUL. <https://orcid.org/0000-0002-0138-2181>; luis.miguel.carolino@iscte-iul.pt.
 - 3 Diretora da Imprensa da Universidade de Coimbra e Professora Auxiliar no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, CFisUC; <https://orcid.org/0000-0001-7210-5299>; carlota@mat.uc.pt.
 - 4 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC); <https://orcid.org/0000-0001-6772-5741>; iramires@bg.uc.pt

pelo matemático e astrónomo Cristóforo Borri, padre da Companhia de Jesus, ao lente de Teologia da Universidade de Coimbra, Dom André de Almada, porcionista do Colégio de São Paulo, conceituado estudioso, matemático e astrónomo. A carta foi escrita no período em que Borri ensinava no Colégio das Artes de Coimbra, em 1626 e 1627, e foi encontrada entre as páginas do exemplar da obra *Tabulae frisiae lunae-solares quadruplices* (Alkmaar, 1611) de Nicolaus Mulerius, do acervo da Biblioteca Joanina pertencente à BGUC. Para além da datação precisa da missiva, com base nas efemérides evocadas por Borri, o artigo contextualiza as investigações cosmológicas e astronómicas de Borri, na ciência da época e o seu papel na defesa do sistema de Tycho Brahe e as atividades científicas promovidas em Coimbra por Almada. O artigo mostra o desenvolvimento, na segunda década do século XVII, de um programa de observações astronómicas, em particular de Marte, em Coimbra, que envolveu não apenas Borri mas também um grupo de *literati*, liderado por Almada, detentor de uma notável e atualizada biblioteca científica e de instrumentos astronómicos, que supriam as faltas das livrarias dos colégios e universitária. O estudo revela a relevância deste programa astronómico nos planos do curso ministrado por Borri nos colégios jesuítas de Coimbra e na Aula da Esfera no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, no ano de 1627/28, e da sua obra maior *Collecta Astronomica* (Lisboa, 1631), considerada a mais influente na astronomia em Portugal no século XVII. O artigo inclui a transcrição e leitura do manuscrito.

PALAVRAS-CHAVE

Borri, Cristoforo (1583-1632); Almada, André de (1570-1642); Observações astronómicas, Coimbra, 1626-1627; Ensino da astronomia, Coimbra, século XVII, Atividade científica, Coimbra, século XVII; História da ciência; Correspondência erudita

ABSTRACT

This article presents an original, unpublished autograph letter, recently found in the General Library of the University of Coimbra-BGUC, written by the mathematician and astronomer Cristóforo Borri, a priest of the Society of Jesus, to the Theology Lens of the University of Coimbra, Dom André de Almada, a portioner of the College of São Paulo, a renowned scholar, mathematician and astronomer. The letter was written during the period when Borri was teaching at the Coimbra College of Arts, in 1626 and 1627, and was found between the pages of the copy of the work *Tabulae frisiae*

lunae-solares quadruplices by Nicolaus Mulerius (Alkmaar, 1611), from the collection of the Biblioteca Joanina belonging to the BGUC. In addition to the precise dating of the missive, based on the ephemeris evoked by Borri, the article contextualizes Borri's cosmological and astronomical research in the science of the time and his role in defending Tycho Brahe's system and the scientific activities promoted in Coimbra by Almada. The article shows the development, in the second decade of the 17th century, of a program of astronomical observations, particularly of Mars, in Coimbra, which involved not only Borri but also a group of literati, led by Almada, who had a remarkable and up-to-date scientific library and astronomical instruments, which made up for the shortages in the college and university bookshops. The study reveals the relevance of this astronomical program in the course plans taught by Borri at the Jesuit colleges in Coimbra and at the Aula da Esfera at the Colégio de Santo Antão in Lisbon in 1627/28, and his major work *Collecta Astronomica* (Lisbon, 1631), considered the the most influent on astronomy in Portugal in the 17th century. The article includes a transcription and reading of the manuscript.

KEYWORDS

Borri, Cristoforo (1583-1632); Almada, André de (1570-1642); Astronomical observations, Coimbra, 1626-1627; Teaching astronomy, Coimbra, 17th century; Scientific activity, Coimbra, 17th century; History of science; Erudite correspondence

No início de outubro de 1626, D. André de Almada (1570 - 1642), à época professor de Teologia e futuro Reitor da Universidade de Coimbra, recebeu uma carta acompanhada por dois livros de astronomia, provavelmente no Colégio de São Paulo, onde residia. Tratava-se de uma breve missiva escrita de forma rápida por Cristoforo Borri (1583 – 1632), um astrónomo jesuíta que, antes de chegar a Coimbra para ensinar Matemática no Colégio das Artes, havia viajado pelo Extremo Oriente. Almada leu a carta e guardou-a entre as páginas de umas dessas obras, as *Tabulae frisiae lunae-solares quadruplices* do flamengo Nicolaus Mulerius (1564 – 1630). Passados quase quatrocentos anos, a carta foi redescoberta no decurso do trabalho desenvolvido pela

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) na coleção da Biblioteca Joanina⁵. A descoberta deste documento reveste-se de grande importância, não apenas para o estudo do acervo bibliográfico da BGUC, mas, também e principalmente, para a história da ciência em Portugal, em particular das atividades científicas na Universidade de Coimbra em inícios do século XVII.

A carta de Borri revela pormenores sobre um programa de observações astronómicas em curso em Coimbra por volta de 1626, envolvendo Borri e um grupo de académicos entre os quais se destacava o próprio Almada. Membro da mais ilustre nobreza portuguesa, Almada tinha grande interesse pela astronomia e pela astrologia, possuindo uma assinalável coleção de livros e instrumentos astronómicos, como se depreende desta carta. Esta missiva esclarece ainda aspetos relacionados com os conteúdos de astronomia que Borri ensinou no Colégio das Artes.



Figura 1 - D. André de Almada, Reitor da Universidade de Coimbra entre 1638 e 1640. Retrato na Sala do Exame Privado dessa Universidade (Foto de João Armando Ribeiro).

5 A carta foi incorporada no Fundo de Manuscritos da BGUC a 26 de outubro de 2022, com a cota Ms. 3523.

A carta de Borri a Almada: o documento e os intervenientes

A carta que foi recuperada entre as páginas das *Tabulae frisiae lunae-solares quadruplices* de Nicolaus Mulerius⁶ é um documento autógrafo original, de uma página de escrita em letra humanística cursiva descuidada, a tinta de cor sépia, em suporte de papel de fabrico manual, avergoado e filigranado, com a marca de água de um conjunto de três elementos alinhados verticalmente: um trevo, um círculo irregular de contorno simples, vazio, e um coração invertido ladeado pelas letras P e V, sublinhadas⁷, e contramarca indefinida. Trata-se de um pequeno bifólio (28,3 cm x 20,7 cm), não aparado, que apresenta as marcas da dobragem para encerramento da missiva e endereçamento conforme o uso nas trocas epistolares da época, com uma pequena mutilação do canto superior do segundo folio pela quebra do selo aquando da abertura da carta que mantém vestígios da cola sob o papel em que foi aposto o selo branco, de forma circular, com a inscrição «IHS», ao centro e, pouco legível, «Conimbr. Societ[...]» na bordadura.

Este selo permite deduzir que a carta foi expedida do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus, onde residia Cristoforo Borri, ou Cristóvão Bruno como assinou durante a sua permanência em Portugal, entre 1624 e 1629. Tendo nascido na região de Milão, em 1583, e entrado na Companhia de Jesus com cerca de dezoito anos, Borri destacou-se por ter sido um dos primeiros membros da sua ordem religiosa a defender o sistema planetário do dinamarquês Tycho Brahe. Este modelo, ao atribuir o movimento

6 (MULERIUS 1611). UCBGBJ 4-22-17.

7 Encontram-se registos de marcas de água similares na base de dados do Instituto del Patrimonio Cultural de España, *Filigranas Hispánicas*, especialmente filigrana nº 0015391. Disponível em: https://www.cultura.gob.es/filigranas/buscador_visor?viewName=buscador_visor_zoom&cabecera=N&appOrigen=&idFiligrana=0015391A&txt_contraste=0&txt_rotar=0&txt_zoom=10&txt_id_imagen=1&accion=41 (Cons. 11.09.2024)

dos planetas em torno do Sol e defender que o Sol, juntamente com a Lua, orbitava em torno da Terra que permanecia estática no centro do Universo, explicava as observações astronómicas realizadas com o auxílio do telescópio. Contudo, por causa da interseção das órbitas de Mercúrio, Vénus e Marte, o modelo exigia que o céu fosse concebido como um corpo composto de matéria fluida e não dividido em orbes rígidos, como havia argumentado a tradição aristotélico-ptolemaica. Anos antes da aceitação deste sistema pelas autoridades em Roma, Borri expôs e defendeu em público o modelo tychonico nas aulas que ministrou no Colégio de Brera, em Milão, no ano letivo de 1611/12. Como revelou numa longa carta que mais tarde enviou ao Geral da Companhia de Jesus Muzio Vitelleschi, em 1631, o jovem jesuíta pagou essa temeridade com o afastamento da cadeira de Matemática de Brera e, quem sabe, de uma destacada carreira na Península Itálica⁸.

Contudo, as competências científicas de Borri não foram desaproveitadas. Na sequência de pedidos insistentes para ser enviado como missionário para o Extremo Oriente, área de onde chegavam cartas apelando à expedição de missionários com conhecimento astronómicos, Borri acabou por partir rumo à China ou ao Japão em 1615. Concluídos estavam os seus estudos de filosofia e teologia em Milão. Quiseram as dificuldades com que os jesuítas se deparavam em ambas as regiões que Borri acabasse por ir, em inícios de 1618, não para esses países do Extremo Oriente, mas para a Cochinchina. Apesar de inicialmente ter sido encarregue de assistir a comunidade cristã de Faïfo, enquanto aprendia a língua local, Borri teve oportunidade de aí observar um dos cometas que

8 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), "Al molto Reu. Pre. Generale. Christoforo Borri sopra il libro che ho composto per stampare delli tre Cieli", *Armário dos Jesuítas*, vol. XIX, fls. 314r.-317v. Esta carta encontra-se transcrita em (SANTOS 1951: 143-150). De facto, as teorias que Borri preconizou no Colégio de Brera acabaram por ser defendidas e publicitadas mais tarde por Giuseppe Biancani, com quem Borri discutiu cosmologia c. 1614, na sua *Sphaera mundi* (BIANCANI 1620).

rasgaram os céus no final de 1618 e de escrever um livro sobre o Vietname e os costumes do povo vietnamita que, após ser publicado em Roma em 1631, acabaria por ser traduzido do italiano para várias línguas europeias, tornando-se a primeira obra publicada por um ocidental sobre aquela região do sudeste asiático. Por razões não totalmente esclarecidas, Borri abandonou a missão do Vietname e regressou à Europa, em inícios de 1623, após uma estadia de alguns meses em Macau.

Borri terá chegado à Europa em 1624. Enquanto se refazia da longa viagem em Lisboa, vagou no Colégio das Artes de Coimbra a cátedra de Matemática. Instigado a ocupar-se desta disciplina, o padre milanês viajou para Coimbra e aí ensinou matemática entre 1626 e 1627. Foi em Coimbra que escreveu parte substancial da sua *Collecta astronomica*. Esta obra ser-lhe-ia útil quando rumou para Lisboa com a função de ler Matemática na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, no ano letivo de 1627/28. Entre os tópicos que abordou neste colégio encontravam-se a astronomia e a cosmologia.

Para além do ensino destas áreas, em Santo Antão, Borri dedicou-se ainda ao ensino da náutica, detendo-se na questão premente à época da determinação da longitude em mar aberto. Nas suas aulas no colégio lisboeta, propôs três métodos, a saber, o cálculo com base em eclipses, o uso de uma ampulheta, que “conservaria” a hora do meridiano de referência, e o método das retardações da Lua. Contudo, nessa altura, o jesuíta estava a desenvolver um método supostamente mais inovador (ainda que, sabemos hoje, ineficaz), o cálculo da longitude com base nas variações do magnetismo terrestre. O método proposto por Borri tinha na sua base a suposta existência de uma variação regular do magnetismo terrestre, que permitiria estabelecer linhas de orientação *grosso modo* norte-sul nas quais a agulha magnética não apresentava variações de declinação (estas linhas são hoje chamadas *isogónicas*, mas não têm qualquer semelhança com os meridianos da Terra).

Este método gerou forte interesse nas autoridades espanholas que convocaram Borri a apresentá-lo em Madrid. Para lá se deslocou em 1629. Tendo exposto a sua proposta a uma comissão que estava encarregue de avaliar as diferentes soluções e atribuir um prémio àquela que resolvesse tão delicado problema para a navegação, foi-lhe ordenado que desse as devidas instruções a uma frota encarregada de experimentar a sua invenção.

Contudo, ainda antes de saber do insucesso do seu invento, Borri pediu autorização para se deslocar a Roma. Assim, no início do segundo semestre de 1630 embarcou de Barcelona com destino à *caput mundi* do catolicismo. Aí, o destino da sua vida precipitou-se. Logo entrou em contacto com a recém-criada Congregação para a Evangelização dos Povos (*De Propaganda Fide*), criada em 1622 para promover a evangelização à escala planetária. Este contacto parece ter criado uma situação de tensão entre Borri e as autoridades jesuítas. Em dezembro do ano seguinte, ele foi autorizado a abandonar a Companhia de Jesus, não sendo claro se a iniciativa partiu de si ou da ordem. Seguidamente, o milanês entrou na ordem cisterciense, onde tomou o nome de Onofrio. É frequentemente mencionado que, após ter sido admitido no convento cisterciense de *S. Croce in Gerusalemme*, Borri foi daí expulso, tendo tentado ingressar sem sucesso noutra casa da mesma ordem. Contudo, os autores seus contemporâneos, como o cisterciense Charles de Visch, não mencionam o abandono posterior desta ordem⁹. Borri morreu a 24 de maio de 1632¹⁰.

Foi em Coimbra, em torno de 1626, que Borri conheceu D. André de Almada e entrou no seu círculo de amigos e conhecidos, um grupo que partilhava fortes interesses pela ciência astronómica. Almada nasceu no seio de uma família nobre com fortes relações com

9 (DE VISCH 1656: 71-72).

10 Uma biografia de Borri pode encontrar-se em (SANTOS 1951), (DROR & TAYLOR 2006) e (BALDINI 2017: 85-106).

a Corte¹¹. Como fidalgo, recebeu algumas pensões do rei Filipe II¹², uma delas logo após a sua graduação na Universidade de Coimbra¹³. Como membro da aristocracia portuguesa, Almada residiu no Colégio Real de São Paulo¹⁴. Após estudar filosofia e teologia, foi nomeado, no início do século XVII, professor de Teologia¹⁵. Foi na qualidade de professor de *Prima theologia* que Borri o conheceu. Mais tarde, na década de 1630, Almada ocupou por várias ocasiões o lugar de vice-reitor e depois de reitor da Universidade entre 1638 e 1639.

Em Coimbra, para além do seu empenho na carreira docente e na política universitária, Almada teve um papel catalisador na formação de uma espécie de academia informal que, por um lado, juntava docentes universitários, como André de Avelar (1546-c.1623), professor de Matemática na Universidade de Coimbra, e que mantinha contactos com os astrónomos e astrólogos ativos em Lisboa¹⁶. Como era prática entre a nobreza europeia, Almada patrocinou a publicação de várias obras de astronomia e astrologia¹⁷. Foi neste contexto de patrono e interessado pelas ciências que adquiriu vários instrumentos astronómicos, tendo provavelmente constituído uma biblioteca científica.

11 Os seus pais foram Antão Soares de Almada e Vicência de Castro. Almada aparece por vezes mencionado como tendo sido jesuíta, por exemplo em (STEGMÜLLER 1959), mas, tal é falso. As fontes primárias, incluindo a documentação que dele se encontra na BGUC, não o referem como membro da Companhia de Jesus. Sobre a sua biografia, veja-se (CABRAL 1963: 1340), (FERREIRA 1937: 6-7) e (STEGMÜLLER 1959: 20-21).

12 Filipe I de Portugal.

13 ANTT, *Chancelaria de Filipe I*, livro 31, fol. 165v. e livro 32, fols. 251r.-251v.

14 A larga maioria dos internos dos Colégios de São Paulo e São Pedro, em Coimbra, eram membros da aristocracia portuguesa (MONTEIRO 2007: 269)

15 Informação mais pormenorizada do seu processo formativo encontra-se em: Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e graus*, vol. 16, liv. 2, fols. 3r., 33r. e 34r.; vol. 17, liv. 3, fol. 1r.; vol. 18, liv. 1r. fols. 8r.-9v.; vol. 18, liv. 2, fols. 2v.-3r.; *Matriculas*, vol. 2, liv. 1, fols. 1r. e seguintes.

16 Sobre essa academia informal, veja-se (CAROLINO 2016).

17 (CABRAL 1963: 1340), (FERREIRA 1937: 6-7) e (STEGMÜLLER 1959: 20-21), por exemplo.

Entre os livros que adquiriu encontravam-se os dois volumes que Almada emprestou a Borri. Um deles eram as já mencionadas *Tabulae frisiae lunae-solares quadruplices*, de Mulerius. O segundo não aparece especificado na carta de Borri, sendo apenas identificado o seu autor, o alemão David Origanus (1588 - c.1628). Este astrónomo ensinou Grego e Matemática na Universidade de Frankfurt an der Oder e celebrou-se pela publicação de efemérides astronómicas¹⁸. No debate cosmológico, foi, como Tycho, defensor de um modelo geo-heliocêntrico, mas ao contrário do astrónomo dinamarquês, atribuiu um movimento axial à Terra. Origanus observou ainda vários cometas, tendo escrito sobre eles¹⁹.

Atendendo ao facto de o livro de Origanus acompanhar o volume de efemérides de Mulerius, é muito provável que o volume mencionado na carta fossem as *Ephemerides novae annorum XXXVI incipientes ab anno ... 1595*, publicadas por Origanus em 1599 (ORIGANUS 1599), ou as suas *Ephemerides Brandeburgicae coelestium motuum et temporum*, que saíram do prelo em 1609 (ORIGANUS 1609). De facto, na *Collecta astronomica*, Borri cita as *Ephemerides* de Origanus, juntamente com as de Mulerius e de outros autores, para confirmar os cálculos de Tycho relativos à posição dos planetas²⁰.

Como aparece indicado na carta, Borri devolveu estes dois livros a Almada numa segunda-feira: «Da casa hoje 2a. fe[i]ra»²¹. De que segunda-feira se trataria? A breve missiva de Borri dá informações adicionais de carácter astronómico que possibilitam determinar com rigor a data da sua redação. Nas palavras do jesuíta italiano,

O S.[enh]or Marte já neste tempo desceo debaixo do sol, e V.[ossa]
M.[ercê] já o uiria, e notaria pois bem grande, e formoso appareçe;

18 (ORIGANUS 1599 e 1609).

19 Sobre Origanus e as teorias astronómicas, veja-se (OMODEO 2011).

20 (BORRI 1631: 83).

21 BGUC, Ms. 3523, fol. 1r.

mas por estar no sí[g]no de libra seus rumores não terão effeito se não com peso, e consideração, por isso com vagar²².

Para além da possível alusão aos interesses astrológicos de André de Almada²³, este excerto informa que, no momento da redação, Marte estava no signo de Balança e «desceo debaixo do Sol». Consultando efemérides astronómicas para a década de 1620²⁴, observamos que Marte esteve em Balança durante os seguintes períodos:

- 21 de novembro de 1620 a 16 de janeiro de 1621,
- 1 de novembro a 18 de dezembro de 1622,
- 12 de outubro a 26 de novembro de 1624,
- 23 de setembro a 7 de novembro de 1626,
- 4 de setembro a 19 de outubro de 1628,
- 16 de agosto a 1 de outubro de 1630.

Tendo em conta que Borri chegou a Lisboa em 1624 vindo do Oriente, que esteve em Coimbra entre 1626 e 1627 e que no ano letivo de 1627/1628 já estava de regresso a Lisboa a ensinar no Colégio de Santo Antão, a observação mencionada na carta terá certamente ocorrido em 1626, dedução que é confirmada pelo facto de, durante toda essa década, a conjunção entre Sol e Marte ter ocorrido no signo de Balança apenas em 1626²⁵. Nesse ano, o alinhamento exato entre Sol e Marte ocorreu a 23 de setembro, encontrando-se os dois corpos celestes muito próximos segundo a perspetiva do observador terrestre (Figura 2).

22 BGUC, Ms. 3523, fol. 1r.

23 Almada escreveu um breve tratado sobre os cometas de 1618, onde é manifesto o seu interesse pela astrologia. André de Almada, *Observações do cometa que foi visto em novembro do anno de 618*, A.N.T.T. MS LIV 2563, fols. 412r.-415v.

24 Utilizámos para este cálculo *Swiss Ephemeris*: www.astro.com

25 Na verdade, a primeira conjunção entre Sol e Marte em Libra anterior a 23 de setembro de 1626 ocorreu a 8 de outubro de 1611 e a seguinte apenas a 15 de outubro de 1643.

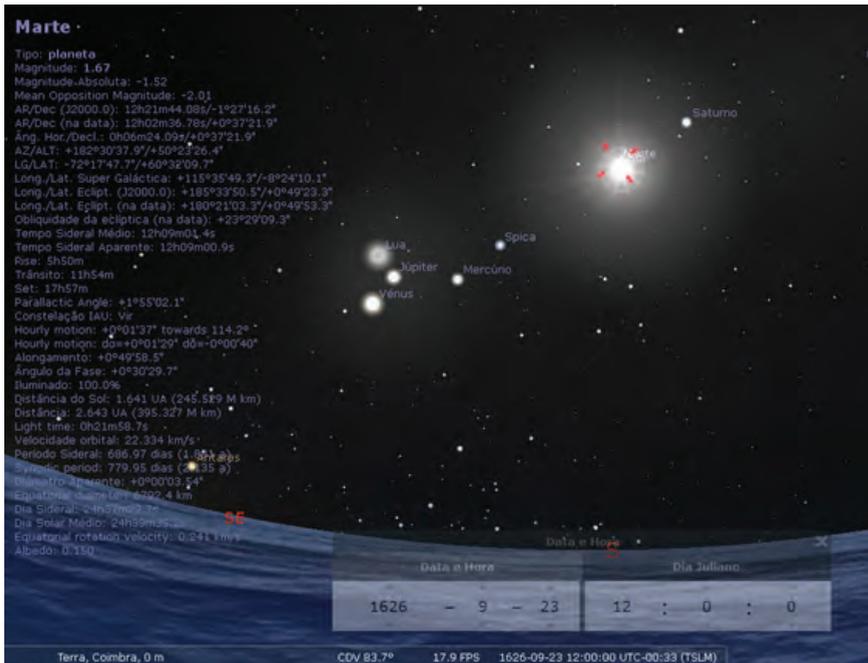


Figura 2 – Conjunção entre Sol e Marte às 12h00 do dia 23 de setembro de 1626. Nesta imagem obtida com o programa *Stellarium* retirou-se a luz solar para serem visíveis os dois astros.

Sabemos ainda que a carta foi escrita numa segunda-feira. Como o dia 23 de setembro de 1626 foi uma quarta-feira, as datas possíveis para a carta são 28 de setembro, 5, 12, 19 ou mesmo 26 de outubro. Não conhecemos as ferramentas que Borri tinha ao seu dispor, mas é sensato supor que terá feito as observações ao nascer do sol. A datação exata da carta depende da precisão dos instrumentos de observação usados por Borri.

A Figura 3 mostra o nascer do sol em Coimbra nos dias 28 de setembro, 5, 12 e 19 de outubro de 1626. É pouco provável que Marte fosse visível no dia 28 de setembro por se encontrar muito próximo do Sol, mas a 5 de outubro já seria observável com a ajuda de um telescópio e a 12 de outubro já seria visível a olho nu. Assim, a carta terá sido escrita numa segunda-feira de outubro de 1626, dia 5, 12 ou 19.

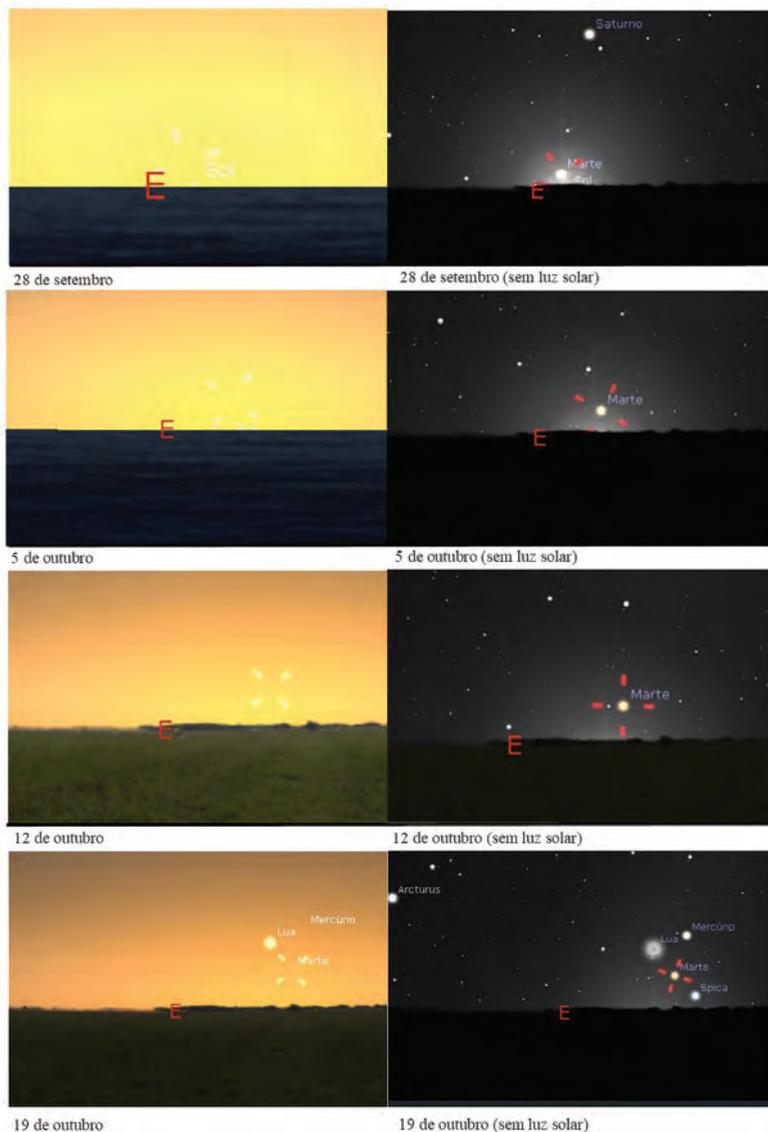


Figura 3 – Nascer do Sol nas quatro primeiras segundas-feiras após a conjunção entre Sol e Marte. Imagens obtidas com o programa *Stellarium*.

Na carta, Borri acrescenta outras referências temporais. Menciona ter começado a refutar a astronomia antiga «já antes das férias», reservando as demonstrações «astrológicas» (i.e. astronómicas) para o início do ano letivo. Esta referência corrobora a interpretação se-

gundo a qual a observação referida na carta terá ocorrido no mês de outubro, quando o ano letivo de 1626/27 tinha acabado de começar.

A historiografia tem afirmado que Borri ensinou no Colégio das Artes nesse ano letivo. Contudo, a missiva agora descoberta permite concluir que o jesuíta já estava envolvido em atividades letivas no ano letivo anterior. Como afirma na carta, «já antes das férias comecei de refutar a astronomia antiga»²⁶. Ou seja, ele já se encontrava a ensinar Astronomia, no Colégio das Artes, em 1625 ou, com mais certeza, durante o primeiro semestre de 1626. Estas aulas podem não ter sido necessariamente públicas, mas privadas para um grupo de estudantes.

As observações e o ensino de astronomia em Coimbra

Na sua *Collecta astronomica*, Borri menciona *en passant* um conjunto de observações astronómicas realizadas durante a sua estadia em Coimbra. O estudo dessas referências, em conjunto com as informações que se encontram na carta de Borri a Almada, permite concluir que desenvolveu um programa de observações durante o período em que ensinou no Colégio das Artes e durante o qual escreveu a *Collecta*. O papel de Almada como catalisador da comunidade científica local foi decisivo para o sucesso dessas observações. Ele forneceu ao jesuíta as efemérides astronómicas de Mulerius e Origanus, obras necessárias para saber as coordenadas do Sol, da Lua e de outros corpos celestes em intervalos de tempo específicos. Almada dispunha, ainda, de um conjunto de instrumentos matemáticos e astronómicos que possibilitaram essas observações.

É de sublinhar o lamento de Borri a Almada acerca dos recursos matemáticos no Colégio de Jesus: «D[eu]s lhe pague por muytas ouses à grande charidade, que nisto me faz porque se V[ossa] M[ercê] não fora, e me socorrera não sei que, e como hauia de fazer, porque deixão cá

26 BGUC, Ms. 3523, fol. 1r.

isto *muy desamparado em cousas mat[emati]cas*.²⁷» Este desabafo, em 1626, vai ao encontro de descrições posteriores de outros visitantes estrangeiros ao colégio jesuíta de Coimbra, como Ferdinand Verbiest (1623 – 1688) em 1656 e Antoine Thomas (1644–1709) em 1678, que se referiram a uma oferta muito pobre de livros de matemática no Colégio de Jesus, que contrastava com bibliotecas privadas bem fornecidas (GOLVERS 2020). Numa carta escrita em Coimbra, a 16 de dezembro de 1656, dirigida a Athanasius Kircher (1602 – 1680), em Roma, Verbiest assinala a não existência de livros de Kircher nos colégios jesuítas, encontrando-os na coleção de «um Doutor em Medicina, uma autoridade na Universidade», que possuía quase todos os livros de Kircher. Noël Golvers identificou este Doutor como sendo Francisco Rodrigues Cassão (1596 – 1666), médico astrónomo, possuidor de uma boa biblioteca multidisciplinar (GOLVERS 2020: 163). Anos mais tarde, numa carta escrita em Coimbra, a 28 de março de 1678, dirigida à Duquesa de Aveiro²⁸, em Madrid, Thomas diz que vai começar as suas aulas, «quase destituído de livros, porque nesta região quase não se encontram livros de matemática».

Joaquim de Carvalho, num texto acerca do impacto em Portugal das observações de Galileu, faz referência às observações astronómicas de Borri com recurso aos instrumentos de André de Almada²⁹. Uma informação importante que a carta de Borri dá é o facto de tanto ele como André de Almada estarem a fazer observações astronómicas, em separado, o que pode significar que Borri fazia as suas observações a partir de algum lugar no Colégio de Jesus ou no das Artes. A Figura 4 mostra as perspetivas axonométricas dos colégios de Jesus e das Artes, referentes aos anos de 1616, 1640 e 1698 (LOBO 2020: 58-60). A estadia de Borri corresponde a uma data

27 BGUC, Ms. 3523, fol. 1r.

28 Maria de Guadalupe de Lancastre y Cardenas Manrique, 6.ª duquesa de Aveiro (1630 – 1715), mecenas de Antoine Thomas.

29 (CARVALHO 1943)

entre as duas primeiras, e por essa razão ele terá encontrado várias estruturas em construção, nomeadamente a igreja. É possível que a estrutura já existente permitisse a colocação de um telescópio para observações: Thomas, que esteve em Coimbra meio século depois de Borri, afirma na sua obra *Synopsis Mathematica* (1685), escrita parcialmente em Coimbra, ter feito observações astronómicas na igreja do Colégio, pois esta «ainda não tinha abóbada»:

*Exempla harum obfervationum altitudinis Poli fint hæc facta anno 1678 Conimbricæ in Collegio Societatis JESV, ad quas deferviit novum templum nondum fornice obductum*³⁰.

A estadia de Thomas corresponde a uma data entre as duas últimas representadas na Figura 4, e permite-nos concluir que, em 1678, a cúpula da igreja ainda não existia. Na Figura 4 está indicada a orientação do sol nascente (vermelho), de modo a podermos identificar possíveis pontos de observação para Borri, e a orientação do Pólo Norte (azul), observado por Thomas a partir da igreja sem cúpula.

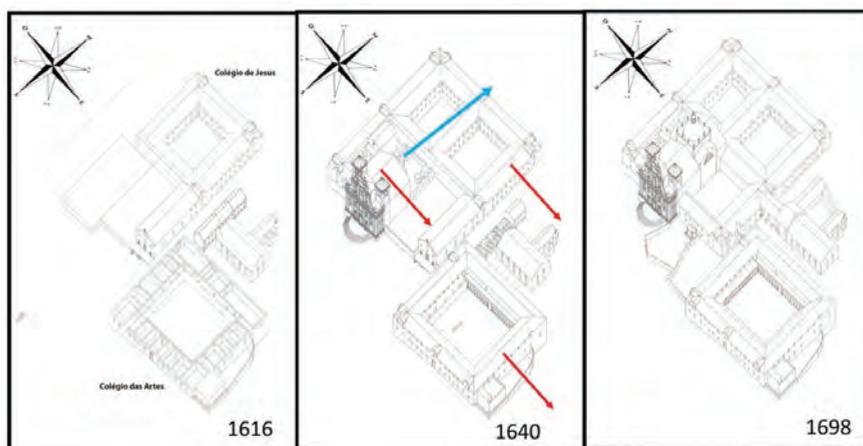


Figura 4 – Os edifícios nos anos de 1616, 1640 e 1698. As setas vermelhas indicam a orientação do Sol ao amanhecer, observado por Borri em 1626, e a seta azul indica o Pólo Norte, observado por Antoine Thomas c. 1678. Créditos: (LOBO 2020).

30 (THOMAS 1678: pars secunda, Tractatus XV, p. 394).

Na carta, Borri menciona ainda um compasso, que ele devolveu juntamente com os dois livros de astronomia. Na *Collecta*, deteve-se um pouco mais na identificação de outros instrumentos, entre os quais o telescópio com que ele observou, nomeadamente, em julho de 1627, a superfície da Lua que ali surge representada³¹. Instrumental nesse programa de observações foi, também, um sólido quadrante que André de Almada mandou construir de acordo com a descrição que deste instrumento Tycho Brahe fez no seu livro *Astronomiae instauratae mechanica* (BRAHE 1598). Referindo-se ao quadrante de Almada, Borri afirmou:

Este instrumento é um quadrante construído de facto em madeira, mas é muito sólido (*solidissimus*), e protegido por uma folha de bronze muito fina e muito lisa e distinta nas suas partes. Em magnitude, excede os instrumentos antigos, sendo o seu semi-diâmetro de aproximadamente seis palmos. Assim, distinguem-se de forma muito nítida não apenas os graus, mas também os minutos³².

Tal instrumento foi usado por Borri em inúmeras observações que juntaram vários matemáticos e astrónomos³³. Um dos objetos celestes que mereceu especial atenção foi justamente o planeta identificado na carta a Almada: Marte. A observação em diferentes posições da sua órbita em torno do Sol era particularmente relevante para Borri. Através destas observações, o jesuíta pretendia demonstrar, por um lado, que o sistema de Tycho estava certo e que, por outro lado, os céus, ao contrário do que defendiam os filósofos aristotélicos mais ortodoxos, se constituíam de matéria fluida e não sólida. Para isso, era determinante observar a órbita

31 (BORRI 1631: 136-137, 145-146); (SIMÕES, MIRANDA e CASALEIRO 2020: 15-16).

32 (BORRI 1631: 80).

33 (BORRI 1631: 80).

de Marte e demonstrar que Marte se encontrava numa posição ora superior ora inferior ao Sol. Tal só seria possível se Marte orbitasse em torno do Sol e não fosse impedido no seu movimento pela presença de um corpo rígido.

No seu esforço por medir a “altura” de Marte, Borri fez recurso constante ao quadrante de Almada. Assim, pôde determinar, por exemplo, na noite de 21 de novembro de 1627 «na companhia de muitos matemáticos» (*cum multis Mathematicis*) que, estando em oposição ao Sol e, portanto, numa posição favorável à observação, Marte se encontrava claramente mais próximo da Terra do que o Sol, que por aqueles dias se aproximava do seu perigeu³⁴. Nesse momento, Marte apresentava uma paralaxe maior do que o Sol, não havendo outra conclusão a retirar desta observação senão que Marte estava numa posição inferior ao Sol do ponto de vista do observador terrestre³⁵.

Esta observação, em conjunto com a observação das fases de Vénus (e Mercúrio), provava que os planetas orbitavam em torno do Sol. Este, juntamente com a Lua e as estrelas fixas, girava incessantemente em volta da Terra, imóvel no centro de universo. Ou seja, os corpos celestes moviam-se justamente de acordo com o sistema geo-heliocêntrico de Tycho (Figura 5).

34 Borri ainda não estava a par das novas descobertas de Kepler que colocaram os planetas em órbitas elípticas e não circulares. A Terra move-se numa órbita elíptica em torno do Sol, atingindo o periélio (ponto da órbita da Terra mais próximo do Sol) poucos dias depois do solstício de dezembro. Numa perspetiva geocêntrica, a 21 de novembro o Sol estava perto do seu perigeu (o ponto da órbita mais próximo da Terra).

35 (BORRI 1631: 164-165).

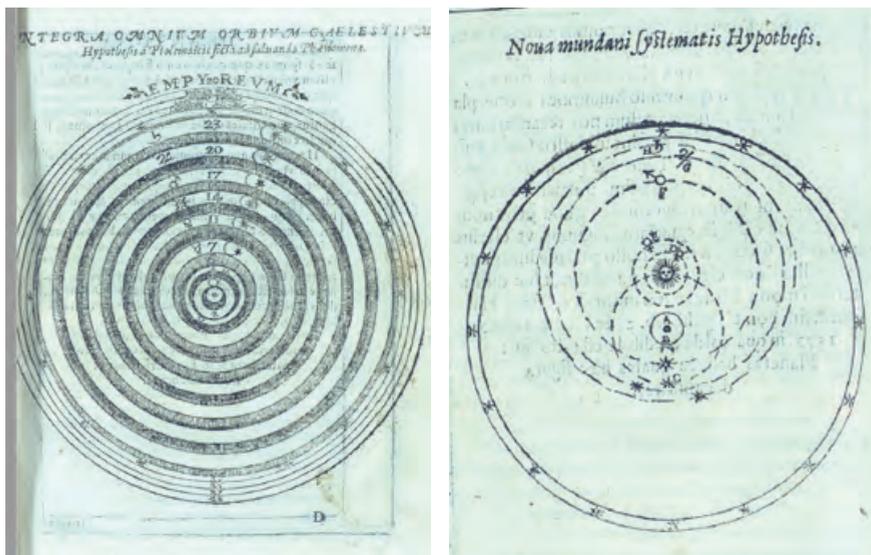


Figura 5 – Modelo ptolomaico, com orbes separadas para cada um dos planetas (BORRI 1631: 49) e modelo de Tycho, com órbitas que se intersectam e onde estão assinaladas posições de conjunção e oposição entre Marte e Sol (BORRI 1631: 184).

Já quanto à questão da fluidez celeste, Borri deixava no ar, de forma retórica, o seguinte repto: «esclarecido isto [i.e. a posição de Marte interior à órbita do Sol], rogo aos adversários que nos expliquem de que modo se pode conciliar a solidez dos céus com a descida e ascensão deste planeta [em relação ao Sol]?³⁶»

Nas suas aulas no Colégio das Artes, Borri mostrou que tal conciliação não era possível. Conforme escreveu André de Almada, começou por apresentar os argumentos de natureza filosófica e teológica para, depois, entrar nas demonstrações astronómicas³⁷. Nas suas palavras,

Já antes das ferias comecei de refutar a astronomia antiga dos ceos mas some[n]te em qua[n]to a algu[n]s arg[umen]tos philosophicos, e theologicos; reservandome as demonstr[açõ]es astrologicas p[ar]a o princ[íp]io dos estudos; parece-me que os ouvintes es-

36 (BORRI 1631: 165).

37 Neste período, astrologia aparece frequentemente como sinónimo de astronomia.

tão já basta[n]teme[n]te dispostos p[ar]a não estranharem a nossa opinião; em fim tantas bombardadas visaremos à esses ceos não só com o piloro de marte, mas com todos os [dos] mais planetas, cometas, e estrellas, que me parece não ficará cousa nenhuma solida e dura que lhes possa resistir³⁸.

Por esta carta sabemos que um dos principais objetivos do jesuíta era justamente demonstrar que os céus eram fluidos. Os argumentos astronómicos seriam como que as definitivas «bombardadas» contra a ideia da existência de uma muralha celeste. A análise de um texto posterior que Borri usou nas suas lições da Aula da Esfera em Lisboa confirma o teor da carta³⁹. Aí, o jesuíta começou por expor de forma muito breve os princípios do tratado da Esfera, passando seguidamente às «aparências» astronómicas que havia a explicar, ou «salvar» como se designava à época. Neste âmbito, Borri aproveitou a ocasião para apresentar o sistema de Copérnico, que refutou com argumentos matemáticos, físicos e bíblicos. Segue-se a exposição de como a astronomia ptolemaica explicava tradicionalmente essas «aparências» com recurso a um complexo sistema de orbes concêntricos, excêntricos e epiciclos. No sexto capítulo, Borri refutou finalmente «a opinião Ptolomaica com razões Philosophicas»⁴⁰, seguindo-se as «Resois scripturais contra a opinião Ptolomaica»⁴¹.

Seguem-se as demonstrações astronómicas que Borri havia reservado para o início do ano e que provavam que o siste-

38 BGUC, Ms. 3523, fol. 1r.

39 Conhecem-se dois exemplares destas lições preservados na BGUC (*Nova Astronomia na qual se refuta a antiga da multidão de 12 ceos pondo so tres Aereo, Cidereo e Impireo*, Ms. 44, fls. 65-143v.) e na Biblioteca Pública de Évora (COD. *Nova Astronomia na qual se refuta a Antiga da multidão de XII ceos pondo so tres Aereo, Sydereo e Empireo*, CXVI/1-17).

40 BORRI, *Nova Astronomia na qual se refuta a antiga da multidão de 12 ceos pondo so tres Aereo, Cidereo e Impireo*, BGUC, Ms. 44, fols. 81r.-84r.

41 BORRI, *Nova Astronomia...*, Ms. 44, fols. 84r.-87v.

ma tradicional não podia ser tomado como verdadeiro. Essas observações constituem justamente, nas palavras de Borri, as «nouas apparencias que no ceo se obseruarão nestes nossos tempos», a saber, as observações de Tycho sobre o movimento de Marte, a «estrela nova» de 1572 e o cometa de 1577; as observações dos cometas de 1618; a observação telescópica da superfície irregular da Lua e das manchas solares (esta parte é antecedida de exposição breve dos princípios do telescópio); a observação das fases de Vénus e de Mercúrio; a análise dos satélites de Júpiter e da forma que Saturno apresenta com «três corpos» aparentes⁴².

Estas novas observações exigiam que se concebesse a região celeste como sendo um imenso espaço fluido, que Borri defendeu ser dividido em três regiões, a região aérea, correspondendo ao espaço entre a superfície terrestre e o ponto mais elevado da atmosfera, o céu sideral, que compreendia a região da Lua até às estrelas fixas, onde giravam os corpos celestes de acordo com o modelo geo-heliocêntrico de Tycho, e, por último, o céu empíreo, que a tradição católica atribuía ao espaço ocupado por Deus, os santos e os bem-aventurados (Figura 6). Borri concebia a matéria que compunha a região terrestre e o céu sideral como sendo da mesma natureza. Tratava-se de um ar que se tornava cada vez mais puro à medida que ascendia à região celeste. Por causa dessa pureza e para o distinguir do ar terrestre, Borri designou esse ar que se encontrava na região celeste de *aura aetherea*. Os céus eram, assim, na sua interpretação, fluidos e corruptíveis⁴³.

42 Borri, *Nova Astronomia*...BGUC, Ms. 44, fols. 89r-107r.

43 Borri aderiu à noção da corruptibilidade celeste mais tarde, provavelmente apenas após o seu regresso à Europa. Para mais pormenores sobre o pensamento cosmológico do jesuíta italiano e sua evolução, veja-se (CAROLINO 2008).

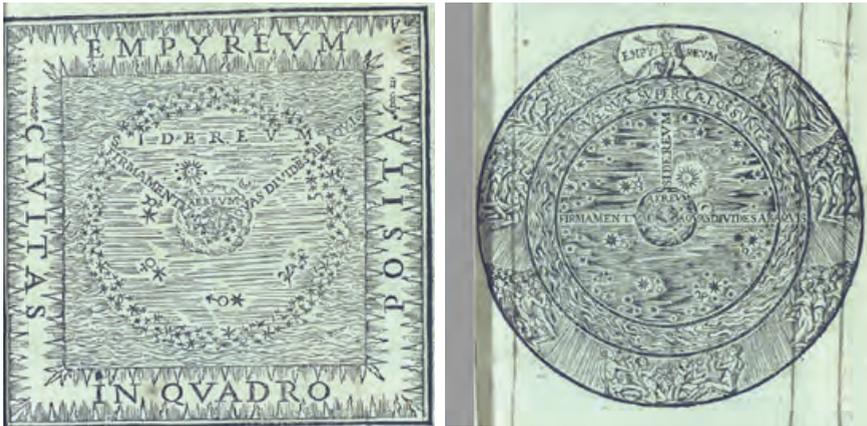


Figura 6 – Representação do mundo onde no centro se encontra a Terra e a região aérea, à sua volta o céu sideral e por fim o céu empíreo (BORRI 1631: 291) e (BORRI 1631: 184).

Entre os argumentos que provavam a fluidez celeste encontravam-se justamente as observações sobre o movimento de Marte em torno do Sol. Nas aulas que posteriormente iria dar na Aula da Esfera no Colégio de Santo Antão, Borri não se deteve na exposição das suas observações de Marte quando se encontrava em Coimbra e usufruía das facilidades e do estímulo intelectual fornecidos por Almada e pelo seu círculo de *mathematicos*. Aí menciona apenas que o movimento de Marte é uma das principais provas da fluidez celeste, segundo as palavras que usou na Aula da Esfera,

Mas sobretudo o que mais conuence o entendimento e a resão he a clara experiencia, com que se ue obserua no Planeta a que chamamos Marte; a qual experiencia he tanto mais certa quanto mais ueses, e mais claramente se ue neste que en todas as mais nouas obseruacois que dizemos [...]. Esta [observação] de Marte qualquer astronomico com algum bom instrumento dos que usa em sua Arte pode facilmente observar. E he que com o sitio de Marte estar posto em lugar mais alto que o Sol; contudo pellas nouas obseruaçois dos Mathematicos, em particular de Thico Brahe, e João Keplero, consta como ia disemos, que todas ueses que Marte se acha oposto ao Sol

se acha sempre mais baixo, e perto da Terra que o Sol ⁴⁴ [...] Por onde bem claramente se colhe a uerdade de nossa conclusão que he affirmar que não ha mais que hum so Ceo de todos os Planetas, e este [é] tão ralo, tenue e delicado, que sem nenhuma repugnancia se deixe penetrar delles como se fora o mesmo ar⁴⁵.

Na *Collecta astronomica* que compôs quase inteiramente em Coimbra⁴⁶, Borri é bem mais detalhado na sua exposição⁴⁷. Entre muitos outros aspetos, nessa sua obra, menciona com maior pormenor as observações astronómicas que realizou em Coimbra e, em particular, a já referida observação de Marte, quando se encontrava em oposi-

44 Esta afirmação mantém-se verdadeira no sistema heliocêntrico. A distância média da Terra ao Sol é 150 milhões de quilómetros, a distância média entre Marte e Sol é 228 milhões de quilómetros. Assim, quando um observador na Terra vê Sol e Marte em oposição, significa que o Sol, a Terra e Marte se encontram alinhados, por esta ordem, estando Marte mais próximo do que o Sol.

45 BORRI, *Nova Astronomia...*, BGUC, Ms. 44, fols. 108r-108v.

46 Na versão manuscrita do tratado *Relatione della Nuova Missione delli PP. della Compagnia di Giesu al regno della Cocincina*, que se encontra datada de 8 de junho de 1627, Borri menciona que, a par de um tratado de “arte de navegar”, tinha próximo de enviar para o prelo um livro sobre “la vera sentenza della tenuità e fluidità de Cieli”. Borri, *Relatione d'alcune cose di edificazione occorse al P. Christoforo Borro della Compagnia di Giesù nell'India Orientale, massime in Cochinchina*, Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap.Sin. 68, fol. 46r.

47 Aparece, por vezes, mencionado na historiografia sobre Borri que a *Collecta astronomica* é uma tradução para latim do tratado em português *Nova astronomia* realizada pelo jesuíta francês Dominique Le Jeunehomme. Segundo o relato mordaz deste jesuíta, após anos de viagens entre a Europa e o Extremo Oriente, Borri ter-se-ia esquecido da sua língua materna e do latim e, conseqüentemente, decidido escrever a *Collecta* em português. Face ao suposto desejo dos jesuítas da província lusitana em ver o livro do seu confrade alcançar as audiências europeias, Le Jeunehomme ter-se-ia oferecido para verter a obra para latim. Esta versão sobre a génese da obra maior de Borri foi retomada por Carlos Sommervogel na sua monumental *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, originando a perpetuação do erro (SOMMERVOGEL 1890: 1821). Contudo, esta interpretação da génese desta obra não tem qualquer fundamento. Antes de mais, os documentos existentes da década de vinte mostram que Borri tinha um domínio excelente tanto do italiano como do latim. E, sobretudo, uma análise comparativa das versões portuguesas e latina do texto mostram que o texto latino inclui muitos pormenores técnicos que não se encontram no correspondente português. *A Nova Astronomia* trata-se, portanto, do texto lido em sala de aula do Colégio de Santo Antão e, logo, mais resumido do que o livro latino.

ção ao Sol, na noite de 21 de novembro de 1627 «na companhia de muitos matemáticos». A *Collecta astronomica* será publicada poucos anos mais tarde em Lisboa, tornando-se provavelmente a obra de astronomia mais influente em Portugal durante o século XVII⁴⁸. E, assim, essa observação de Marte tornar-se-á um dos argumentos usados no debate astronómico e cosmológico entre os filósofos e matemáticos portugueses de seiscentos.

Podemos antever pela carta que Borri endereçou a Almada que essa observação de Marte, em novembro de 1627, não foi um evento casual. Ela fez parte certamente de um plano de observações consistente. Assim se explica que o único evento astronómico mencionado na carta escrita em outubro de 1626 seja justamente sobre a posição de Marte e a sua relação com o Sol: «o S[enh]or Marte já neste tempo desceo debaixo do sol, e V[ossa] M[ercê] já o viria, e notaria pois bem grande, e formoso appareçe [...] no si[g]no de libra»⁴⁹.

Por último, a carta que Borri endereçou a Almada fornece, como acabámos de ver, uma descrição sumária dos conteúdos das aulas que o jesuíta ministrou no Colégio das Artes. Não se conhece uma apostila completa dessas aulas⁵⁰. Contudo, comparando esta descrição com as apostilas das aulas que ministrou no ano letivo seguinte na Aula da Esfera conclui-se que, em Lisboa, o jesuíta seguiu o plano que havia concebido, um ano antes, no Colégio das Artes. Em Lisboa,

48 Sobre a influência de Borri e da sua *Collecta*, veja-se (CAROLINO 2009).

49 BGUC, Ms. 3523, fol. 1r.

50 Na Biblioteca Nacional de Portugal conserva-se um documento intitulado “Tractatus aliquot de mathematica disciplina traditi a P. Christophoro Brono e Societate Iesu” (COD. 2378, fls. 60-90v.) que inclui, para além de uma discussão inicial sobre o estatuto científico da matemática, uma introdução ao Tratado da Esfera. Nesta, o jesuíta italiano abordou os tópicos comuns deste género de literatura científica, como, por exemplo, a forma e os elementos constitutivos da “esfera terrestre”, a forma e as dimensões da “esfera celeste” e dos astros, os “círculos das esferas”, as “coordenadas” celestes, o zodíaco e as constelações observáveis nos dois hemisférios, bem como o número de estrelas fixas. Este fragmento poderá ter constituído a primeira parte do curso de matemático que ensinou em Coimbra.

como em Coimbra, o astrónomo começou por refutar a astronomia antiga com alguns argumentos filosóficos e teológicos para depois passar às evidências astronómicas de que não existiam orbes rígidos como a tradição ptolemaica havia defendido. Havia, portanto, que preconizar o modelo geo-heliocêntrico de Tycho, aceitando todas as consequências cosmológicas associadas a esse modelo planetário.

Em suma, a carta que Borri endereçou, em outubro de 1626, ao professor de Teologia e futuro Reitor da Universidade de Coimbra, que agora se descobriu no acervo da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra e se publica em anexo, reveste-se da maior importância não apenas para a história da proveniência das espécies do acervo desta biblioteca, mas também para o conhecimento de uma importante página da história da ciência em Coimbra. Ela sugere que, na segunda metade da década de vinte do século XVII, existiu um programa de observação astronómica de Marte em Coimbra. Esse plano envolveu Borri e um conjunto de *literati*, entre os quais Almada. Patrono das ciências, a ele se deveu a aquisição de livros astronómicos úteis para as observações e, sobretudo, a construção de instrumentos como um telescópio e um quadrante de dimensões apreciáveis⁵¹. Este plano de observações foi de capital importância para as aulas que Borri ministrou no Colégio das Artes e para a redação da sua *Collecta astronomica*. As teses centrais deste livro que foram ensinadas em Coimbra, como a fluidez e a corruptibilidade celeste, a divisão tripartida do Universo ou a defesa de que os corpos celestes se deslocavam segundo o modelo de Tycho Brahe, encontram-se, em parte, justificadas pelas observações conimbricenses.

51 (CARVALHO 1943).

Transcrição da carta

Relativamente às normas de transcrição, tendo em conta as especificidades da escrita na época e a inteligibilidade do texto, respeitámos a grafia do documento, porém com a resolução das abreviaturas, incluindo as nasais, com os elementos em falta dados entre parênteses retos, e a substituição do «u» com valor consonântico pelo «v». Vão entre [] todos os termos e expressões acrescentados ao original, resultantes da nossa leitura ou interpretação; assinalam-se as dúvidas de leitura com [?]. As palavras adicionadas entrelinhas ou na margem, no original, colocam-se entre < >, antecedidas por seta indicativa do sentido da sua deslocação. As mudanças de linha são assinaladas por /. Os acidentes de escrita, como texto rasurado, são também anotados.

1626, outubro. Carta dirigida a Dom André de Almada, Coimbra, por Cristóvão Bruno.

UCBG Ms. 3523

[Sobrescrito, na página final do bifólio]

Ao P[adr]e Dom Andre
Dalmada Lente de P[r]ima
no Collegio Real
Que D[eu]s guarde

[fol.1r]

Là vão os dous livros de V[ossa] M[ercê] o origano / e Taboas friscas com o compasso. D[eu]s / lhe pague por muytas veses à grande / charidade, que nisto me faz porque se V[ossa] M[ercê] / não fora, e me socorrera não sei / que, e como havia de fazer, porque / deixão cá isto muy desemparado / em cousas mat[emát]icas. O S[enho]r Marte já neste / tempo desceo debaixo do sol, e

V[ossa] M[ercê] já o / viria, e notaria pois bem grande, e formo- /so
appareçe; mas por estar no sino de libra / seus rumores não terão
effeito se não com / peso, e consideração, por isso com vagar.

Já antes das ferias [texto rasurado indecifrado:] xxxxx <↓come-
çei> de refutar a / astronomia antiga dos ceos mas some[n]te
/ em qua[n]to a alguns[?] arg[umen]tos philosophicos, e / theo-
logicos; reservandome as demonstr[aç]ões / astrologicas p[ar]a
o princ[ip]io dos estudos; / parece-me que os ouvintes estão já
bastante- / me[n]te dispostos p[ar]a não estranharem / a nossa
opinião; em fim tantas bom- / bardadas visaremos à esses ceos
não só / com o piloro de marte, mas com todos os / <→dos> mais
planetas, cometas, e estrellas, que me / parece não ficará cousa
ninhuma solida [continua na margem direita, da cabeça para o
pé da página:] e dura que lhes possa resistir. No mais veja se /
em alguma cousa p[re]sto, e me mande que me achará / sempre
p[re]stes no que for de seu serviço. com que N[osso] S[enho]r, &

De casa hoje 2ª fe[i]ra.

D[e] V[ossa] M[ercê]

servo em [Cris]to

[Cristov]ão Brono⁵²

52 Versão atualizada:

Ao Padre Dom André de Almada, Lente de Prima, no Colégio Real, que Deus guarde.
Lá vão os dois livros de Vossa Mercê, o *origano* e *Taboas frísicas*, com o compasso.

Deus lhe pague por muitas vezes à grande caridade que nisto me faz, porque se
Vossa Mercê não fora, e me socorrera, não sei que, e como havia de fazer, porque
deixam cá isto mui desamparado em cousas matemáticas.

O Senhor Marte já neste tempo desceu debaixo do sol, e Vossa Mercê já o veria,
e notaria, pois bem grande, e formoso aparece; mas por estar no signo de libra seus
rumores não terão effeito se não com peso, e consideração, por isso com vagar.

Já antes das férias comecei de refutar a astronomia antiga dos céus mas so-
mente em quanto a alguns argumentos filosóficos, e teológicos; reservando-me
as demonstrações astrológicas para o princípio dos estudos; parece-me que os
ouvintes estão já bastantemente dispostos para não estranharem a nossa opi-
nião; em fim tantas bombardadas visaremos a esses céus não só com o piloro de
marte, mas com todos os dos mais planetas, cometas, e estrelas, que me parece
não ficará cousa nenhuma sólida e dura que lhes possa resistir. No mais veja se

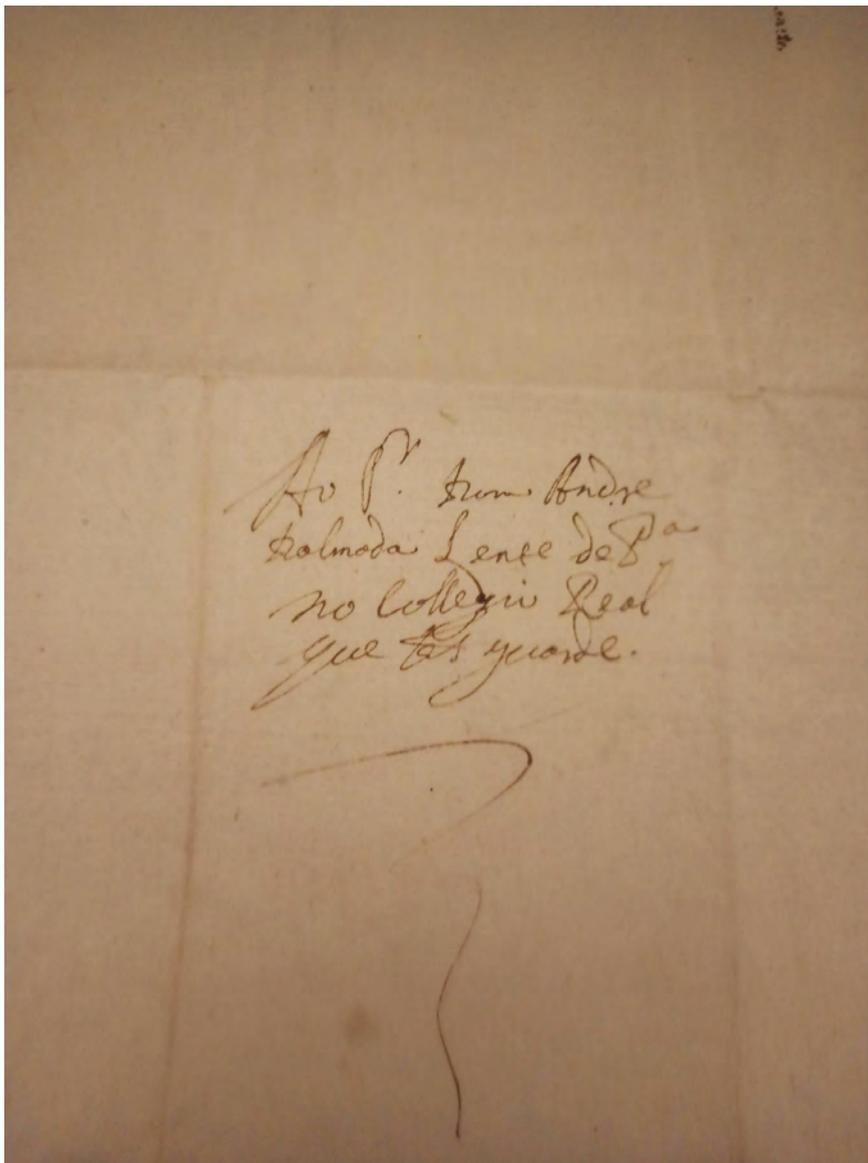


Figura 7 – Carta de Borri a Almada (sobrescrito).

em alguma cousa presto, e me mande que me achará sempre prestes no que for de seu serviço. Com que Nosso Senhor, etc.

De casa, hoje 2.^a feira.

De Vossa Mercê

servo em Cristo

Cristóvão Bruno

À v. m. os dois livros de v. m. o original
e Taboas fricas com o compo, tiz
he pague por muitas vezes a grande
chividade, que nisto me faz porque se v. m.
não fora, e me socorria não sei
que, e como havia de falar, porque
deixar a isto muy descomprado em
cozas mat. ^o Marte já nisto
tempo desce de baixo do sol, e v. m. já o
via, e notaria pois bem grande e firme
se apparese; mas por estar no sino de libra
seus ruyres não terá effeito se não com
peso, e consideração, por isto com cuzer
antes dos ferios ^{comse.} de refutar a
astronomia antiga dos ar. mas nisto
em quanto a alguns ar. theoloficos, e
theoloficos; reservandome a demonstrar
astrologicas já o printo dos estudos
parece que os ar. n. já não se mantham
a nota opina; em fim todas bem
bordadas teremos a estes ar. não sei
com o pilon de marte, mas com todos os
dos mais planetas, cometas, e estrellas, que me
parece não ficaria coisa nenhuma solida

2.ª razão que lhes possa resistir. No mais razão de
um alguma outra efflu, e me mande que me debrar
sempre efflu no que for de seu favor. em que d. p. p.
sic casa. hoy e 2.ª. de v. m.

1757. v. m.

Carino m. p. p.

Figura 8 – Carta de Borri a Almada (fol.1r)

BIBLIOGRAFIA

- AVELAR, Luís de (1619). *Nox Attica. Hoc est Dialogus de impressione metheorologica et cometa anni Domini 1618*. Coimbra: Nicolai Carvalho.
- BALDINI, Ugo (2017). "Le scienze matematiche a Milano nell'età dei Borromeo: il noto e l'ignoto" in: Eraldo Bellini e Alberto Rocca (org.), *Nell'età di Galileo. Milano, L'Ambrosiana e la Nuova Scienza*. Milão: Biblioteca Ambrosiana, pp. 3-106.
- BIANCANI, Giuseppe (1620). *Sphaera mundi, seu, cosmographia demonstratiua ac facili methodo tradita in qua totius mundi fabrica*. Bononiae: Typis Sebastiani Bonomij, sumptibus Hieronymi Tamburini.
- BORRI, Cristoforo (1631). *Collecta Astronomica ex doctrina... De tribus caelis aereo, sydereo, empyreo*. Ulysipone: apud Matthiam Rodrigues.
- BRAHE, Tycho (1598). *Astronomiae Instauratae Mechanica*. Wandersburgi.
- CABRAL, R. (1963). "Almada (André de)". *Enciclopédia Luso-Brasileira*. Lisboa: Verbo, vol. 1.
- CAROLINO, Luís Miguel (2008). "The making of a Tyconic cosmology: Cristóforo Borri and the development of Tycho Brahe's astronomical system in the early seventeenth-century". *Journal for the History of Astronomy*, 39: 3, pp. 313-344.
- CAROLINO, Luís Miguel (2009). "Cristóforo Borri e o impacto da nova astronomia em Portugal no século XVII". *Revista Brasileira de História da Ciência*, 2: 2, pp. 160-181.
- CAROLINO, Luís Miguel (2016). "Science, Patronage and Academies in early seventeenth-century Portugal: The scientific academy of the nobleman and university professor André de Almada". *History of Science*, 54: 2, pp. 107-137.
- CARVALHO, Joaquim de (1943). "Galileu e a cultura portuguesa". *Biblos*, vol. XIX. Disponível em: <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/58-Galileu-e-a-cultura-portuguesa-sua-contemporanea>
- DE VISCH, Charles (1656). *Bibliotheca Scriptorum Sacri Ordinis Cisterciensis e logiis plurimorum maxime illustrium adornata*. Colonia: apud Ioannem Busaeum Bibliopolam.
- DROR, Olga & TAYLOR, K. W. (org.) (2006). *Views of seventeenth-century Vietnam. Christoforo Borri on "Cochinchina" and Samuel Baron on "Tonkin"*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- FERREIRA, Francisco Leitão (1937). *Alphabeta dos lentes da insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- GOLVERS, Noël (2020). The scholarly context of the Colégio de Jesus / das Artes in Coimbra in the second half of the 17th century, through the eyes of four 'extranei' (I. Hartoghvelt; F. Verbiest; A. Aigenler; A. Thomas), in: Carlota SIMÕES, Margarida MIRANDA, Pedro CASALEIRO (coord.), *Visto de Coimbra. O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 159-171.

- LOBO, Rui (2020). Os Colégios de Jesus e das Artes: cronologia da sua construção (1547-1759), in: Carlota SIMÕES, M. MIRANDA, P. CASALEIRO (coord.), *Visto de Coimbra. O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 33-64.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2007). "Nobility and Aristocracy in Ancien Régime Portugal (Seventeenth to Nineteenth Centuries)" in: H.M. SCOTT (ed.), *The European Nobilities in the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, vol. 1: Western and Southern Europe. Basingstoke: Palgrave Macmillan, pp. 256-284.
- MULERIUS, Nicolaus (1611). *Tabulae frisiae lunae-solares quadruplices e fontibus Cl. Ptolemaei, regis Alfonsi, Nic. Copernici et Tychnonis Brahe recens constructae...* Alkmaar: Iacobus Meesterus.
- OMODEO, Pietro Daniel (2011). "David Origanus's Planetary System (1599 and 1609)", *Journal for the History of Astronomy*, 42: 4, pp. 439-454.
- ORIGANUS, David (1599). *Ephemerides novae annorum XXXVI incipientes ab anno ... 1595*. Frankfurt a der Oder: typis Andreae Eichornii.
- ORIGANUS, David (1609). *Ephemerides Brandeburgicae coelestium motuum et temporum...* Frankfurt a der Oder: typis Ioannis Eichornii.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos (1951). "Vicissitudes da obra do Pe. Cristóvão Borri", *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2ª série, 3, pp. 117-150.
- SEQUEIRA, Gaspar Cardoso de (1614). *Pronostico geral e lunario perpétuo, assi das luas novas e cheas, como quartos crescentes, e minguentes*. Coimbra: Nicolao Carvalho.
- SEQUEIRA, Gaspar Cardoso de (1626). *Thesouro dos prudentes*. Coimbra: Nicolao Carvalho.
- SIMÕES, Carlota, MIRANDA, Margarida e CASALEIRO, Pedro (org.) (2020), *Visto de Coimbra. O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SOMMERVOGEL, Carlos (1890). *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, vol. 1. Bruxelles: Oscar Schepens; Paris: Alphonse Picard.
- STEGMÜLLER, Friedrich (1959). *Filosofia e teologia nas universidades de Coimbra e Évora no século XVI*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- THOMAS, Antoine (1685). *Synopsis Mathematica complectens varios tractatus quos huius scientiae tyronibus et missionis sinicae candidatis breviter et clare concinnavit (...)*. Duaci: Michaelis Mairesse.

**Uma personalidade seiscentista
quase desconhecida:
os aspectos da sua presença na
exploração mineira ao serviço do
Vice-Reino do Perú, ou nas funções
de arquitecto em Lima e Valdívia**

**An almost unknown seventeenth
century personality:
aspects of its presence in mining
exploration at the service of
the Viceroyalty of Peru, or as an
architect in Lima and Valdívia**

Manuel Cadafaz de Matos¹

Em evocação e em preito de gratidão aos Colegas
G. Lohman Villena e Aníbal Pinto de Castro

¹ APH (Lisboa) RAH (Madrid) - <https://orcid.org/0000-0002-3598-7509>. cadafazdematos@gmail.com

RESUMO

O autor analisa alguns contributos culturais e científicos de um engenheiro e arquitecto português, Constantino de Vasconcelos, c. 1600-1668, que viajou de Madrid para o Peru, servindo a Monarquia dual Filipina na primeira metade do século XVII, e esteve activo em cidades como Cuzco, Potosí e Lima. A sua acção extensiva a domínios da Metalurgia peruana (de que existe documentação elucidativa na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), principiou em 1629-30 naquele império, servindo o Bispo espanhol, D. Fernando de Vera y Zuniga, da Ordem de Santo Agostinho (desde o momento em que este foi indigitado pelo Rei de Espanha e confirmado pelo Papa Urbano VIII, como Arcebispo da diocese de Cuzco. Este viajante português, que trabalhou nas minas e estudou as condições técnicas da exploração da prata nas jazidas onde trabalhou, já não regressou a Portugal e é hoje estudado em Universidades norte-americanas pelos seus contributos à Arquitectura religiosa no Peru.

PALAVRAS-CHAVE

Constantino de Vasconcelos, ca. 1600-1668; D. Fernando de Vera y Zuniga; Bispo de Cuzco; Minas de prata de Potosí; Pe. Alonso Barba; Portugueses ao serviço dos interesses de Espanha; Arquitectura Militar de Valdívía.

ABSTRACT

The author analyses some cultural and scientific contributions of one unknown portuguese engineer and architect, Constantino de Vasconcelos, c. 1600-1668, who travelled from Madrid to Peru, serving Iberic empire the first half of XVII century, in cities such as Cuzco, Potosí and Lima. His action, inclusive in metallurgy domines (since documents existant in Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), began in 1629-30 in the empire, serving Spanish Bishop, D. Fernando de Vera y Zuniga, member of the Order of Saint Augustine (since he was appointed by the King of Spain and confirmed by Pope Urban VIII as Archbishop of the Diocese of Cuzco). This traveller, who has worked in the mines and has studied the technical conditions of the explored silver in the mines where he was present, has not returned to Portugal and he is now studied in North American universities for his contributions in the religious Architecture in that country.

KEYWORDS

Constantino de Vasconcelos, ca. 1600-1668; D. Fernando de Vera y Zuniga; Bishop of Cuzco; Potosí silver mines; Priest Alonso Barba; portuguese serving Spain interests; Valdivia militar architecture

Preâmbulo

A nossa tentativa de reconstituição das aventuras e desventuras do seiscentista português Constantino [Leytão] de Vasconcelos por terras que hoje constituem o Perú, a Bolívia e o Chile entre 1629 e 1668, só se tornou possível, no ano de 2002, num projecto de pesquisas que decorreu, primeiramente, na Universidade de Coimbra, em resultado do carinho que tal mereceu ao Prof. Aníbal Pinto de Castro (1938-2010), director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; e ainda na Real Academia de la Historia, Madrid, em resultado do apoio que recebemos para este projecto da parte do académico peruano Guillermo Lohman Villena (1915-2005).

Conhecendo-se o carinho especial de Aníbal Pinto de Castro pelo estudo do período dos séculos XVI e XVII – de que legou trabalhos de grande rigor como *Retórica e Teorização Literária em Portugal* (1973); e *De Montemor-o-Velho às ilhas do Japão. A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* [c. 1510-1583] e *o encontro de Culturas* (1993), tais circunstâncias faziam dele, nesse ano, mais do que o exímio conhecedor do vasto acervo da BGUC, um anfitrião que não se negou a então debates, a leituras por vezes críticas de documentos, ou a conselhos úteis.

Em resultado das pesquisas do investigador peruano Guillermo Lohman Villena² (confirmando a suposição de José de la Riva-Aguero³ em 1914), é hoje considerada que o texto da *Descrição Geral do Reino*

2 Discripción General del Peru, edição e estudo de Guillermo Lohman Villena, Madrid, Revista de Indias, Bustamante 1970.

3 José de la Riva-Aguero, “Descripción anónima del Perú y de Lima a principios del siglo XVII compuesta por un judío portugués y dirigida a los Estados de Holanda”, *Congreso de Historia y Geografía Hispano-Americanas. Actas y Memorias*, Madrid, 1914.

do Perú – redigido na primeira metade do século XVII – seja da autoria do cristão-novo português Pedro de León Portocarrero⁴, natural de Vinhais, em Trás-os-Montes. Trata-se de uma obra (e conhecendo nós a fonte existente na BNF em Paris) que importa à história da expansão portuguesa nas Américas e na qual, em várias passagens, está bem patente a acção de alguns nossos compatriotas que, sobretudo desde o último quartel do século XVI, ao tempo da monarquia dual filipina, deambulavam por tais paragens, uns movidos por razões de comércio outros de mera curiosidade científica.

Já beneficiamos hoje, em língua portuguesa, de uma versão do texto de tal Descrição, de 2013⁵. O nosso intuito é trazeremos aqui um contributo em afinidade, chamando particularmente a atenção para uma figura hoje praticamente desconhecida da historiografia seiscentista portuguesa em tais regiões sul-americanas, que resultou desse nosso aludido projecto conimbricense de 2002. O cerne destas nossas pesquisas centra-se, pois – e particularizando apenas um dos múltiplos aspectos da presença de Portugueses no Perú dos séculos XVI e XVII⁶ - nas acções do seiscentista Constantino [Leytão] de Vasconcelos.

4 Quando Guillermo Lohman Villena (em 1967, muito anos antes desta publicação) tirou quaisquer dúvidas acerca da autoria do presente livro, registou que este português se dedicava no Peru à compra e venda de mercadorias, onde acabaria, por motivos de intolerância religiosa, por ser perseguido. Veja-se, ainda, a edição desta Descripción..., Lima, Universidad Ricardo Palma, 2009 (com prólogo de Eduardo Huarag Álvarez). Numa das nossas cartas a Guillermo Lohman Villena, esta datada de 15 de Novembro de 2002, tivemos o ensejo de remeter para alguns dos elementos que até então já tínhamos reunido, em investigações em Lisboa na Torre do Tombo, de elementos biográficos de alguns dos mais proeminentes membros de um dos ramos da família portuguesa judaica dos Portocarrero, incluindo a sua associação (como testemunham os registos da Inquisição sevilhana) a Vinhais, onde poderá ter nascido em 1578.

5 Portocarrero, Pedro de León, Descrição Geral do Reino do Perú, em particular de Lima, edição de Isabel Araújo Branco, Margarita Eva Rodríguez García, Teresa de Lacerda, com tradução para a língua portuguesa por Isabel Araújo Branco e Ana Silva, notas de António Castro Nunes, Lisboa, Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, CHAM e Universidade dos Açores, 2013. Veja-se, sensivelmente do mesmo período, Roa, Alfredo Palacios (da Univ. São Tomás, de Santiago do Chile), "Pedro de León Portocarrero y su breve descripción del Reino de Peru", *Temas Americanistas*, 28 (2012), pp. 42-51.

6 Ventura, Maria da Graça Mateus, *Portugueses no Peru ao tempo da União Ibérica. Mobilidade, Cumplicidades e Vivências*,

Da partida de Constantino de Vasconcelos, na companhia do Bispo de Cuzco com destino à América do Sul às suas primeiras acções no Perú

Na Corte de Filipe IV de Castela e Portugal, na primeira metade do século XVII, os clãs dos Vera e dos Zúñiga desfrutavam de um significativo poder⁷. A um deles se encontrava associado Fernando de Vera y Zúñiga, frade da Ordem de Santo Agostinho, então eleito Bispo de Cuzco na América latina.

Quando este dignitário da Igreja recebeu instruções para partir, em 1629, para Cuzco, no Vice-Reino do Perú, levou naturalmente consigo alguns dos seus *homens de mão*. Entre estes contou-se um cidadão da região bracarense, de nome Constantino de Vasconcelos, tratando-se de uma figura que (com honrosas excepções) é praticamente desconhecida da historiografia portuguesa seiscentista.

É bem provável que a relação de Constantino de Vasconcelos, em Madrid, com esse Bispo, tenha ocorrido como uma consequência natural de o bracarense ter conhecido, primeiramente, em meios cortesãos, várias figuras daqueles dois clãs.

Fernando de Vera y Zúñiga tinha nascido na cidade de Mérida em 1598 de família aristocrática. Veio a ser ordenado, ainda relativamente muito novo, como frade da Ordem de Santo Agostinho. Entretanto em 17 de Fevereiro de 1614, foi designado, pelo Papa Paulo V, como Bispo Auxiliar de Badajoz em Espanha e, depois, como Bispo titular de Bugi.

Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. I, t. 1. Esta autora, cingindo-se ao período da monarquia dual filipina, inventaria um conjunto de c. 1400 entidades portuguesas que terão vivido ou passado (em tal período) por aquele território sul-americano.

7 Matos, Manuel Cadafaz de. “Dúvidas e acertos sobre uma figura quase desconhecida em Portugal, ao tempo da Monarquia dual Filipina: o caso de Constantino [Leitão] de Vasconcelos na sua vida entre Braga e Madrid (entre c. 1610 e 1629) e nas suas relações com os clãs castelhanos dos Vera e Zúñiga”, in *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 2022, pp. 125-179. Aí foi abordado pelo autor a primeira fase das actividades deste bracarense, desde o seu nascimento até à sua partida para a América latina.

Anos depois, em 13 de Novembro de 1628, o seu nome foi indigitado pelo rei de Espanha – e confirmado pelas mais altas instâncias do Vaticano – como Arcebispo de Santo Domingo, na América Latina. Já em 8 de Março do ano seguinte, ele foi apontado pelo rei de Espanha – e naturalmente confirmado depois pelo Papa Urbano VIII – na qualidade de Arcebispo da diocese de Cuzco⁸, no Perú.

Tudo parece apontar que a nau onde aquele alto dignitário viajou com os seus seguidores, partiu do porto de Sanlúcar de Barrameda (não muito distante de Sevilha). Admitimos como possível que o Bispo de Cuzco e Constantino [Leitão] de Vasconcelos, pudessem ter seguido na mesma nau do recém-eleito Vice-Rei D. Luis Jerónimo Fernández de Cabrera Bobadilla Cerda y Mendoza, Conde de Chinchón⁹ (Madrid, 1589-1647) que ia tomar posse daquele alto cargo.

Chegado a Lima, D. Fernando Vera y Zúñiga encontrava-se investido de uma missão evangelizador muito específica. Assim ele seguiu dali - então já movido por uma assinalável curiosidade cultural e científica pelos costumes da região desconhecida que o acolhia¹⁰

8 Nessa data do embarque, este dignitário da Igreja estava destinado a servir, na América latina, como Arcebispo, a diocese de Santo Domingo (só que no mesmo ano passaria para a diocese de Cuzco, servindo aí até à sua morte, em 9 de Novembro de 1638).

9 Luis Jerónimo Fernández de Cabrera Bobadilla Cerda y Mendoza, Conde de Chinchón, era oriundo de uma família próxima do rei Filipe IV de Castela (e III de Portugal). Seus pais (primos em primeiro grau) foram D. Diego Fernández de Cabrera, III Conde de Chinchón e D. Inés Pacheco (esta, por sua vez, filha do Marquês de Villena e Duque de Escalona, Diego López Pacheco, e de Luisa Bernarda de Cabrera Bobadilla, III Marquesa de Moya). Assim, D. Luís Jerónimo de Cabrera veio a ser empossado como Vice-Rei de Nova Castela (Perú), em Janeiro daquele mesmo ano de 1629. Importará não esquecer, ainda, que ao longo dessa sua governação, entre aquele ano e o de 1639, ele não só reprimiu uma revolta dos índios Uru e Mapuche como, ainda, tomou a decisão de empreender uma terceira expedição com vista à exploração da bacia do Amazonas (de longo percurso como é sabido). Esta expedição, dirigida por Cristóbal de Acuña, surgiu ao tempo da realizada por parte do português Pedro Teixeira nessa mesma ampla região fluvial.

10 Essa curiosidade intelectual, por parte de um bispo castelhano no Peru, viria a atingir, século e meio depois, uma das suas mais distintas caracterizações quando, entre 1782 e 1785, D. Jaime Martínez Compañón, Bispo da diocese de Trujillo, andou pelo norte dessa região e pelas zonas de Piura, Lambayeque, Libertad, Cajamarca, Chachapoyas, San Martín y Loreto (na sua qualidade de responsável espiritual pela circunscrição que lhe estava atribuída), recolhendo materiais diversos. Veja-se o caso

- para a cidade de Cuzco, no interior do Peru, localizada a uma significativa altitude e com um clima muito particular, nas alturas da lendária região de Macchu Picchu¹¹.

Nessa cidade se instalou, tendo sempre em sua companhia o bracarense, Constantino [Leitão] de Vasconcelos. Não chegaram até nós quaisquer escritos que evidenciem a opinião com que Constantino [Leitão] de Vasconcelos ficou, desde a sua chegada aí em 1629, desta cidade de planalto.

Deve registrar-se, porém, que, na sua história relativamente próxima, nos primeiros anos daquela colónia castelhana, os sobreviventes do império inca haviam sustentado uma acesa luta. Havia sido quase um século antes que, no ano de 1536, o histórico Manco Inca tinha principiado um combate sem tréguas contra os visitantes, e formado a dinastia dos Incas de *Vilcabamba*. Esta guerra específica havia terminado já em 1572, precisamente em resultado de o designado como último *inca*, Tupac Amaru I, ter sido derrotado, capturado e enforcado (apesar de alguns testemunhos terem referenciado que ele foi decapitado).

Quando Fernando Vera y Zúñiga chegou a Cuzco, cidade de planalto, ela já se tinha tornado num importante centro comercial e cultural dos Andes centrais, posicionando-se nas rotas entre Lima e Buenos Aires¹². Tal centro urbano – designado em língua quíchua *Qosqo* ou *Qusqu* (e que significa umbigo “do mundo”) – encontra-se situada no sudeste do Vale de Huatanay, tendo em tempos anteriores sido a capital do *Tahuantinsuyu*, ou império Inca.

do *Códice Trujillo*, hoje no Real Palácio, em Madrid, integrando uma série de nove manuscritos com abundantes ilustrações, num número superior a 1400.

- 11 Pretende-se significar, naquela região precisamente de Cuzco, a antiga cidadela pré-colombiana, da qual hoje não restam senão ruínas.
- 12 A administração central daquele Vice-Reino acabara por optar, como capital, pela cidade de Lima, fundada dois anos depois da tomada de Cuzco, em 1535. Tomou tal decisão sobretudo em razão da proximidade desta urbe com um porto natural, neste caso o de Callao, criando assim o espaço nevrálgico, político e administrativo, daquela colónia na América do Sul.

Tanto em Castela, como em outros meios comerciais da Europa do ocidente, já se conhecia bem, neste período, do posicionamento de Cuzco e da mais valia dos produtos, sobretudo auríferos e argênteos, que ali chegavam desde aquelas paragens.

Da observação no *terreno* (1629) da cidade de Cuzco, às observações da mesma em *diferido* desde a Alemanha

Decorria já cerca de um século desde que, em 16 de Novembro de 1532, Francisco Pizarro (1476-1541), à frente de uma pequena força militar, havia chegado à cidade peruana de Cajamarca¹³. Na circunstância, ele deixara então ficar uma parte do seu exército no exterior da urbe, aceitando um convite do imperador Atahulpa para um jantar. Com os propósitos de conquista que caracterizavam aquela força europeia, Pizarro não só assassinara a guarda de honra daquele dirigente indígena como também o aprisionara. No ano seguinte, por sua vez, esse conquistador não só havia invadido Cuzco com tropas indígenas (depois de diversos confrontos) como acabara por derrubar o *Tahuantinsuyu* (ou império inca)¹⁴. Cerca de três décadas e meia depois, já estes

13 Esta cidade localiza-se na região norte do actual Perú (um pouco a nordeste da cidade de Trujillo).

14 Nesse período quinhentista de meados da década de 30, Francisco Pizarro havia avaliado mal a localização desta cidade de Cuzco onde agora o português Constantino [Leitão] de Vasconcelos, a acompanhar o seu Bispo, acabava de se instalar. Esse castelhano havia julgado que a capital Cuzco estava muito distante naquele altiplano. E, assim, acabara por fundar a cidade de Lima, em 18 de Janeiro de 1535. Só que, nesse período, as forças Incas haviam tentado, tudo por tudo, para retomar Cuzco. Estes nativos acabaram por conhecer uma clara derrota, ante as forças lideradas por um outro castelhano, Almagro, que entendeu (face a tal vitória militar) tomar essa praça para si. A partir daí, recorde-se, ele entrara em disputa da posse de tal praça com o próprio Pizarro, que, na própria cidade de Cuzco não só o vencera como mandara executar, em 1538.- A estes factos se faz alusão na crónica de Hieronymus Benzonus (de Milão), *Historiae... scriptae, sectio tertiae, res nominus nobiles & admiratione plenas continens, quàm praecedentes duae. In hac enim reperies, qua ratione Hispani opulentissimas illas Peruani regni provincias occuparint, capto Rege Atabaliba: deinde orta inter ipsos Hispanos in*

factos eram relatados na Europa numa crónica de 1565 do italiano Girolamo Benzoni (1519-c. 1572)¹⁵, difundida desde o império germânico. Efectivamente o estado de urbanização de Cuzco que Constantino [Leitão] de Vasconcelos aí foi encontrar era um tanto diferente daquele que, na década de 50 do período quinhentista Girolamo Benzoni aí encontrara¹⁶, ou daquele que, já em 1596¹⁷ (à distância dos factos reais), tinha sido dado a conhecer à Europa por Theodore de Bry.

eo regno civilia bella... Omnia elegantibus figuris in aes incisus expressa à Theodor de Bry Leodicive autem Francofurtense, Aº. M.D.XC.VI Cum privilegio S. C. Ma[gesta]tis. Um exemplar desta obra original quinhentista encontra-se hoje nos Estados Unidos da América, na Brown University, Providence, nas colecções da Biblioteca John Hay Library, "Hay Military", v. 6a e 6b.

- 15 Girolamo Benzoni (1519-1570), nas décadas de 40 e 50 do período quinhentista, depois de ter estado em Cuba, visitara o Perú. Ele estivera em particular na cidade de Cuzco, onde presenciara interessantes acontecimentos (nessa época ele viajara de igual modo pelo Panamá e pela Nicarágua), cerca de duas décadas após os acontecimentos de conquista levados a cabo por F. Pizarro. Escreveu, depois, a bem conhecida obra *La historia del mondo nuovo...* la qual tratta delle isole et mari nuovamente ritrovati, abordando a temática do Peru no seu terceiro livro (Veneza, Francesco Rapazetto, 1565); com novas edições, de 1572, a pedidos dos irmãos Pietro e Franco Tino; de 1595 e de 1996). Esta obra específica viria, após essa data, a beneficiar de uma sugestiva fortuna divulgativa, num total de 32 edições, com diversas variantes textuais. De sublinhar ainda que no regresso deste autor da América Latina a Itália ele passou pela ilha da Madeira, região sobre a qual também escreveu. Importará referir ainda que Benzoni, na redacção desse seu presente trabalho, chegou a recorrer à utilização de textos de outros autores como o tratado *Delle Navigationi et Viaggi* (3 vols., de 1550-1606), de Giovanni Battista Ramusio, e a *Historia de las Nuevas Indias Occidentales* (de 1560), pelo que a crítica moderna chegou a acusá-lo de plágio.
- 16 Cfr. Jana Byars; Robert C. Schwaller, eds. (2017). "Introduction", *The History of the New World: Benzoni's Historia del Mondo Nuovo*, Pen. State University Press; Angela Enders e Elisabeth Fraser, "An Italian in the New World, Girolamo", *Dispositio*. 17 (42/43), 1992, pp. 21-35; e Ronald H. Fritze (2019). "Book Review – *The History of the New world: Benzoni's*, in *Historia del Mundo Nuovo*", in *Terrae Incognitae*, 51 (3), 2019.
- 17 O capítulo do texto sobre a cidade de Cuzco, da *Descripción geral ... del Peru*, de Portocarrero - que Lohman Villena veio a fixar pouco depois desta data (aqui mencionada) de 1596 - inicia-se com uma clara menção à sua soberania sobre todas as outras cidades nativas da região: "foi a cabeça de todo a região peruana, lugar da Corte dos poderosos soberanos incas, detentores de um enorme poder, os reis que impuseram mais temor".



Gravura com a planta da cidade de Cuzco, tal como foi editada por Théodore De Bry, em Francoforte, em 1596, no conjunto das gravuras que ilustravam a sua obra *América*, Parte VI

Em rigor importa deixar bem claro que este De Bry (como outros do seu clã) não chegara(m) a visitar a América, nunca tendo saído da Europa¹⁸. Quando ele havia publicado na Alemanha, em fins de século, a planta daquela cidade peruana (na sua já referida edição, a partir dos textos do livro III de Girolamo Benzoni), esse seu olhar sobre Cuzco divulgado pelas técnicas do impresso tal não resultara de uma observação presencial no terreno (como a deste bracarense, em 1629).

¹⁸ Esta faceta específica é acentuada por Michel van Groesen (professor de História Marítima na Universidade de Leyden) e por Larry E. Tise (professor “Wilbur e Orville Wright”, na Universidade da Carolina do Norte, EUA), na introdução conjunta à reedição de Théodore de Bry, *America, Toutes les planches 1590-1602*, Colónia, Taschen, 2019, p. 7.



À esquerda, frontispício da obra de Girolamo Benzoni, *La Historia del Mondo Nuovo* di M. Girolamo Benzoni Milanese. *La Qual Tratta dell'Isole & Mari Nuovamente Ritrovati & delle Nuove Città da lui proprio vedute, per Acqua & per Terra in Quattordici Anni* (autor que havia visitado o Peru) na fase final da sua vida, Veneza, Pietro e Francesco Tini, 1572; à direita, retrato de Théodore de Bry (1528-1598), o qual não viajou além da Europa

Essa gravura aí publicada advinha, isso sim, do olhar *distanciado*¹⁹ de outrem, com todos os inconvenientes que daí houvesse. Só que em 1629 Cuzco já tinha, de um ponto de vista de estrutura urbanística, conhecido algumas boas alterações.

Das primícias da inclinação do jovem Constantino, para a História de Arte ou a representação artística, ao triunfo em Lisboa do movimento que restaurou a independência de Portugal em Dezembro de 1640

Uma das primeiras atitudes conhecidas do jovem bracarense Constantino, na cidade de Cuzco, foi ter mudado o seu apelido – originaria-

19 Trata-se da tipologia etnológica do *regard éloigné*, de que fala o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss.

mente *Leitão* (conforme documentou Maria Dolores Crespo Rodrigues²⁰) – para Constantino de Vasconcelos. A partir daí o seu apelido inicial de Leitão não o detectamos mais em qualquer documento a seu respeito.

Já em Fevereiro de 1632, por seu lado, para além de auxiliar do Bispo, D. Fernando de Vera y Zúñiga, ele parece ter valorizado localmente o seu próprio estatuto social naquela comunidade. Ele acabou então por ser eleito mordomo da própria cidade, que tinha como um dos seus santuários de maior notoriedade, a igreja da Companhia de Jesus.



Cuzco: a igreja da Companhia de Jesus, na Praça de Armas, construída sobre o templo Amarucancha (que era o Palácio do Inca Huayna Cápac)

O bracarense (que atingira havia pouco os 30 anos de idade) - quando já vivia há mais de dois anos nessa cidade peruana - pareceu a partir deste período de inícios dessa década ter interesses em dar uma nova imagem de si próprio ou da sua formação académica. Um dos primeiros elementos que a crítica histórica tem acentuado a este respeito – e que revela, já, uma inclinação deste para o domínio das Artes e da representação artística – é uma medalha em ouro, que então parece ter dese-

20 Maria Dolores Crespo Rodrigues, “Constantino de Vasconcelos”, no Dicionário de personalidades da Real Academia de la Historia (on line), Madrid.

nhado ou mesmo cunhado, com as armas precisamente daquele seu Bispo e patrono.

O aprofundamento (em 1632 e anos seguintes) das bases genealógicas de D. Fernando, que vieram a ser editadas sob pseudónimo

Constantino de Vasconcelos manteve-se, durante pelo menos três anos, nessas suas actividades junto ao aludido Bispo em Cuzco. Entretanto este religioso, a partir de 1632, nos tempos em que os seus múltiplos afazeres lho permitiam, passou a dedicar-se ao aprofundamento das suas bases genealógicas.

Deste modo, presumivelmente em 1633 ou no ano seguinte, Fernando de Vera y Zúñiga procurou um impressor activo em Lima que lhe pudesse imprimir tal trabalho. Veio a ser, precisamente, o tipógrafo Jerónimo de Contreras quem se veio a encarregar, em 1635, desse serviço.

Aconteceu então, porém, que este Bispo entendeu que tal investigação histórica não deveria sair sob o seu nome verdadeiro nome. Criou assim, para tal efeito, o pseudónimo de Francisco de la Puente.

Deste modo em 1635 – tinham já na altura decorrido dois anos desde que Constantino de Vasconcelos havia trocada a residência em Cuzco pela de Oruro - foi finalmente dada à estampa em Lima a obra *Tratado breue de la antiguedad del linaje de Vera, y memoria de personas senaladas del, que se hallan en historias, y papeles auténticos*, subscrita precisamente sob o aludido pseudónimo Francisco de la Puente (1635), fls. 1-10.

Esse nome original associado a tal pseudónimo andou durante décadas sem ser conhecido. Foi preciso esperar até aos fins do primeiro quartel do século XVIII para que Juan Lucas Cortes viesse trazê-lo à

luz da ribalta²¹. Tratava-se, afinal, de um tipo de memorialismo de alguém que se sentia estar a aproximar-se o fim da própria vida²².



Itinerários seguidos neste período por Constantino de Vasconcelos, neste período em que a actividade dominante era a exploração mineira.

- 21 Foi precisamente em 1724 que Juan Lucas Cortes (também conhecido como Franckenau) chamou a atenção acerca da verdadeira identidade que se escondia por detrás do nome de Francisco de la Puente ou seja, “*Don Frey Ferdinandus de Vera, Archi-Episcopus & Cuzcensis Peruvianus, sub Don Francisci de la Puente Burgensis, Presbyteri Cuzcensis nomine* Limae, Peruviani Regni Metropoli anno 1635” Cfr. Gerhardus Ernestus de Franckenau (=Juan Lucas Cortes), *Bibliotheca hispanica historico-genealógico-heraldica*, Lipsiae, Sumptibus Maur. Georgii Ewidmanni, 1724, p. 118; ou, ainda, C. D. Moral (2013), p. 43, n. 72. Em colaboração estreita com o latinista português Dr. Miguel Pinto de Meneses (1917-2004), já desaparecido - de quem editámos, da sua lavra, há uns anos as versões portuguesas de obras latinas de Damião de Góis e de André de Resende - detemos hoje, na biblioteca do CEHLE, o original do dactiloscrito integral da sua versão, também do latim, da vasta obra de Franckenau.
- 22 O Bispo de Cuzco acabaria por vir a falecer, naquela cidade peruana, em 1638²¹ (num período em que a política de Castela no Vice-Reino da Nova Espanha, já passava a conhecer uma nova fase política, desde a entrada em funções do novo Vice-Rei, com todas as prerrogativas régias). Esta mudança ocorreu ainda antes do falecimento deste dignitário da Igreja, só que quando do seu passamento o seu homem de mão bracarense já não se encontrava mais, como vimos atrás, em sua companhia, dado que havia tentado seguir profissionalmente o rumo da exploração mineira.

Já em 1633, com efeito, Constantino Vasconcelos havia sentido vontade de ir desempenhar naquela colónia outro tipo de funções. Ele optou assim por seguir no sentido da exploração mineira, em alguns trabalhos um pouco a sul dessa mesma cidade de Cuzco, neste caso na vizinha vila mineira de Oruro (que actualmente integra a Bolívia).

Este centro argênteo de Oruro²³ da então colónia peruana – onde os missionários europeus chegaram e fundaram uma igreja votada Virgem do Socavono, ligeiramente a norte do lago Poopó - localiza-se numa altura ainda superior à de Cuzco, neste caso, a mais de 3700 metros de altitude.



Igreja da Virgem do Socavón, na vila de Oruro (hoje boliviana) naquele antiplanalto.

Aí ele passou então a laborar, com efeito, na exploração das jazidas de prata (nas quais decorriam, à época, acções de perfuração no terreno com vista à identificação das suas possíveis extensões e riqueza). Os dados em presença apontam que ele exercia esse trabalho com profissionalismo e competência técnica, desconhecendo-se

23 Esta localidade de Oruro situa-se actualmente, dentro das fronteiras da Bolívia. Acerca das antigas explorações mineiras nesta localidade, veja-se Beltrán y Roxfide, Ricardo, *Collección de las Memórias o Relaciones que escribieron los Virreyes del Perú...*, em particular na secção "Minas antiguas y modernas.- Oruro, Castro Virreina y Nuevo Potosi" (fundos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), Madrid, 1921, pp. 251 e sgts.

apenas se ele já detinha, por essa época, algum conhecimento desse tipo de trabalho manifestamente diferenciado.

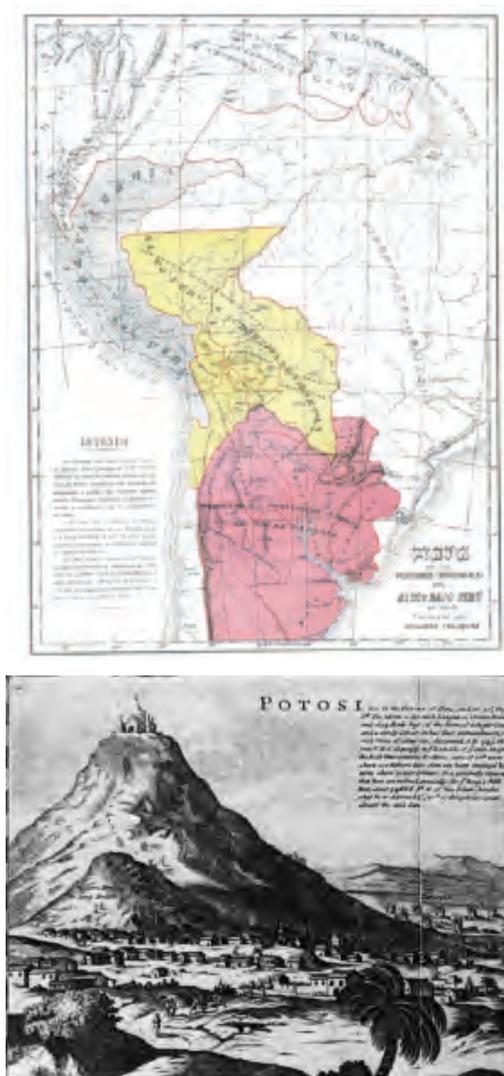
A actividade mineira do português de certo modo a par com a desenvolvida em outros centros daquela região, nesse período, pelo Pe. Alonso Barba, castelhano

A permanência de Constantino de Vasconcelos nas minas de Oruro não terá sido muito dilatada no tempo. Afirmamo-lo na medida em que, algum tempo depois ele já se encontrava a desenvolver idêntico mister nas minas de Potosí, ligeiramente mais a sudeste. Eram à época diversas as explorações de prata (e de ouro, embora em menor escala) activas naquele então Vice-Reino do Perú. As mesmas, quanto a trabalhos de incidência técnico-doutrinal de algum relevo, já havia beneficiado naquela época seiscentista, na região, de um criterioso estudo por castelhano Pe. Alonso Barba (1569-1662)²⁴.

Importa neste passo destacar que já em 1588 o Pe. Alonso Barba, havia viajado de Castela para o Perú. Anos depois, o presidente da Audiência de Charcas, Juan de Lizarazu – conhecendo já alguns dos trabalhos de pesquisa que ele produzira (na pegada dos que Georgius Agricola, alquimista e mineralogista havia escrito já no século XVI) sobre as jazidas de minérios nobres naquele território, desenvolveu todas as acções de modo a valorizar os textos e as descobertas daquele prelado. Fê-lo, muito em particular, tendo em vista aprofundar os conhecimentos (e resultados práticos) quanto à exploração de minas como a de Potosí²⁵ onde chegou também sensivelmente neste período o português Constantino de Vasconcelos.

24 Este religioso era natural de Leppe, em Castela.

25 O Pe. Alonso Barba desempenhou a sua actividade em localidades como Tarabuco, Tiwuanaku, Chuquisaca, Lipes, Porco, Pacajes, Oruro, Potosí [nestes dois últimos casos na mesma ordem que o português e a uma não muito grande distância temporal]. Ele fez culminar, por outro lado, a sua vida sacerdotal a partir de 1644 com o desempenho de diversos cargos na igreja metropolitana de La



Em cima, mapa do Alto do Perú ou Audiência de Charcas, com representação de Rio de la Plata; (em baixo) gravura da região mineira peruana de Potosí, com particulares riquezas a serem exploradas já no século XVII e onde laborou também o português Constantino de Vasconcelos presumivelmente ainda na segunda metade dessa década de 30.

Plata. Sobre as suas actividades técnicas veja-se, ainda, Gomes, J. Sanchez, "Pe. Alonso Barba", *Diccionario de personalidades, Real Academia de la Historia*, Madrid.- Sobre as explorações mineiras de Potosí veja-se Beltrán y Roxfide, Ricardo, *Collección de las Memórias o Relaciones que escribieron los Virreyes del Perú...* (BGUC), Madrid, 1921; e, em particular a "Relación que el Principe de Esquilache hace al Señor Marqués de Guadalcázar sobre el estado en que deja las Provincias de Peru. Gobierno general./ Las minas de Potosí y Guancavelica...", pp. 216 e sgts.

Poderia muito bem ter estado relacionada com Potosí – onde havia sido criada já em 1575, a Casa de la Moneda (associada a essa exploração) - a Bacia de prata peruana, já datada por especialistas de entre c. 1600 e c. 1620, onde surge punccionado o nome de D. Catalina de Legros y Cordoba com representações avícolas e vegetalistas, que hoje se conserva em Madrid no Museu de Artes Decorativas.

A intenção de Juan de Lizarazu fora a de que os estudos mineralógicos de tal prelado viessem a ser traduzidos e divulgados (como o vieram de facto a ser, mais tarde, em Castela) pelas técnicas da imprensa de forma a enriquecer a produção científica da época nesta vertente específica.

Deste modo já em 15 de Fevereiro de 1637 Alonso Barba fez entrega a Lizarazu dos originais de um seu livro originariamente intitulado *Arte de los metales*²⁶, onde era apresentada uma vasta descrição da riqueza argentífera do subsolo sul-americano afecto ao império hispano-luso.

Segundo Julio Sánchez Gómez, esta

foi a obra mais importante de metalurgia aparecida no século e, ao mesmo tempo um acabado compêndio do saber técnico em metalurgia nesse momento e um conjunto de propostas originais do próprio Barba, no que mais apelativa é a modernidade da sua forma de conceber os processos que descreve.

Este sacerdote castelhano e mineralogista dividiu esta sua *Arte* em cinco livros. No primeiro, o leitor detecta a presença das ideias alquímicas de Barba, no plano da formação dos metais, a sua trans-

26 Cfr., a propósito, dos contributos doutrinários do Pe. Alonso Barba, no universo da exploração e tratamento da prata, os trabalhos de Eugenio Maffei, Ramón Rua Figueroa, Ramón, *Apuntes para una Biblioteca Española de libros, folletos y artículos, impresos y manuscritos, relativos al conocimiento y explotación de las riquezas minerales y a las ciencias auxiliares*, Madrid, Imprensa de J.M. Lapuente, 1871, pp. 61-65; Miguel Calvo e Emilia y Sevillano (1998) «Alvaro Alonso Barba y el Arte de los Metales», in *Química e Industria*, 45, 1998, pp. 106-111; Berta Marco Stiefel “Diez años de actividad químico-orgánica en el Instituto Alonso Barba (1939-1949)”, in *Revista Arbor* (163), pp. 319-347; ou, mais recentemente, Júlio Sánchez Gómez, “Álvaro Alonso Barba”, in *Diccionario de personalidades* (on line), Real Academia de la Historia, Madrid.

mutação, a oposição quente-frio, sendo porventura a parte da obra que recebeu mais duras críticas.

O segundo livro trata da descrição dos procedimentos então utilizados para *amalgamar* a prata. É nele que, porventura mais claramente se revela a modernidade do pensamento do Pe. Alonso Barba. É aqui publicada, pela primeira vez, uma descrição de procedimentos técnicos que decorriam à época no Perú entre os operadores nas jazidas mineiras. Na descoberta e desenvolvimento de todo esse processo técnico da *amalgamação* poderiam ter estado presentes quer Pedro Fernandes de Velasco (no México em 1566), o que poderá ser também provável. O registo técnico mais antigo continua a ser, porém, o missionário castelhano Pe. Joseph de Acosta²⁷, que estivera activo no Perú entre 1570 e 1585.- Ver **ANEXO I**.

Melhoram-se, neste passo do teor do livro, as formas de tratamento para o *desaçougar*, recorrendo-se inclusivamente à utilização de moinhos. No terceiro livro o autor abordou o processo (da sua própria invenção) e da forma de *amalgamar*²⁸ a quente.

O livro quarto dedicou-o o autor ao benefício da fundição, no que concerne mais em particular aos minerais de prata. Neste âmbito descreveu os diferentes tipos de fornos, tanto para fundição como para ensaio e calcinação de produtos. Por último, o quinto livro dedicou-o à separação da prata e do ouro. Abordou ainda, neste campo, entre diversas outras matérias, a utilização de retortas tabuladas de barro. Aí era feita, de igual modo, uma descoberta fundamental para a exploração da prata, o método de *los cazos* de modo a poder-se extrair a prata a quente.

Foram de facto esses originais manuscritos do Pe. Alonso Barba que, à época da presença de Constantino de Vasconcelos nas minas de Potosi, foram remetidos do Vice-Reino do Peru para o *Consejo de*

27 Acosta, Pe. José, S.J., *Historia Natural y Moral de las Indias* (edição ant. cit.), Sevilla, 1590, com tradução para a língua inglesa de Edward Grimston, Londres, 1604, republicada pela Hakluyt Society, 1880. De referir ainda que o Pe. José de Acosta nasceu em 1540 e passou os anos entre 1570 e 1585 no Peru; e o de 1586 no México.

28 Este termo técnico perspectiva-se no sentido de analisar e preparar uma liga de mercúrio com outro metal.

las Indias, em Sevilha. Assim o livro acabaria poucas semanas depois de ali chegado por ser mandado imprimir em Madrid, na Imprensa Régia, em 1640²⁹, com resultados sobretudo imensamente favoráveis para as jazidas de prata em exploração à época na América latina.



Frontispício de Arte de los metales en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro, y plata por azogue, Madrid, Imprensa Régia, 1640.

Constantino Vasconcelos, contemporâneo do Pe. Alonso Barba: um aprendiz bracarense disponível, quanto ao saber empírico e aos conhecimentos (renovados) da mineração no período seiscentista

Pode referir-se assim que, nesse período seiscentista, as inovações de Constantino de Vasconcelos no campo da exploração mineira e da prata – à qual se dedicava, ainda (como veremos adiante), nos trabalhos que desenvolveu em Huancavelica entre pelo menos 1643 e 45 – trouxeram algum sentido de novidade. Deve ter-se sempre presente, no entanto, algum recato e afirmarmos – nas devidas pro-

²⁹ Este prelado e investigador voltaria mais tarde a Castela – onde se encontrava em 1659 – mas teimou, ainda, em ir viver os últimos dias no Perú no que conseguiu ser bem sucedido, acabando por aí falecer em 1662.

porções – que ele, tal como o seu antecessor português, Henrique Garcés (c. 1522-c. 1593-1596), nessa mesma esfera de actividade mineira peruana nunca teve o mesmo papel (num sentido da inovação teórica de que desfrutou o Pe. Alonso Barba.

À presente data e face aos conhecimentos disponíveis sobre o bracarense seiscentista Constantino de Vasconcelos, não dispomos de elementos que comprovem quaisquer aspectos– nem em Oruro, nem em Potosí – de uma sua interacção, directa ou indirecta, com o Pe. Alonso Barba.

Da nomeação de D. Pedro Álvarez de Toledo y Leiva, Marquês de Mancera, como Vice-Rei do Perú em 1639. Um caso de *cripto*-História: a pretensa expedição peruana do Almirante hispânico De Ponte [ou da Ponte]

No período seiscentista, nessa segunda metade da década de 30, na actividade no império Hispano-português, as actividades de Constantino de Vasconcelos são mais um caso em que os acontecimentos vividos se caracterizam pelas suas deambulações à volta dos mais influentes *círculos do poder* na região.

Em Dezembro de 1639 esse Conde de Chinchón, Luis Jerónimo de Cabrera, cessou em Lima as funções de Vice-Rei que ali havia desempenhado durante cerca de uma década. No primeiro semestre do ano seguinte, aquele aristocrata regressava a Madrid, sendo então empossado como Conselheiro de Estado. Passou depois a acompanhar o rei Filipe IV de Castela (e III de Portugal) na sua campanha por territórios de Navarra, Aragão e Valência.

Esse foi também o período em que, a partir de 1 de Dezembro de 1640, o movimento de conjurados, presidido pelo Duque de Bragança, restituiu a Portugal a sua independência política. Este ficou, então, a presidir aos destinos do reino centenário sob o nome de D. João IV (e enfrentando uma prolongada Guerra da Restauração precisamente contra Castela).

Se se pudesse, por outro lado, acreditar na veracidade de alguns documentos relacionados com este período da vida costeira peruana – em particular em algumas fontes documentais editadas, algum tempo depois, num jornal (de começos de setecentos) de características populares, em Londres – poder-se-ia dizer que cerca de três depois da cessação de funções, como Vice-Rei da Nova Castela, do Conde de Chinchón (em Dezembro de 1639) haveria um facto não menos relevante a registar ali. Só que veio a provar-se que tal documento, que iremos agora sumariamente abordar, não passou de um apócrifo.

Nesses fins da quarta década do período seiscentista, mais precisamente em 1639, vários historiadores escreviam, empolgantemente, das navegações com vista a ser encontrada no norte do globo terrestre, naquelas águas parte do tempo geladas, uma passagem do Noroeste para o Oriente. Tal passagem (que se previa saísse do lago Hudson (na região norte do actual Canadá) permitiria, no campo meramente das hipóteses teóricas e da lenda, viajar desde os mares ditos das regiões norte-ocidentais ao encontro dos mares que possibilitavam o acesso às águas que conduziam à China e ao Japão.

Dando crédito a esses documentos pretensamente originais – que se veio a concluir serem apócrifos – teria vivido então no Perú um cidadão ibérico – houve mesmo quem vaticinasse tratar-se de um português de nome Bartolomeu De Fonte³⁰; ou Bartolomeu da Fonte – que em 3 de Abril de 1640 saíra do porto peruano de Callao com tais objectivos de descobrimento da passagem do Noroeste (ligando como se disse o norte da Amé-

30 Moral, Carmen Delgado, *El Panegirico por la Poesía en la Preceptiva poética del Siglo de Oro*, Universidade de Córdoba (dissertação de doutoramento), 2013, p. 17, n. 5). Esta autora estabeleceu “ser um facto claramente constatável a presença deste apelido [De Fonte] nas listas da Inquisição [castelhana], sempre referentes a processos de judaísmo”. E adianta que tal sucedeu com “o auto de fé sevillano contra o doutor Constantino da Fonte, relaxado em estátua, acusado no século XVI de ser seguidor de Lutero (1483-1546) e de posse de uma oficina tipográfica clandestina. Acerca desta matéria veja-se Álvarez, Carmen Fernández Daza, *Juan Antonio de Vera, I Conde de la Roca (1583-1658)*, Badajoz, Disputación Provincial, 1994, p. 47; ou, ainda, Gil, Juan, *Los conversos y la inquisición sevillana*, vol. I, Universidade de Sevilha, 2000, p. 342.

rica aos mares da China³¹). Este pretense contemporâneo e compatriota de Constantino de Vasconcelos ali em actividade, tendo saído daquele porto que serve a cidade de Lima, no pretense comando da nau *Espírito Santo*, de uma armada que integraria três outras embarcações³²- fizera crer que atingira, indo muito além das costas da Califórnia³³, a região do Lago Hudson. E nessa perspectiva ele chegara a ter encontrado, em tão inóspitas regiões geladas, uma outra nau que a havia precedido (proveniente da região norte-americana de Massachussets), tendo aí como capitão Shap- ply, acompanhado do próprio proprietário da mesma, Seymour Gibbons.

A pretensa *Carta* seiscentista desse referido Almirante De Fonte, que se pretendeu ter saído de Callao, veio a beneficiar de diversas edições nos séculos XVIII e XVIII, que receberam influências desse original. Tal veio a suceder com a edição de Increase Mather, em 1684³⁴ (26 anos depois, por sinal, da morte, no Perú, de Constantino

31 A crítica moderna tem acentuado a impressão de se tratar de um documento apócrifo, mais tarde editado em Londres e, anos depois, reimpresso (já em francês) na cidade de Paris. Sobre esta matéria veja-se Matos, M. Cadafaz de, “Verdade e ficção em narrativas históricas nos séculos XVII e XVIII, na França e na Inglaterra, relativas Portugal: o caso da Carta fictícia do Almirante De Fonte...”, in *Obras Completas do autor*, vol. XIII, Lisboa, CEHLE, pp. 333-385, onde se procede à publicação desses documentos originais (na sua edição de Londres), como a uma análise crítica distanciada dessa mesma matéria.

32 Pretende a narrativa apócrifa que a nau-capitã do Almirante De Fonte, a *Espírito Santo*, era acompanhada por três outras, o Santa Lúcia, comandado pelo vice-almirante D. Diego de Penalossa (“filho da irmã de D. Luís de Haro, Primeiro Ministro de Castela”, personalidade que existiu de facto, pois viveu entre 1598 e 1661; a *Rosário* [ou Nossa Senhora do Rosário], comandada por Pedro Bernardo; e *Rei Filipe*, sob o comando de Philippe de Ronquillo.

33 Sensivelmente um século antes desta data – e sabendo-se que tal expedição às passagens do Noroeste americano nunca se tenha realizado (em função da apócrifidade dos documentos a ela referentes) – o navegador ibérico João Rodrigues Carrilho havia desbravado (com alguma probabilidade entre 1540 e 1541), presumivelmente pela primeira vez, toda a costa da Califórnia. – Cfr. Lagoa, Visconde de, a obra *João Rodrigues Cabrilho. Achegas para a sua Biografia*, Lisboa, 1958. Herrera y Tordesillas, Antonio, por outro lado, já havia registado, na edição de *Historia General... Década Sétima*, Madrid, na oficina de Juan de la Cuesta, 1615, que João Rodrigues Carrilho fora de nacionalidade portuguesa.

34 Solis-Cohen, Bertha, no estudo “Benjamin Franklin [1706-1790] defends Northwest passage navigation”, in *The Princeton University Library Chronicle*, vol. 19, n.º 1, 1957, pp. 15-33, deixou bem claros, no plano da intertextualidade, alguns sinais dessa

de Vasconcelos). Efectivamente desde a década de 50 do século XX veio a provar-se que houve variantes textuais, como a de Increase Maher, cada autor ficcionando uma mesma realidade, mesmo que, por vezes, com agentes de acção com nomes nem sempre coincidentes³⁵.



Retrato em pintura do clérigo do puritano, Increase Matther, (quando visitou Londres no ano de 1688), da autoria de John van der Spriett .

mesma influência, ainda no plano seiscentista (ou seja, já em 1684). Veja-se, pois, a argumentação seguida, a propósito, por esta investigadora norte-americana. Na edição original inglesa (ou seja, a primeira vez que a carta do Almirante De Fonte veio a sair em letra de forma) podem detectar-se passagens como estas (**A**, o pretense original, do Almirante De Fonte; **B**, Increase Matther, que viveu entre 1639 e 1723, na versão original em inglês, de 1684). **A**1: um homem galante... gentil homem por modéstia... preparou-me um pequeno presente de provisões; eu presenteei-o com o meu anel de diamante; **A**2: [ele, Senhor Gibbons, proprietário do navio, era] Major General da maior Colonia da Nova Inglaterra; **A**-3: [Seimor] estava no navio com Shapley [o comandante] na costa noroeste da América; **A**-4: [O seu nome era] Seimor Gibbons.// **B**1: Gallant Commander; one that when at home show'ed Kindness to Strangers, & gain'd their Esteem; **B**-2: A Major, of Boston, in New England; **B**-3: Us'd sometimes to make Voyages to other Parts of America; **B**-4: The Ship & Cargo his own, he offer'd them for Provisions to the Frenchen; **B**-5: [His name was] Edward Gibbons.

35 Como se viu em nota anterior, a Seimor Gibbons (que no texto, do Almirante De Fonte era o proprietário da pretendida nau de Massachussets), corresponderia, anos mais tarde, na edição de Increase Matther, o nome de 1684, o nome de *Edward* Gibbons.

Fazendo-se fé em tal documentação, recordando-se que proveniente de Callao no Perú e rumando mais para norte – hipoteticamente acompanhado pelas outras naus da armada que comandava – o Almirante De Fonte teria conseguido quase aproximar-se dessa mítica região que possibilitaria (ao que acreditava) passar aos mares da China. Só que – e desmontada que se encontra hoje esta questiúncula na sua apocrioficidade documental – tal pretendida missão não se realizou e, inerentemente, não chegou a ter resultados práticos quanto aos seus objectivos.³⁶



Na carta de Franklin ao Dr. Pringle (Coppet Collection, Princeton University Library), datada de 27 de Maio de 1762 e divulgada em 1953 por Bertha Solis-Cohen, encontra-se, como anexo, a gravura de um Mapa das regiões nórdicas que se pretendiam ter sido visitadas pelo Almirante De Fonte, que havia navegado em 1640 desde as costas do Perú.

36 Como se viu em nota anterior, a Seimor Gibbons (que no texto, do Almirante De Fonte era o proprietário da pretendida nau de Massachussets), corresponderia, anos mais tarde, na edição de Increase Matther, o nome de *Edward Gibbons*.

Continua a desconhecer-se se essa documentação teve a sua origem no Perú ou já na Inglaterra, onde veio a ser editada. Tal fonte, durante anos, veio a ser difundida e traduzida (incluindo em França no século XVIII³⁷). Ignora-se também se algum português residente no período seiscentista no Perú, ao tempo dessa pretensa expedição nórdica³⁸, poderá ter estado na origem desse apócrifo de interesse para a História de Portugal nessa época na região.

Da nomeação e da chegada ao Perú do Vice-Rei, I Marquês de Mancera, ao sentido da desnaturalização de Constantino de Vasconcelos e das críticas que suscitou

Naqueles mesmo período tinham havido mudanças na hierarquia da governação daquele Vice-Reino sul-americano de Castela. Em 18 de Dezembro de 1639, Pedro Álvarez de Toledo y Leiva³⁹, acabara por ser nomeado Vice-Rei do Perú. Contava na altura 54 anos de idade.

Uma das decisões daquele novo Vice-Rei fora levar consigo, nessas novas funções, o filho, António Toledo y Salazar⁴⁰. E este, muito em breve, viria a manifestar um significativo apreço pelas actividades do português Constantino de Vasconcelos.

Pedro Álvarez de Toledo y Leiva tinha, então, a patente de General. Desde 1623 que o rei Filipe IV o tinha feito ascender, meramente de Senhor para I Marquês de Mancera. Terá sido já depois da sua

37 Delisle, Joseph Nicholas, *Nouvelles Cartes des Découvertes de l'Amiral de Fonte, Et autres Navigateurs Espagnols, Portugais, Anglois, Hollandois, François & Russes, dans les mers septentrionels, avec leur explcation*, Paris [Académie Royal des Sciences], 1753, p. 17; e p. 2, nota a (onde se faz alusão à hipotética nacionalidade portuguesa do eventual Almirante Bartolomeu da Fonte, saído do Peru (na sua expedição fictícia). De salientar, por outro lado, que Joseph N. Delisle, enquanto académico, estivera ao serviço da Corte Russa na Academia de S. Petersburgo, ao tempo do cientista português A. N. Ribeiro Sanches e fora meio-irmão de um outro cientista francês, Guillaume Delisle.

38 Cfr. Bertha Solis-Cohen, edição ant. cit. (1953).

39 Solis-Cohen, Bertha, edição ant. cit. (pp. 15-33).

40 D. Antonio de Toledo y Salazar viria a ser nomeado mais tarde, já em 1664, Vice-Rei da Nova Espanha (funções em que se manteve até ao ano de 1673).

chegada aquele território peruano que ele tomou conhecimento de que Portugal (fruto da acção de tais conjurados em Lisboa) seguia novamente o seu próprio caminho com nação independente.



I Marquês de Mancera (1585-1654), vice-Rei do Perú ou da Nova Espanha.

Com essa mudança dos destinos das duas nações ibéricas, também a própria vida de Constantino de Vasconcelos veio a conhecer alterações profundas. A par de outros autores, a historiadora Maria Dolores Crespo Rodrigues pôs em relevo que o bracarense

se desnaturalizou quando da independência de Portugal em 1640, granjeando a inimizade dos seus anteriores compatriotas. Por Lima circularam então várias composições satíricas, criticando o seu comportamento⁴¹.

Tratou-se enfim, a nosso ver e numa perspectiva deleuziana, de uma nova forma de *desterritorialização*⁴² do bracarense. Ele optava

41 Rodrigues, Maria Dolores Crespo, “Constantino de Vasconcelos”, edição ant., cit., in *Dicionário de personalidades*, Madrid, Real Academia de la História.

42 A este efeito sociológico de “desterritorialização” em Constantino de Vasconcelos, já fizemos alusão no Prólogo do primeiro artigo (de 2022) que votámos à figura deste bracarense.

assim, particularmente (no seu âmago mais profundo), de uma forma consciente, por um *castelhanismo* assumido naquelas paragens sul-americanas. Isso apesar de esses seus valores optativos lhe terem trazido, por parte de alguns compatriotas estabelecidos então naquelas paragens do Perú, onde viria a falecer, vários níveis de desconsideração e *abandono*.

Não detemos elementos suficientes para podermos ajuizar que tipo de personalidades, a residir então em Lima, pudesse ter tido qualquer tipo de influência nessa decisão sem dúvida amadurecida e muito pessoal. Para tal tomada de consciência ele já não podia contar com a amizade que lhe votara o antigo Bispo de Cuzco, D. Fernando de Vera y Zúñiga (recentemente falecido em 1638 como já se disse e de quem se havia afastado em Cuzco, fisicamente, c. de 1633). Para tal decisão, estamos em crer, não deveria ter contado o Vice-Rei, recém-chegado ao Perú, dado que ele o conheceria desde há pouco.

Só que no seu caso (encontrando-se este muito distante da alçada jurídica das entidades portuguesas) não viria nesse sentido a ter consequências tão dramáticas como se veio a revestir em Lisboa o caso de um outro português *desnaturalizado* - nessa mesma época, após o triunfo do movimento da Restauração⁴³ - de apelido Vasconcelos, neste caso o eborense Agostinho Manuel de Vasconcelos, condenado à morte e executado em Lisboa.- Ver **ANEXO II**.

Notícias de Lisboa recebidas em 1641-42 em Lima, (estando Constantino de Vasconcelos mais afecto *do lado* de Castela)

A partir de 1642-43 tudo indicia ter entrado em cena na vida de Constantino de Vasconcelos uma nova personalidade, Martin de

43 Importa ter em presença que o conhecimento no Vice-Reino do Perú do triunfo do movimento dos conjurados em Lisboa no 1º. de Dezembro de 1640 (que trouxe de novo a independência a Portugal), não teria sido uma realidade antes de Agosto a Setembro de 1641.

Arriola Valerdi⁴⁴ (de que procurámos reconstituir apenas uma parte do seu itinerário, na biblioteca da Real Academia de la História, em Madrid). Este tinha nascido em San Sebastián de Guipuzcoa, e tinha-se deslocado inicialmente de Castela para o Vice-Reino de Nova Castela (Perú), como advogado, para ouvidor da *Audiencia* na cidade de Lima.

Aí em funções – já antes da chegada do novo Vice-Rei do Perú, D. Pedro Álvarez de Toledo y Leiva, em 1639-40⁴⁵ - ele tinha mandado construir, de pedra e cal, com boa solidez, em 1637, um *tajamar* em Rímac. Nessa acção ele tinha dispendido cerca de cinquenta mil duros⁴⁶.

Interrogamo-nos, deste modo, sobre o ano em que terá ficado Constantino de Vasconcelos na dependência directa, como *assessor*⁴⁷, deste jurista-ouvidor basco, Arriola Valerdi, então na qualidade de governador⁴⁸. O que se sabe hoje com segurança é que Constantino desempenhou tais funções de assessoria “para as inspecções das ‘Cajas Reales’ peruanas”⁴⁹.

44 Este terá casado c. 1604 com D. Clara Eugenia Larrazpuru Aranibar (a qual viria a morrer em Pichincha, Quito, no Ecuador). Cfr. Rodrigues Maria Dolores Crespo, “Constantino de Vasconcelos”, edição ant., cit., in *Dicionário de personalidades*, Madrid, Real Academia de la Historia.

45 A chegada a Callao, não muito distante de Lima, da armada que trazia de Castela o novo Vice-Rei, ocorreu sensivelmente no período de 1640 (ao que pretendeu a cripto-notícia editada em Inglaterra) da saída desse mesmo porto do Almirante ibérico De Fonte, de origem eventualmente *portuguesa*, que iria procurar uma rota *do noroeste* que indiciasse caminhos para os mares da China e do Japão.

46 Cappa, P. Ricardo, S.J., *Estudios críticos acerca de la Dominación Española en America. Parte IV, Belas Artes. Arquitectura Civil, Ecclesiastica e Hidraulica, Camiños, Comunicaciones fluviales*, Libreria Catolica de Gregorio del Amo Editor, tomo XIV, Madrid, 1895, pp. 175-176.

47 Rodriguez, Maria Dolores Crespo, “Constantino de Vasconcelos”, in *Dicionário de personalidades*, Real Academia de la Historia, Madrid, ant. cit.

48 Se porventura o bracarense já trabalhasse para este ouvidor em 1637, seria até possível admitir a possibilidade de ter sido Constantino de Vasconcelos quem esteve na base do projecto desse *tajamar* de Rímac? Apercebemo-nos, por outro lado, do relativo curto hiato de tempo entre esta associação de Martin de Arriola Valerdi (desde 1642-43) com Constantino de Vasconcelos; e, logo de seguida, ter este português sido convidado a acompanhar António de Toledo, o filho do Vice-Rei, até Valdívia, ao sul, agora nas funções de arquitecto. Terão sido as colaborações do bracarense prestadas a Valerdi que o fizeram ascender, profissionalmente, a arquitecto *destacado*?

49 Rodriguez, Maria Dolores Crespo, *op. cit.*, loc. cit.

O período da ligação do técnico bracarense c. de 1643, às explorações mineiras da região de Huancavelica

Foi sensivelmente esse o período em que Constantino de Vasconcelos desenvolveu um aprofundamento, misto de teórico e prático, que constituía “um novo método de extracção de açougue ou mercúrio na localidade peruana de Huancavelica⁵⁰, de modo a melhorar a exploração local”⁵¹. Para esse efeito ele tomou conhecimento das excavações e galerias já aí abertas, traçando roteiros iconográficos das mesmas.

De início, segundo esta investigadora espanhola, esse seu projecto foi tido como de significativos avanços nesta área, chegando a atingir – a partir de 1643 em que foi posto em prática - cotas máximas na fundição de mercúrio. Chegou a beneficiar disso, inclusivamente, com os apoios do governador local, o já atrás referido Arriola Valerdi.

Efectivamente por este processo a laboração nas minas da região em toda a acção extractiva, parecia decorrer de uma forma menos pesada que a tradicional, advindo daí índices de uma maior produtividade no sector. Só que já a partir do segundo semestre desse mesmo ano os mineiros principiaram a manifestar a sua oposição e até mesmo algumas hostilidades contra este processo de laboração proposto por Constantino de Vasconcelos.

Deste modo o português teve necessidade de viajar de Huancavelica até Lima, de modo a solicitar, aí, apoios junto do próprio Vice-Rei

50 Tendo Humberto Leonardo Rodriguez-Camilloni (no tomo das Ilustrações da sua já aludida dissertação de doutoramento) editado documentação iconográfica referente aos trabalhos de Constantino de Vasconcelos sobre a exploração mineira de Huancavelica em 1643, tal permitirá concluir que foi em tal período que o bracarense ali trabalhou nessa exploração. Sobre as minas existentes em Huancavelica, remete-se, no essencial, para as descrições constantes de *Ricardo Beltrán y Rozpide, Colección de las Meórias o Relaciones que Escribieron los Virreyes del Peru* (BGUC), em particular o documento de base histórica “Guancavelica” (pp. 81-184); e, no “Billete que escribió el Principe de Esquillache al Marqués de Montesclaros” (id., pp. 204-207); assim como – e uma vez mais – para as considerações expostas na *Relación que el Principe de Esquilache...*, atrás apresentadas.

51 Rodriguez, Maria Dolores Crespo, *idem*, *ibidem*

e das principais autoridades que viviam à sua volta. Ele pôde, então, proceder aí a várias demonstrações teóricas e técnicas, de modo a tentar provar as vantagens do seu projecto em detrimento de outros.

Já em 7 de Outubro de 1643 Constantino de Vasconcelos redigiu um documento – assente em 59 pontos – com regras, mas também com advertências – sobre esse seu mesmo projecto. Esse documento acabaria por ser aprovado em 11 de Maio de 1644. Só que, mesmo que as autoridades tenham aprovado esse seu projecto, os mineiros locais continuaram a repudiar o teor aí expresso, pelo que o mesmo, considerado como ilusório, acabaria por fazer fracassar esses seus intentos.

Não estando esse tema totalmente arredado dos interesses do novo Vice-Rei, que continuou a manter um posicionamento de defesa do projecto do técnico bacarense, aquele dirigente político ordenou então que reunisse, em 21 de Julho de 1644, uma Comissão de modo a ser analisado o “estado de ciência” da proposta do português. Esse grupo de trabalho – de faziam parte um dirigente de fábricas de Lima, Pedro de Nogueira, o Pe. Frei Diego Maroto, assim como o mestre canteiro e roceiro Miguel de Rigolo - partiu para aquela aludida região mineira em 26 de Agosto de 1645. Estava-lhe atribuído emitir um parecer sobre “se as suas ideias eram praticáveis em Huancavelica”.

Encontra-se também documentado que no dia 5 de Novembro de 1645 o próprio Vice Rei partiu em visita oficial a essas minas de Huancavelica. Integravam a sua comitiva o próprio Constantino de Vasconcelos, o referido governador Arriola, o cosmógrafo-mor Juan de Villanueva, o secretário de Câmara Gabriel de Eraso, os peritos Maroto, Rigolo e outros. Era pretensão deste Vice-Rei proceder a uma avaliação, *in loco*, de todos esses problemas de exploração da prata, do ouro e do mercúrio.

Em Huancavelica veio, assim, a ser então “realizada uma demonstração do procedimento técnico”, proposto por Constantino de Vasconcelos para esse tipo de exploração mineira. O português procurou

aí explicar as vantagens do método que defendia. Deste modo, ao que sustenta ainda Maria Dolores Crespo Rodrigues,

*o seu sistema [de exploração mineira] foi aprovado e recomendado por todos os informantes*⁵².

Tal apoio veio a constituir, assim, um valioso triunfo para os métodos em que Constantino de Vasconcelos procurava afirmar a mais valia dos seus conhecimentos (seguramente já trazidos da Europa e denotando conjunto de leituras sectorizadas), nesse sector das técnicas mineiras seiscentistas.

A participação de Constantino de Vasconcelos na expedição ao Chile, em 1645, dirigida por D. Antonio de Toledo (filho do Marquês de Mancera, Vice-Rei do Perú)

Entretanto também na sua acção governativa no Perú, o Vice-Rei Marquês de Mancera, tinha, entre outras preocupações, a defesa do governo de algumas regiões da costa meridional, como a de Valdívía (numa área hoje ocupado pela parte centro-sul do Chile). Essa sua política tinha em vista obstar, por exemplo, a que algumas forças de corsários holandeses – e, até, de outras nações – pudessem atacar aquele Vice-Reino a que presidia, pelas costas marítimas do sul.

No âmbito dessa política defensiva, a zona portuária de Valdívía tinha ficado de certo modo desabitada por muitos anos até que, em 1643, a expedição holandesa de Hendrik Brower, tinha tentado estabelecer ali uma colónia, sem sucesso. Essa iniciativa neerlandesa naquela zona costeira da capitania-geral do Chile levou o Vice-Rei do Peru, Pedro de Toledo y Leiva, Marquês de Mancera, a proceder à refundação de Valdívía.

52 Maria Dolores Crespo Rodriguez, *idem*, *ibidem*.

Foi nesse contexto de uma política defensiva daquela região que o Vice-Rei, Marquês de Mancera, aprovou que seu filho, António Sebastián de Mancera⁵³, partisse de Lima, em fins de 1645, com uma armada em direcção a Valdívia.



Retrato de D. Antonio Sebastián Álvarez de Toledo Molina y Salazar (Sevilha, 1622-1715).

António Sebastián tinha-se feito reunir de um conjunto de qualificados técnicos que o poderiam apoiar nesse programa de construção com vista à defesa das referidas costas da região sul. Com ele seguiram, na armada então constituída para tal efeito, em direcção precisamente às costas chilenas, quer o português Constantino de Vasconcelos, na qualidade de *Eng^o.-mor*, quer um conjunto de arquitectos, pedreiros, desenhados e estratégias militares.

53 António Sebastián de Toledo Molina y Salazar viveu uma parte significativa da sua vida em terras peruanas, onde seu pai, Pedro Alvares de Toledo y Leiva, desempenhava – como atrás registámos – as funções de Vice-Rei. Este nobre ascendeu ao cargo de Vice-Rei da Nova Espanha em 15 de Outubro de 1664, onde se manteve em funções até 8 de Dezembro de 1773. O mesmo Antonio Sebastián de Toledo Molina y Salazar viria a falecer já em 1715.

Deste modo o Marquês de Mancera tinha determinado, então, que fosse edificado um sistema de fortalezas, fortes e baterias que defendesse aquelas zonas portuárias⁵⁴. Algum tempo depois eram fundados os fortes de Corral, Niebla e da localidade designada precisamente de Mancera.

Todo esse conjunto de fortificações ficou conhecida como a *chave do mar do sul*⁵⁵. Juntamente com a fortaleza de Filipe e o forte de São Diego de Acapulco constituía o eixo defensivo espanhol no sul do Oceano Pacífico.

Esse ambicioso projeto havia-se já iniciado, com efeito, em 1635, com o levantamento cartográfico da região. Tanto para a ilha depois designada de Mancera, como para as regiões dos demais fortes projetados, foi planeada uma forte intervenção, nesse plano das fortificações. Assim veio a ser erguido, precisamente em 1645, para além das ditas fortificações, o castelo de São Pedro de Alcântara. Por seu lado o castelo de São Sebastião também foi iniciado nesse ano⁵⁶, para além de dois conventos, um associado à Ordem Terceira de S. Francisco e um outro, à Ordem de Santo Agostinho⁵⁷.

O historiador Pe. Gabriel Guarda, na sua obra *Flandes Indiano*⁵⁸, estabeleceu que esta expedição, sob o comando de Antonio Se-

54 Esse conjunto de construções prolongou-se durante mais de uma década, na medida em que, em 1658, se iniciava ainda a construção do Forte de Amargos na região.

55 Agradecemos, neste passo, todo o apoio pessoal e documental recebido do (então) Embaixador de Portugal no Chile, Dr. António Leão Rocha.

56 A última das fortificações construídas nessa região viria a ser, c. de 25 nos mais tarde, o castelo da Pura e Limpa Conceção, de Monfort de Lemos, em 1671.

57 Só quase duas décadas depois, em 1663, viria a ser implementada, ainda nesse Vice-Reino do Perú, a edificação – com vista a servir os interesses dos mercedários – do Colégio de S. Pedro Nolasco. Chega mesmo a referir-se que o próprio Constantino de Vasconcelos terá sido o responsável por delinear, como arquitecto, o claustro desta instituição. Veja-se, a este respeito, o trabalho “Una obra inédita de Constantino Vasconcellos: el claustro del colegio de San Pedro Nolasco de Lima”, in *Laboratório de Arte*, 1993, pp. 347-351.

58 Gabriel Guarda, *Flandes Indiano*, Santiago, Universidade Católica de Chile, 1990.

bastián de Toledo, era constituída de 17 naves. Destas, três delas permaneceram, porém, no porto de Valparaíso.

Nesta armada seguiu com efeito, como já dissemos que, segundo este cronista peruano, era (então) ali referenciado como Constantino Vasconcelos. E ele vinha acometido – importa de novo frisá-lo – das funções de engenheiro.

Tal armada saiu precisamente do porto de Callao, num sábado, dia 31 de Dezembro de 1644. De um ponto de vista militar e estratégico, este político tinha então vários objectivos particulares.

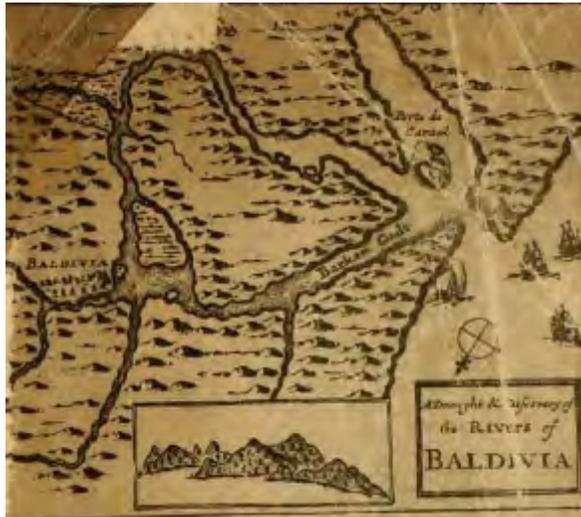
Ele pretendia primeiramente, atendendo à crónica de Frei Miguel de Aguirre,

*desalojar o holandês se ele tivesse, como se dizia, voltado a fortificar-se ali; e ocupar por antecipação esse espaço ou posto caso voltasse ali depois; assim como fechar-lhe o porto e, daí, as portas da cidade, nos dois braços daquele formoso rio*⁵⁹.

Outra das preocupações estratégicas de Antonio Sebastián de Toledo era povoar o mesmo sítio antigo de Valdivia para que esta nova população dispusesse de um novo *freio* e praça de armas, com que se pudesse debelar qualquer inimigo estrangeiro e de onde se pudesse combater o princípio de qualquer nova “*redução do doméstico rebelde chileno*”.

A chegada da armada de Antonio Sebastián, à região portuária de Valdivia, ocorreu 36 dias depois de ter deixado o porto de Callao. Continuando um pouco mais esse périplo, em 6 de Fevereiro seguinte já se encontrava no porto de Corral.

59 Padre Maestro Fray Miguel Aguirre, da Ordem de Santo Agostinho, *Población de Baldibia. Motivos y Medios para aquella fundación. Defensas de Reyno de Peru, para resistir las invasiones enemigas en mar y tierra*, Lima, em casa de [na oficina tipográfica de] Julián Santos de Saldaña, impressor Jorge Lopez de Herrera, 1647. Esta passagem específica encontra-se, aí, in p. 35 vº.



Frontispício da obra de Guillermo Feliú Cruz (1900-1973) e de Gabriel Guarda Geywitz (1928-2020), *História de Valdivia, 1552-1952*, Chile, 1953 (por cortesia da Biblioteca Nacional do Chile).



Frontispício da edição de Frei Miguel Aguirre, *Población de Baldibia* (Chile), Lima, 1647.

Foi precisamente Frei Miguel Aguirre quem fez alusão – na sua obra inovadora *Población de Baldibia. Motivos y Medios para aquella fundación. Defensas de Reyno de Peru, para resistir las invasiones enemigas en mar y tierra* (Lima, 1647) – ao papel interventivo de Constantino de Vasconcelos nesse projecto:

começou logo o General a executar, pontual e vigilante, as instruções do Vice-Rei, com empenho militar e filial; tratou de reconhecer os postos, demarcar a terra, fundar o mar e rios... medio as distâncias por intermédio de Don Constantino de Vasconcelos, evidente matemático e cosmógrafo, que foi por engenheiro-mor nesta armada: e havendo-se reconhecido quer o porto quer estas paragens com uma particular diferença do que havia sido dado anteriormente a entender; e de modo a que as entradas se podiam defender sujeitas à artilharia; e feitas as observações e reconhecimento dos postos que se podiam ocupar para impedir quaisquer entradas quer pelos braços do rio quer pelos canais de Valdivia⁶⁰.



Um aspecto da bateria do Castelo da Pura e Limpa Concepção, de Monfort de Lemos, na região de Valdivia.

60 Frei Miguel de Aguirre, *op. cit.*, pp. 35 vº. – 36 rº.

O empenho do bracarense Constantino de Vasconcelos nas funções na área da engenharia que lhe estavam acometidas na sua missão ao centro-sul do Chile, em 1645

Procedeu-se aí, entre outro aspectos, ao estudo do terreno, com vista a serem edificadas algumas das atrás referidas estruturas portuárias militares defensivas. Cumpriam-se assim os desígnios implementados numa das ordenações do Marquês de Mancera. Esta área arquitectural quanto à defesa de zonas costeiras no continente americano também apresentava então – e sobretudo num período ligeiramente posterior quanto a possessões portuguesas, como deixou claro num dos seus trabalhos o Pe. Luís Gonzaga – um particular interesse para as entidades portuguesas (já após o período do triunfo do movimento da Restauração em Lisboa em 1640)⁶¹.

O mesmo Constantino de Vasconcelos teve então ensejo de propor modelos de construção para aquelas primeiras fortificações locais. O conceito fixado, em traços bem elucidativos, pelo

61 Um dos testemunhos mais elucidativos é o trabalho (apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História, 22-26 de Julho de 2013) por Luiza Nascimento de Oliveira, “Arquitectura Militar e a prática de defesa: formas de uma configuração”. Aí é abordada a candente problemática de que “o conhecimento técnico-científico foi utilizado como argumento para reivindicar a posse e o exercício de domínio sobre um espaço distante, transformando estes em áreas de soberania da Coroa” [como a castelhana ou a portuguesa]. Este aspecto – inclusivamente também na doutrina da *soberania política* colonial – viria ainda a estar (mesmo que indirectamente) presente numa obra, datada de entre o último ano do século XVII e os começos do século XVIII, da autoria do Pe. Luís Gonzaga, da Companhia de Jesus, *Tratado da Architectura* [leia-se, Arquitectura], existente na Biblioteca da Ajuda, com a cota BA-46-VIII-23, que nos foi dado a conhecer pelo antigo director daquela instituição, o nosso amigo pessoal, Dr. Francisco da Cunha Leão (entretanto falecido). Seria interessante, a nosso ver, poder proceder-se a um estudo comparativo entre o pensamento arquitectural-militar de Constantino de Vasconcelos no centro-sul do Chile daquela época (mais virado para o poder de Filipe de Castela do que para D. Pedro II de Portugal), c. de 1625 e o das bases programáticas que se encontravam na base deste tratado – porventura ainda seiscentista, na matriz do seu pensamento – do Pe. Luís Gonzaga (impresso em 1701 em Lisboa na oficina de Bernardo da Costa). – Veja-se, ainda, H. Leitão, *Sphaera Mundi*, catálogo, p. 200; e, ainda, Luís de Albuquerque, “A ‘Aula da Esfera’ no Convento de Santo Antão no século XVII” (2004).

bracarense, foi logo nesse período admirado e respeitado (vindo só algumas dezenas de anos depois a ser objecto de ampliação⁶²).

Esta armada do filho do Vice-Rei do Perú permaneceu um total de 53 dias na região – hoje chilena - de Valdivia⁶³. Constantino de Vasconcelos (passado todo aquele período de missão, regressou então - naquela expedição naval liderada por D. Antonio Sebastián de Toledo, ao porto de Callao nas imediações da dita capital do Vice-Reino.

Outros reconhecidos aspectos que documentam uma interação política (neste caso de base religiosa), entre as regiões de Lima e de Valdivia

Ainda em relação a esse porto da região centro-sul do Chile – embora de um período um pouco anterior – não deve ser esquecida, de igual modo, a figura de um Padre da Companhia de Jesus, Luís de Valdivia (1561-1642).

Tratou-se de um religioso que seria (tal como o nome parece indiciar) proveniente dessa mesma localidade de Valdivia. Ele tinha escrito, num tempo anterior, e feito publicar em 1607, precisamente em Lima, no Perú, na oficina de Francisco del Canto - como especialista em línguas indígenas da Argentina e do Chile - a *Doctrina Christiana y Cathecismo en la lengua Allentiac*⁶⁴ [que se falava à época ainda na região de Cuyo, na Argentina, língua essa hoje já praticamente desaparecida].

62 O Pe. Gabriel Guarda considerou (in *op. cit.*) que estas estruturas defensivas vieram a ser objecto de ampliações no século XVIII.

63 Cfr. Beltrán y Roxfide, Ricardo, *Collección de las Memórias o Relaciones que escribie-ron los Virreyes del Perú...*, em particular o documento “El puerto de Valdivia...” (ainda da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), Madrid, 1921, pp. 261-263. Veja-se, ainda, *Relaciones Geograficas de Indias. Publicadas el Ministerio de Fomento. Peru*. Al Congreso Internacional de Americanistas de Madrid, (tomos I-IV): I, 1881; II, 1885; III, 1897; e IV, 1897.

64 Cfr. Julie Greer Johnson, *The Book in the Americas...*, ed. ant. cit. (1988), p. 58.

Cerca de três anos depois de terminada a missão do filho do I Marquês de Mancera (acompanhado como se disse de D. Constantino de Vasconcelos) em Valdivia, seu pai terminava esses seus serviços de governação como Vice-Rei do Perú. Regressado a Castela, sucederam-lhe, nessas funções, respectivamente os Vice-Reis García Sarmiento de Sotomaior (de 1648 a 1655) e, posteriormente, Luís Enrique de Guzmán (de 1655 a 1661).

Quanto a Constantino de Vasconcelos, a sua actividade passaria, pouco depois – a decorrer na região de Lima, em várias frentes, mas retendo-se, mais em particular, em meios afectos à Ordem Terceira de S. Francisco.

ANEXOS

ANEXO I

Da *amalgamação* da prata no Vice-Reino do Perú nos séculos XVI e XVII, aos significativos nesta matéria trazidos pelo castelhano Pe. Alonso Barba

*Provavelmente, a questão sobre quem foi o inventor deste processo da *amalgamação* de prata nunca virá a ser clarificado. De acordo com Ulloa⁶⁵, D. Pedro Fernandes de Velasco descobriu o processo no México em 1566. O registo técnico mais antigo continua a ser, porém, o do Pe. Joseph de Acosta⁶⁶, que havia nascido em 1540, e vivera entre 1570 e 1585 no Perú e no ano de 1586 no México.*

Note-se que a jazida argêntea de Potosi, no Perú [onde já na segunda metade do período quinhentista havia trabalhado uma outra figura bem nossa conhecida, o portuense Henrique Garcês⁶⁷; e onde nos anos 30 do século XVII chegou este seu compatriota, Constantino de Vasconcelos], havia sido descoberta em 1545⁶⁸.

O Pe. José de Acosta sublinhou, ainda, que a refinação da prata com mercúrio fora introduzida em Potosi por Pedro Fernandes de Velasco a partir do México em 1571. E afirmou ainda a este respeito:

65 Ulloa, *Relación Historica Del Viage a la America Meridional*, Madrid, 1748.

66 Pe. José de Acosta, S.J., *Historia Natural y Moral de las Indias* (edição ant. cit.), Sevilha, 1590, com tradução para a língua inglesa de Edward Grimston, Londres, 1604, republicada pela Hakluyt Society, 1880. De referir ainda que o Pe. José de Acosta nasceu em 1540 e passou os anos entre 1570 e 1585 no Perú; e o de 1586 no México.

67 Graças ao colecionador de Pratas, estabelecido em Lisboa, Senhor Francisco Barros e Sá, tomámos conhecimento deste estudioso da prata e do mercúrio no Perú do século XVI. Estudámos essa figura quinhentista desde 1979 (graças aos incentivos daquele estudioso contemporâneo, natural de Santarém). O nosso trabalho - com excepção de dois nossos estudos, um saído em *D. Not.*, Lisboa, 28-VI-1981; e um outro editado na revista *Museu / Círculo José de Figueiredo*, Porto, 1997 - encontra-se ainda inédito.

68 Cfr. a "Descripción de la villa y Minas de Potosi – Año 1603" (BGUC), documento tardio que aqui nos congrega, de Abril de 1784, constante de *Relaciones Geograficas de Indias... Peru*, tomo II (BGUC), Madrid, 1885, pp. 113-138.

... “Colocavam o pó do metal nos vasos sobre as fornalhas, enquanto a ungiam e mortificavam com salmoura, apondo, por cada cinquenta quintais de pó, cinco quintais de sal. Procedia-se desse modo para que o sal separasse a terra dos resíduos e para que, no final, o açougue pudesse atrair a si mais facilmente a própria prata. Posteriormente, colocavam açougue num pouco de pano de holanda pressionando-o sobre o metal, e avançado sempre com um funil rodado sempre e mexendo o metal, de modo a este ficar no final bem incorporado⁶⁹.

Antes da invenção destas fornalhas de fogo, era frequente misturar o metal com açougue em grandes buracos, deixando ficar durante alguns dias e, depois, misturar e mexer novamente, até se verificar que todo o açougue estava bem incorporado com a prata, que continuava vinte ou mais dias, pelo menos, durante nove dias.

Uma apreciação sumária sobre o processo de amalgamação nas descrições do livro do Pe. castelhano Alonso Barba

Uma menção frequente dos métodos de amalgamação de prata é realizada pelos escritores espanhóis subsequentes a esta altura, sendo que o melhor registo é o do Pe. Alonso Barba. Este religioso, nativo de Lepe, na Andaluzia⁷⁰, seguiu a sua vocação em vários locais do Peru entre cerca de 1600 e 1630⁷¹ e, num dado momento, assumiu a Curia de São Bernardo em Potospovoasi [vila que tinha sido povoada pela primeira vez em Abril de 1545 por 75 homens⁷²].

69 Seguimos aqui a tradução de Grimston, vol. I, p. 219.

70 A alguns dos aspectos essenciais trazidos por este tratado do Pe. Alonso Barba, nos referimos também noutro passo do presente trabalho.

71 Este documento comprova que tanto o Pe. Alonso Barba como o português Constantino de Vasconcelos ainda terão chegado a viver num mesmo tempo, no Peru. Tal decorreu, pelo menos, no biénio de 1629-30, em que ele passou por Lima e se foi fixar, como referido Bispo que servia, na diocese de Cuzco.

72 Quando o bracarense passou pelas minas de Potosí, ainda era recente a memória do Pe. Alonso Barba nessa exploração argêntea.

Em 1640, o Padre Barba publicou em Madrid a sua obra maior, a Arte de los Metales..., em cinco livros. Os primeiros dois livros desta sua obra foram traduzidos para inglês pelo Conde de Sandwich e publicados em Londres em 1674⁷³.

Esta tradução ficou tão empobrecida e com deficiências várias, como as realizadas para francês e alemão. Tudo isso, muito naturalmente, da total falta de preparação técnica (e da compreensão destas matérias) pelos próprios tradutores.

Entre os métodos de amalgamação de prata descritos por Barba encontra-se um que, após “descoberta” posterior na cidade de Virgínia, é conhecido como “Processo de Washoe”.

Nenhum dos escritores espanhóis parecem fazer qualquer referência ao livro e às descrições técnicas de relato de Biringuccio. Este facto permite levantar a (apesar de tudo) premente questão se o Processo de Patio foi uma importação da Europa ou se foi reinventado no México. Embora não exista qualquer evidência direta sobre este ponto, presume-se em favor da primeira hipótese.

A introdução geral da amalgamação de minérios de prata na Europa central parece ter sido muito lenta e passaram mais de 200 anos desde a sua adopção no Perú e no México até receber uma atenção séria por parte dos metalúrgicos alemães.

Ignaz Elder v. Born terá sido o primeiro a estabelecer o processo de forma eficaz na Europa, tendo erigido em 1784 um “moinho rápido” em Glasshutzen, perto de Shemnitz. Ele publicou um relato elaborado de um processo que afirmava ser da sua criação, sob o título Ueber das Anquicken der Gold und Silberhält igen Erze⁷⁴. A única questão nova neste (aparentemente novo) processo parece ser apenas a agitação mecânica.

Acontece que, na opinião de Born, um espanhol de nome D. Juan de Cordoba, no ano 1588, recorreu ao Tribunal de Viena, oferecendo-se

73 Pe. Alonso Barba, *O Primeiro Livro da Arte dos Metais* (n.d.t.), tradução e edição do Conde de Sandwich.

74 A edição desta obra ocorreu em Viena, em 1786.

para extrair prata de minérios com recurso a mercúrio. Foram realizados vários testes sob a direcção do célebre Lazarus Erckern e, embora pareça que tenham sido utilizados algum vitríolo e sal, os testes aparentemente falharam, uma vez que Erckern concluiu o seu relatório com este desabafo:

“Para que V. Senhorias não venham a ter qualquer despesa adicional que se esqueça esta experiência”⁷⁵.

ANEXO II

Da tentativa de desnaturalização em Lisboa do português D. Agostinho Manuel de Vasconcelos e da sua punição com a própria morte

Oferece-se-nos como deveras curiosa a informação de que dois dos mais destacados desnaturalizados portugueses após o triunfo do movimento da Restauração em Lisboa em 1 de Dezembro de 1640, tiveram lugar um no Vice-Reino do Peru, com este cidadão de origem bracarense; e um outro, de origem eborense, a residir em Lisboa. E que tinham tido os dois o apelido de Vasconcelos e ambos tenham tido dois nomes diferente. Referimo-nos a D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, por um lado e a Constantino de Vasconcelos, por outro, que vieram naturalmente a ter fins de vida distintos.

O primeiro deles tinha tido (tal como o segundo) um nome diferenciado do primeiro por que havia sido conhecido. Tal já referiu Diogo Barbosa Machado,

D. Agostinho Manoel de Vasconcelos [havia-se] chamado antigamente Agostinho de Mello⁷⁶.

⁷⁵ A obra do Barão Inigo Born foi traduzida pra inglês por R. E. Raspe, sob o título *New Process of Amalgamation Novo Processo de Amalgamação*, Londres, 1791.

⁷⁶ Barbosa Machado, *BL*, I, Lisboa, oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741, pp. 68-69.

Nascido em Évora no seio de uma família da Nobreza em 1584, tinham sido seus pais Ruy Mendes de Vasconcelos e D. Anna Noronha. Na adolescência cursou Direito Civil na Universidade de Salamanca, vindo a ser tornado cavaleiro professo da Ordem militar de Cristo.

Nesse período, abordou em discurso histórico, as acções de algumas figuras ilustres da Nobreza e da Realeza. Primeiramente foi o caso da Vida de *D. Duarte de Meneses, Terceiro Conde de Viana* [1414-1464], a qual saiu impressa em Lisboa, por Pedro Craesbeck, em 1627.



Efígie recriada de D. Duarte de Meneses, III Conde de Viana do Alentejo, figura esta evocada no período seiscentista por D. D. Agostinho de Vasconcelos

Mesmo apesar de, posteriormente continuar a dedicar-se também à arte poética, cerca de uma dúzia de anos depois deu à estampa uma obra que intitulou *Sucessión del Señor Rey D. Filippe el Segundo en la Corona de Portugal*. Esta, por sua vez, já foi dada a imprimir

também em Castela – o que denotava os interesses e afinidades deste nobre – desta feita nos prelos de Pedro Tasso, em Madrid, em 1639. No mesmo ano, e ainda nessa cidade, ele mandou imprimir – na oficina de Maria de Quiñones (mesmo que, depois, também tenha sido reeditado em Paris) o seu livro *Vida y acciones del Rey D. Juan el segun Rey de Portugal*.

A conjuração de 1641 em Lisboa e alguns dos seus implicados

Entretanto Agostinho Mendes de Vasconcelos – a par do Marquês de Vila Real, Duque de Caminha e Conde de Armamar e outros nobres, perpetraram uma conjura contra o rei D. João IV (que não muitos meses antes tivera êxito no afastamento do domínio político de Castela contra Portugal).

A ideia inicial teria sido forjar um incêndio no Palácio Real, em Lisboa, chamando a atenção dos guardas e vigilantes do local e, deste modo, deixar o rei desguarnecido de protecção e poderem assassiná-lo. Após desmontada esta rebelião⁷⁷ todos os nobres implicados que aí haviam tomado parte na conjura, presumivelmente liderados pelo Arcebispo-primaz D. Sebastião de Matos Noronha, acabaram por ser presos⁷⁸.

No castigo dessa tentativa de atentado régio, o qual se pretendeu exemplar, D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, tal como praticamente todos os outros implicados, foram objecto de um auto que

77 Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da, *D. João IV*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, pp. 114-124; e p. 127.

78 Nesta conjura que se crê liderada pelo Arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos Noronha, participaram, para além de D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, entre outros, o Marquês de Vila Real, D. Miguel de Noronha, Duque de Caminha, o sobrinho do Arcebispo, Rui de Matos de Noronha, Conde de Armamar, os dois capitães Diogo de Brito Nabo e Belchior Correia da França, ou um mercador rico chamado Pedro Baeça. Todos os conspiradores foram presos num Domingo, 28 de julho de 1641. Os implicados vieram a ser objecto de um auto que decorreu na praça do Rossio, em Lisboa, 20 de Agosto de 1641, sendo degolados. Quando ao presumível líder da conjura, o Arcebispo, foi conduzido sob prisão ao forte de S. Julião da Barra, onde veio a falecer em 1641 ou 1642.

decorreu no Rossio em Lisboa. Acabaram por ser degolados em 28 de Agosto de 1641, ante a multidão da capital que ali acorreu. Quanto a D. Agostinho, ele contava então 57 anos de idade.

ANEXO III

Um outro projecto de investigação sobre as estruturas portuárias seiscentistas chilenas: os estudos de Susana Simonetti de Groote e de Ángel Cabeza Monteiro: a origem e o motivo das fortificações de Valdivia

A Coroa espanhola⁷⁹ cedo percebeu o carácter estratégico da região sul do Chile, [mas ainda integrado no espaço do Vice-Reino do Perú] que através do estreito de Magalhães e do Cabo Horn era um ponto intermédio para a navegação desde a Europa até à costa americana do Pacífico. A partir do final do século XVI, a construção de fortificações nesta área tornou-se uma grande prioridade, devido ao trânsito frequente de navios franceses, ingleses e holandeses e, em particular, devido às incursões de corsários. À destruição causada na costa chilena e peruana por Francis Drake em 1578, vieram juntar-se expedições como a do holandês Hendrik Brouwer, que em 1643 ocupou temporariamente a linha costeira adjacente à foz do rio Valdivia, com a intenção de, a partir daí, desafiar o poder espanhol.

A aventura de Brouwer, em particular, levou as autoridades peninsulares a construírem complexos defensivos poderosos em Valdivia e, mais tarde, em Valparaíso. Valdivia constituiria, juntamente com El Callao, o mais importante complexo defensivo da costa americana do Pacífico

79 Cfr. Susana Simonetti de Groote e Ángel Cabeza Monteiro (historiadores chilenos), "Las fortificações de Valdivia en el sur de Chile", in revista *Hereditas*, 2005 (dactiloscrito, pp. 6-8). Em Setembro de 2021 contactámos essa investigadora (tendo-nos o seu mal sido facultado, para tal efeito, generosamente, por S. Exa. o Embaixador de Portugal no Chile). A versão portuguesa (da nossa responsabilidade) do presente texto, bem como as breves notas, foram enviadas oportunamente, para conhecimento, aos seus respectivos autores.

Sul. Ambos os casos são exemplos excepcionais da chamada Escola hispano-americana de fortificação abaluartada. O motivo do esforço e dos recursos investidos em Valdivia deriva, naturalmente, da necessidade de defender o Peru, que, juntamente com o México, constituía a principal fonte de riqueza americana para a Coroa de Castela.

Em 1645, o Vice-Rei peruano Antonio de Toledo, Marquês de Mancera, deu início à execução de um plano defensivo há muito concebido. Um dos seus pontos fundamentais foi enviar uma grande armada para refundar a cidade de Valdivia - desolada após a revolta índia de 1598 - para a converter num bastião e para erguer fortificações na costa. O contingente encarregado da missão foi organizado no Peru e surpreendeu os contemporâneos pela sua magnitude. Foram disponibilizados dezassete navios, carregados com uma quantidade sem precedentes de materiais de construção e provisões.

O plano original de fortificação visava tirar partido das excepcionais qualidades defensivas da Baía de Corral, na foz do rio Valdivia. No plano, estava prevista a construção de quatro fortalezas básicas que, em caso de ataque, deveriam funcionar em conjunto, cruzando os seus disparos. Na disposição destes quatro pontos centrais, e na conceção dos próprios baluartes, foram conjugados fatores topográficos, geográficos e ambientais: as correntes marítimas, o desnível do terreno, os ventos predominantes, etc. Ainda que, com o passar do tempo, o complexo tenha sido aumentado com novas baterias e o papel das quatro fortalezas essenciais tenha sido alterado, o esquema original não variou na sua base, mantendo a proeminência de quatro pontos: a ilha de Mancera, Corral, Amargos e Niebla.

Os planos superintendidos para o porto de Valdivia, por António de Toledo (filho do Vice-Rei do Perú)

O principal baluarte deste complexo defensivo era a ilha de Constantino, mais tarde apelidada de Mancera. A ilha está localizada no

meio da baía onde desagua o rio e, sobre ela, foi construído o Castelo de San Pedro de Alcântara de acordo com os planos concebidos pelo Engenheiro-mor da Marinha (sic) [o português, natural de Braga] Constantino Vasconcelos. O castelo, construído de pedra, estava armado com quinze peças de artilharia, contendo um fosso e duas torres. No seu interior, albergava, entre outras instalações, uma igreja e dois conventos: um franciscano e o outro agostiniano.

Na denominada Punta de Amargos, no lado sul da foz do rio Valdivia, o Castelo de San Luis de Alba foi construído inteiramente de pedra. Chegou a ter onze peças de artilharia, que, devido à sua localização estudada, conseguiram impedir o ancoradouro de navios inimigos. Encontrava-se isolado do exterior por um fosso, o qual era atravessado por uma ponte levadiça. No interior, para além do quartel e da casa do comandante, havia uma capela⁸⁰.

O forte de Niebla fica na margem norte da foz do rio Valdivia; foi construído sobre escarpas de cançagua com 30 metros de altura, dominando toda a baía e o mar aberto. O seu desenho criativo está bem adaptado à geografia do local. O Forte Corral, a sul da foz, foi completamente remodelado na segunda metade do século XVIII. Constitui uma extensa bateria de frente para o mar, com 24 canhões de altura sobre uma sólida muralha de pedra. As construções interiores desapareceram, assim como as defesas terrestres⁸¹.

80 Os mesmos autores notam ainda: *No final do século XVIII, o bastião foi reforçado e foram acrescentados alguns edifícios construídos em tijolo. Hoje em dia, nada do interior do complexo ainda se encontra erguido, mas a estrutura básica de pedra com as suas peças de artilharia continua a subsistir, tendo sido objeto de vários restauros.*

81 Os dois autores esclarecem, ainda, a este propósito: *Na segunda metade do século XVIII, os engenheiros José Birt e Juan Garland foram encarregados de realizar um plano completo de remodelação e melhoramento das fortalezas. O complexo defensivo de Valdivia passou a consistir em 17 bastiões, incluindo torres de vigia, castelos, fortalezas e baterias. Durante a época colonial, o bastião valdiviano teve um efeito dissuasor eficaz, uma vez que, na realidade, frustrava e desincentivava as incursões das potências rivais. Paradoxalmente, o poder deste reduto defensivo seria posto à prova, não por inimigos europeus, mas por combatentes patrióticos independentistas. A remoção das fortalezas não se deveu a uma fraqueza intrínseca, mas sim ao próprio conhecimento dos patriotas sobre o seu funcionamento, os seus pontos fortes e as suas debilidades.*

O Pe. Guarda, como historiador de Valdivia e da sua região, e o sólido contributo trazido ao estudo da presença do Eng^o. português Constantino de Vasconcelos

O Padre Guarda detetou a existência de 229 unidades fortificadas no Chile; não consta que pelo menos quatro delas tenham ido além do seu planeamento e projeto. Destas unidades, 48 correspondem ao século XVI, 59 ao século XVII e 68 ao século XVIII; ainda no século XIX, cinco foram certamente construídas.

Durante estes quase três séculos, os fortes foram destruídos, trasladados e reconstruídos. Também se deve referir que, até à data, a localização exata de muitos destes fortes não é conhecida. De acordo com o Padre Guarda, 155 destas fortalezas eram interiores, dirigidas contra o inimigo doméstico; enquanto isso 69 encontravam-se localizadas na costa do Pacífico, com o objetivo de se defenderem aqueles espaços contra o inimigo externo.

Também é interessante notar a distribuição geográfica: as zonas mais fortificadas são as de Concepción - Arauco, a zona fronteiriça entre o Chile hispânico e os domínios araucanos, com 88 fortificações, e a zona de Valdivia, com 57 unidades, seguida pelo arquipélago de Chiloé (27) e Valparaíso (9).

Susana Simonetti de Groote

Ángel Cabeza Monteiro

Bibliografía

Fontes:

- AGUIRRE, Frei Miguel, *Población de Baldibia. Motivos y Medios para aquella fundación. Defensas de Reyno de Peru, para resistir las invasiones enemigas en mar y tierra*, Lima, 1647.
- BARBA, Pe. Antonio, *Arte de los metales en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro, y plata por azogue*⁸², Madrid, 1640; bem como *Arte de los metales en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro y plata por açogue. El modo de fundirlos todos y cómo se han de refinar y apartar unos de otros*, Madrid, 1640 (ed. facs., Valência, 1993).
- PORTOCARRERO, Pedro de León (atrib^a. a), *Descrição Geral do Reino do Perú, em particular de Lima*, estudo e edição de Guillermo Lohman Villena, 1970 [texto da 1^a. metade do séc. XVII com edição em língua portug^a. a partir de 2013]
- RELACIONES *Geograficas de Indias. Publicalas el Ministerio de Fomento. Peru. Al Congreso Internacional de Americanistas de Madrid*, (tomos I-IV), Madrid, oficina de Los Hijos de M. G. Hernández, t. I, 1881; II, 1885; III, 1897; e IV, 1897.

Estudos:

- ASSADOURIAN, C. Sempat, "Base técnica y relaciones de producción en la minería de Potosí", en J. L. Peset, *Ciencia, vida y espacio en Iberoamérica*, Madrid, 1989.
- BARGALLÓ, M. Bargall, *La minería y la metalurgia en la América española durante la época colonial*, México, 1955.
- Idem, *La amalgamación de los minerales de plata en Hispanoamérica colonial*, México, 1969.
- BARNADAS, J. M., Álvaro *Alonso Barba (1569-1662)*, *Investigaciones sobre su vida y obra*. Idem, "Amnesia hispana [A. Alonso Barba] (1569-1662). Otro centenario inadvertido", in *Revista de Occidente*, 94 (1971), pp.. 105-112.
- BORN, I. V., *Über das Anquicken der gold und Silberhaltigen Erze, Robsteine, Schwarzkupfer und Hüttenspeise*, Wien, 1786;
- CARRACIDO, R. Rodríguez, "Los metalúrgicos españoles en América", en *Estudios histórico-críticos de la ciencia española*, Madrid, 1917.

82 Cfr., ainda deste autor e sobre ele (Pe. A. Barba) um mss. in J. M. Barnadas, *Álvaro Alonso Barba (1569-1662)*, *Investigaciones sobre su vida y obra*, La Paz, Biblioteca Minera Boliviana, 1986; e "Un libro inédito. Las adiciones y rectificaciones al Padre Barba", in *Boletín de la Sociedad Geográfica de Sucre*, t. XIV, 158, 159, 160 (Sucre, 1913)

- FERNÁNDEZ, M. R. García, *Encuentro con Álvaro Alonso Barba (1569-1662), ilustre meta-lúrgico “de la villa de Lepe en la Andalucía”*, Lepe, 1997.
- FIGUEROA, R.- Ver E. R. MAFFEI.
- GÓMEZ, J. Sánchez, “La Técnica en la producción de metales monedables en España y en América, 1500-1650”, in J. Sánchez Gómez, G. Mira Delli Zotti e R. Dobado, Salamanca, 1997.
- GONZÁLEZ, T., *Registro y relación de minas de la Corona de Castilla*, Madrid, 1832. GREVE, E., *Historia de la amalgamación de la plata*, Santiago de Chile, 1943.
- GUZMÁN, J., “Alonso Barba. En el III Centenario de la publicación de su *Arte de los Metales*”, in *Razón y Fe*, CXX (1940), pp. 110-118.
- HAUSBERGER, B., *La Nueva España y sus metales preciosos. La industria minera colonial a través de los libros de cargo y data de la Real Hacienda, 1761-1767*, Frankfurt-Madrid, 1997.
- MACHICADO, H. Vázquez, “En torno a la Alquimia del Padre Barba”, in *Universidad de S. Francisco Xavier (Sucre)*, XVI (1951), pp. 362-381.
- MAFFEI, E. Rúa e FIGUEROA, R., *Apuntes para una biblioteca española de libros y folletos y artículos impresos y manuscritos relativos al conocimiento y explotación de las riquezas minerales y ciencias auxiliares*, Madrid, 1871-1872 (reed. facs. en Madrid, 1970).
- MELERO, J. Pérez, “Como nunca antes se ha conocido en estas minas”. Cambio tecnológico en las minas de Riotinto (tese niversitária), Salamanca, 1998.
- MUÑOZ, J. E., *Álvaro Alonso Barba. Primer mineralogista boliviano*, Quito, 1963.
- PAOLO, “Il metalurgista spagnolo Álvaro Alonso Barba, da villa Lepe (1569-1662)”, in *Archivio di Storia della Scienza*, III (1922).
- PIÑERO, J. M. López, T. F. Glick, V. Navarro Brotóns y E. Portela Marco, *Diccionario histórico de la ciencia moderna en España*, Barcelona, 1983; F. Sonneschmidt, *Tratado de la Amalgamación de Nueva España*, México, 1983.
- PORTOLÉS, J. L. Amorós, “Notas sobre la historia de la Mineralogía y Cristalografía. IV. La Mineralogía española en la época del Barroco: Alonso Barba”, in *Boletín de la Real Sociedad de Historia Natural. Sección Geológica*, LXI (1963), pp. 167- 186.
- RIVA-AGUERO, José de la, “Descripción anónima del Perú y de Lima a principios del siglo XVII compuesta por un judío portugués y dirigida a los Estados de Holanda”, *Congreso de Historia y Geografía Hispano-Americanas. Actas y Memorias*, Madrid, 1914 (em particular in p. 383).
- ROA, Alfredo Palacios, “Pedro de León Portocarrero y su breve descripción del Reino de Chine”, *Temas Americanistas*, 28 (2012), pp. 42-51.
- SERRANO, C., “Transferencia de tecnología y relaciones de intercambio. Caso de estudio: la amalgamación y las escuelas de minería en la colonia”, in Figueroa y M. López (eds.), *Geological Sciences in Latin America: Scientific Relations and Exchanges*, Campinas, 1994.

- SOLER, C. Salazar, "Magia y modernidad en las minas andinas: mitos sobre el origen de los metales y el trabajo minero", en H. Urbano (ed.), *Tradición y modernidad en los Andes*, Cusco, 1992.
- Idem, *Diccionario de términos mineros para la América española (siglos XVI-XIX)*, París, 1993.
- Idem, "Álvaro Alonso Barba: teorías de la antigüedad, alquimia y creencias prehispánicas en las ciencias de la tierra en el Nuevo Mundo", in *Entre dos mundos: fronteras culturales y agentes mediadores*, Sevilla, 1997.
- SOLIS-COHEN, Bertha, "Benjamin Franklin defends Northwest passage navigation", in *The Princeton University Library Chronicle*, vol. 19, nº. 1, 1957, pp. 15-33.
- VILLENA, Guillermo Lohmann, *Las minas de Huancavelica en los siglos XVI y XVII*, Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1949, p. 465;
- Idem, *Las defensas militares de Lima y Callao*, Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1964, p. 120;
- Idem, *Les Espinosa, une famille d'hommes d'affaires en Espagne et aux Indes à l'époque de la colonisation* (em particular o capítulo VII, "Le financement de la conquête du Pérou"), pp. 203-220), Paris, SEVPEN, 1968;
- Idem, Discrição General del Piru, Madrid, *Revista de Indias*, Bustamante; 1970, edição e estudo (Boleslao Lewin tinha já editado este texto em 1958, mas considerando-o de autoria desconhecida).
- Idem, "La minería en el marco del virreinato peruano. Invenciones, sistemas, técnicas y organización industrial", in *La minería hispana e iberoamericana, Actas del I Coloquio Internacional sobre historia de la minería*, León, 1970.

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, um bibliotecário em Coimbra

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, a librarian in Coimbra

Maria Beatriz Matos França¹

RESUMO

Muito mais que o primeiro bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Jorge Adalberto Ferreira Peixoto deixou-nos um importante contributo cultural e científico que este artigo pretende demonstrar, merecendo o devido reconhecimento, ao nível da investigação académica das ciências arquivísticas e biblioteconómicas, e da abertura às novas tecnologias nas bibliotecas.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteconomia, Portugal; Peixoto, Jorge, 1920-1977

ABSTRACT

Much more than the first librarian of the General Library of the University of Coimbra, Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, left us an important cultural and scientific contribution that this article intends to demonstrate, deser-

1 Mestre em História da Arte, Património e Turismo Cultural pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Investigadora-colaboradora avençada da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0001-7392-8959>; bmatos@bg.uc.pt

ving due recognition, in terms of academic research in archival and library sciences and the openness to new technologies in libraries.

KEYWORDS

Librarianship, Portugal; Peixoto, Jorge, 1920-1977.

O presente artigo encontra-se estruturado em três partes, que se interligam em todas as suas vertentes: A primeira parte destina-se a elementos introdutórios sobre a missão da biblioteca como um centro de informação documental, e do bibliotecário enquanto conservador desse conhecimento, tomando por exemplo, Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, cuja biografia será apresentada no segundo capítulo. Visto estar a decorrer o tratamento do Fundo Jorge Peixoto, iremos referir na terceira parte alguns materiais por este deixados, incluindo inéditos, entre os quais a ação da Imprensa e da Tipografia portuguesa no Oriente, com especial foco na zona de Macau.

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto e a Biblioteca

A Biblioteca (*βιβλιοθήκη*) consiste etimologicamente num espaço de armazenamento de livros, nascido da necessidade de albergar e valorizar o conhecimento e a informação que foi sendo produzida e difundida ao longo dos séculos, possuindo um papel de relevo na transmissão de saber, incutindo hábitos de leitura, e de estudo, num forte combate contra as grandes taxas de analfabetismo e iliteracia, muitas vezes justificadas pelas desigualdades socioeconómicas existentes e na resposta diária às exigências de cada leitor.

Desta forma, a biblioteca consiste numa instituição multidisciplinar, que funciona, enquanto ferramenta de conservação de acervos de tipologia bastante distinta, desde fundos documentais, coleções particulares compradas ou doadas, livros, publicações periódicas, impressos, manuscritos, cartografia, iconografia (pintura, fotografia,

gravuras, estampas, cartazes), partituras musicais, numismática, e até mesmo objetos por vezes raros e incomuns, muitas vezes encontrados num arquivo específico, transmitindo uma ideia sobre determinados contextos e vivências coletivas, ou seja, um lugar de valorização patrimonial do que foi o passado, do que consiste o presente, e do que poderá ser o futuro. De tudo isto é possível encontrar exemplos na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, primeiro bibliotecário desta instituição, acreditava ser: «a primeira biblioteca de características funcionais em Portugal»².

“É nesta Coimbra onde se encontrava a maior concentração de bibliotecários-arquivistas por quilómetro quadrado no país, em torno da universidade e do curso da FLUC, que irá nascer, em julho de 1963, a primeira revista profissional, os “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação”. E é aqui também que se começa a organizar a sua associação profissional, a BAD, com a elaboração do primeiro *Anteprojeto de Estatutos* (1964), muitos anos antes de ser possível concretizá-la, em Lisboa. O grande impulsionador destas atividades profissionais, das primeiras reuniões e *Encontros* e da publicação dos *Cadernos*, foi um notável «primeiro-bibliotecário» da Biblioteca Geral, Jorge Adalberto Ferreira Peixoto (1920-1977). Era um estudioso do livro de craveira internacional, tendo representado a universidade em inúmeras reuniões técnicas e científicas no estrangeiro”³.

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto viajou em 1964 para os Estados Unidos para visitar bibliotecas que, entretanto, já começavam a introduzir o uso de computadores para a produção bibliográfica e de catalogação, tendo tido um papel importante na divulgação de tais ferramentas tecnológicas em contexto de biblioteca e de arquivo, no

2 J. Peixoto s.v. B. Universitárias. In: Verbo: enciclop. luso-brasileira de cultura, 1965.

3 AMARAL, A. E. Maia do, coord. (2022), p. 154.

acompanhamento do progresso técnico e facilitando a capacidade de resposta face aos requisitos práticos e científicos que começavam a surgir na época, em contexto internacional.

“Logo em 1965, Jorge Peixoto percebeu que aquelas máquinas eram particularmente adequadas à automatização das tarefas correntes (e repetitivas) das bibliotecas, não só na elaboração de listagens, mas igualmente na pesquisa e nos empréstimos. Mais do que à Biblioteca Geral ou ao país (incapazes de o acompanhar) é a Jorge Peixoto que temos de creditar o ter sido um dos primeiros bibliotecários, na Europa, a perceber a importância do computador como ferramenta bibliotecária. E ter deixado essa «escola» em Coimbra, sem deixar de ser um bibliotecário puro e duro: pela sua competência bibliográfica, Jorge Peixoto era consulta obrigatória do bibliófilo Alberto Navarro para as novas aquisições, pelo que também a ele se deve em parte a doação à BGUC da livraria do Visconde da Trindade”⁴.



Figura 1 – Jorge Adalberto Ferreira Peixoto no *Curso de Organização e Métodos*⁵.

4 AMARAL, A. E. Maia do, coord. (2022), p. 154.

5 Formação promovida na Sala de S. Pedro da Biblioteca Geral em 1966, na qual participaram Jorge Peixoto (lado esquerdo), Adelino de Almeida Calado, Maria Túlia Mendonça Araújo e Maria Teresa Pinto Mendes. In AMARAL, A. E. Maia do, coord. (2022), pp. 150-151.

Retalhos da Vida de um Bibliotecário

O conteúdo patente neste capítulo trata-se na sua génese de uma investigação de carácter científico-biográfico, no sentido de revelar aspectos genealógicos, relativos à vivência quotidiana, da mentalidade de uma determinada época histórica, sobre quem terá sido, por um lado, o primeiro bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a partir dos anos 50 e 60 do século XX, em pleno Estado Novo, e por outro, o fundador da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação, atual designação da BAD, e à qual se dedicou de coração até ao término da sua vida, tendo-se tornado associado honorário póstumo da BAD, a 30 de março de 1989.

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, também conhecido apenas por Jorge Peixoto, nasceu a 23 de abril de 1920, na vila de Tortosendo, freguesia do município da Covilhã, distrito de Castelo Branco.



Figura 2 – Certidão de Nascimento/Idade de Jorge Peixoto, apresentada em 1941 e 1942 para efeitos de candidatura a estudos superiores na Universidade de Coimbra⁶.

6 AUC. Certidão de Nascimento/Certidão de Idade. Fundo da Universidade de Coimbra, Cx. 13 (1926-1951 – João S. Gama – José Alberto Rodrigues). IV-1ª.D-5-4-3.

Jorge Peixoto era filho de Francisco Eduardo Peixoto Júnior, da freguesia da Sé Catedral (Sé Nova), médico e de D. Maria Guilhaermina Ferreira Peixoto, da freguesia de Santa Cruz de Coimbra, doméstica⁷, casou com Maria das Dores, filha de Joaquim Miguel Pinheiro, alentejano, natural da Vila de Alvito, inspetor dos caminhos-de-ferro e de D. Aurora Natália Miranda Pinheiro, doméstica, natural de Lisboa, freguesia de Santa Engrácia. Viviam com os seus pais na zona do Barreiro antes de contrair matrimónio, em Miranda do Corvo, distrito de Coimbra, no ano de 1945, daí a sua menção nos versos da primeira plaquete, de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, para o ano de 1944, e como consta do registo de casamento⁸.

Apesar de não ser Coimbra a sua terra natal, foi na cidade do Mondego que estabeleceria as suas raízes mais profundas, do ponto de vista pessoal, académico e profissional, encontrando palco para as suas atividades ao longo dos anos 40 e 50, ao frequentar vários cursos, nomeadamente, a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras.

Se olharmos em detalhe os materiais académicos relativos ao Curso de Ciências Históricas e Filosóficas (1944-1945), podemos retirar informações curiosas, por um lado, versos dos que se lhe referem: «Teatro, sempre Teatro, / autos, comédias, operetas... / Peixoto, um bom aluno / da Faculdade de Letras»⁹, por outro, a sua caricatura, acompanhada igualmente de versos ilustrativos da sua vida estudantil e pessoal.

7 AUC. Registo de Baptismo de Francisco Eduardo Peixoto Júnior (pai de Jorge Peixoto), f. 9v, assento nº 15, B27, (1885). PT/AUC/PAR/CBR25/002/0027; Registo de Casamento dos pais de Jorge Peixoto, f. 6/7, C21, (1905). PT/AUC/PAR/CBR05/003/0021.

8 AUC. Registo de Casamento, Livro nº 1, processo nº 66, fls. 67/67v. Miranda do Corvo, Registo Civil (Casamentos), C35, (1945). PT/AUC/RCV/MCV/003/0035.

9 Parada 1944 dos Novos Grelados de Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Plaquete da Queima das Fitas. Coimbra: [s.n.], 1944. Tipografia Comercial.

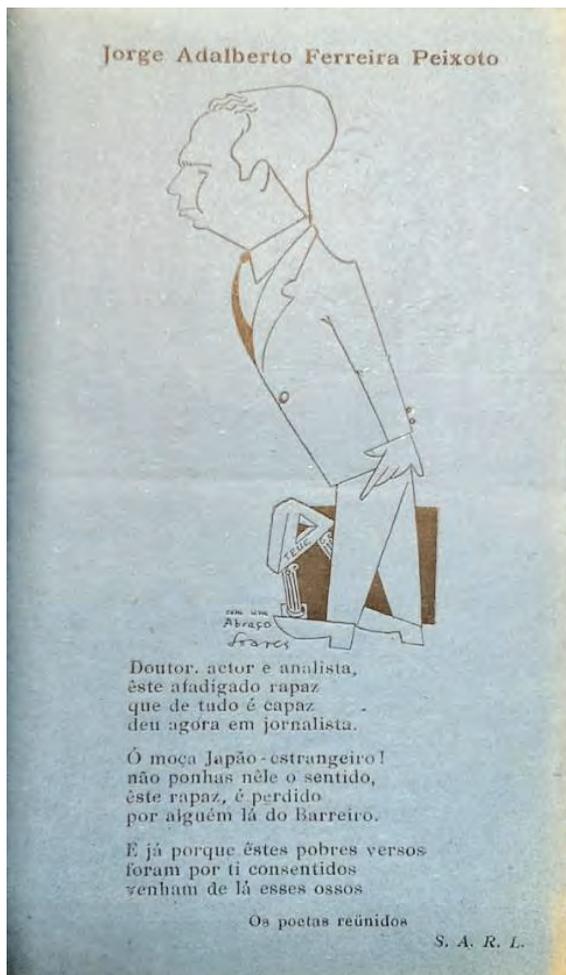


Figura 3 – Plaquete de curso de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto¹⁰.

Matriculou-se a 6 de outubro de 1942 e terminou a 17 de julho de 1947, com média final de 13 valores (suficiente), como consta da sua matrícula e carta de curso¹¹. A sua tese de conclusão de licenciatura de 1947 tem por título “Notulas sobre Aeminium”.

10 Queima das Fitas dos Quartanistas de Letras: “Correndo para o Futuro”. Coimbra, 26 de Maio de 1945. Plaquete da Queima das Fitas. Coimbra: [s.n.], 1945. Tipografia União.

11 AUC. Matrícula de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto na Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras (1940) – Termos de Matrícula, AUC, p.117v. IV-1ªE-9-2-Nº14; Carta e Diploma de Curso de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto (1941-1942). IV-2D-14-4-1.

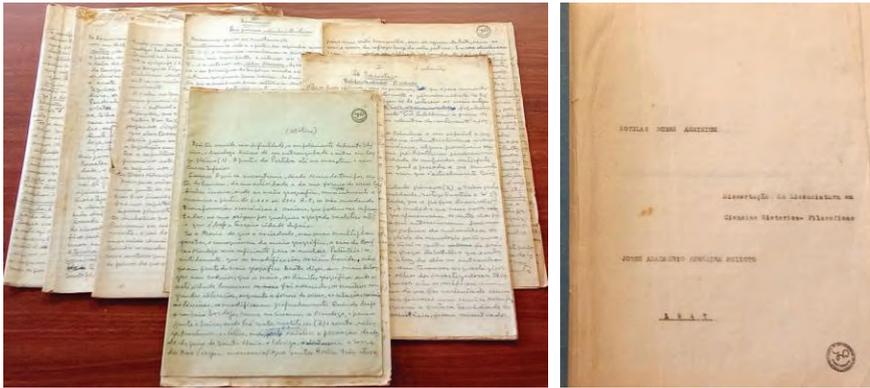


Figura 4 – Versões manuscrita e datilografada da Dissertação de Licenciatura¹².

Além da licenciatura, Jorge Adalberto Ferreira Peixoto também frequentaria o curso de Ciências Pedagógicas no ano letivo de 1948-1949, inscrito na lista de estudantes ordinários, ao matricular-se nas cadeiras de *Pedagogia e Didáctica; História da Educação, Organização e Administração Escolares; Psicologia Escolar e Medidas Mentais* e ainda *Higiene Escolar*¹³.

No ano de 1949-1950, continuava inscrito no mesmo curso e nas mesmas cadeiras, embora agora, na lista de estudantes voluntários, não havendo contudo, qualquer referência da sua conclusão¹⁴, uma vez que, para o ano-letivo de 1950-1951, já se encontrava inscrito no Curso de Bibliotecário-Arquivista, frequentando para o primeiro ano a unidade curricular de *Bibliologia e Biblioteconomia*, acabando com dezasseis valores (Bom); *Curso de Aperfeiçoamento de Paleografia* e ainda *Arquivologia e Arquivoconomia*¹⁵.

Em 1951 Jorge Peixoto assinava uma declaração de compromisso no desempenho de funções públicas, no Liceu de Alexandre Hercu-

12 “Notulas sobre Aeminium”. Dissertação da Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1947. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.36.

13 *Anuario da Universidade de Coimbra*: 1948-1949, p. 179; 191.

14 *Anuario da Universidade de Coimbra*: 1949-1950, p. 168; 186.

15 *Anuario da Universidade de Coimbra*: 1950-1951, p. 167; 256.

lano, no Porto, dando início à sua carreira docente¹⁶, concluindo o curso de Bibliotecário-Arquivista¹⁷, no ano letivo de 1951-1952, com a nota final de quinze valores (Bom).

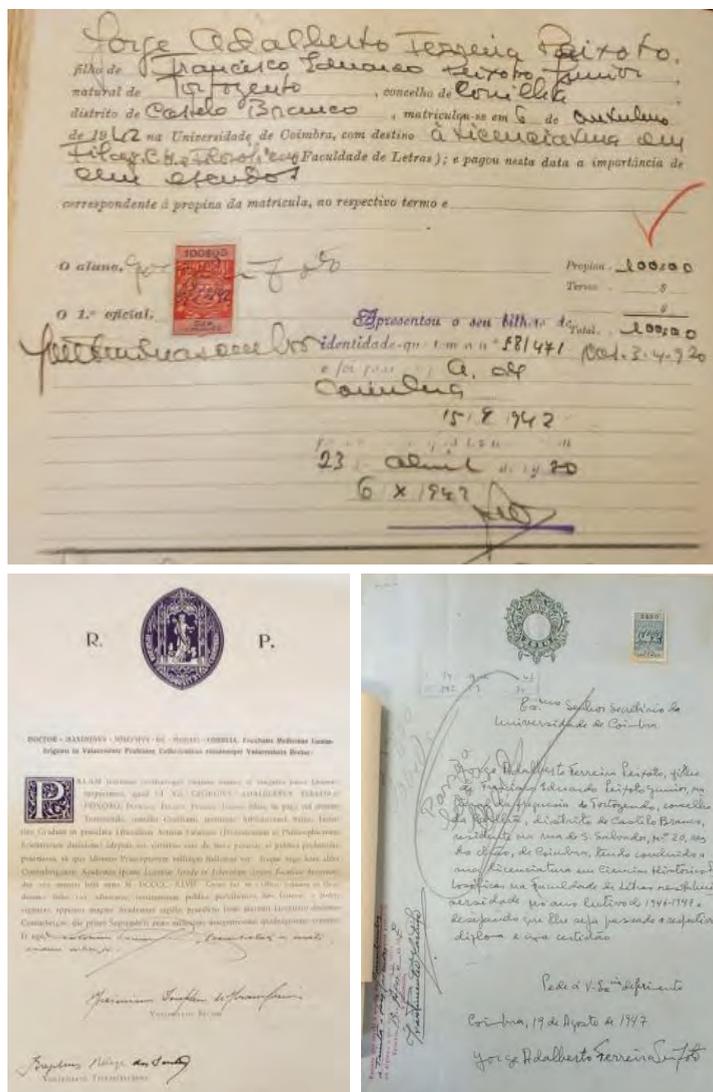


Figura 5 – Matrícula, Carta de Curso e Diploma de Ciências Histórico-Filosóficas.

16 Diploma de Funções Públicas. Declaração de compromisso de 7 de abril de 1951. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.43.

17 *Annuário da Universidade de Coimbra: 1951-1952*, p. 290.

Apesar de demonstrar grande interesse pelos estudos, tendo inclusive, já no fim de vida, requerido a frequência de Doutoramento na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde tencionava apresentar uma dissertação com o título *Aspectos da história material do livro em Portugal, no séc. XVI*¹⁸, a verdade é que teve um papel ativo também no âmbito da academia coimbrã, uma vez que, praticamente todo o seu percurso académico foi desenvolvido em Coimbra, mesmo quando, por questões políticas teria o infortúnio de ser preso pela polícia política do regime (PIDE).

N.º 17 820

Nome e alcunha *Jorge Adalberto Ferreira Peixoto*

Estado *Coimbra* Profissão *Barrameda em Letras* 21

Naturalidade *Ferrelgado - Barcelos* Data do nascimento *23 de Abril de 1920*

Filiação *Francisco António Carlos Peixoto e da D. Guilhermina Maria dos*

Residência *Rua 21 Saldanha n.º 26 - 400 - Coimbra*

Outras indicações

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

Registo n.º 9523

BIOGRAFIA PRISIONAL

Preso por esta Polícia em Coimbra em 25/4/51. Retido neste estabelecimento para esta Direcção em 26/4/52 e recolhido à cadeia do Aljube (n.º 272). Transferido para o Serviço de Prisão de Pragas em 23/10/52 (n.º 277). Após a subscção do *Plano de Pragas* em 20/11/52 (n.º 287). Constituição de liberdade em 18/4/53 por ordem do 3.º Juiz Criminal de Lisboa por bofetada e fenda no lábio, arrebato (n.º 239/48). Entrou nesta Direcção em 28-7-52 pelo 3.º Juiz Criminal de Lisboa, a fim de cumprir a pena (a que foi condenado em 11-8-50 pelo 3.º Juiz Criminal de Lisboa) e a sentença confirmada pelo Supremo Tribunal de Justiça, por acórdão de 11-x-54 de 18 meses de prisão, carceral, denunciando-se a detenção preventiva já sofrida, no imposto de justiça de 1000\$00 e 200\$000, na medida de segurança de um ano de internamento, e na suspensão de todos os direitos políticos por 3 anos (ofício n.º 215 de 6-6-52 do 3.º Juiz Criminal de Lisboa). Restituido a liberdade em 18-7-53, por mandado do 3.º Juiz Criminal de Lisboa (n.º 214/52) ofício n.º 956 de 28-7-52 do 3.º Juiz Criminal de Lisboa. Restituido a liberdade definitiva em 22-xii-54. Ofício n.º 1737 de 22-xii-54 pelo 3.º Juiz Criminal de Lisboa.

Altura *1,70*

Côr *Castanho*

Sinais particulares *nenh.*

Nacionalidade *Portuguesa*

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto 16-7-947 4523 21

Figura 6 – Biografia Prisional de Jorge Peixoto.

18 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), p. 6.

Jorge Peixoto, de 27 anos de idade, casado, residente na Rua de S. Salvador, n.º 20, rés/chão e licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, foi preso a 25 de setembro de 1947, porém, as causas efetivas da sua detenção são desconhecidas, sabendo-se apenas que terá sido detido para averiguações, preso e enviado primeiramente para a Cadeia do Aljube, sendo posteriormente transferido para o Depósito de Presos de Caxias em 23 de outubro desse mesmo ano, sendo colocado à disposição dos Tribunais Criminais de Lisboa em 20 de setembro de 1947, e restituído à liberdade já em 18 de agosto de 1948, por ter pago a fiança que lhe tinha sido atribuída¹⁹.

No seguimento de novas pesquisas efetuadas, descobriu-se que terá sido um dos vários réus a ser julgado, em 1949, no caso conhecido popularmente por “processo dos 108”, devido ao elevado número de indivíduos condenados e levados a julgamento, por estarem associados politicamente com manifestações clandestinas do Partido Comunista Português²⁰.

Não obstante, a sua liberdade definitiva só seria efetivada através do ofício n.º 1739, de 22 de dezembro de 1954, pelo 3º juízo criminal de Lisboa, tal como consta da sua biografia prisional, oriunda dos arquivos da PIDE, disponível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, tendo sido emitido inclusive, um ofício a solicitar a sua liberdade condicional que data de 16 de junho de 1952, processo constante do Fundo Presidência do Conselho de Ministros, 1932-1974.

Apesar das vicissitudes que a prisão não pode deixar de lhe ter provocado, Jorge Peixoto continuou a dedicar-se às suas atividades académicas, e interesses técnicos e pedagógicos, ao fazer parte da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, desde o ano da sua

19 ANTT. Arquivo PIDE. Processo criminal, n.º 836/47, registo 1620/947, da sua biografia prisional n.º 17870. Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4298393>. Boletim do Ministério da Justiça. N.º 15 (nov. 1949), pp. 166-178.

20 ANTT. Ofício de Libertação Condicional, 1952, Cx. 203/Proc. 1437/117, n.º 6. PT/TT/SGPCM-GPC/1437/000006. Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7976054>

fundação, tornando-se parte ativa na missão da Associação, ao integrar a direção deste órgão social académico, na qualidade de 1.º vogal, tendo convivido curiosamente, entre outros nomes do seu tempo, com o Coronel-Médico Dr. José Pires da Silva que desempenhava funções de 2.º secretário, cujo arquivo pessoal se encontra também na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

“A criação de uma associação que congregasse os antigos estudantes de Coimbra, que aqui viveram irmanados por uma indissolúvel solidariedade académica, foi o sonho velho e obcecado de muitas gerações dos que foram académicos de Coimbra e que embora dispersos pelas circunstâncias da vida, mantém sempre viva essa chama de solidariedade, tantas vezes aureolada por um saudosismo e sempre patenteada intra e extramuros, especialmente quando uma embaixada ou um organismo académicos se desloca aonde quer que se encontrem antigos estudantes. Esse sonho de se associarem tornou-se, porém, realidade, graças à persistência e abnegação de um grupo de antigos estudantes de Coimbra, alguns dos quais não tiveram infelizmente a satisfação de o verem realizado, por a morte os haver colhido prematuramente. Coube, todavia, aos que restaram e a todos nós, colher os frutos dessa plêiada de abnegados pioneiros e é assim que se encontra constituída a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, cujos estatutos foram aprovados por despacho ministerial de 9 de maio de 1959”²¹.

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra propôs-se efetivamente manter acesa a chama da vida académica dos que viveram e estudaram em Coimbra e que continuam a querer perpetuar esses momentos de alegria, união e nostalgia, conservando através da criação do Boletim da AAEC, o elo entre todos os membros, sócios da associação e os próprios órgãos diretivos. Esse projeto viria a nascer

21 *Boletim da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra*. N.º 1 (mar. 1961), p. 1.

dois anos após a fundação da associação, em 1961. Depois do 25 de Abril de 1974, apenas se publicaram dois números do boletim, o último em comemoração das bodas de prata da instituição²².

Jorge Peixoto, além de fazer parte da direção da instituição foi igualmente colaborador do boletim, uma publicação que focava temas da vida académica, do propósito da instituição, do relatório de contas da gerência, a aspetos relacionados com a história, literatura, tradições coimbrãs, evocações poéticas, memórias e homenagens, incluindo componentes iconográficas encontrando-se patente em alguns exemplares, referências publicitárias, como era comum encontrar nas próprias plaquetas da Queima das Fitas²³.

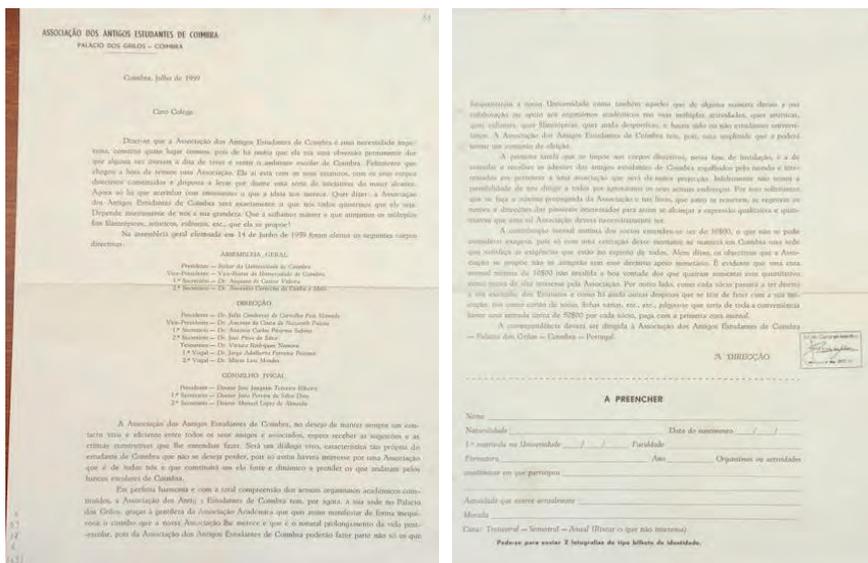


Figura 7 – Documento de constituição da AAEC, onde consta Jorge Peixoto como 1º Vogal²⁴.

- 22 *Boletim da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra*. N.º 1 (mar. 1961). capa, pp. 2-5.
- 23 *Boletim da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra*. N.º 1 (mar. 1961), pp. 1-5.
- 24 AAEC. Carta Circular. julho de 1959. Fundo Coronel-Médico Dr. José Pires da Silva da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. 9-59-18-6-(45).

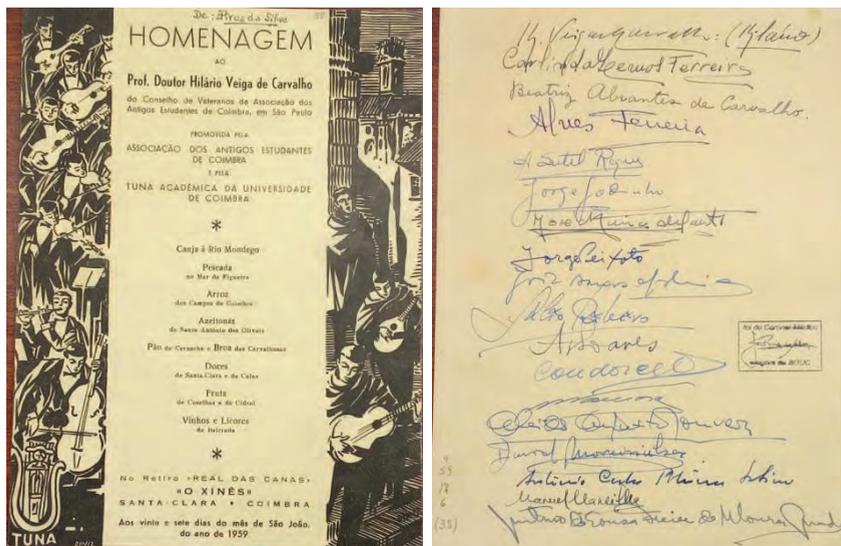


Figura 8 – Homenagem ao Professor Dr. Hilário Veiga de Carvalho, promovida pela AAEC, e respetivo detalhe das assinaturas dos envolvidos no evento, incluindo Jorge Peixoto²⁵.

Da vida académica à vida profissional, Jorge Peixoto, realmente teve um percurso imensamente rico e preenchido entre Portugal, Brasil, EUA e até África, fruto da sua experiência profissional, viagens de estudo e intercâmbios de investigação institucional e científica, que realizou como bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian a países como Espanha, França, Itália, Alemanha, Bélgica, Estados Unidos da América e até Japão²⁶, que lhe abriram os horizontes, contribuindo assim, para o vasto trabalho desenvolvido ao longo do tempo.

Desde 1954 que tinha a direção da *Secção de Catalogação e Classificação* da Biblioteca Geral²⁷. Em 1959, foi membro da Comissão orga-

25 *Homenagem ao Professor Dr. Hilário Veiga de Carvalho* do Conselho de Veteranos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em São Paulo promovida pela Associação dos Antigos Estudantes e Tuna Académica da Universidade de Coimbra, de 27 de junho de 1959. Fundo Coronel-Médico Dr. José Pires da Silva da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. 9-59-18-6-(38).

26 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), pp. 8-9.

27 Nota: Jorge Peixoto começou a desempenhar funções na Biblioteca Geral no ano letivo de 1954-1955, tendo tomado posse a 18-4-1955, contratado para o desempenho das funções de 3º Bibliotecário. In *Anuario da Universidade de Coimbra: 1954-1955*, p. 119.

nizadora da Exposição Bibliográfica do Código Civil que teve lugar em Coimbra, e já durante os anos 60, a título de curiosidade, participou nas V Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, que ocorreram entre 2 a 5 de Junho de 1966, em Coimbra, no Museu Nacional Machado de Castro e que tiveram grande destaque não só na imprensa, mas também na própria Revista Portuguesa de Farmácia, sobre o tema “Educação Sanitária e Social”. Contou com a presença do Ministro das Corporações e Previdência Social, Professor Doutor José João Gonçalves de Proença, o Ministro da Saúde e Assistência, Dr. Francisco Pereira Neto de Carvalho, o Reitor da Universidade de Coimbra, Professor Doutor António Jorge Andrade de Gouveia, além do Presidente da Junta Distrital de Coimbra, Professor Doutor Fernando Baeta Bissaia Barreto e do Diretor da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra, Professor Doutor José Ramos Bandeira²⁸.



Figura 9 – Detalhe da Exposição de “Educação Sanitária e Social” das V Jornadas Farmacêuticas Portuguesas de 1966, considerada uma das mais completas que até então se tinha organizado em Portugal, em que Jorge Peixoto esteve envolvido²⁹.

28 “Exposição de Educação Sanitária e Social”. Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, Revista Portuguesa de Farmácia. N.º 5 (1966), pp. 267-268.

29 “Exposição de Educação Sanitária e Social”. Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, Revista Portuguesa de Farmácia. N.º 5 (1966), pp. 293.

No decorrer dos anos 60 e 70, foi encarregado da regência da cadeira de *Bibliologia e Biblioteconomia* do Curso de Bibliotecário-Arquivista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1961-1975), tendo sido posteriormente equiparado a professor auxiliar em 1973, tendo participado em contexto externo no Simpósio sobre a utilização da informação científico-técnica, que teve lugar em Luanda, em 1965 e na 33.^a Conferência e Congresso da Federação Internacional de Documentação, no ano de 1967, em Tóquio.



Figura 10 – Cartão de Participante no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros de 1963 e respetivo alfinete³⁰.



Figura 11 – Postal da Biblioteca Estatal do Louisiana, EUA³¹.

30 Cartão de Participante no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros de 2 a 8 de setembro de 1963 com respetivo alfinete em metal. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.41.

31 Postal ilustrativo das viagens que Jorge Peixoto realizou aos Estados Unidos da América, ao Louisiana, a 10/09/1964. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Série de 10 postais não circulados contendo representações fotográficas de Bibliotecas dos E.U.A. Cota provisória: J.P./Cx.35.

Desempenhou igualmente funções enquanto vogal da Comissão Nacional das Bibliotecas Universitárias; secretário da Comissão Nacional das Regras Portuguesas de Catalogação, elaboradas com base nos princípios de Catalogação da Conferência de Paris de 1961³², na sequência de Despacho do Diretor Geral do Ensino Superior das Belas-Artes, João de Almeida, em 3 de agosto de 1965, que determinou a organização de um anteprojecto que seria apresentado à Junta Nacional de Educação, entidade responsável por propor tais normas, tendo sido constituído um grupo de trabalho com esse objetivo primordial, a 16 de janeiro de 1967³³; e vogal da 3.ª Secção de Bibliotecas e Arquivos da Junta Nacional de Educação do Ministério da Educação Nacional em fevereiro de 1966.

Além dos princípios defendidos em Paris, as Regras de Catalogação Anglo-Americanas de 1967 eram outro fator de orientação do projeto em causa. Deste grupo de trabalho faziam parte Alberto Iria, Jorge Peixoto, Rosalina Branca da Silva Cunha, Armando Nobre de Gusmão, Mário Alberto Nunes Costa. Contudo, dada a complexidade da tarefa, foi necessária a intervenção de outros bibliotecários oriundos de Lisboa, Porto e Coimbra, num longo processo de etapas técnicas, sendo publicada em 1969 a “Primeira Parte do Anteprojecto das Regras Portuguesas de Catalogação” e que se estenderia pelos anos seguintes.

Importa salientar que teve sob a sua regência diversos cursos³⁴, entre eles Ciências Documentais, na Universidade de Luanda, em 1965 e na Universidade de Lourenço Marques já em 1973, desempenhando funções e atividades pedagógicas, enquanto funcionário da administração ultramarina (Angola e Moçambique)³⁵.

32 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), p. 7.

33 PEIXOTO, Jorge. (1975), p. 194.

34 “Fala o Leitor – Recordando o Dr. Jorge Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 21 jan. 1977, p. 3.

35 ANTT. Processos Individuais de Funcionários do Ultramar. PT/TT/DGAP-DIA/001. Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6571367>; Processo de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto (1965-1974), Cx. N.º 3138/Proc. N.º 34813. PT/TT/DGAP-DIA/001/016900.

Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6727030>

Neste mesmo ano foi instituído um novo grupo de trabalho, por forma a recolher as críticas realizadas, fazendo a devida reestruturação ao anteprojecto das Regras Portuguesas de Catalogação, apresentado nos finais dos anos 60, e do qual Jorge Peixoto era igualmente colaborador³⁶. Esteve também presente na Reunião da Federação Internacional da FID (Federação Internacional de Documentação) e da FIAB (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários), em Budapeste, no ano de 1972. Foi regente do curso sobre o Projecto das Regras Portuguesas de Catalogação, na Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas para bibliotecários, no ano de 1974 ou ainda do Curso no I Ciclo Paulista de Atualização Profissional em Biblioteconomia³⁷.

Entre 1974 e 1975 participaria enquanto representante oficial de Portugal, na Conferência da National Information System (NATIS), em Paris e também no VIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, promovido pela Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, que ocorreu em Brasília³⁸.

Depois do 25 de abril, foi para o Brasil como assessor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tendo sido membro designado pelo Diretor desta instituição, para a Comissão responsabilizada por seleccionar e registar a documentação existente na divisão do Arquivo do Estado de São Paulo e ainda consultor do Gabinete de Documentação do Metropolitano, também em São Paulo.

Entre 1975 e 1976 Jorge Peixoto ocupou o cargo de professor visitante do Departamento de Biblioteconomia e Documentação dessa instituição, onde lecionou as disciplinas de *Organização e Administração de Bibliotecas; Catalogação; Referência; Programa de Quantificação em*

36 PEIXOTO, Jorge. (1975), pp. 193-198.

37 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), p. 7.

38 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), pp. 8-9.

Biblioteconomia e Documentação; História de Acervos Bibliográficos Luso-Brasileiros, tendo colaborado no respetivo curso de pós-graduação³⁹.

Jorge Adalberto Ferreira Peixoto foi igualmente, não só enquanto profissional dedicado, mas também do ponto de vista pessoal, uma peça fundamental, quer na salvaguarda dos direitos da classe bibliotecária em Portugal, quer na criação de uma associação dedicada aos profissionais dessa área e aos estudos biblioteconómicos e arquivísticos, que futuramente seria a BAD.

Portugal, já em finais do século XIX, lançava as bases da criação do curso de Biblioteconomia e Arquivística, sendo um dos primeiros países da Europa a dar importância a essa área científica, começando por funcionar primeiramente em Lisboa e tendo posteriormente, já em 1935, passado para Coimbra, através de Decreto-Lei nº 26 026, de 7 de novembro desse ano, lecionado em modo de pós-graduação, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁴⁰. Apesar da evolução científica e pedagógica, a realidade era diferente, uma vez que a classe dos bibliotecários-arquivistas continuava a ser desconsiderada nas suas funções laborais, com ordenados precários, face a outras profissões existentes, de mesma condição académica.

A injustiça e o descontentamento faziam-se notar, de tal forma, que é precisamente neste ambiente de incerteza profissional, que se começam a realizar as primeiras reuniões de bibliotecários e arquivistas, numa análise à carreira técnica, tendo a primeira reunião ocorrido em Coimbra, no Hotel Avenida, a 2 de setembro de 1963.

«O “movimento encetado pelos Cadernos” foi responsável pelo primeiro anteprojecto de Estatutos (1964) e pela promoção de reuniões em Lisboa

39 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), p. 6.

40 AMARAL, A. E. Maia do, coord. (2022), p.122; Decreto-Lei nº 26 026. *Diário do Governo*. Série 1, n.º 258 (7 nov. 1935). Disponível online: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1935/11/25800/16331635.pdf>

(9 Abr. 1965), Coimbra (13 Maio 1965) e Porto (1 Jul. 1965), onde se decidiram o nome (BAD), a sede (Lisboa), as categorias de associados, etc.»⁴¹.

Nesse mesmo ano surgia impulsionada por Jorge Peixoto, a revista “Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação”⁴², uma vez que, ele fora o sócio fundador n.º 1 e presidente da Mesa da Assembleia Geral da BAD entre 1974-1975⁴³, na defesa da classe de Bibliotecário e da importância da Biblioteconomia em contexto de aprendizagem e valorização da formação pessoal e profissional, ao participar ativamente em diversas reuniões nacionais, ao desempenhar funções de secretário-geral do I e IV Encontros, entre 1965-1973, em colóquios internacionais, na I Jornada de Informação e Documentação para o Desenvolvimento, em 1973, e integrando a comissão organizadora do V Encontro da BAD, no ano de 1975.

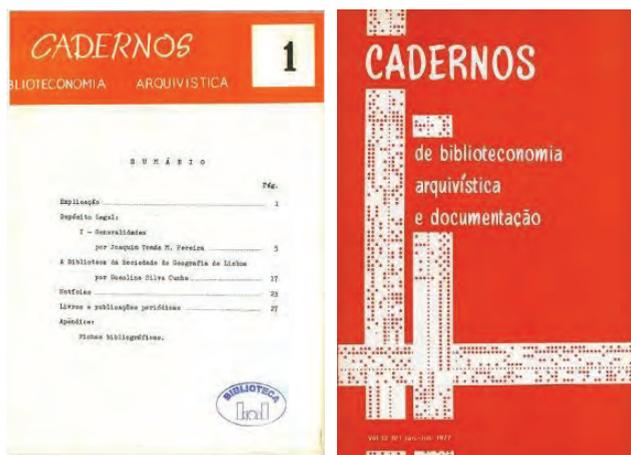


Figura 12 – Revista “BAD” de 1963 e de 1977.

41 História da BAD. Disponível online: <https://bad.pt/historia-da-bad/>

42 Capas da Revista “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação”, da BAD, referentes a 1966 (primeiro exemplar publicado) e a 1977 (ano de falecimento de Jorge Peixoto), e onde consta a referência bio-bibliográfica de suporte deste trabalho. Disponível online: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/issue/view/50> / <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/issue/view/97>

43 PEIXOTO, Jorge. Discurso na posse da primeira Direcção eleita, 18 de Fevereiro de 1974. Disponível online: <https://bad.pt/historia-da-bad/>

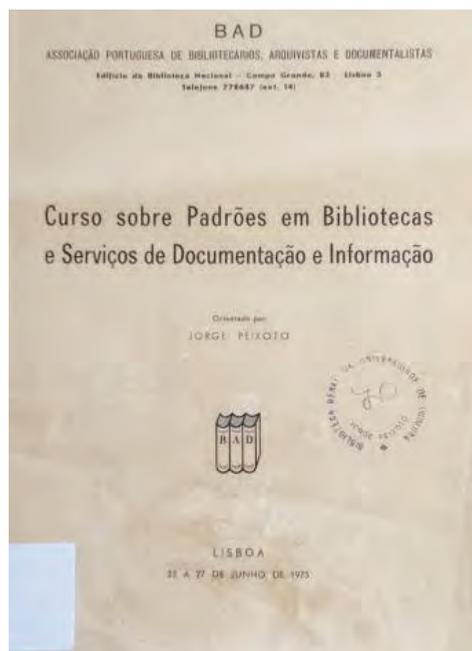


Figura 13 – Programa de um curso orientado por Jorge Peixoto no âmbito da BAD.

A situação profissional do Bibliotecário nem sempre recebeu, nem hoje recebe o devido reconhecimento, do ponto de vista da categoria profissional ocupada e do rendimento auferido, como já era possível constatar no Decreto n.º 48198, de 11 de janeiro de 1968, publicado em Diário do Governo, I Série, que promulgou o Diploma Orgânico dos Serviços de Agricultura e Florestas do Ultramar, emanado pelo Ministério do Ultramar, em que a profissão de Bibliotecário é enquadrada ao nível do pessoal técnico médio, com um vencimento classificado pela letra H, contradizendo o que fora promulgado anteriormente, através do Decreto n.º 46421, de 5 de julho de 1965, que levaria a uma certa insatisfação por parte da classe e conseqüentemente a necessidade de expor ao Ministro do Ultramar as devidas razões para tal⁴⁴.

44 Decreto n.º 48198. *Diário do Governo*. Série 1, n.º 9 (11 jan. 1968), pp. 21-26. Disponível online: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1968/01/00900/00210026.pdf>

Desta forma, a 30 de janeiro de 1969, o Ministro da Educação Nacional, Dr. José Hermano Saraiva recebeu uma representação de bibliotecários e arquivistas portugueses que era constituída por elementos oriundos de Lisboa: Rosalina Cunha, Maria Teresa Barbosa Acabado, Maria Helena Porto Costa, entre outros; do Porto: Maria Teresa Pinto Machado Monteiro, António Portocarrero, entre outros; e de Coimbra: Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, Maria Teresa Pinto Mendes, César Pegado, entre outros⁴⁵ e que teria um certo impacto nos anos futuros.

“A classe dos bibliotecários-arquivistas, representada por alguns dos seus mais destacados elementos em serviço na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Pública do Porto, nas Bibliotecas Geral e da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e noutros departamentos congéneres, exprimiu ao Governo, numa visita ontem efectuada, ao começo da tarde, ao titular da pasta da Educação Nacional, sr. dr. José Hermano Saraiva, o seu agradecimento pelas disposições, recentemente promulgadas e envolvendo a generalidade do funcionalismo público, que lhe trouxeram acentuada melhoria de situação, designadamente no capítulo de vencimentos (...). Falou ainda, na audiência, o sr. dr. Jorge Peixoto, 1º bibliotecário e professor do Curso de Bibliotecas e Arquivos da Universidade de Coimbra, o qual se interessou pela melhoria de situação dos catalogadores e fiéis e pôs em relevo a importância dos resultados da actuação do grupo de trabalho encarregado pelo titular da pasta da Educação de se ocupar de um Plano Nacional de Leitura, tendo por fim oferecido ao sr. dr. José Hermano Saraiva, um exemplar do folheto «A leitura pública em França – Possível contri-

45 PEGADO, César. (1970). *Breve História de uma causa justa*. In “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação”. Coimbra.
Disponível online: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/2092/1854>

buto da experiência francesa para a necessária planificação da leitura pública em Portugal»⁴⁶.

Em consequência e como resultado de uma comunhão conjunta de esforços entre todos os profissionais da informação e documentação, a 19 de novembro de 1973, através de escritura notarial, era lançada a primeira pedra da Associação dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses (BAD), por até então não existirem as condições necessárias para a sua concretização, com a eleição dos primeiros corpos dirigentes, a 7 de dezembro de 1973 e da publicação em Diário do Governo da aprovação dos estatutos internos de funcionamento, a 21 de dezembro desse mesmo ano⁴⁷.

O percurso da BAD foi assim composto por um conjunto de diversos fatores, que tiveram um relevante impacto na sua constituição e consolidação, desde o cunho pessoal de todos aqueles que se envolveram nesse processo, como Jorge Peixoto, entre muitos outros; à criação dos Encontros de Bibliotecários em 1965; a celebração do próprio Dia do Bibliotecário, que ocorreu pela primeira vez a 21 de maio de 1965, na 35.^a Feira do Livro de Lisboa, onde foi inclusive pronunciada uma palestra sobre “O Bibliotecário, o Livreiro e o Leitor”, a cargo do Dr. Alberto Iria⁴⁸; a realização de reuniões de trabalho, de cursos, palestras, exposições, conferências, como a que fora proferida por Jorge Peixoto a 18 de outubro de 1972, em Lisboa, em relação às “Considerações sobre o Ano Internacional do Livro”, coordenada

46 PEGADO, César. (1970), pp. 100-102.

Disponível online: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/2092/1854>

47 Estatutos da Associação Portuguesa de Bibliotecários. Decreto-Lei n.º 582/73, alínea c) do 2.º Artigo, de 5 de setembro. *Diário do Governo*. Série 3, n.º 296 (21 dez. 1973). Disponível online: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1973/11/25800/21002104.pdf>

48 Discurso proferido pelo Dr. Alberto Iria, na 35.^a Feira do Livro de Lisboa, onde se comemorou pela primeira vez o Dia do Bibliotecário, 1965. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.37.

pela revista “Cadernos” e pelo Instituto Britânico⁴⁹, elevando a nível internacional os objetivos da associação, na promoção das regras de catalogação, do livro e das bibliotecas, como meios de difusão da informação⁵⁰.



Figura 14 – Participantes do IV Encontro de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas⁵¹.

Todavia, em termos particulares, o ano de 1975 seria marcado por um revés inesperado, que afetou profundamente, os últimos anos da vida de Jorge Peixoto, ao ser acusado de ser informante da PIDE, organismo de intervenção do Estado que outrora, durante a sua juventude o condenou. Em consequência de tal calúnia, acabaria

49 História da BAD. Disponível online: <https://bad.pt/historia-da-bad/>

50 “Padrões em Bibliotecas e Serviços de Documentação e Informação” da BAD, curso orientado por Jorge Peixoto, entre 23 a 27 de julho de 1975. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.14.

51 *IV Encontro de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, no qual Jorge Peixoto exerceu as funções de Secretário, em Coimbra, no ano de 1973. In AMARAL, A. E. Maia do, coord. (2022), p. 157.

saneado do seu trabalho na Função Pública, mas por interferência de alguns colegas e amigos, a verdade não tardaria a ser reposta⁵².

“(...) demitido da função pública por um acto de violência gratuita e prepotente já decorrido um ano sobre o 25 de Abril, foi posteriormente reintegrado, sem perda de regalias, vencimentos ou contagens de tempo, por despacho ministerial que já data de há vários meses (meados de 1976)”⁵³.

Ao longo deste processo, a associação profissional que ajudou a criar tomou posição em sucessivas reuniões da sua Direção a favor de Jorge Peixoto. Na reunião de 22 de maio de 1975, escreve-se em Ata:

“Foi comentada a demissão da função pública de que foi objecto o nosso colega Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, sobre o qual caiu a acusação de colaborador da PIDE, por despacho do passado dia dois do corrente mês de Maio. Estabeleceu-se um plano de acção, visando a repulsa de semelhante acusação que reputamos destituída de qualquer fundamento.”⁵⁴

A enérgica defesa do colega saneado prossegue nas reuniões seguintes:

“A esta reunião assistiram muitos outros colegas, entretanto solicitados para tomarem conhecimento e participarem nas acções que vierem a desenvolver-se a este propósito.

Fez-se o ponto da situação: Entrevista pedida ao Ministro, carta escrita ao Ministro e ao Conselho da Revolução, abaixo-assinado com

52 Decreto de Lei n.º 366/74, de 19 de agosto, pp. 907-909. *Diário do Governo*, n.º 192/1974, I Série; Decreto de Lei n.º 123/75, de 11 de março, pp.375-378. *Diário do Governo*, n.º 59/1975, I Série; Arquivo da BAD. Atas da Direção. Livro 1, Atas n.º 16-19, junho-setembro de 1975.

53 “Fala o Leitor – Recordando o Dr. Jorge Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 21 jan. 1977, p. 3.

54 Arquivo da BAD. Atas da Direção. Livro 1, Ata n.º 16 de 22 de maio de 1975.

centenas de assinaturas. O texto do abaixo-assinado foi distribuído às pessoas presentes nesta reunião e estava redigido do seguinte modo: Os abaixo assinados, bibliotecários, arquivistas e documentalistas, colegas e amigos do Dr. Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, protestam contra a iníqua e prepotente demissão de que este foi vítima.

Manifestam a sua indignação ao tomarem conhecimento do despacho do Senhor Ministro da Educação, que, à maneira fascista demitiu o Dr. Jorge Peixoto sem que previamente lhe tivessem sido imputados quaisquer factos, sem lhe haver sido possibilitada qualquer defesa, sem a existência de um processo digno e decente conforme estipula a lei.

Exigem, pois, a imediata revogação da iníqua medida e a instauração de um inquérito à forma como foi conduzido o respectivo processo.”⁵⁵

A 8 de julho, Ruth Gertrud Hedwig Sara Arons, Secretária da Direção da Associação, escrevia:

“Toda a sessão foi ocupada com as actividades desenvolvidas pelo grupo Ad Hoc formado para se ocupar do caso do colega Jorge Peixoto. Dois membros da Direcção presentes como participantes desse grupo, Maria Manuela Cruzeiro e Maria Guiomar Coelho da Cruz expuseram as diligências efectuadas até então: contacto com os advogados Dr. Daniel Proença de Carvalho e Dr. Silva Lopes, fornecimento de elementos para a redacção de recurso diligências estas que tinham ficado assentes na Assembleia Geral Extraordinária reunida em quinze de maio para esta tomada de posição.”⁵⁶

Apesar dos dissabores do destino, Jorge Peixoto continuou a defender as suas causas, a BAD, todos aqueles com quem cooperou, a classe que

55 Arquivo da BAD. Atas da Direcção. Livro 1, Ata n.º 17 de 3 de julho de 1975.

56 Arquivo da BAD. Atas da Direcção. Livro 1, Ata n.º 18 de 8 de julho de 1975.

ele tanto apreciava e integrava, tendo ao longo do tempo, sido sócio de várias associações profissionais e científicas, portuguesas e internacionais, como a American Library Association, em Chicago; a Association des Bibliothécaires Français, em Paris; a Library Association de Londres; a Academia Portuguesa de Ex-Libris; ou o Centro Académico de Democracia Cristã (CADC), em Coimbra⁵⁷. Foi também leitor do Instituto de Coimbra, em 1964, prestigiada academia científica e artística fundada no século XIX⁵⁸, e do Instituto Camões, em Lisboa, entre 1952-1973⁵⁹:

«Era membro de várias organizações internacionais bibliográficas, tendo recebido comunicação, nas vésperas da sua morte, de que fora eleito membro da Academia Portuguesa de História»⁶⁰.

Atento colaborador de vários periódicos e revistas como o Diário de Coimbra, o Comércio do Porto, o Diário de Notícias; o Arquivo de Bibliografia Portuguesa, os Arquivos do Centro Cultural Português em Paris, ou o Gutenberg Jahrbuch, na Alemanha, Jorge Peixoto foi ainda um membro ativo na Emissora Nacional, no sobressair de uma veia mais jornalística, reveladora dos trabalhos que abraçava, tendo idealizado uma revista “O Bibliógrafo Português”, que não passou de um projeto.

A sua vida profissional foi assim marcada por uma imensa quantidade de publicações científicas⁶¹, das quais se destacam: *Um novo incu-*

57 Nota: Foi contactado o Centro Académico de Democracia Cristã, que nunca respondeu aos pedidos de informação. Listagem de sócios (CADC). Disponível online: <http://cadc.pt/socios.html>

58 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), p. 9; AUC. Instituto de Coimbra. Formulário de proposta para sócio. Arquivo IC-1-1-1-3 – PT/BGUC/IC/ASS/02/29. Disponível online: <https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=169057>

59 Instituto Camões. Processo de Concurso para leitor. Proc. 5558 – PT/MNE/CICL/IC-1/00231/06. Disponível online: <https://213.63.134.116/details?id=75500>

60 “Necrologia - Muito sentida a morte do Dr. Jorge Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 20 jan. 1977, p. 7.

61 “Relação dos Trabalhos Publicados por Jorge Adalberto Ferreira Peixoto de Julho de 1964 a Julho de 1965”. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral

nábulo na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1952); A noção de tempo e o ensino da História nos primeiros anos do Liceu (1953); Livrarias e livrarias de Coimbra do séc. XVI ao séc. XX (1955); Considerações sobre livrarias medievais (1957); O aparecimento do livro (1958); Manuscritos portugueses na Biblioteca Nacional de Viena de Áustria (1958); A edição de Lisboa de 1543 das “Obras” de Boscán e Garcilaso (1960); Relações de Platin com Portugal. Notas para o estudo da tipografia no séc. XVI (1962); Tratado da prática darismetyca (NICOLAS, Gaspar. 1963), de uma coleção de quatro obras dirigidas para a Livraria Civilização, em colaboração com o Dr. César Pegado, bibliotecário da Biblioteca Geral, para a Enciclopédia Verbo; Barbosa Machado e a bibliografia portuguesa (1964); Viagem pelos Estados Unidos da América do Norte. A codicologia e Santa Cruz de Coimbra (1965); Alexandre Herculano bibliotecário. Os índices da “Brotéria” 1925-1962. Ensaio bio-bibliográfico (1966); Para a criação do museu do livro ou da tipografia em Portugal (1966); Para a história dos bibliotecários portugueses. Quando Camilo pretendeu ingressar na Biblioteca Pública do Porto (1967); Glosa portuguesa a propósito do IV centenário da morte de Gutenberg (1968); Pelo Extremo Oriente (1968); Tipografia Portuguesa do século XVIII. Jean de Villeneuve fundidor de tipos (1968); Para a história do comércio do livro em Portugal. Leilões em Coimbra no século XIX (1970); Paralelo entre a Biblioteca Nacional de Viena de Áustria e a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra (1971); Os catálogos da impressão régia do Brasil publicados no Rio de Janeiro de 1810 e em Lisboa em 1812 (1973); A Imprensa da Universidade de Coimbra e a acção de Joaquim de Carvalho (1976); entre muitas mais⁶², que constituem um verdadeiro legado às gerações vindouras⁶³.

da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.40; Apontamentos e recortes de imprensa sobre artigos científicos publicados. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.43.

62 Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977), pp. 10-21.

63 PEIXOTO, Jorge. (1974). “Relações artísticas e de amizade entre o célebre impressor italiano Bodoni e Francisco Vieira Portuense”. Braga. [s. n.] Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.37.

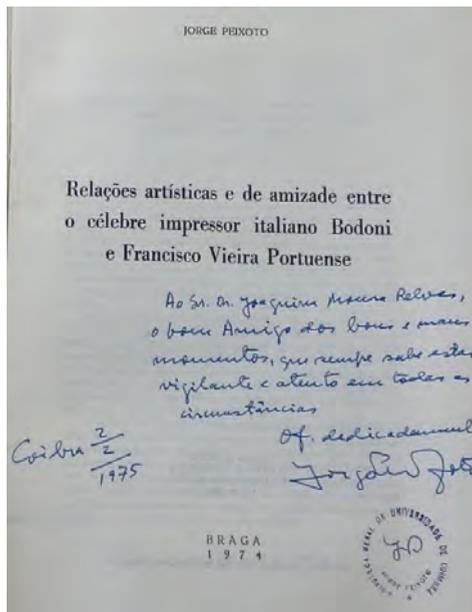


Figura 15 – Exemplo de um trabalho científico, realizado por Jorge Peixoto.



Figura 16 – Notícia de falecimento de Jorge Peixoto participada pela esposa e familiares⁶⁴.

64 "Dr. Jorge Adalberto Ferreira Peixoto Faleceu". *Diário de Coimbra*. 18 jan. 1977, p.5.

Jorge Peixoto viria a falecer aos 56 anos de idade, a 17 de janeiro de 1977, vítima de carcinoma gástrico, sem herdeiros sujeitos a inventário obrigatório, embora tenha deixado bens e um testamento⁶⁵, estando sepultado em jazigo particular, em seu nome, comprado pelo próprio, através de Alvará n.º 327, de 14 de novembro de 1942, no Cemitério da Conchada⁶⁶. A título de curiosidade, encontram-se também no jazigo, os seus progenitores, uma irmã (Esmeralda Maria Ferreira Peixoto), um irmão (Adriano Artur Ferreira Peixoto), uma sobrinha (Maria da Luz Cabral Peixoto) e uma tia (Angelina da Silva Ferreira)⁶⁷.

A sua morte foi sentida com enorme pesar, de tal forma que a Universidade de Coimbra mandou celebrar uma missa por sua alma, a 27 de janeiro de 1977, na Capela da Universidade⁶⁸.

“O dr. Jorge Peixoto foi um bibliotecário que servia como poucos a profissão que escolhera e que era para ele um verdadeiro sacerdócio. Foi também um jornalista de puro quilate, tendo colaborado em muitos órgãos da Imprensa Portuguesa que soube também prestigiar. Bibliotecários e jornalistas não podem (não devem), pois, esquecer o nome de Jorge Peixoto”⁶⁹.

Arquivo Pessoal de Jorge Peixoto

Após o seu falecimento, a Biblioteca Geral adquiriu à sua viúva D. Maria das Dores Peixoto, por meio de compra, no valor de trezentos e cinquenta mil escudos, a 16 de setembro de 1977, todo

65 AUC. Registo de Óbito de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, Livro de Óbitos O275. Assento n.º 115, f. 58, (01/01/1977-11/02/1977). PT/AUC/RCV/CBR/003/0275.

66 Secretaria do Cemitério da Conchada de Coimbra: Jazigo n.º 29 A, talhão 20.

67 Secretaria do Cemitério da Conchada de Coimbra.

68 “Missa por Alma do Dr. Jorge Adalberto Ferreira Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 26 jan. 1977, p. 5.

69 “Fala o Leitor – Recordando o Dr. Jorge Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 21 jan. 1977, p. 3.

o seu espólio. O seu vasto arquivo, incluindo a biblioteca pessoal, demonstrativo do seu compromisso e apreço para com a sua profissão, é o resultado de todo um investimento pessoal, cultural e académico fomentado ao longo de anos.

“A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra considera do maior interesse a compra da biblioteca do Dr. Jorge Peixoto, recentemente falecido, bibliotecário que a esta instituição deu o melhor do seu esforço, e a quem ela tanto ficou a dever. Constituiria só por si uma motivação para as diligências agora iniciadas com vista a essa aquisição, o conhecimento de ter sido um anseio do Dr. Peixoto, aliás expresso, de virem os seus livros a pertencer aos fundos da Biblioteca Geral”⁷⁰.

Compreender Jorge Peixoto passa por primeiramente, analisar os vários conteúdos documentais existentes. No que respeita à composição do fundo, esta encontra-se descrita em pormenor, na proposta de aquisição datada de 21 de junho de 1975, subscrita pelo Bibliotecário-Chefe (Abel de Almeida e Sousa). Segundo este documento, a descrição realizada é válida, tanto para a parte do arquivo, quanto da sua biblioteca, uma vez que, a documentação se interliga e complementa, totalmente entre si.

O fundo é assim caracterizado por cinco pontos de interesse: 1) *História e Técnica do Livro*: núcleo formado por obras de fundo, a folhetos raros encontrados em alfarrabista, que incidem sobre a história e técnica do livro, sobretudo em contexto nacional, e que foi sem dúvida uma das temáticas de abordagem científica levadas a cabo por Jorge Peixoto; 2) *Fontes Bibliográficas*: núcleo que contém elementos de descrição bibliográfica, de apoio à investigação, no campo do livro antigo, incluindo reportó-

70 Cópia anexa ao Livro de Registos [Biblioteca Jorge Peixoto 1979-83], “Aquisição da Biblioteca do Dr. Jorge Peixoto pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra”, p. 1.

rios biobibliográficos, a catálogos de bibliotecas e de coleções privadas; 3) *Técnica Biblioteconómica*: núcleo constituído por uma coleção de publicações periódicas, resultantes do enorme apreço pela sua atualização profissional, no sentido de acompanhar os avanços internacionais, tendo-se dedicado, quando esteve no Brasil a assuntos como a administração biblioteconómica, análises de sistemas, análises de tempos e custos, padrões, entre outros, encontrando-se no seu espólio materiais bibliográficos imprescindíveis, do ponto de vista técnico e científico ao curso de Bibliotecário-Arquivista (Curso de Ciências da Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra); 4) *Vária*: núcleo composto por documentação diversa, variada, sem unidade, de componente literária, biográfica e histórica; 5) *Material Inédito*: núcleo composto por espólio inédito, trabalhos preparatórios que nunca chegaram a ser publicados (documentação/ficheiros)⁷¹, dos quais se poderão destacar conjuntos de natureza técnica como Cursos Nacionais e Internacionais de Biblioteconomia e Documentalista; Encontros da BAD; Técnicas Bibliográficas; Normalização das Regras Catalográficas; “Anteprojecto de um Regulamento do Serviço de Empréstimo Nacional e Internacional”, entre outros⁷². Numa abordagem de natureza mais literária e histórica, temos a Imprensa em Coimbra; História do Livro e da Imprensa; História da Tipografia e da Tipografia Portuguesa no Oriente; Associação Tipográfica Lisbonense; Gabinetes de Leitura, Livreiros e Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado; Direitos de Autor e Propriedade Literária; Bibliotecas Jesuítas pelo Mundo; Bibliotecas Universitárias na Europa e nos

71 Cópia anexa ao Livro de Registos [Biblioteca Jorge Peixoto 1979-83], “Aquisição da Biblioteca do Dr. Jorge Peixoto pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra”, pp. 2-4.

72 “Anteprojecto de um Regulamento do Serviço de Empréstimo Nacional e Internacional”. (1973). Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.44.

E.U.A, entre outros⁷³. Importa ainda mencionar um relevante epistolário em início de tratamento, materiais iconográficos, fotografias em película e slides, documentação pedagógica, administrativa, recortes de imprensa, fichas bibliográficas e vários conjuntos de apontamentos transversais às áreas de estudo supramencionadas.

A incorporação do Fundo com registo de inventariação das espécies teve início em agosto de 1979, estando ainda a decorrer o tratamento de um pequeno conjunto de publicações e o tratamento da parte documental do seu arquivo pessoal. Em 2001, o Livro de Registos compreendia um total de 4251 volumes, e em 2024 um total de 5084, dos quais 148 eram Catálogos de Livrarias e Livreiros anexados após a data do seu falecimento⁷⁴.

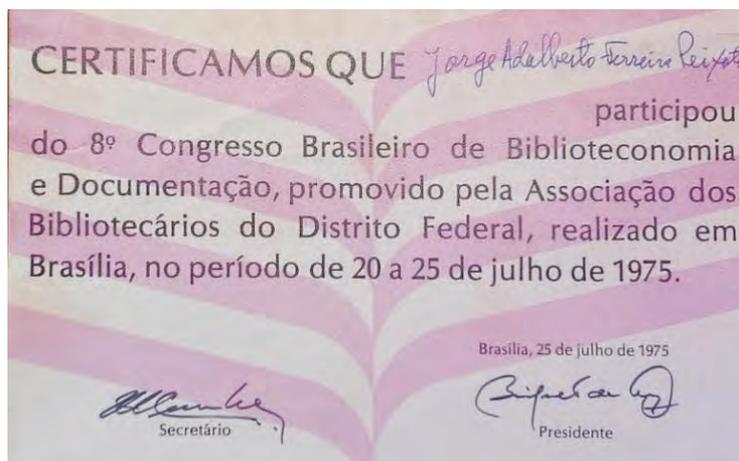


Figura 17 – 8.º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia em Brasília de 1975⁷⁵.

73 PEIXOTO, Jorge. (1973), p. 16.

74 Cópia anexa ao Livro de Registos [Biblioteca Jorge Peixoto 1979-83], "Aquisição da Biblioteca do Dr. Jorge Peixoto pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra", pp. 1-6; Fundos Especiais da BGUC. Disponível online: <https://www.uc.pt/bguc/servicos/fundos-especiais/jorge-peixoto/>

75 Certificado de participação de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto no 8º Congresso de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília, de 20 a 25 de julho de 1975. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.34.

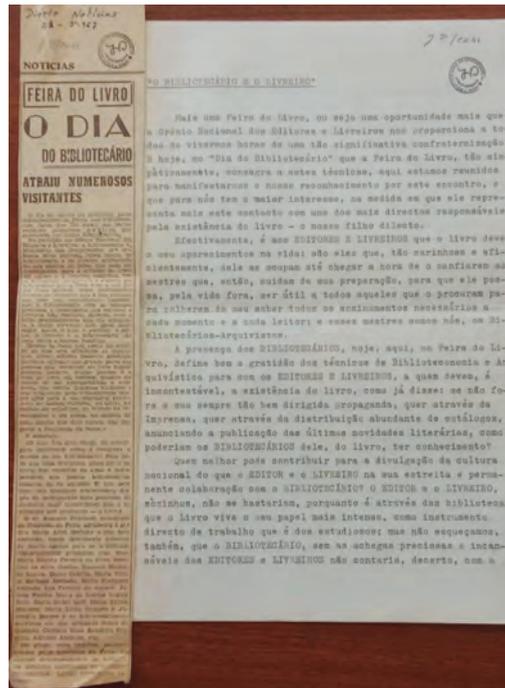


Figura 18 – Notícia e discurso apresentado sobre a Feira do Livro e o Dia do Bibliotecário⁷⁶.

Entre os documentos existentes são pertinentes os que estão titulados como “Secção II – A Tipografia em Macau”, uma série de apontamentos manuscritos em português, compilados durante os anos 60 e 70 do século XX, conservando-se, porém, uma cópia de texto dactilografado corrigido, em inglês, “I Secção - Portuguese Printing in the Far East”, para a obra editada por Colin Clair, *The Spread of Printing Eastern Hemisphere*, de 1971, que não chegou a ser publicada⁷⁷.

⁷⁶ “Feira do Livro – O Dia do Bibliotecário Atraiu Numerosos Visitantes”. *Diário de Notícias* (Recorte de Imprensa); “O Bibliotecário e o Livreiro” (Discurso de acompanhamento), de 23 de maio de 1967. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.41.

⁷⁷ *Portuguese Printing in the Far East* para a obra editada por Colin Clair *The Spread Of Printing* (1971). Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.39.

“É inegável o valor da Imprensa no conjunto da Civilização humana. Factor de progresso, o seu aparecimento, sobretudo na Europa, tornou possível a larga expansão dos conhecimentos que iam entrando no inventário do património artístico e literário da Humanidade (...). Deve-se aos Chineses a invenção da Imprensa. Deste país passou à Europa, provávelmente por intermédio dos Árabes. Contudo, as primeiras referências na Europa a livros chineses parece terem sido feitas pelo italiano Jovis, em 1550 A.D., quando escreveu que o rei de Portugal oferecera ao Papa, como presente, obras chinesas impressas. Possivelmente foram estas levadas da China para Goa por comerciantes portugueses e da cidade para Lisboa, como objectos curiosos e fascinantes, despertando certamente particular interesse”⁷⁸.

Perceber a tipografia e a imprensa portuguesa em Macau implica, pois, recuar na história até ao século XVI, precisamente até aos primórdios da presença jesuítica na região, quando se estabeleciam os primeiros laços de missão em território asiático, no sentido de se criarem contactos culturais, comerciais e diplomáticos com os povos orientais locais e nesse sentido a ação da imprensa e da tipografia seriam sem dúvida cruciais, tendo Jorge Peixoto feito uma recolha não só de apontamentos, mas também de um número considerável de verbetes sobre bibliotecários, bibliologia (séc. XVI-XX), tipografia portuguesa (séc. XVI-XVII) de Goa e Índia, tipógrafos, curiosidades históricas sobre a tipografia portuguesa em Macau através do jornal “O Conimbricense” para o ano de 1895, e também da imprensa portuguesa no oriente.

78 BRAGA, Jack M. (1965), p. 5.

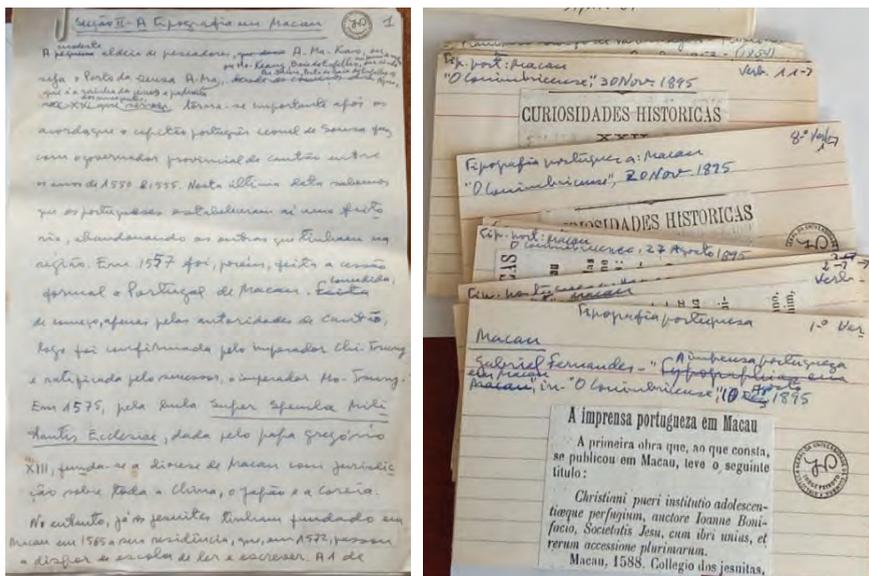


Figura 19 – Apontamentos e verbetes sobre a Tipografia e Imprensa Portuguesa em Macau⁷⁹.

Segundo a visão de Jorge Peixoto, Macau, ao contrário de outras regiões, era a escolha mais vantajosa no acolhimento da atividade tipográfica e da sua importante missão de evangelização, propagação da fé cristã e da cultura ocidental⁸⁰.

“A China oferecia dificuldades inultrapassáveis, pois a xenofobia manifestava-se de todas as maneiras. No Japão as vicissitudes políticas também não criavam as condições de estabilidade que se exigiam. Macau era, assim, um ponto de apoio, verdadeira placa giratória do Oriente, que servia para aí se acumularem os homens e materiais que podiam depois ser conduzidos aos pontos mais convenientes”⁸¹.

79 “Curiosidades Históricas”; “Secção II - A Tipografia em Macau”. Apontamentos manuscritos e verbetes compilados por Jorge Peixoto. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.33.

80 BRAGA, Jack M. (1965), pp. 5-10.

81 “Secção II - A Tipografia em Macau”. Apontamentos manuscritos compilados por Jorge Peixoto, p. 12. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.33.

CONCLUSÃO

À medida que as pesquisas foram sendo realizadas verificou-se que a informação bibliográfica publicada na revista “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação”, de 1977, era a única referência base existente sobre a sua pessoa, pautando por mencionar sobretudo o seu trajeto profissional e técnico, porém, crucial para a produção deste trabalho que pretendeu desvendar aspetos da sua personalidade e do seu passado, no sentido de dar a conhecer melhor quem foi Jorge Adalberto Ferreira Peixoto e todo o seu legado, enquanto peça-chave elementar do xadrez institucional, universitário, social e político, do mundo da bibliologia, da arquivística, da documentação e da catalogação portuguesa do século XX, mas também da vida da academia e da sociedade coimbrã, tal como consta na imprensa nacional, da época⁸².

Fontes manuscritas:

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Carta e Diploma de Curso de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto (1941-1942). IV-2D-14-4-1.

Certidão de Nascimento/Certidão de Idade. Fundo da Universidade de Coimbra, Cx. 13 (1926-1951 – João S. Gama – José Alberto Rodrigues). IV-1.ª D-5-4-3.

Matrícula de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto na Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras (1940) – Termos de Matrícula, AUC, p.117v. IV-1ªE-9-2-Nº14.

Registo de Baptismo de Francisco Eduardo Peixoto Júnior (pai de Jorge Peixoto), f. 9v, assento n.º 15, B27, (1885). PT/AUC/PAR/CBR25/002/0027.

Registo de Casamento dos pais de Jorge Peixoto, f. 6/7, C21, (1905). PT/AUC/PAR/ CBR05/003/0021.

Registo de Casamento, Livro n.º 1, processo n.º 66, fls. 67/67v. Miranda do Corvo, Registo Civil (Casamentos), C35, (1945). PT/AUC/RCV/MCV/003/0035.

Registo de Óbito de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto, Livro de Óbitos O275. Assento n.º 115, f. 58, (01/01/1977-11/02/1977). PT/AUC/RCV/ CBR/003/0275.

82 *Diário de Coimbra*. 20 Jan., p. 7 ; 21 jan. 1977, p. 3.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Arquivo PIDE. Processo criminal, n.º 836/47, registo 1620/947, da sua biografia prisional n.º 17870. Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4298393>

Ofício de Libertação Condicional, 1952, Cx.203/Proc. 1437/117, n.º 6. PT/TT/SGPCM-GPC/1437/000006. Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7976054>

Processos Individuais de Funcionários do Ultramar. PT/TT/DGAP-DIA/001.

Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6571367>

Processo de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto (1965-1974), Cx. n.º 3138/Proc. n.º 34813. PT/TT/DGAP-DIA/001/016900. Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6727030>

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Associação dos Antigos Estudantes de Universidade de Coimbra. Carta Circular. Julho de 1959. Fundo Coronel-Médico Dr. José Pires da Silva da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. 9-59-18-6-(45).

Instituto de Coimbra. Formulário de proposta para sócio. Arquivo IC-1-1-1-3 – PT/BGUC/IC/ASS/02/29. Disponível online: <https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=169057>

Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento):

“Anteprojecto de um Regulamento do Serviço de Empréstimo Nacional e Internacional”. (1973). Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.44.

Apontamentos e recortes de imprensa sobre artigos científicos publicados. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.43.

Cartão de Participante no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros de 2 a 8 de setembro de 1963 com respetivo alfinete em metal. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.41.

Certificado de participação de Jorge Adalberto Ferreira Peixoto no 8º Congresso de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília, de 20 a 25 de julho de 1975. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.34.

“Curiosidades Históricas”; “Secção II - A Tipografia em Macau”. Apontamentos manuscritos e verbetes compilados por Jorge Peixoto. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.33.

- Diploma de Funções Públicas. Declaração de compromisso de 7 de abril de 1951. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.43.
- Discurso proferido pelo Dr. Alberto Iria, na 35ª Feira do Livro de Lisboa, onde se comemorou pela primeira vez o Dia do Bibliotecário, 1965. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.37.
- “Feira do Livro – O Dia do Bibliotecário Atraiu Numerosos Visitantes”. *Diário de Notícias* (Recorte de Imprensa); “O Bibliotecário e o Livreiro” (Discurso de acompanhamento), de 23 de maio de 1967. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.41.
- “Padrões em Bibliotecas e Serviços de Documentação e Informação” da BAD, curso orientado por Jorge Peixoto, entre 23 a 27 de julho de 1975. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.14.
- Portuguese Printing in the Far East* para a obra editada por Colin Clair *The Spread Of Printing* (1971). Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.39.
- Postal ilustrativo das viagens que Jorge Peixoto realizou aos Estados Unidos da América, ao Louisiana, a 10/09/1964. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Série de 10 postais não circulados contendo representações fotográficas de Bibliotecas dos E.U.A. Cota provisória: J.P./Cx.35.
- “Relação dos Trabalhos Publicados por Jorge Adalberto Ferreira Peixoto de Julho de 1964 a Julho de 1965”. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.40.
- “Secção II - A Tipografia em Macau”. Apontamentos manuscritos compilados por Jorge Peixoto. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.33.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, António Eugénio Maia do, coord. (2022). *Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Anuario da Universidade de Coimbra*. 1948-1949.
- Anuario da Universidade de Coimbra*. 1949-1950.
- Anuario da Universidade de Coimbra*. 1950-1951.
- Anuario da Universidade de Coimbra*. 1951-1952.
- Anuario da Universidade de Coimbra*. 1954-1955.

- Arquivo da BAD. Atas da Direção. Livro 1, Ata n.º 16 (22 maio 1975).
- Arquivo da BAD. Atas da Direção. Livro 1, Ata n.º 17 (3 jul. 1975).
- Arquivo da BAD. Atas da Direção. Livro 1, Ata n.º 18 (8 jul. 1975).
- Arquivo da BAD. Atas da Direção. Livro 1, Atas n.º 16-19 (jun.-set. 1975).
- Bio-Bibliografia de Jorge Peixoto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. Vol. 13, n.º 1 (jan-jun. 1977).
- Boletim da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra*. N.º 1 (mar. 1961).
- Boletim do Ministério da Justiça*. N.º 15 (nov. 1949).
- BRAGA, Jack M. (1965). *Primórdios da Imprensa em Macau*. Edição do Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau. Macau.
- Bula *Super specula militantis*, (1576), pela qual Gregório XIII instituiu a diocese de Macau. In "Bullarium Patronatus Portugaliae. Olisipone: ex Typographia Natione, 1868. Disponível online: https://www.uc.pt/fluc/religionAJE/fontes/docs/Bula_Macau_traduzida.pdf
- CADC. Listagem de sócios. Disponível online: <http://cadc.pt/socios.html>
- Cópia anexa ao Livro de Registos [Biblioteca Jorge Peixoto 1979-83], "Aquisição da Biblioteca do Dr. Jorge Peixoto pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra".
- Decreto-Lei n.º 26026. *Diário do Governo*. I Série, n.º 258 (7 nov. 1935). Disponível online: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1935/11/25800/16331635.pdf>
- Decreto n.º 48198. *Diário do Governo*. I Série, n.º 9 (11 jan. 1968). Disponível online: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1968/01/00900/00210026.pdf>
- Decreto de Lei n.º 366/74. *Diário do Governo*. I Série, n.º 192 (19 ag. 1974).
- Decreto de Lei n.º 123/75. *Diário do Governo*. I Série, n.º 59 (11 mar. 1975).
- "Dr. Jorge Adalberto Ferreira Peixoto Faleceu". *Diário de Coimbra*. 18 jan. 1977. BGUC B-8-1/36.
- Estatutos da Associação Portuguesa de Bibliotecários. Decreto-Lei n.º 582/73, alínea c) do 2.º Artigo, de 5 de setembro. *Diário do Governo*. III Série, n.º 296 (21 dez. 1973). Disponível online: <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1973/11/25800/21002104.pdf>
- "Exposição de Educação Sanitária e Social". *Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, Revista Portuguesa de Farmácia*. N.º 5 (1966).
- "Fala o Leitor – Recordando o Dr. Jorge Peixoto". *Diário de Coimbra*. 21 jan. 1977. BGUC B-8-1/36.
- FREITAS, Jordão de. (1915). A imprensa de tipos móveis em Macau e no Japão nos fins do séc. XVI. In *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, vol. 1.
- História da BAD. Disponível online: <https://bad.pt/historia-da-bad/>
<https://noticia.bad.pt/2020/04/23/jorge-peixoto-primeiro-presidente-da-mesa-da-assembly-geral-da-bad/>
<https://www.uc.pt/bguc/servicos/fundos-especiais/jorge-peixoto/>

- INSTITUTO CAMÕES. Processo de Concurso para leitor. Proc. 5558 – PT/MNE/CICL/IC-1/00231/06. Disponível online: <https://213.63.134.116/details?id=75500>
- “Missa por Alma do Dr. Jorge Adalberto Ferreira Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 26 jan. 1977. BGUC B-8-1/36.
- “Necrologia - Muito sentida a morte do Dr. Jorge Peixoto”. *Diário de Coimbra*. 20 jan. 1977. BGUC B-8-1/36.
- “Nótulas sobre Aeminium”. Dissertação da Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1947. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.36.
- Parada 1944 dos Novos Grelados de Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Plaquete da Queima das Fitas. Coimbra: [s.n.] 1944, Tipografia Comercial.
- PEGADO, César. (1970). *Breve História de uma causa justa*. In “Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação”. Coimbra.
Disponível online: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/2092/1854>
- PEIXOTO, Jorge. (1973). “Joaquim de Araújo Tipo Clássico de Intelectual de Certa Época – Sua Tentativa de Suicídio”. *O Comércio do Porto*, p. 16. Recortes de Imprensa. Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.44.
- PEIXOTO, Jorge. Discurso na posse da primeira Direcção eleita, 18 de Fevereiro de 1974. Disponível online: <https://bad.pt/historia-da-bad/>
- PEIXOTO, Jorge. (1974). “Relações artísticas e de amizade entre o célebre impressor italiano Bodoni e Francisco Vieira Portuense”. Braga. [s.n.] Fundo Dr. Jorge Peixoto (em tratamento), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Cota provisória: J.P./Cx.37.
- PEIXOTO, Jorge. (1975). *Notícia breve sobre as Regras Portuguesas de Catalogação*. Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Brasília.
- Queima das Fitas dos Quartanistas de Letras: “Correndo para o Futuro”. Coimbra, 26 de Maio de 1945. Plaquete da Queima das Fitas. Coimbra: [s.n.] 1945, Tipografia União.
- SANDE, Eduardo de. (1589). “Demissione Legatorvm Iaponen” a respeito do processo de missionação e de impressão tipográfica no oriente, com referência ao padre Alexandre Valignano, e considerado o primeiro livro editado por europeus, na China. BGUC R-13-17.
- WILFRED, Ashworth. (1981). *Manual de Bibliotecas Especializadas e de Serviços Informativos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Atividades Culturais 2022 e 2023

Cultural activities 2022 and 2023

Maria Luísa Sousa Machado¹

José Alberto Mateus²

A Biblioteca Geral realiza e acolhe anualmente diversas atividades culturais no espaço da Sala do Catálogo e na Sala de São Pedro, nomeadamente exposições e mostras bibliográficas, colóquios, conferências, cursos e apresentações de obras.

Parte destas atividades são efetuadas em colaboração com outras unidades orgânicas, com a APECER-UC (Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra) e com a LIBUC (Liga dos Amigos da Biblioteca Geral).

Referem-se em seguida as iniciativas desenvolvidas no biénio de 2022-2023.

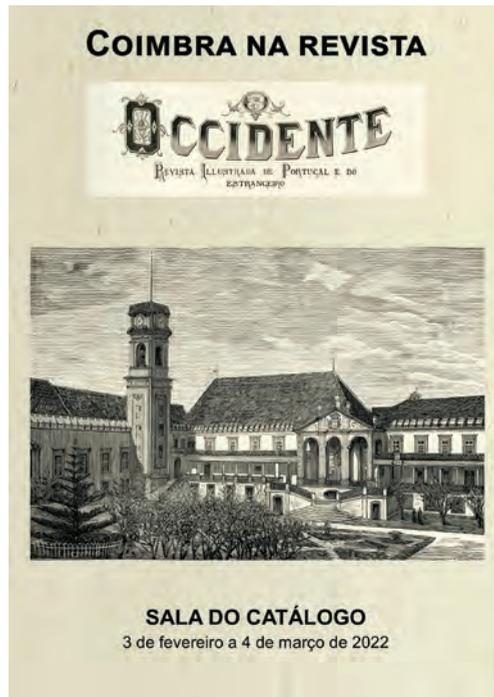
1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – lmachado@bg.uc.pt

2 Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – jomat@bg.uc.pt

EXPOSIÇÕES E MOSTRAS BIBLIOGRÁFICAS

SALA DO CATÁLOGO

Coimbra na revista O Occidente



A exposição “Coimbra na revista O Occidente”, foi a primeira que se realizou na Sala do Catálogo, em 2022, e esteve patente de 3 de fevereiro a 4 de março. A revista, *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, publicou-se entre 1 de janeiro de 1878 e 10 julho 1915. Profusamente ilustrada esta revista exibia uma excecional qualidade das gravuras reproduzidas. A escolha dos motivos para esta mostra iconográfica, relativa a Coimbra e arredores, deveu-se precisamente à qualidade destas ilustrações e à curiosidade sobre a representação dos edifícios universitários, das igrejas, dos monumentos e panorâmicas e dos trajes tradicionais.

Holocausto

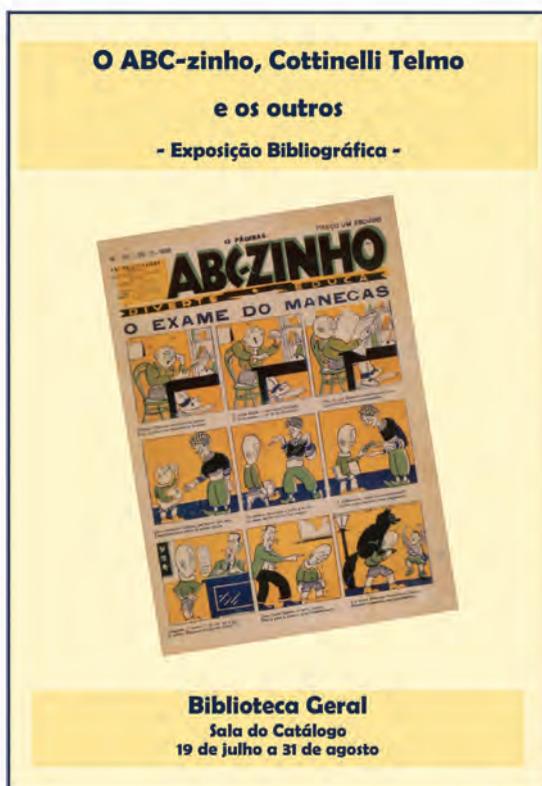
A segunda exposição realizada, de 20 abril a 27 de maio de 2022, estava organizada em cinco núcleos: no primeiro, algumas obras genéricas sobre o Holocausto; no segundo, evocação dos campos de concentração e de extermínio; no terceiro, obras com alguns testemunhos de sobreviventes; o quarto núcleo era dedicado à posição da Igreja Católica perante o genocídio e no último apresentaram-se alguns estudos sobre Portugal e o Holocausto.

Centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul



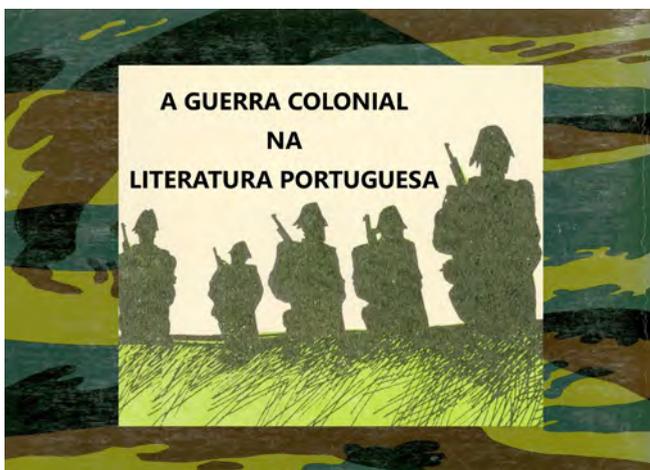
Patente de 6 a 24 de junho de 2022, esta exposição pretendeu assinalar a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, um feito dos avia- dores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que marcou a história da aviação portuguesa e mundial.

O ABC-zinho, Cottinelli Telmo e os outros



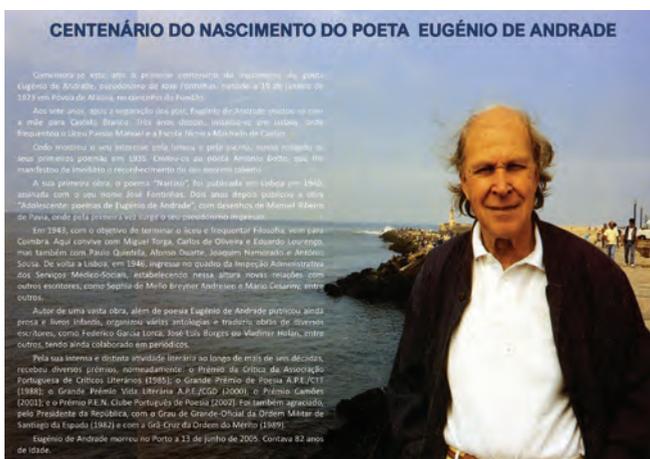
Esta exposição teve como objetivo assinalar o centenário da revista e, simultaneamente, comemorar o 125.º aniversário do nascimento de Cottinelli Telmo, um intelectual polivalente, que deixou uma grande marca na cidade de Coimbra. Esteve patente de 19 de julho a 31 de agosto.

A guerra colonial na literatura portuguesa



Nesta exposição, realizada de 13 de outubro a 30 de dezembro, selecionaram-se obras dos mais conceituados escritores portugueses, que basearam os seus romances, os seus contos e as suas histórias na temática da Guerra Colonial.

Centenário do nascimento do poeta Eugénio de Andrade



Esta exposição esteve patente de 13 de janeiro a 17 de fevereiro. Foi organizada para assinalar o primeiro centenário do nascimen-

to do poeta, nascido a 19 de janeiro de 1923 em Póvoa de Atalaia, no concelho do Fundão, Autor de uma vasta obra, além de poesia Eugénio de Andrade publicou ainda prosa, vários livros infantis, foi organizador de diversas antologias e traduziu obras de diversos escritores de renome.

“Afinal o que importa não é a literatura ...” - Mário Cesariny (1923-2006)”

A exposição que decorreu de 10 a 31 de março pretendeu assinalar o nascimento de Mário Cesariny de Vasconcelos, considerado o expoente máximo do surrealismo português na literatura e nas artes plásticas. Figura irreverente e controversa da cultura portuguesa, no campo literário, além de poeta, foi ainda antologista, tradutor, compilador e historiador na área do surrealismo.

Pablo Picasso: no cinquentenário da morte do pintor

No cinquentenário da morte de Picasso esteve patente de 20 de abril a 31 de maio, uma exposição sobre Pablo Picasso, um dos mais destacados artistas plásticos do século XX, compreendendo as suas vertentes enquanto pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo.

Natália Correia (1923-1993): Centenário do nascimento da poetisa

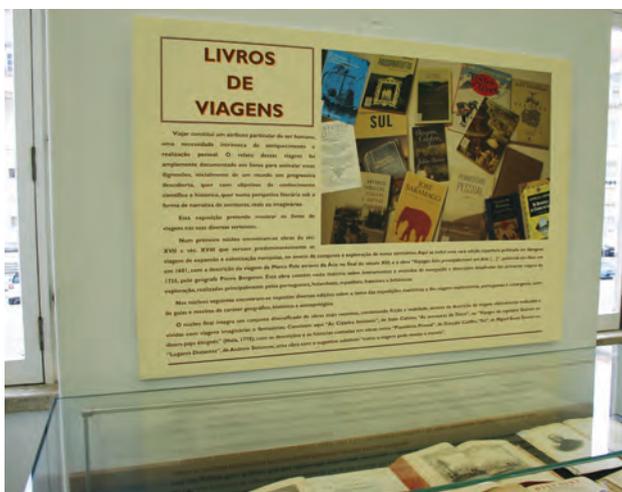
A exposição sobre Natália Correia, que se notabilizou na área das letras como poetisa, romancista, dramaturga, ensaísta, tradutora, guionista, jornalista e editora, deixando uma marca relevante no panorama da literatura portuguesa do século XX, visou assinalar a passagem da data do seu nascimento, decorreu de 13 de junho a 22 de setembro.

Guerra Junqueiro: Exposição Bibliográfica



No centenário da morte de Guerra Junqueiro, que foi um dos mais destacados escritores do Realismo português, esteve patente de 25 de setembro a 24 de novembro uma exposição bibliográfica dedicada a este distinto escritor, poeta, jornalista, político e deputado português.

Livros de Viagens



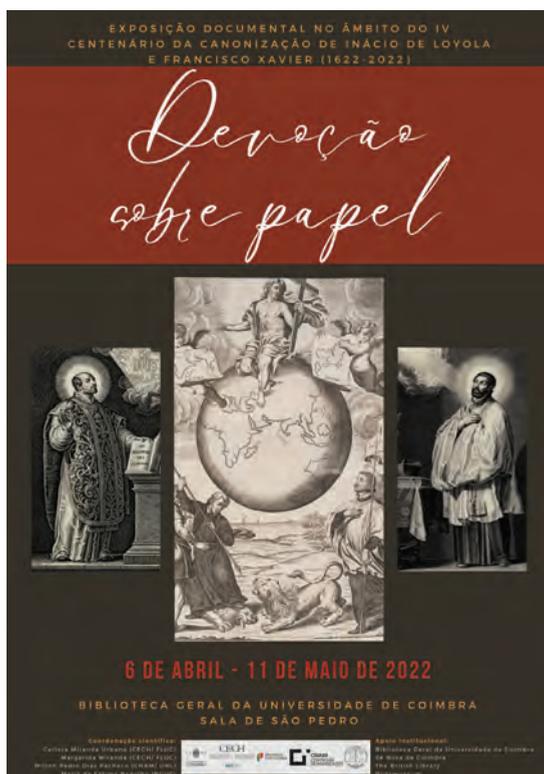
Esta exposição, patente de 5 de dezembro a 8 de janeiro de 2024, pretendeu mostrar os livros de viagens nas suas diversas vertentes.

Incluiu obras do séc. XVII e séc. XVIII que versam predominantemente as viagens de expansão e colonização europeias, diversas edições sobre o tema das expedições marítimas e das viagens exploratórias, portuguesas e estrangeiras, além de guias e roteiros de caráter geográfico, histórico e antropológico, assim como de ficção.

As exposições realizadas na Sala do Catálogo foram organizadas pelo Dr. José Alberto Mateus e pela Dra. Maria Luísa Sousa Machado.

SALA DE SÃO PEDRO

Devoção sobre o papel



A BGUC acolheu a exposição documental "*Devoção sobre o papel*", realizada no âmbito do IV Centenário da canonização de Inácio de

Loyola e Francisco Xavier (1622-2022), de 6 de abril a 11 de maio de 2022. A coordenação científica foi da Prof^a. Doutora Carlota Miranda Urbano (CECH/FLUC), da Prof^a. Doutora Margarida Miranda (CECH/FLUC), do Dr. Milton Dias Pacheco (CHAM/UNL) e a colaboração da Dra. Maria de Fátima Bogalho por parte da BGUC.

A Universidade de Coimbra e a independência do Brasil

A Biblioteca Geral e o Arquivo da Universidade de Coimbra assinaram os 200 Anos da Independência do Brasil com uma exposição que reunia 66 peças/registos documentais e bibliográficos da relação centenária entre a UC e o Brasil. Inicialmente apresentada na Fundação Joaquim Nabuco (Recife), de 21 de março a 31 de maio. Esta mostra foi o primeiro evento oficial das comemorações em parceria Portugal-Brasil. Dela se exibem agora 30 peças. Esteve patente na Sala de São Pedro de 7 a 20 de setembro

(Dra. Ana Maria Bandeira e Dr. António Eugénio Maia do Amaral);

Chapas Sínicas

A exposição documental “Chapas Sínicas” foi organizada pela BGUC em colaboração com o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e com a Academia Sino-Lusófona, de 26 de setembro a 21 de outubro de 2022.

A mostra reunia, um espólio de arquivo vindo de Macau, propriedade do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que documenta dois séculos de contactos oficiais entre Portugal e Macau durante a dinastia Qing: 1693-1886.

(Dr. António Eugénio Maia do Amaral);

250 anos da fundação da Imprensa da Universidade

A Biblioteca Geral recebeu na Sala de São Pedro, de 28 de novembro a 30 de dezembro, o Colóquio/Exposição que teve por objetivo

divulgar «Os 250 Anos da fundação da Imprensa da Universidade de Coimbra» desde a Reforma Pombalina da Universidade, abordando temáticas como Marcos Culturais, Projeção Global, Pluralidade, Estudos Jurídicos e as suas fontes... contando com a abertura dos Prof. Doutores João Gouveia Monteiro, Alexandre Dias Pereira e Delfim Leão.

A exposição permitiu dar a conhecer algumas das obras editadas ao longo dos 250 anos da Imprensa da Universidade de Coimbra, e algum espólio tipográfico que não está regularmente acessível ao público.

(Dr. António Eugénio Maia do Amaral);

Livros Proibidos Durante O Estado Novo



Foi feita a apresentação pública no dia 27 de novembro de uma exposição itinerante sobre livros e autores censurados, intitulada «Livros Proibidos Durante O Estado Novo». Esta exposição foi concebida pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em resposta a um desafio do Plano Nacional das Artes e da Rede de Bibliotecas Escolares da Região Centro.

OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS

SALA DE SÃO PEDRO

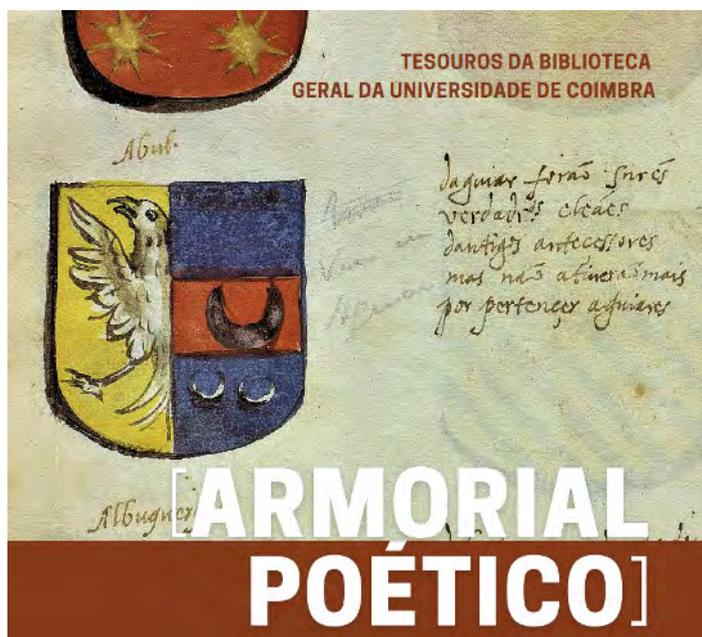
Promovido pela APECER realizou-se o III Curso Livre de História das Religiões: «Dos Politeísmos antigos às religiões do futuro», de 25 de março a 8 de abril de 2022, com 7 sessões presenciais. A coordenação científica pertenceu ao Prof. Doutor João Gouveia Monteiro (FLUC e APECER), tendo como convidados a Prof^a. Doutora Angélica Varandas (FLUL), o Prof. Doutor Fernando Florêncio (FCTUC e APECER), o Prof. Doutor Francisco Díez de Velasco (Catedrático da Universidade La Laguna, Tenerife), o Prof. Doutor João Gouveia Monteiro (FLUC e APECER), a Dra. Laura Martins (APECER), a Dra. Maria Leonor Cruz Pontes (Mestre pela FLUC), o Prof. Doutor Luís Araújo (FLUL) e a Prof^a. Doutora Paula Barata Dias (FLUL).

No dia 16 de março de 2022 decorreu o debate sobre «O conflito russo-ucraniano. História, memória e futuro» com a participação do Major-General João Vieira Borges (CPHM), do Prof. Doutor José Manuel Pureza (FEUC) e do Dr. Vitaliy Venislavskyy (FLUL, mestrando em História Militar).

Realizou-se no dia 20 de maio de 2022 a tertúlia “Natureza e espiritualidade no hinduísmo”, com a participação do sacerdote hindu de origem espanhola: Krishna Kripa Dasa.

Foi realizado o Colóquio “Religião e Alimentação: A diversidade da gastronomia em grandes crenças religiosas: Judaísmo, Induísmo e Cristianismo” organizado pela BGUC, Instituto Universitário Justiça e Paz e APECER, com a coordenação científica do Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, no período de 7 a 10 de novembro de 2022.

No âmbito do Ciclo “À Descoberta dos Tesouros da BGUC”, promovido pela Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, realizaram-se 3 sessões. A primeira intitulada *Bíblia Atlântica* (séc. XII) contou com a participação do Prof. Doutor Saul António Gomes e da bibliotecária Dra. Maria de Fátima Bogalho, no dia 2 de junho de 2022. A segunda sessão foi sobre uma Carta de Cristóvão Borri S. J. para Dom André de Almada, foi proferida pela Prof.^a Doutora Carlota Simões e pelo bibliotecário Dr. A. E. Maia do Amaral, no dia 10 de maio de 2023. Na terceira sessão deste ciclo realizada no dia 8 de novembro de 2023, foi apresentado o “Armorial Poético”, com intervenções do Prof. Doutor Miguel Metelo de Seixas e do Dr. A. E. Maia do Amaral.



A primeira sessão do ciclo de tertúlias “Verde Contínuo” teve lugar no dia 28 de setembro de 2022, intitulado “Água: do ciclo urbano à governação internacional” e contou com a participação de José Alfeu Sá Marques e Prof.^a Doutora Paula Duarte Lopes. A segunda com o título “Dia Nacional do Mar” teve como intervenientes o Prof.

Doutor Álvaro Garrido, o Prof. Doutor João Carlos Marques e o Dr. Nuno Vasco Rodrigues, no dia 16 de novembro de 2022.

A terceira tertúlia deste ciclo “Plantas invasoras.pt: terrestres e aquáticas” teve a participação da Prof^a. Doutora Hélia Marchante e da Dra. Sílvia Martins, no dia 30 de março de 2023.

A quarta tertúlia do ciclo «Verde Contínuo» teve um formato diferente do habitual acolhendo a BGUC a apresentação da obra «Bichos Vividos» pelo Prof. Doutor Paulo Gama Mota (UC), uma edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, com coordenação da Prof^a. Doutora Carlota Simões e da Prof^a. Doutora Ana Paula Guimarães. Contou ainda com a participação de alunos da Escola Secundária Avelar Brotero que realizaram a leitura de excertos da obra. A sessão decorreu no dia 6 de junho de 2023.

Enquadrado no festival cultural “Flor de Lótus II” decorreram duas sessões com a exibição de extratos fílmicos alusivos à guerra colonial portuguesa e comentados pelo especialista Jorge Seabra, nos dias 18 e 19 de outubro de 2022.

CICLO FLOR DE LÓTUS II

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
RESERVAS: bg-eventos@bg.uc.pt

**cinema português de temática colonial |
extratos e comentários por Jorge Seabra (CEIS20 | IPT)**



a COSTA dos MURMÚRIOS
Filipe Duarte | Inês de Castro | Adriano Luz | Luís Sarmiento

20,13 PURGATÓRIO | JOAQUIM LEITÃO
2006 | 19 Out. | quarta-feira | 18h00

A COSTA DOS MURMÚRIOS | MARGARIDA CARDOSO | 2004 | 18 Out. | terça-feira | 18h00

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SALA DE SÃO PEDRO DA BCUC

Enquadradas no Ciclo de tertúlias “Portugal 50 anos (1973-2023): O que mudou? O que falta fazer?” realizaram-se 7 sessões, de janeiro a julho de 2022, intituladas: “Demografia e ordenamento do território”, com Diogo Abreu e Anselmo de Castro; “Cidadania e Direitos individuais”, com Boaventura Sousa Santos e Cristina Roldão; “Ser Jovem em Portugal”, com a Arq^a. Helena Roseta e Paulo Marques; “Literacia Cultura e Artes”, com Abílio Hernandez e Dra. Maria Vlachou; “Jornalismo *fake news* e redes sociais”, com Joaquim Furtado e da Prof^a. Doutora Clara Almeida Santos; “Saúde Mental e envelhecimento”, com o Prof. Doutor António Leuschner e a Prof^a. Doutora Margarida Pedroso de Lima; “Utopias. A Liberdade. O tempo”, com o Prof. Doutor André Barata e a Dra. Manuela Cruzeiro.



Sessão “Saúde Mental e envelhecimento”, com os Profs. Doutores António Leuschner, João Gouveia Monteiro e a Margarida Pedroso de Lima

A “Sessão Evocativa do 75.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos” foi uma iniciativa promovida conjuntamente pelo Conselho Geral da UC (através da Comissão de Cultura, Património, Cidadania e Desporto e da Comissão de Ensino, Investigação

e Desenvolvimento), pela BGUC e pelo Ius Gentium Conimbrigae - Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da UC, no dia 6 de dezembro. Contou com a participação do Prof. Doutor Vital Moreira e da Prof^a. Doutora Teresa Pizarro Beleza.

Apresentação de obras

Neste biénio foram apresentadas diversas obras na Sala de São Pedro. A primeira sessão realizada, no dia 16 de fevereiro de 2022, foi a apresentação da obra «Os Filhos da Madrugada», da autoria da jornalista Anabela Mota Ribeiro, pelos Profs. Doutores Vital Moreira e Luís Gouveia Monteiro.

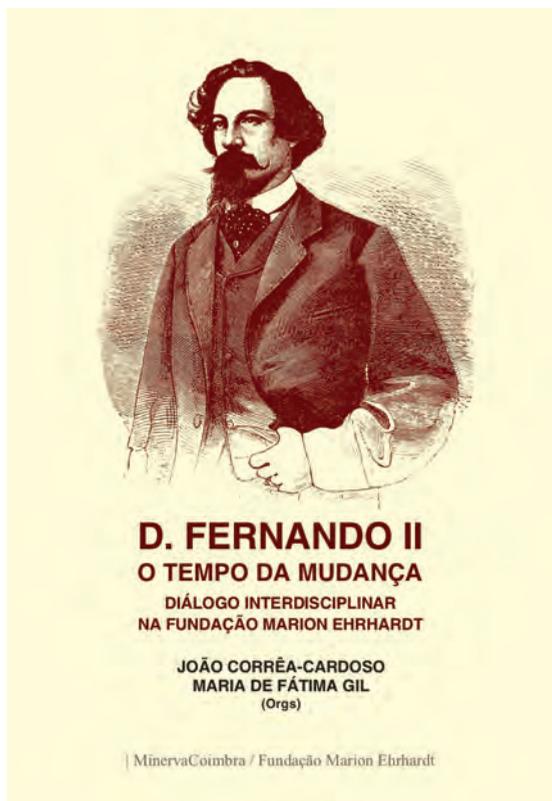
Seguiu-se a apresentação da obra “Foral Manuelino de Olivença – 1510”, com a presença dos autores Prof. Doutor Saúl António Gomes, Dr. Mário Rui Simões Rodrigues e Dr. José António Gonzales Carillo e do Prof. Doutor Francisco García Fitz, no dia 1 de julho de 2022.

Em 28 de fevereiro foi feita a apresentação do livro “Diplomacia em tempo de Troika”, de Luís de Almeida Sampaio, pelo Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, da Universidade Católica Portuguesa.

A obra “Redes Científicas da Universidade de Coimbra no Iluminismo” foi apresentada pelo Prof. Doutor Fernando Seabra Santos no dia 23 de março. A coordenação desta obra foi da responsabilidade da Prof^a. Doutora Carlota Simões, da Prof^a. Doutora Ana Cristina Araújo e do Dr. Pedro Casaleiro.

Lançamento da obra “D. Fernando II – o tempo da mudança – diálogo interdisciplinar da Fundação Marion Ehrhardt”, com coordenação do Prof. Doutor João Nuno Corrêa-Cardoso e da Prof^a. Doutora Maria de Fátima Gil e vários autores: Prof. Doutor Alexandre Franco de Sá, Prof^a. Doutora Cecília Barreira, Prof^a. Doutora Maria Antónia Lopes,

Dr. Pedro de Azevedo, Prof. Doutor António Carmo Gouveia, Dra. Elvira Archer, Prof. Doutor Karl Heinz Delille e Prof^a. Doutora Maria Manuela Gouveia Delille. A apresentação da obra esteve a cargo da Prof^a. Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro.



No dia 2 de junho foi apresentado por Prof. Doutor João Gouveia Monteiro o livro “Impressões sobre a música portuguesa e outros temas (II)”, com a presença do autor José Eduardo Martins.

No âmbito do ciclo «Depósito Legal: Novos Livros, Novas Leituras», cujo objetivo é o de promover o conhecimento de novas publicações no espaço público, foi realizada a apresentação do livro “O Quarto do Bebê”, da jornalista Anabela Mota Ribeiro, pela Prof^a. Doutora Catarina Martins, no dia 13 de novembro.

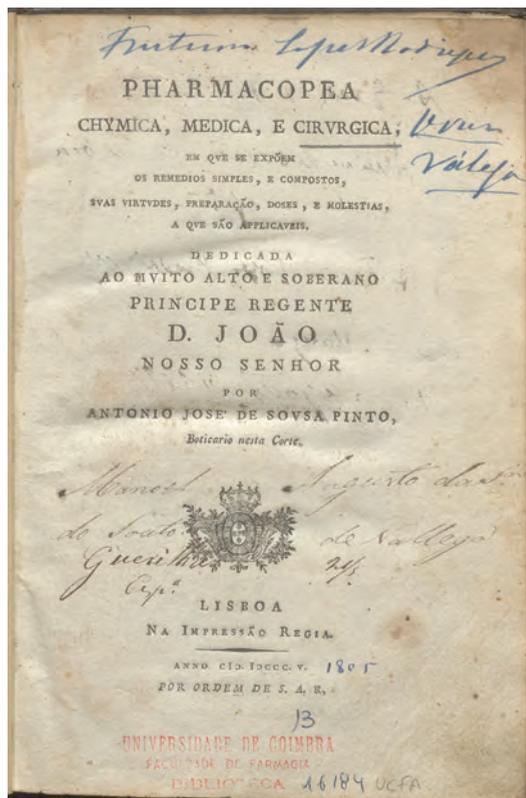


Apresentação da obra “O Quarto do Bebê”, de Anabela Mota Ribeiro, pela Prof.^a Doutora Catarina Martins

Apresentação do livro “O dever de deslumbrar”, de Filipa Martins, no dia 23 de novembro. Tratou-se da segunda iniciativa do ciclo «Depósito Legal: Novos Livros, Novas Leituras», coorganizada com o programa Leituras em Diversidade / CES-BCS. Teve a participação da Dra. Fabrina Martinez, Dra. Cristina Del Villar Toribio e Dra. Kátia Nascimento, na leitura de poesia.

Lançamento da obra «História das Religiões: da Origem dos Deuses às Religiões do Futuro», com coordenação científica do Prof. Doutor João Gouveia Monteiro e apresentação do Prof. Doutor João C. Paiva, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Membro da Comunidade de Vida Cristã, dia 5 de dezembro.

Com apresentação a cargo do Prof. Doutor João Rui Pita foi efetuado o lançamento da edição fac-similada da obra “Farmacopea Chymica, Medica, e Cirurgica”, de 1805 (com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra), no dia 12 de dezembro.



Biblioteca Joanina

No dia 8 de junho de 2022 foi executado pelo pianista brasileiro José Eduardo Martins um recital. O programa incluiu obras de Eurico Carrapatoso, Carlos Seixas, J. S. Bach-Franz Liszt, Henrique Oswald, Gilberto Mendes e Alexandre Scriabine.

A “Pharmacopeia Lusitana Reformada” foi o último volume do projeto cultural e científico de publicação em *fac-simile*, de farmacopeias portuguesas com história. O projeto iniciado em 2014 publicou e estudou dez farmacopeias, sendo uma iniciativa da indústria farmacêutica Bluepharma com a colaboração da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e da Imprensa da Universidade de Coimbra, com direção e colaboração científica do Professor Doutor João Rui Pita.

O lançamento deste último volume foi realizado na Biblioteca Joanina no dia 19 de dezembro de 2023.



Sessão de apresentação de “Pharmacopea Lusitana Reformada”, Prof^a. Doutora Carlota Simões (Diretora da IUC), Prof. Doutor Manuel Portela (Diretor da BGUC), Prof. Doutor Amílcar Falcão (Reitor da UC), Dr. Paulo Barradas Rebelo (Presidente da Bluepharma) e Prof. Doutor João Rui Pita (FFUC)

Catálogos de exposições bibliográficas

Exhibitions
catalogues

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Coimbra na revista «O Occidente»/ Coimbra in the magazine «O Occidente»

Sala do Catálogo da BGUC, 3 fevereiro a 4 março 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

Maria Luísa Sousa Machado

José Alberto Mateus

Apresentação

A revista, *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, publicou-se entre 1 de janeiro de 1878 e 10 de julho de 1915. Com redação e atelier de gravura na Rua do Loreto, n.º 43, em Lisboa, publicava 3 números por mês, tendo sido fundada por Guilherme de Azevedo, Brito Rebelo, pelo gravador Caetano Alberto da Silva, principal acionista da empresa de “O Occidente” e por Manuel de Macedo, desenhador ilustrador.

Profusamente ilustrada esta revista exibia uma excecional qualidade das gravuras reproduzidas, da autoria de artistas como A. Francisco Vilaça, Domingos Casellas Branco, Jorge dos Reis, José Augusto d’Oliveira, Rosalino Cândido Feijó, Manuel Diogo Netto, José António Kjolner, além dos citados Caetano Alberto da Silva e Diogo Neto, que conduziu a um sucesso editorial, como atestam os seus 38 anos de publicação.

Também nos domínios científico e literário esta revista inseriu magníficos artigos. Para o efeito reuniu um conjunto de colaboradores de

excelência, sob a direção literária, durante muito tempo, de Gervásio Lobato, que contou com autores como: Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Luciano Cordeiro, Gonçalves Crespo, Fialho de Almeida, Maria Amália Vaz de Carvalho, Cândido de Figueiredo, entre muitos outros.

A escolha destes motivos para esta mostra iconográfica relativa a Coimbra e arredores, deveu-se precisamente à qualidade destas ilustrações e à curiosidade sobre a sua representação e as suas transformações.

As gravuras selecionadas, foram divididas por três núcleos principais: Os edifícios universitários; as igrejas, monumentos e panorâmicas e um último relativo aos trajes tradicionais. Abrangem o período compreendido entre 1878 e 1899, dado que, a partir de 1900, a revista deixou de ser ilustrada com gravuras numa altura em que a fotografia ia ganhando terreno no domínio editorial.

Catálogo:

Vitrine 1

UNIVERSIDADE

Paço das Escolas

Gravura representando o Paço das Escolas, em que o pátio se encontra ajardinado, podendo observar-se também a Sala dos Capelos, parte da Via Latina e a Torre da Universidade mandada edificar por D. João V.

Esta gravura foi realizada a partir de uma fotografia de Santos, (José Maria dos Santos ?) e foi executada por Domingos Casellas Branco. Está incluída no n.º 393, de 21 novembro de 1889, de "O Occidente".

Sala dos Capelos

A sala dos grandes atos da Universidade e antiga Sala do Trono. Nela decorrem as cerimónias mais importantes da vida universitária, nomeadamente a abertura solene das aulas, os doutoramentos *honoris causa* e a receção a entidades oficiais, nacionais e estrangeiras.

Esta sala tem 26 metros de comprimento e 12 de largura e uma altura proporcionada sendo o teto em madeira, apainelado, pintado com ramagens, laçarias, aves e figuras de fantasia.

As paredes são revestidas com lambris de azulejos, decoradas com os retratos de todos os reis portugueses - de D. Afonso Henriques a D. Manuel II – à exceção dos reis da dinastia Filipina.

A gravura publicada no “O Occidente”, n.º 57, de 1 de maio de 1880, é da autoria de Penoso.

Biblioteca Joanina

Considerada uma das mais ricas bibliotecas do mundo, a Biblioteca Joanina, em honra e D. João V, que autorizou a sua construção, é um edifício dividido em três pisos, possuindo no piso inferior as Prisões académicas e espaços de depósitos, no piso intermédio depósito de livro antigo e o piso nobre, reconhecido pela beleza das suas três salas e pela riqueza da decoração barroca, com o quadro do Rei, pintado por Domenico Duprà, a dominar o espaço.

Concluída em 1728, esteve em funcionamento, até à abertura ao público do atual edifício da Biblioteca Geral, em 1962

Nos três pisos da biblioteca encontram-se cerca de 60 mil volumes, publicados entre os sécs. XVI e XVIII, abrangendo todos os domínios do conhecimento.

As gravuras apresentadas são publicadas nos n.ºs. 49, de 1 de janeiro de 1880 (interior) e no n.º 360, de 21 de dezembro de 1888 (exterior), e são da autoria de Alberto (Caetano Alberto da Silva) e de José Augusto de Oliveira, respetivamente.

Museu da Universidade de Coimbra

A fundação do Museu da Universidade de Coimbra, também designado por Gabinete de História Natural, no Colégio de Jesus, data

de 1772, ano em que se reformaram os estudos universitários, na sequência da publicação dos Estatutos da Universidade.

Ocupava as salas do piso superior do edifício, incluindo uma sala de aula em anfiteatro e salas dedicadas à mineralogia, à botânica e à zoologia, incluindo também muita aparelhagem científica, de apoio ao ensino e à investigação.

Gravura está publicada no n.º 357 de “O Occidente”, de 21 de novembro de 1888, da autoria de Cazellas (Domingos Casellas Branco).

Vitrine 2

IGREJAS / MONUMENTOS / PANORÂMICAS

Sé Velha

A Sé Velha, em estilo românico, começou a ser edificada com a fundação da monarquia.

Foi com o bispo D. Miguel Salomão, em 1162, que se iniciaram as obras, a cargo do mestre-arquiteto francês Roberto. Como este se encontrava em Lisboa, foi o mestre Bernardo que orientou as obras no local, tendo sido substituído após a sua morte, em 1172, por mestre Soeiro.

O edifício sofreu diversas remodelações, a mais importante das quais realizada durante o bispado de D. Jorge de Almeida (1483-1543).

Em 1893 foi também realizado um profundo restauro, dirigido por António Augusto Gonçalves (1848-1932) que viria provocar alterações diversas no templo.

A gravura publicada no n.º 649, de 10 de janeiro de 1897, da autoria de José Augusto de Oliveira mostra este monumento antes desta última remodelação, no qual se podem observar ainda o “terraço”, a fonte e a torre sineira.

Sé Velha - Porta Especiosa

A fachada norte da Sé Velha possui dois portais de estilo renascentista, o mais notável, a *Porta Especiosa*, foi realizado por João de Ruão no séc. XVI, como mostra a gravura publicada no n.º 322, de 1 de dezembro de 1887, desenhada por Manuel de Macedo e gravada por Caetano Alberto da Silva.

Ruínas do Mosteiro de Santa Clara a Velha

As ruínas do mosteiro do século XIII, fundado por D. Maior Dias, foi beneficiado e aumentado pela Rainha Santa com a ampliação da igreja e a construção de um hospital anexo.

A ruína em que o mosteiro caiu obrigou as religiosas a abandoná-lo em 1677, transitando para o atual convento de Santa Clara mandado construir por D. João IV. O corpo da Rainha Santa foi trasladado para o novo convento, onde ficou depositado num tumulo de prata e cristal mandado executar pelo Bispo Conde D. Afonso de Castelo Branco.

A gravura assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco) encontra-se publicada no n.º 633 de "O Ocidente", de 25 de julho de 1896.

Sé Nova

Para dar início à construção do Colégio de Jesus (Colégio das Onze Mil Virgens) vieram para Coimbra em junho de 1542 o padre Simão Rodrigues e onze companheiros que por recomendação de D. João II foram acomodados no Convento de Santa Cruz.

As obras decorreram com alguma lentidão, sendo o templo inaugurado apenas em 1698, tendo, a 21 de outubro de 1772, sido transferida a sede episcopal da Sé Velha para este edifício, por ser maior e poder acomodar mais pessoas.

O edifício de uma só nave, possui quatro grandes capelas de cada lado e um zimbório de dimensões imponentes. A fachada toda de cantaria encontra-se decorada com algumas estátuas, como se pode observar na gravura com a reprodução da fachada que se encontra publicada no n.º 258 de “O Ocidente”, de 21 de fevereiro de 1886.

Mosteiro de Celas - Claustro

O mosteiro mandado edificar por D^a. Sancha, filha de D. Sancho I, deve o nome ao facto de ter sido construído para albergar umas *enceladas* que viviam em Alenquer, onde D. Sancha residiu depois da morte de seu pai, que o denominou de *Celas de Voimarães*.

O templo foi sagrado pelo Bispo D. Américo a 13 de junho de 1293. O Claustro do mosteiro é conhecido, particularmente pelos capitéis das colunas datados do séc. XIV, com várias representações da vida de Cristo, além outros temas profanos e fantásticos.

A gravura que reproduz parte do claustro, assinada por Domingos Casellas Branco (Cazellas), encontra-se publicada no n.º 455, de “O Ocidente”, de 11 de agosto de 1891.

Mosteiro de Santa Cruz – Túmulo de D. Sancho I

O Mosteiro de Santa Cruz foi fundado em 1131 pelo Arcebispo D. Telo, da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, com o apoio de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I. Estes dois reis encontram-se sepultados na capela mor da igreja para onde foram trasladados por ordem do Rei D. Manuel I, em 16 de julho de 1520.

Os dois túmulos, cujas esculturas jacentes são da autoria de Nicolau Chanterenne, escultor que trabalhou em Portugal de 1517 a 1551, são decorados com muitas estátuas e outros elementos gótico-renascentistas.

A gravura do túmulo de D. Sancho I, *O Povoador*, assinada por Manuel Diogo Neto, encontra-se no n.º 325, de “O Ocidente”, de 1 de janeiro de 1888.

Vitrine 3

Convento de Santo António dos Olivais

Este convento franciscano foi construído no local da antiga Ermida de Santo Antão, onde se instalou a primeira casa que os frades menores tiveram em Portugal - o Convento de Santo António dos Olivais. Esta designação deve-se à sua ligação a Santo António, nascido em Lisboa em agosto de 1195, que depois de iniciado no mosteiro de S. Vicente, em Lisboa, recolhera ao Mosteiro de Santa Cruz em 1212, vindo em 1221, ano em que passou à religião dos frades menores, a acolher-se neste convento com vista à prossecução dos seus pios intentos.

O convento foi sucessivamente transformado e renovado, restando do primitivo edifício, entre outros, o característico portal, de perfil gótico, totalmente reconstruído no séc. XVIII.

A gravura reproduzida encontra-se publicada no n.º 594 de “O Ocidente”, de 25 de junho de 1895.

O Seminário de Coimbra

Foi fundado pelo bispo da diocese D. Miguel da Anunciação que lançou a primeira pedra a 22 de junho de 1748, sendo concluído a 28 de outubro de 1765.

Com a cooperação do padre napolitano D. Nicolau Gilberto, conseguiu a colaboração na construção do edifício do arquiteto italiano Giovanni Tamossi, autor do projeto, substituído após a sua morte pelo pintor e cenógrafo João Jacomo Azzolini.

O conjunto dos edifícios ao gosto italiano, é composto pelo central (ou Casa Velha) tendo à sua esquerda a Casa Nova, concluída em 1873 e à direita a Casa Novíssima de 1880. Ambas as datas estão registadas no arco central exterior.

A gravura publicada encontra-se no n.º 385, de “O Ocidente”, de 1 de setembro de 1889, assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco) e José Augusto d’Oliveira.

Jardim Botânico

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, criado por iniciativa do Marquês de Pombal, como parte de *Museu de História Natural* em 1772, ocupa uma área de cerca de 13,5 ha.

O jardim distribui-se por vários patamares, com extensas avenidas e escadarias. Possui uma enorme variedade de plantas e árvores exóticas de todo o mundo, ocupando a mata, e o bambuzal, cerca de dois terços da área total do jardim. Possui também duas estufas: a Estufa Grande, desenhada por Pezarat, de 1859, com uma estrutura toda em ferro e vidro, dividida em três corpos e a Estufa Fria, criada nos anos 50 do séc. XX pelo Prof. Doutor Abílio Fernandes.

Teve como primeiro responsável Domingos Vandelli, e a partir de 1791, Avelar Brotero, professor de Botânica e de Agricultura, que ampliou o jardim através da aquisição de um terreno da quinta dos Padres Marianos, em 1809.

Em 1873 o jardim passa a ser dirigido por Júlio Henriques, que promoveu uma intensa permuta de plantas com os principais jardins botânicos de todo o mundo. Por sua iniciativa foi fundada a “Sociedade Broteriana”, que em 1880 iniciou a publicação do “Boletim da Sociedade Broteriana”, ainda em publicação.

Seguiu-se-lhe na direção do jardim o botânico Luís Wittnich Carrisso, desde 1918 até falecer em 1937, que promoveu o enriqueci-

mento do jardim com novas plantas, particularmente com plantas exóticas africanas.

As gravuras assinadas por Caetano Alberto da Silva e Manuel de Macedo encontram-se no n.º 141, de 21 de novembro de 1882, de “O Ocidente”.

Quinta das Lágrimas

A gravura publicada no n.º 50, de 15 de janeiro de 1880 reproduz o palácio da Quinta das Lágrimas após o incêndio aí ocorrido na noite do dia 21 de dezembro de 1879.

Na altura a quinta era pertencente ao “digno par do reino Miguel Ozorio Cabral”. Do incêndio conseguiu-se salvar a livraria e a capela, embora a maior parte do edifício e o respetivo recheio tenha ficado destruído.

Esta gravura é assinada por Caetano Alberto da Silva.

Ponte de Ferro sobre o Mondego

A Ponte de Ferro foi construída sobre as bases dos pegões da antiga ponte de cantaria, parte da qual fora construída no tempo de D. Manuel I. Tinha uma extensão de 217,40 m, dividindo-se o tabuleiro em oito tramos, de diversas dimensões devido ao aproveitamento das bases existentes.

A demolição da antiga ponte foi começada em 14 de junho de 1873 e concluída no final de setembro do mesmo ano. A construção da nova ponte em ferro iniciou-se no mesmo ano, tendo sido terminada em 15 de agosto de 1875. Antes mesmo de completa abriu ao trânsito em 8 maio deste ano.

A gravura onde se pode observar também o Convento de São Francisco e o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova encontra-se no n.º 280, de 1 de outubro de 1886, de “O Ocidente” e é assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco) e Caetano Alberto da Silva.

Ponte da Portela

A Ponte da Portela encontra-se situada a cerca de três quilómetros da cidade de Coimbra, projetada e dirigida pelo Eng.º Heitor de Macedo. Dividida em quatro tramos, foi construída em cantaria, ferro e madeira, tendo sido inaugurada em 12 de julho de 1873.

A gravura encontra-se no n.º 364, de “O Ocidente”, de 1 de fevereiro de 1889, assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco).

Vitrine 4

TRAJES

Camponesas das margens do Mondego

Estas figuras típicas de camponesas podiam ver-se pelas margens do Mondego, do Vouga ou do Minho.

Para atravessar o rio as mulheres arregaçam as saias e cruzam-nas atando-as em nó. Com o cesto de erva à cabeça e a sachola em cima, como a que se vê mais distante, ou como as que caminham a par, quer vão para a feira ou mercado, com o chapéu e as chinelas dentro da canastra ou como a que vai levar o almoço ao marido dentro do canastrel, acompanhada pela filha, exibindo ambas o lenço à cabeça e o xaile traçado.

As camponesas das margens do Mondego, atravessando o rio a vau, é um desenho de Manuel de Macedo e C. Penoso, no n.º 93, de “O Ocidente”, de 21 de julho de 1881.

Lavadeiras do Mondego

Esta gravura é uma reprodução de um quadro executado pelo Sr. Lupi, professor da Academia de Belas Artes de Lisboa, para a Exposição Universal de Paris de 1878. O júri da exposição distinguiu esse quadro com a medalha de bronze, tendo sido leiloado na ocasião por 4.000 francos, uma quantia significativa para a época.

A gravura representa as várias fases da lavagem da roupa: o esfregar das peças sobre as lajes, o torcer a roupa, o por a corar e a enxugar no areal.

Está publicada no n.º 41, de 1 de setembro de 1879, de “O Ocidente”, assinada por Caetano Alberto da Silva e M. Lupi.

Aldeã das margens do Mondego e Mulher da Gândara de Montemor

As duas gravuras desenhadas por Manuel de Macedo, foram publicadas no n.º 48, de 15 de dezembro de 1879, de “O Ocidente”.

“A mulher da gândara de Montemor é um tipo muito distinto. As borlas e tope do chapéu, resto ainda talvez dos antigos usos góticos, dão uma feição muito singular ao povo daquela localidade. As grossas contas que lhe adornam o colo, o largo folho que ostenta a camisa, diferente contudo do folho das varinas, o colete de largo decote circuitado de bicos, e abrochado por seis grandes botões geralmente de prata, são tudo elementos curiosos [...].

[...] a aldeã dos campos do Mondego, não tem tanta singularidade, mas ainda assim é o tipo característico. Ao passo que o cabelo da primeira é cortado curto, o desta divide-se sobre a testa em bastas madeixas; o rosto da outra apresenta-se livre e o desta todo emoldurado em farto lenço de algodão; a saia da outra é mais curta, a desta mais comprida e com rofego; o chapéu é sem borlas mas mais largo e de copa mais baixa, e a ampla capa envolve e contorna-lhe o robusto tronco”.

Pescadores do Mondego

A parte mais favorável à navegação entre o Mosteiro de S. Jorge e a foz permitia a “pesca de saborosos peixes” em que se “empregavam muitos homens com suas canoas”.

Os pescadores usavam todos vestes diferentes cobrindo a cabeça com o característico barrete preto de lã.

A gravura “Scenas do Mondego – Um barco de pescadores”, foi realizada por Christino e por Manuel Diogo Netto a partir de uma fotografia de Emilio Biel, encontra-se no n.º 289, de 1 de janeiro de 1887, de “O Ocidente”.

Tipos da Universidade

As insígnias de Doutor constam de um capelo de veludo, forrado de seda e ornado com alamares, de um *bonnet* de borla, também de seda e de um anel cuja pedra deve ter a cor distintiva da respetiva faculdade. Os capelos usam-se unicamente sobre o vestido talar, loba e capa, que é o vestuário académico e que é de obrigação em atos públicos e oficiais da Universidade.

O Archeiro está em uniforme de grande gala. O uniforme consta de um *bonnet* de pala, sobrecasaca e calça cor de pinhão com guarnições de azul e branco. O chefe destes guardas empunhava a simbólica vara branca. Eram os *homes* do Meirinho da Universidade, armados de *chuços* e *partezanas*. Passaram depois a *verdises* e com esta denominação ainda figuraram nos acontecimentos do primeiro quartel do séc. XIX.

As gravuras, cópias de fotografias da autoria de José Maria dos Santos, encontram-se no n.º 510, de 21 de fevereiro de 1893, de “O Ocidente”.

Uma vista do Mondego

A gravura mostra as lavadeiras lavando a roupa na veia do rio que leva pouca água, com os seus lenços e saias, rodeados pelos salgueiros e pelos choupos que orlam o rio, com a roupa a enxugar sobre estendais de arbustos. Os transeuntes que atravessam o rio a vau para fugir ao calor e as mulheres de saias arregaçadas levando à cabeça o cântaro, os canastréis ou as trouxas, com um equilíbrio de

fazer inveja a qualquer malabar e, num ou noutro ponto, pescadores à linha, tendo em fundo a ponte do caminho de ferro, é uma imagem típica do Mondego do Séc. XIX.

Trata-se de uma reprodução de uma fotografia da autoria de Emilio Biel, publicada no n.º 264, de 21 de abril de 1886, assinada por R. Christino e [José Augusto d'Oliveira].

Devoção sobre o papel: exposição documental/ Devotion on paper: documentary exhibition

Sala do Catálogo da BGUC, 6 abril a 11 maio 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Catálogo:

Núcleo I | PRODUÇÃO

EXPOSITOR 1

INÁCIO DE LOYOLA, Santo, 1491-1556

Exercitia spiritualia. Conimbricae : [per Ioannem Barrerium], 1553.

UCBG R-4-22

COMPANHIA DE JESUS

Constitutiones Societatis Iesv cum earum Declarationibus. Romae
: in Collegio eiusdem Societatis, 1583.

UCBG R-15-12

COMPANHIA DE JESUS

Regulae aliquot Societatis Iesu. Burgis : apud Philippum Iuntam, 1583.
UCBG V.T.-20-7-16

COMPANHIA DE JESUS

Regras da Companhia de Iesu. Em Evora : por Manoel de Lyra, 1603.
UCBG R-9-17

EXPOSITOR 2**ACQUAVIVA, Cláudio, 1543-1615**

Ratio atque institutio studiorum Societatis Iesu. Romae : Collegio
Rom. eiusde[m] Societ., 1606.
RB-12-14

ACQUAVIVA, Cláudio, 1543-1615

Ratio atque institutio studiorum per sex patres ad id iussu R.P. Praepositi
Generalis deputatos conscripta. Romae : in Collegio Societatis Iesu, 1586.
UCBG R-15-10

NADAL, Jerónimo, 1507-1580

Evangelicae historiae imagines Ex ordine Euangeliorum, quae toto
anno in Missae sacrificio recitantur, In ordinem temporis vitae
Christi digestae. Antuerpiae : [s.n.], 1593.
UCBG S.P.-Af-4-13

CARTAS DOS JESUÍTAS

Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreverão
dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India,
& Europa, desde anno de 1549 até o de 1580 [sic] [1589]. Em Evora :
por Manoel de Lyra, 1598.
UCBG R-28-8/9

Núcleo II | HAGIOGRAFIA**EXPOSITOR 3****RIBADENEIRA, Pedro, 1526-1611**

Vita Ignatii Loiolae qui Religionem Clericorum Societatis Iesu instituit. Madrid : apud viduam Alphonsi Gomezii, 1586.

UCBG 1-12-7-32

MAFFEI, Giovanni Pietro, 1533-1603

Historiarum indicarum libri XVI. Selectarum item ex India Epistolarum, eodem interprete, libri IIII. Accessit Ignatii Loiolae Vita, postremo recognita. Lugduni : ex officina Iunctarum, 1589.

UCBG 4 A-33-7-10

RELAÇÃO DE ALGUNS DOS MUITOS MILAGRES QUE TEM OBRADO DEUS NOSSO SENHOR EM MUNEHBREGA

Relação de alguns dos muitos milagres que tem obrado Deus Nosso Senhor em Munebrega, lugar da comunidade de Calatayud por meo de hu[m]ja Imagem de S. Inacio de Loyola, Fundador da Companhia de Iesus em os meses de Abril, & Mayo de 1623. Em Evora : por Manoel Carvalho, [1623].

UCBG Misc. 443, n.º 7335

ESCOBAR Y MENDOZA, António, 1589-1669

San Ignacio. Poema heroico. En Valladolid : por Francisco Fernandez de Cordoua, 1613.

UCBG 4-1-6-33

RERUM SCHOLASTICARUM

Rerum scholasticarum quae a Patribus huius Conimbricensis Collegii Scriptae sunt. Tomus quintus.

UCBG Ms. 994

EXPOSITOR 4**TURSELINO, Horacio, 1544-1599**

Historia de la entrada de la christiandad en el Japon, y Chima, y en otras partes de las Indias Orientales, y de los hechos y admirable vida del Apostolico varon de Dios el Padre Francisco Xavier de la Compañia de Jesus, y uno de sus primeros Fundadores. En Valladolid : por Iuan Godinez de Milles, 1603.

UCBG RB-6-28

DURÃO, António Figueira, 1617?-1642

Opera omnia. Lisbonae : ex typographia Georgij Rodrigues, 1635.

UCBG R-34-2

CARDIM, António Francisco, 1596-1659

Fasciculus e lapponicis floribus, suo adhuc madentibus sanguine. Romae : Typis Heredum Corbelletti, 1646.

UCBG RB-37-35

TELES, Baltasar, 1596-1675

Chronica da Companhia de Iesu, na Provincia de Portugal, e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola nosso Fundador. Primeira [-segunda] parte. Em Lisboa : por Paulo Craesbeeck, 1645-[1647]

UCBG V.T.-8-8-1/2

LUCENA, João de, 1549-1600

Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais Religiosos da Companhia de Jesu. Em Lisboa : per Pedro Crasbeek, 1600.

UCBG RB-37-9

Núcleo III | RELAÇÕES E SERMÕES DE FESTAS**EXPOSITOR 5****SOUSA, Vasco de, 1584-1618**

Sermam que fes D. Vasco de Sousa, na Cidade do Porto, no Collegio de S. Lourenço da Companhia de Iesu, na Festa do B. Inacio seu Patriarcha, & Fundador Aos 31 de Iulho 1614. Em Coimbra : [por Diogo Gomez de Loureyro], 1614.

UCBG Misc. 155, n.º 2799

**RELAÇÃO GERAL DAS FESTAS QUE FEZ A RELIGIÃO DA
COMPANHIA DE JESUS NA PROVÍNCIA DE PORTUGAL**

Relaçam geral das festas que fez a Religião da Companhia de Iesus na Provincia de Portugal, na canonizaçaõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola seu fundador, & S. Francisco Xavier Apostolo da India Oriental, no Anno de 1622. Em Lisboa : por Pedro Craesbeeck, 1623.

UCBG 4-8-5-109

TAVARES, António, 15--?-1626

Sermam que pregou o P. F. Antonio Tavares Religioso da Ordem de nossa Senhora do Carmo. Em S. Roque casa professa da Companhia de Iesus da cidade de Lisboa a 3 de Agosto de 1622 na solemnissima festa que se fez â canonizaçaõ dos dous SS. Padres Ignacio de Loyola, & Francisco Xavier Patriarcas de sua Religião. Em Lisboa : por Geraldo da Vinha, 1622.

UCBG Misc. 98, nº 1986

FARIA, Tomé de, ca. 1558-1628

Sermaõ, que fez no Collegio de S. Antam da Companhia de Iesu, da Cidade de Lisboa, o Illustrissimo Senhor Dom Frey Thome de

Faria Bispo de Targa, da Ordẽ de nossa Senhora do Carmo, aos 7 de Agosto de [1]622. Lisboa : por Geraldo da Vinha, 1624
UCBG Misc. 167, n.º 2980

MATOS, Francisco de, 1636-ca. 1720

Sermam do Grande Patriarcha S. Ignacio que pregou o Padre Mestre Francisco de Mattos da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio do Rio de Janeiro, Na Igreja do mesmo Collegio, anno de 1697. Lisboa : na officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1699.
UCBG Misc. 234, n.º 3908

EXPOSITOR 6

COMPANHIA DE JESUS. Colégio de Santo Antão, Lisboa

Triunfo com que o Collegio de S. Antam da Companhia de Iesu da Cidade de Lisboa, celebrou a Beatificação do Santo Padre Francisco Xavier da mesma Companhia. Celebrouse este Triunfo Sesta Feira 4 do Mez de Dezembro de 1620 Annos. [Lisboa] : [por João Rodriguez a S. Antão], [1620?].
UCBG Misc. 39, n.º 865

CARVALHO, Jerónimo Ribeiro de, 1609-1679

Sermaõ do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier que pregou no Collegio de Sancto Antão, o P. Mestre Hieronymo Ribeiro da Companhia de Iesus Anno de 1644. Em Coimbra : na officina de Thome Carvalho, 1664.
UCBG Misc. 251, n.º 4177

GONZAGA, Luís, 1666-1747

Sermam da Canonizaçam de Sam Francisco Xavier no ultimo dia de sua Novena, estando o Senhor Exposto, assistindo o muyto alto, e poderoso principe D. Joam Francisco Xavier, e os Serenissimos

Infantes D. Francisco, e D. Antonio, Senhores Nossos, prégado na Caza Professa de Sam Roque de Lisboa em 12 de Março de 1706. Lisboa : na officina de Miguel Manescal, 1706.

UCBG Misc. 171, n.º 3034

MONTANHA, José, 17---17--?

Sermaõ da Canonisaçaõ de S. Francisco Xavier feito, e pregado pelo P. Joseph Montanha da Sagrada Companhia de Jesus no Real Collegio de S. Paulo de Braga. anno 1757.

UCBG Ms. 3032

MATOS, Francisco de, 1636-ca. 1720

Sermam das Quarenta horas, que foy o segundo da Novena de S. Francisco Xavier, Que se celebra no Collegio do Rio de Janeyro, anno de 1696. In **Sermoens Varios que pregou o muyto reverendo Padre Mestre Francisco de Mattos, da Companhia de Jesus.**

Lisboa : na officina de Antonio Pedroso Galrão, 1701. p. 172-204

UCBG Misc. 239, n.º 3988(6)

Núcleo IV | ICONOGRAFIA

EXPOSITOR 7

COMPANHIA DE JESUS

Regras da Companhia de Iesu. Em Evora : por Manoel de Lyra, 1603.

UCBG V.T. -6-7-24

SOUSA, Francisco de, 1630-1712

Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. Vol. 2

UCBG V.T.-10-7-10

SOUSA, Francisco de, 1630-1712

Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. Vol. 2
UCBG 4 A-5-14-6

BALCÃO**BOLSWERT, Schelte, 1586?-1659**

[Santo Inácio de Loyola com trigramma da Companhia de Jesus]. P. P. Rubens pinxit. [S.l.] : [s.n.], [1622/1623-1633]
Rijksmuseum – Amesterdão RP-P-BI-2557

FRONTISPÍCIO DA IGREJA DE SÃO PAULO EM MACAU

Frontespicio da Igreja de S. Paulo em Macau. [Lisboa] : lith. de M.el L. da Costa, [ca. 1835-1850].
UCBG [s/cota]

BOLSWERT, Schelte, 1586?-1659

[São Francisco Xavier]. P. P. Rubens pinxit. [S.l.] : [s.n.], [1622/1623-1633]
Rijksmuseum – Amesterdão RP-P-BI-2554

EXPOSITOR 8**SOUSA, Francisco de, 1630-1712**

Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. Vol. 1
UCBG V.T.-10-7-9

LUCENA, João de, 1550-1600

Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeraõ na Índia os mais Religiosos da Companhia de Iesu. Em Lisboa : per Pedro Crasbeek, 1600.

UCBG J.F.-37-2-A-1

SEÑERI, Paolo, 1624-1694

El Confessor Instruido. Obra, en que se le muestra al Confessor nuevo la Practica de administrar con fruto el Sacramento de la Penitencia. Y el Penitente Instruido, para confessarse bien. En Madrid : a costa de Francisco Lasso, 1710.

UCBG S.P.-Z-11-35

TORRE Y SEVIL, Francisco de la, 1625-1681

El Peregrino Atlante. S. Francisco Xavier Apostol del Oriente. Epitome Historico, y Panegyrico de su vida, y prodigios. Em Lisboa : [por Domingos Carneyro, y a su costa impresso], 1674.

UCBG RB-27-35

GARCIA, Francisco, 1641-1685

Vida, y Milagros de S. Francisco Xavier, de la Compañia de Iesus, Apostol de las Indias. En Madrid : por Iuan Garcia Infanzon, [1685?].

UCBG RB-6-30

EXPOSITOR 9 | VITRINE ÚNICA

INÁCIO DE LOYOLA, Santo, 1491-1556

Missiva autógrafa endereçada pelo geral da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, ao provincial de Portugal, Simão Rodrigues, a autorizar a sua deslocação a Roma. Roma, 1545, 22 de agosto

Cabido da Sé de Coimbra [Fundo Jesuíta - padre António de Vasconcelos]

Holocausto / Holocaust

Sala do Catálogo da BGUC, 20 abril a 27 maio 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

O ódio contra os judeus fundamentou a ideologia do Partido Nacional Socialista Alemão, concebida por Adolfo Hitler e que aproveitou a crise profunda da Alemanha no pós Grande Guerra, alimentada pelas cláusulas do Tratado de Versalhes de 1919. Hitler chegaria ao poder em 1933, conduzindo uma estratégia de exclusão da comunidade judaica da vida política, social, económica e cultural da Alemanha, que desaguaria numa das maiores tragédias da História.

O Holocausto (do grego: *holo* + *kaustos*: “todo” + “queimado”) corresponde, em sentido lato, ao período entre 1933 e 1945, época de grande difusão de propaganda antissemita, com perseguição sistemática aos judeus, isolamento e deportação para campos de concentração e de extermínio, onde se praticavam os mais variados atos de violência, fuzilamentos em massa e gaseamentos, culminando nos fornos crematórios.

Nesses campos foram mortas cerca de seis milhões de pessoas, num processo designado por “Solução final” arquitetado em inícios de 1942 pelo comandante das SS (*Schutzstaffel*: “tropas de proteção”),

Reinhard Heydrich, o “homem do coração de ferro” (dizia Hitler). O plano visava um genocídio generalizado (no Reich e nos territórios ocupados) para resolver a “questão judaica”. Mas o genocídio incluiu também ciganos, opositores políticos, presos de guerra, testemunhas de Jeová, homossexuais e até pessoas com deficiência física ou mental.

Esta mostra bibliográfica está organizada em cinco núcleos: no primeiro, expõem-se algumas obras genéricas sobre o Holocausto; no segundo, evocam-se os campos de concentração e de extermínio; no terceiro, surgem alguns testemunhos de sobreviventes; o quarto núcleo é dedicado à posição da Igreja Católica perante o genocídio; por fim, apresentam-se alguns estudos sobre Portugal e o Holocausto.

Catálogo:

1. HOLOCAUSTO

Na base do antissemitismo da Alemanha nazi esteve um discurso ideológico inflamado pelo preconceito e pelo ódio, que desencadeou o processo de perseguição e de extermínio – a Shoah (em hebraico: “destruição”, catástrofe”).

Este discurso foi reforçado após a Grande Guerra (1914-1918) pelo sentimento de humilhação sentido na Alemanha devido à derrota, que ajudou a transformar os judeus em corresponsáveis pelo insucesso. Após as eleições de 1933 e a chegada de Hitler ao poder, em 30 de janeiro, o sentimento antissemita intensificou-se, como comprovam as Leis de Nuremberga (de 1935, sobre “classificação racial”) e a “Noite de Cristal” (um violento pogrom ocorrido na noite de 9-10. nov.º. 1938).

Com o início da 2.ª Guerra Mundial, os nazis intensificaram as ações repressivas contra os judeus, espoliando-os dos seus bens e empregos, ou forçando-os a confinamentos em guetos (ex: Varsóvia), à mercê da fome e da doença. Os que sobreviveram foram levados,

em especial a partir de 1942, em vagões de carga sobrelotados para campos de concentração e de extermínio, onde sofreram todo o tipo de sevícias.

As obras expostas evocam as ações repressivas contra os judeus: a discriminação, o confisco, a privação de liberdades, a expulsão dos serviços públicos, o encerramento forçado dos seus negócios, o isolamento, a exclusão da vida pública, entre outras.

BREITMAN, Richard, 1947-

Os segredos do Reich: (que os aliados sabiam). Trad. Ana Mafalda Tello. 1.^a ed. Lisboa : Âncora Editora, 2001.

6-19 A-5-20

BRUCHFELD, Stéphane, 1955- ; LEVINE, Paul A., 1956-2019

Contaí aos vossos filhos ... : um livro sobre o Holocausto na Europa, 1933-1945. Lisboa : Gótica, 2000.

5-54-52-25

CLENDINNEN, Inga, 1934-2016

Um olhar sobre o Holocausto. Trad. A. Mata. Lisboa : Prefácio, D.L. 2007.

9-(1)-11-4-26

CLIFFORD, Rebecca

Sobreviventes : a vida das crianças após o Holocausto. Lisboa : Edições 70, imp. 2021.

4-(1)-34-7-12

GILBERT, Martin, 1936-

A Segunda Guerra Mundial. Trad. de Ana Luísa Faria, Miguel Serras Pereira. 8.^a ed. Alfragide : Dom Quixote, 2014.

10-(1)-17-50-24.

GREEN, Gerald, 1922-

Holocausto. Trad. Maria Emília Ferros Moura. Amadora : Bertrand, 1979.
6-44-4-1

HAENEL, Yannick, 1967-

Jan Karski : o herói que tentou travar o Holocausto. Trad. Carlos
Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa : Teorema, 2010 imp.
10-(1)-10-2-7

HILBERG, Raul, 1926-2007

The destruction of European jews. Chicago : Quadrangle Books, 1961.
5-66-29-104

HITLER, Adolf, 1889-1945

Mein Kampf = A minha luta: precedido por uma história da ascensão,
poder e crime do nazismo. Por Manuel S. Fonseca; pesquisa de Antó-
nio Rodrigues e André Morgado. 2.^a ed. Lisboa : Guerra e Paz, 2016.
4-(1)-2-24-39

MILLER, Richard Lawrence, 1949-

Justiça nazi: a lei do Holocausto. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1.^a
ed. Lisboa : Editorial Notícias, 1997.
5-53-37-17

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950-

Holocausto. 1.^a ed. Lisboa : Temas e Debates : Círculo de Leitores, 2020.
4-(1)-29-26-16

REES, Laurence, 1957-

Holocausto : uma nova história ; [tradução Jorge Mourinha]. 1.^a
ed. Amadora : Vogais, 2017.
4-(1)-6-6-14

ROSEMAN, Mark, 1958-

Ordem de trabalhos : genocídio. Trad. António Costa Santos. 1.^a ed. Porto : Campo das Letras, 2005.

9-(1)-4-56-52

ROSENBERG, Otto, 1927-2001

A lente de aumento : os ciganos no Holocausto. Org. por Ulrich Enzensberger ; [trad. Pedro Miguel Dias]. 1.^a ed. Lisboa : Âncora, 2001.

6-67-10-44

RUBY, Marcel, 1924-2011

O livro da deportação : a vida e a morte nos 18 campos de concentração e de extermínio. Trad. António Moreira e Maria da Piedade Moreira. 1.^a ed. Lisboa : Editorial Notícias, 1998.

5-53-37-56

SER testemunha : versão portuguesa de um conjunto de material didáctico para explicar o Holocausto e festejar o Yom Hashoah. Compil. Shulamit Imber... [et al.] ; trad. Carlos Santos. Cascais : Câmara Municipal, D.L. 2001.

6-10-21 B-88

SNYDER, Timothy, 1969-

Terra negra : o Holocausto como história e aviso ; tradução de Pedro Carvalho e Guerra e Rita Carvalho e Guerra. 1.^a ed. Lisboa : Bertrand Editora, 2016.

4-(1)-4-14-16

VASQUES, André

101 factos e datas sobre o Holocausto. 1.^a ed. Lisboa : Garrido Editores, 2003.

8-(2)-18-5-137

WASSERSTEIN, Bernard, 1948-

Do Holocausto à salvação : a história da mulher que, a partir de Lisboa, ajudou milhares de judeus a fugir à morte certa. Trad. Luís Coimbra. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2014.

10-(1)-14-37-26

WISTRICH, Robert S., 1945-2015

Hitler e o Holocausto : história breve. Trad. Maria Manuela Pena Gomes. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 2004.

7-75 B-27-17

2. CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E DE EXTERMÍNIO

Os campos de concentração na Alemanha nazi (o 1.^o foi em Oranienburg, em março de 1933, mas no final desse ano já havia perto de meia centena) foram usados para a detenção de milhares de pessoas que o regime hitleriano considerava elementos racial ou socialmente “indesejáveis”. Aqui, explorava-se a força de trabalho dos prisioneiros, a maioria dos quais morria lentamente por exaustão ou subnutrição.

Aos poucos, foram criados os campos de extermínio, quase todos na Polónia ocupada e com o objetivo de eliminar rapidamente os prisioneiros, na sua maioria judeus. Esta “indústria da morte” conheceu diversas técnicas, desde balas na nuca (para mulheres, crianças e inválidos, logo à chegada) até aos fornos crematórios da “Solução final”, passando por experiências médicas devastadoras ou pela sufocação em carrinhas de gás com o tubo de escape virado para dentro.

As obras expostas descrevem o quotidiano de alguns desses tenebrosos locais, como os campos de concentração de Dachau e Bergen-Belsen, que forneciam mão-de-obra escrava a empresas alemãs, ou os campos de extermínio de Auschwitz-Birkenau, Sobibór e Treblinka, onde perderam a vida cerca de três milhões de pessoas.

BERNADAC, Christian, 1937-2003

Os médicos malditos : experiências médicas em seres humanos nos campos de concentração. Porto : Editorial Inova, [1969?]

5-41-6

FIGUEIRAS, Inês, 1987-

Campos de concentração nazis: sobreviventes e fugitivos. Lisboa : Guerra e Paz, 2021.

4-(1)-38-4-2

HELM, Sarah, 1956-

Se isto é uma mulher: dentro de Ravensbrück: o campo de concentração de Hitler para mulheres. Lisboa: Presença, 2015.

10-(1)-19-33-41

LENGYEL, Olga, 1908-2001

Os fornos de Hitler. Trad. Ana Maria Pinto da Silva. 1.^a ed. Lisboa : Crítica, 2021.

10-(1)-12-43-19

MILLU, Liana, 1915-2005

O fumo de Birkenau. Trad. Gianluca Miraglia ; pref. Primo Levi. 1.^a ed. Lisboa : Nova Vega, 2011.

10-(1)-10-49-29

PILECKI, Witold, 1901-1948

O voluntário de Auschwitz : o herói que se deixou capturar para contar ao mundo a terrível verdade sobre os campos de concentração nazis. Trad. Maria da Fé Peres ; [apresent. Norman Davies ; pref. Michael Schudrich]. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2013.

10-(1)-14-37-3

POSNER, Patricia, 1951-

O farmacêutico de Auschwitz : [uma história secreta do Holocausto]. Trad. de Francisco Silva Pereira. 1.^a ed. [S.l.] : Alma dos Livros, 2017 ([Queluz] : Multitipo - Artes Gráficas).

4-(1)-12-21-35

PRESSAC, Jean-Claude, 1944-2003

Os crematórios de Auschwitz : a maquinaria do assassinio em massa. Trad. António Moreira. Lisboa : Notícias, D.L. 1994.

6-23-51-71

RAJCHMAN, Chil, 1914-2004

Sou o último Judeu : Treblinka : 1942-1943. Trad. Telma Costa ; [pref. Annette Wieviorka]. Lisboa : Teorema, 2009.

10-(1)-1-15-38

VEIL, Simone, 1927-2017

A madrugada em Birkenau. Testemunhos recolhidos por David Teboul ; trad. Antonio Sabler. 1.^a ed. Lisboa : Quetzal Editores, 2021.

4-(1)-33-25-25

WACHSMANN, Nikolaus, 1971-

KL : a história dos campos de concentração nazis. Trad. de Miguel Mata. 1.^a ed. Alfragide : Dom Quixote, 2015.

4-(1)-3-1-2

3. TESTEMUNHOS DO HOLOCAUSTO

Alguns dos sobreviventes do Holocausto registaram em livro o testemunho dos horrores que aconteceram nestes locais de profunda degradação humana.

Nesta vitrina encontram-se testemunhos de autores como: David Rousset (um prisioneiro político francês que foi deportado para Buchenwald e Neuengamme, autor em 1946 de *L'univers concentrationnaire*, um dos primeiros depoimentos sobre os campos nazis); Primo Levi (um químico italiano de origem judaica, preso em Auschwitz em 1944 e autor de relatos impressionantes); Elie Wiesel (professor e novelista romeno que passou por Auschwitz e por Buchenwald, tendo recebido o Prémio Nobel da Paz em 1986); Nanette Blitz Konig (colega de Anne Frank no Liceu Judaico de Amsterdão, presa com a família em Bergen-Belsen, em 1944); entre outros.

LEVI, Primo, 1919-1987

Os que sucumbem e os que se salvam. Trad. de José Colaço Barreiros. 1.ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2018.

4-(1)-17-19-14

- Se isto é um homem. Trad. de Simonetta Cabrita Neto. Lisboa : Teorema, imp. 1988.

5 A-5-1-11-98

LEVI, Primo, 1919-1987; BENEDETTI, Leonardo, 1898-1983

Assim foi Auschwitz : testemunhos 1945-1986. 1.ª ed. Trad. Federico Caroti. Org. Fabio Levi, Domenico Scarpa ; Lisboa : Objectiva, 2015.

7-47 A-1 B-9

HENDERSON, Bruce

Filhos e soldados : os heróis do Holocausto ; trad. Luís Santos. 1.ª ed. Lisboa : Clube do Autor, 2019.

4-(1)-18-5-41

KONIG, Nanette Blitz, 1929-

Sobrevivi ao Holocausto : [o relato comovente de uma das últimas amigas de Anne Frank]. [Adapt. Mariana Valadares]. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2015.

10-(1)-19-54-16

MAZZEO, Tilar J., 1971-

Os meninos de Irena : a vida secreta da mulher que salvou 2500 crianças do Holocausto. Trad. do inglês por Elsa T. S. Vieira. 1.^a ed. Alfragide : Asa, 2016.

4-(1)-3-24-35

MIESZKOWSKA, Anna, 1958-

A história de Irena Sendler : a mãe das crianças do Holocausto. Trad. Carmo Vasconcelos Romão ; [pref. Marcelo Rebelo de Sousa]. Lisboa : Livros do Brasil, imp. 2011.

10-(1)-12-44-2

ROSEN, Richard Dean, 1949-

Memórias do silêncio : as vidas das crianças que sobreviveram escondidas ao Holocausto. Trad. Pedro Garcia Rosado. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2014.

10-(1)-14-37-27

ROUSSET, David, 1912-1997

L'univers concentrationnaire. Paris : Éditions du Pavois, imp. 1946.
940.53 ROU

SAMUEL, Jean, 1922-2010; DREYFUS, Jean-Marc, 1968-

Chamava-me Pikolo : o testemunho de um dos retratados por Primo Levi em *Se Isto é um Homem*. Trad. Francisco Agarez. 1.^a ed. Colares : Pedra da Lua, 2009.

9-(1)-2-39-19

STOESSINGER, Caroline

Alice : lições de vida, fé e coragem da mais antiga sobrevivente do Holocausto. Trad. Marta Amaral. 1.ª ed. Lisboa : Matéria-Prima, 2012.
10-(1)-9-14-6

VASSEUR, Nadine, 195-?-

Eu não lhe disse que estava a escrever este livro : filhos de sobreviventes do Holocausto testemunham. Trad. Lúcia Liba Mucznik ; rev. Ana Isabel Palma da Silva. 1.ª ed. Colares : Pedra da Lua, 2008.
9-(1)-9-4-6

VENEZIA, Shlomo, 1923-

Sonderkommando : o depoimento único de um judeu forçado a trabalhar nas câmaras de gás. Colab. com Béatrice Prasquier ; trad. de Verónica Fitas ; pref. de Simone Veil. 1.ª ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2008.
9-(1)-10-20-9

WIESEL, Elie, 1928-2016

Noite. Trad. Paula Almeida. 1.ª ed. Lisboa : Texto Editora, 2003.
8-(2)-19-40-4

4. A IGREJA PERANTE O HOLOCAUSTO

A ação da Igreja Católica durante a 2.ª Guerra Mundial, em especial no que ao Holocausto diz respeito, tem suscitado diversas críticas, mais ou menos incisivas, nomeadamente sobre a posição concreta do Papa Pio XII (1939-1958).

Os mais altos responsáveis da Igreja Católica estavam conscientes da situação que se vivia na época, pelo que o seu relativo silêncio tem sido questionado. O cerne do debate é a dúvida quanto à tolerância da Igreja Católica para com o regime nazi, e a forma como a relação entre o Vaticano e o III Reich pode ter influenciado os acontecimentos de 1939-1945.

Neste conjunto, encontram-se vários estudos que analisam esta temática, assim como a atuação concreta de alguns dos intervenientes eclesiais.

COSTA, João Bénard da, 1935-2009

Os silêncios do Vaticano. "O tempo e o modo", Lisboa. 49, (1967).
5-33-35-34

GASPAR, João Gonçalves, 1929-

Mártir do Holocausto : notas biográficas de S. Maximiliano Maria Kolbe (1894-1941). Capa de Jeremias Bandarra. 2.^a ed., rev. e ampliada. Fátima : Cidade do Imaculado Coração de Maria, 2008.
9-(1)-9-11-69

GOLDHAGEN, Daniel Jonah, 1959-

Uma dívida moral : a Igreja Católica e o Holocausto. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1.^a ed. Lisboa : Editorial Notícias, 2004.
8-(2)-21-23-42

ICKX, Johan, 1962-

Os judeus de Pio XII. 1.^a ed. Amadora: Vogais, 2021.
4-(1)-37-29-6

MEDINA, João, 1939-

Auschwitz e Moscovo : o silêncio de Deus em Auschwitz ; seguido de É possível explicar Auschwitz? e Dois escritores russos : Grossman e Siniavsky. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2006.
9-(1)-3-25-37

- O silêncio de Deus em Auschwitz e outras nótulas sobre a inacessibilidade de Deus ; seguido de O Museu do Holocausto. Cascais : Câmara Municipal, 2001.

5-32-27-119

THOMAS, Gordon, 1933-2017

Os Judeus do Papa : o plano secreto do Vaticano que salvou milhares de Judeus no Holocausto. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1.ª ed. Lisboa : Casa das Letras, 2012.

10-(1)-8-17-32

TORNIELLI, Andrea, 1964-

Pio XII : o Papa dos judeus. Trad. António Maia da Rocha. Porto : Civilização, D.L. 2002.

8-(2)-18-38-24

VIVIANI CONTRERAS, Guillermo, 1893-1964

Pio XII y la guerra. [S.l.] : Tipografia Poliglota Vaticana, 1942.
940.53 VIV

5. PORTUGAL E O HOLOCAUSTO

Este grupo de obras aborda a ‘neutralidade portuguesa’ no conflito, o que permitiu acolher milhares de judeus e de outros refugiados que escapavam da perseguição nazi e do Holocausto, passando por Portugal em rota para outros países. Embora inevitável, este afluxo de refugiados colocou o Portugal de Salazar numa situação embaraçosa perante a Alemanha de Hitler, circunstância que, todavia, não impediu a salvação de vários milhares de vidas.

Incluem-se também algumas obras que documentam o sofrimento de alguns Portugueses no Holocausto, particularmente emigrantes em França e judeus holandeses, de origem portuguesa, que foram deportados para campos de concentração. Destaque-se ainda o caso do cônsul Aristides de Sousa Mendes, cuja ação contribuiu para a salvação de centenas de judeus tragicamente ameaçados.

CARVALHO, Patrícia, 1975-

Portugueses nos campos de concentração nazis. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2015.

10-(1)-19-54-9

MUCZNIK, Esther, 1947-

Judeus portugueses: uma história de luz e sombra: a presença judaica: em Portugal: momentos, episódios e personalidades inesquecíveis. 1.^a ed. Lisboa: Manuscrito, 2021.

4-(1)-34-22-3

- Portugueses no Holocausto : histórias das vítimas dos campos de concentração, dos cônsules que salvaram vidas e dos resistentes que lutaram contra o nazismo. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2012.

10-(1)-8-10-17

NUNES, João Paulo Avelãs, 1965-

O Estado Novo e o volfrâmio (1933-1947) : actividade mineira, "Grande Depressão" e Segunda Guerra Mundial. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

8-(2)-29-8-40

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950-

Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial : em fuga de Hitler e do Holocausto. Colab. Christa Heinrich. 1.^a ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2006.

8-110-8-37

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950- ; RAMALHO, Margarida Magalhães, 1954-
O comboio do Luxemburgo : os refugiados judeus que Portugal não salvou em 1940. 1.^a ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2016.

4-(1)-5-25-40

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950- ; NINHOS, Cláudia, 1985-
Salazar, Portugal e o Holocausto. 1.ª ed. [Lisboa] : Temas e Debates
: Círculo de Leitores, 2013.
10-(1)-9-45-17

ROSAS, Fernando, 1946-
Portugal: entre a paz e a guerra: estudo do impacte da II Guerra
Mundial na economia e na sociedade portuguesas: 1939-1945.
Lisboa : Estampa, 1995.
5-24-3-9

RUI, José, 1930-
Aristides de Sousa Mendes : herói do Holocausto. 1.ª ed. Lisboa
: Âncora, 2004.
9-69-21-39

SEQUERRA, Henrique, 1958-
Já posso dizer a verdade? : [a apaixonante história dos gémeos
portugueses Samuel e Joel, heróis anónimos na salvação de vítimas
do Holocausto] . 1.ª ed. Lisboa : Chiado Editora, 2015.
6-1-39-38

Centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul / Centenary of the first flight across the South Atlantic

Sala do Catálogo da BGUC, 6 a 24 junho 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

A primeira travessia aérea do Atlântico Sul, um feito dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, teve lugar entre as cidades de Lisboa e do Rio de Janeiro no ano de 1922, em que se comemorava um século da independência do Brasil.

Gago Coutinho, geógrafo, aviador, astrónomo e historiador, foi o navegador. Sacadura Cabral, aviador e oficial da marinha de guerra portuguesa, pilotava o «Lusitânia», o primeiro dos *Fairey* utilizados neste empreendimento. A capacidade técnica e o engenho dos dois completavam-se, o que os levou a confiar no sucesso desta arriscada travessia.

A viagem iniciou-se no dia 30 de março, tendo sido utilizados no percurso três hidroaviões. Os dois primeiros ficariam incapacitados devido a avarias técnicas e às condições climatéricas adversas. Foi,

portanto, o terceiro hidroavião *Fairey*, batizado de «Santa Cruz», que chegou ao Rio de Janeiro a 17 de junho, tendo os dois pilotos percorrido um total de 4.527 milhas marítimas (8.484 km) e registado 62h26m de voo.

O objetivo de assegurar que era possível percorrer de avião grandes distâncias sobre o oceano de uma forma precisa, utilizando instrumentos portáteis de navegação astronómica (como o novo tipo de sextante inventado por Gago Coutinho) foi rigorosamente cumprido.

Esta viagem marcou a história da aviação portuguesa, dando a conhecer o que de melhor se fazia em termos de navegação aérea com base científica e resolvendo plenamente o problema da navegação aérea com base nas observações astronómicas.

Catálogo:

Obras sobre Gago Coutinho e Sacadura Cabral – Biografias

BOLÉO, José de Oliveira, 1905-1974.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral : no cinquentenário da primeira travessia aérea do Atlântico (1922-1972). Lisboa : Sociedade de Geografia de Lisboa, 1972.

5-11-77-123

CHAVECA, Sebastião de Sousa, 1924-

Gago Coutinho : [documentos, fotografias, episódios]. [S.l. : s.n.], 2008 ([Lisboa] : Coraze)

9-(1)-8-36-4

CORREIA, José Pedro Pinheiro, 1892-

Sacadura Cabral : homem e aviador. Lisboa : Edição do A., 1964.

5-26-35

GIL, Alexandra

Gago Coutinho, Sacadura Cabral : os pioneiros dos céus. 1.^a ed.
Matosinhos : Booklândia, 2010.

10-(1)-7-18-12

LEITE, Bertha

Sacadura Cabral: senhor do maior culto. Lisboa : [s.n.], 1924 (Lisboa
: Tip. Galhardo & Costa).

5-2-4

MÜLLER, Adolfo Simões

O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago
Coutinho e da primeira viagem aérea ao Brasil; il. de Fernando
Bento. Porto : Livraria Tavares Martins, 1949.

91 (Coutinho) MÜL

REIS, Manuel dos, 1900-1992; CORTESÃO, Armando

Gago Coutinho : geógrafo. Lisboa ; Coimbra : Junta de Investiga-
ções do Ultramar, 1970.

5-39-52-136

Obras sobre a Travessia - Relatórios, notas históricas e técnicas

[Gago Coutinho]. Gravura de Martins Barata. "ABC: revista portu-
gueza". Lisboa. A. 2, n.º 101 (15 jun. 1922).

RP-3-1

[Sacadura Cabral]. Gravura de Martins Barata. "ABC: revista por-
tuguesa". Lisboa. A. 2, n.º 102 (22 jun. 1922).

RP-3-1

BEIRES, Sarmento

O descobrimento do caminho aéreo para o Brasil. "Revista da Universidade de Coimbra", Coimbra. Vol. 23 (1973), pp. 235-252.
A- 20-31

COUTINHO, Gago, 1869-1959

Algumas considerações sobre navegação astronómica aérea. "Seara Nova", Lisboa. N.º 13 (12 maio 1922), pp. 4-7.
9-(3)-11

MUSANTY, João Augusto de Oliveira, 1872-1937

Cruzador República : relatório da missão de apoio à travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro de 25 de Março a 17 de Junho de 1922. Lisboa : Comissão Cultural da Marinha, 2006.
8-(2)-28-31-66

A NAVEGAÇÃO aérea: como foi praticada na Travessia Lisboa-Rio de Janeiro pelos oficiais da Armada Portuguesa Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral. "Anais do Clube Militar Naval", Lisboa. A. 53, n.º 10-12 (out.-dez. 1922), pp. [301]-327.
A-4-22

PEREIRA, José Manuel Malhão, 1940-

Gago Coutinho a navegação aérea e a navegação marítima : contribuição para o seu estudo. Lisboa : Academia de Marinha, 2020.
4-(1)-17-5-51

A PRIMEIRA travessia aérea do Atlântico Sul : relatório oficial da viagem; preâmbulo por S. Ex^a. o Almirante Fernando de Quintanilha, Ministro da Marinha.. Lisboa : Edição da Revista da Marinha, 1964.

5-36-3-488

RELATÓRIO da viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro : 30-3-922 - 17-6-922. Lisboa : Imprensa Libanio da Silva, 1923.

RB-29-19

REPORT on the air crossing from Lisbon to Rio de Janeiro ; with an introduction by M.M. Sarmiento Rodrigues ; translated by Bryan de Avelar. Lisboa : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1972.

5-11-77-50

[Número] Dedicado à grande travessia aeronáutica Lisboa-Rio de Janeiro, realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. "Anais do Club Militar Naval". Lisboa. A. 53, n.º 4-6 (abr.-jun. 1922).

A-4-22

Notícias sobre a travessia aérea do Atlântico Sul em publicações periódicas

MORAIS, Pina de

A heroica aventura. "Ilustração Portuguesa", Lisboa. Sér. 2, n.º 482 (8 abr. 1922), pp. 316-318.

10-1-20/21

"ABC" ouve o capitão Sacadura. "ABC: revista portugueza", Lisboa.

A. 2, n.º 90 (30 mar. 1922), p. [8].

RP-3-1

O "raid" aerio Portugal-Brasil. "ABC: revista portugueza", Lisboa.

A. 2, n.º 92 (13 abr. 1922), p. [5].

RP-3-1

A viagem aerea ao Brasil. Clichés Garcez. "ABC: revista portugueza",

Lisboa. A. 2, n.º 95 (4 maio 1922), pp. [10-11].

RP-3-1

O "raid" Portugal-Brasil [fotografias]. "ABC: revista portuguesa", Lisboa. A. 2, n.º 99 (1 jun. 1922), p. [17].

RP-3-1

Obras sobre a Travessia

ALMEIDA, Isabel Cruz; RODRIGO, A. Lino
Cumpriu-se o ar. [Alfragide] : Força Aérea, 1999.

6-35-17-39

CASIMIRO, Augusto, 1889-1967

O raid aéreo Portugal-Brasil. "Seara Nova", Lisboa. N.º 11 (1 abr. 1922), p. 286.

9-(3)-11

ESPARTEIRO, Joaquim Marques, 1895-1976

Travessia aérea do Atlântico Sul de Lisboa ao Rio de Janeiro. Lisboa : [Sociedade de Língua Portuguesa], 1973. Sep. de: "Língua e Cultura", Lisboa. N.º 3, t. 3 (set.-dez. 1973).

6-23-1-76

FERREIRA, Meneses

A viagem maravilhosa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral fizeram pelos ares ao Brasil no ano de MCMXXII e que Menezes Ferreira descreveu e pintou para o bom povo de Portugal. 1.ª ed. Lisboa : MIL - Movimento Internacional Lusófono ; Linda-a-Velha : DG Edições, 2022.

4-(1)-1-26-37

LOPES, Norberto, 1900-1989.

A magnífica aventura : conferência, correcta e aumentada, proferida em 30 de Março de 1972 [...] comemorativa da I Travessia

Aérea do Atlântico Sul. [Lisboa] : Publicações Europa-América, imp. 1972.

5-11-81-6

CRUZEIRO do Sul: crónicas da travessia aérea do Atlântico: pref. de Gago Coutinho. Porto: Renascença Portuguesa, imp. 1923.

5-4-14

MEDEIROS, José Honorato Gago da Câmara de, 1906-1979

Asas portuguesas em demanda do Cruzeiro do Sul. Açores : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1972.

5-11-89-199

RODRIGUES, Sarmiento, 1899-1979

Chegada do "Lusitânia" ao Penedo de S. Pedro em 18 de Abril de 1922. [Lisboa] : [Secretaria de Estado da Informação e Turismo], [1972?]

5-11-71-71

A TRAVESSIA aerea Lisboa-Brazil. "Anais do Clube Militar Naval", Lisboa. A. 53, n.º 1-3 (jan.-mar. 1922), pp. 107-111.

VASSALO, A.

A primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Lisboa : Comissão Cultural de Marinha, 2012.

9-69-13-138

Medalhas em bronze comemorativas do "Cinquentenário da 1.^a ligação Aérea do Atlântico Sul, da autoria de L. Inácio.

A primeira com a representação da bandeira Portuguesa (na face posterior), Sacadura Cabral e Gago Coutinho, com a inscrição: Fairey -17 | Lusitânia | Lisboa | 30-3-1922; a segunda com a representação da

bandeira do Brasil (na face posterior) e do hidroavião com a inscrição:
Santa Cruz | Rio de Janeiro | 17-6-1922 | Fairey - 17".

Diâmetro aproximado: 80 mm.

34-7 / 34-10

O ABC-zinho, Cottinelli Telmo e os outros / ABC-zinho, Cottinelli Telmo and the others

Sala do Catálogo da BGUC, 19 julho a 31 agosto 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Assessoria:

A BGUC agradece reconhecidamente a consultadoria especializada do Doutor João Miguel Lameiras, que foi decisiva para a organização desta mostra.

Apresentação:

Foi há pouco mais de cem anos (15.X.1921) que se publicou o primeiro número do “ABC-zinho: histórias, bonecos, construções”, considerada a primeira revista infantil publicada em Portugal.

Esta revista, que incluía, desde o primeiro número, histórias aos quadradinhos, contou com a colaboração de excelentes desenhistas, entre os quais se incluía Cottinelli Telmo, diretor da revista desde o n.º 1 até ao n.º 200 da segunda série, em 1929.

O *ABC-zinho* contou ainda com a colaboração de nomes conceituados no campo das artes plásticas, como Stuart Carvalhais, Rocha Vieira, Carlos Botelho ou Emmérico Nunes, entre muitos outros.

Esta exposição tem como objetivo assinalar o centenário da revista e, simultaneamente, comemorar o 125.º aniversário do nascimento de Cottinelli Telmo, um intelectual polivalente e que deixou uma grande marca na cidade de Coimbra.

Textos – Vitrines

JOSÉ ÂNGELO COTTINELLI TELMO (Lisboa, 13.11.1897 – Cascais, 18.09.1948)

Cottinelli Telmo foi o arquiteto oficial do governo de Salazar, tendo colaborado nas grandes obras de consagração do Estado Novo, tais como: a urbanização da Praça do Império; a conceção do Padrão dos Descobrimentos; e a direção, como arquiteto-chefe, da *Exposição do Mundo Português* (realizada em Lisboa, em 1940) e do Plano de Urbanização de Fátima, entre outras. Em Coimbra, foi responsável pela planificação das obras da Cidade Universitária, em 1943, nas quais se incluem os projetos da Biblioteca Geral, da Faculdade de Letras, da Praça D. Dinis e das Escadas Monumentais. Faleceu prematuramente, num acidente de pesca desportiva, em Cascais, aos 50 anos.

Distinguiu-se ainda como poeta, ator, *designer*, ilustrador e realizador de cinema. Escreveu e realizou *A Canção de Lisboa*, o segundo filme sonoro português (e o primeiro totalmente produzido em Portugal), estreado em 1933.

O *ABC-zinho* foi o título atribuído por Stuart Carvalhais a esta revista, que teve três séries. A primeira, entre 1921 e 1925, foi dirigida por Cottinelli Telmo e Manuel de Oliveira Ramos (até ao n.º 9); a segunda, entre 1926 a 1929 (até ao n.º 200 de 4 de novembro), foi também dirigida por Cottinelli Telmo; a terceira série, dirigida por Baptista Vasques, iniciou-se com o n.º 201 ainda em novembro do mesmo ano, vindo terminar em setembro de 1932, com a publicação do n.º 521.

Ao longo dos seus onze anos de publicação, o *ABC-zinho*, para além do contributo de Cottinelli Telmo, incluiu a colaboração artística de Stuart Carvalhais, Carlos Botelho, Emmérico Nunes, Rocha Vieira, António Cardoso Lopes, Ilberino, entre outros, assim como a colaboração literária de escritores infantis, entre os quais Henrique Marques Júnior e Ana de Castro Osório.

STUART CARVALHAIS (Vila Real, 7.03.1887 – Lisboa, 2.03.1961)

Foi um dos colaboradores do *ABC-zinho* desde o primeiro número e até ao n.º 71, de 1924.

Destacou-se principalmente como ilustrador, caricaturista, autor de banda desenhada e pintor.

Os seus primeiros desenhos foram publicados em 1906, no jornal *O Século*.

No *ABC-zinho*, a sua primeira banda desenhada intitulava-se “Quinquim e Raimundo, os Meninos Magnéticos”, baseando-se na série “Quim e Manecas” (1915-1953) a mais longa sequência da BD portuguesa, com mais de 500 episódios (ver o “Século Cómico”, nesta vitrine).

Stuart colaborou ainda num extenso conjunto de jornais e revistas, de que se destacam: *ABC a Rir*, *O século cómico*, *Ilustração*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *A Corja*, *O Espectro*, *A Choldra*, *O Sempre Fixe*, *Contemporânea*, *Renovação*, *O Riso da Vitória*, *O domingo ilustrado* e *Repórter X*.

A sua extensa atividade gráfica foi diversificada, tendo realizado inúmeros trabalhos publicitários e atuado em áreas como o teatro e o cinema, enquanto ator, decorador, cenógrafo ou realizador.

CARLOS BOTELHO (Lisboa, 18.09.1899 – Lisboa, 18.08.1982)

Tem uma vasta obra como ilustrador, caricaturista e pintor, tendo sido um dos mais ativos colaboradores do *ABC-zinho*, a partir do n.º 68 (1924) e até ao n.º 200 da 2.ª série (1929).

Carlos Botelho é considerado um dos maiores precursores da banda desenhada portuguesa. A sua atividade dividiu-se entre as artes gráficas, o desenho de humor e a pintura, sendo um dos maiores vultos da segunda geração de pintores modernistas portugueses (são célebres os seus quadros de paisagens urbanas, em especial do casario e telhados de Lisboa).

No *ABC-zinho*, Botelho foi autor de séries como “As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões”, originalmente desenhada por Cottinelli Telmo para o *ABC*. Foi ainda autor de: “Punhos de Bronze, o terror do Ring”, “Viagens maravilhosas de Sanchinho papafigos”, “A grande fita americana”, “O Zuncha artista de Circo”, “Tonio e Zeca, os destemidos” e “O Castelo das rochas negras”, com que terminou a sua colaboração nesta revista (n.º 200, de 4.11.1929). Publicou, ao todo, 413 bandas desenhadas.

Faleceu em Lisboa, a 18 de agosto de 1982.

ROCHA VIEIRA (Angra do Heroísmo, 1883-1947) e **EMMÉRICO HARTWICH NUNES** (Lisboa, 1888-Sines, 1968)

Rocha Vieira colaborou logo no primeiro número do *ABC-zinho*, iniciando uma série de oito capítulos que designou de “Aventuras extraordinárias de Jorginho”.

Vieira foi o primeiro desenhador português a criar uma banda desenhada diária: a série “Fitas de Juca e Zeca”, que surgiu em agosto de 1920 no jornal *O Século - Edição da Noite* e que se publicou durante dois anos e meio. Em 1922, Rocha Vieira iniciou uma nova banda desenhada diária: “As Proezas de Necas e Tonecas”.

A vasta colaboração de Rocha Vieira estendeu-se aos principais jornais e revistas da época, como *O Século*, *A Ilustração Portuguesa*, o *Notícias Miudinho* (supl. infantil do *Diário de Notícias*), *O Pintainho* ou o *Pim Pam Pum!*

Emmérico Nunes, depois de ter frequentado a Escola de Belas-Artes de Lisboa, na qual teve por mestres Condeixa e Alberto Nunes, foi em 1906 (a conselho de José Malhoa) estudar para Paris, onde frequentou

inicialmente a *Académie Julien* e onde passaria depois quatro anos no ateliê privativo de Ferdinand Cormon, a aprender desenho e pintura.

Instalou-se seguidamente em Munique, colaborando na revista artística e satírica *Meggendorfer Blätter*, onde fez sobretudo desenhos animados e ilustrações.

A partir da década de 20 iniciou colaboração com a imprensa portuguesa, em *O Riso da Vitória*, *ABC a rir*, *ABC-zinho* ou *O Senhor Doutor*, entre outros.

A sua participação no *ABC-zinho* começou no n.º 7 (de 16.01.1922) e terminou no n.º 69 (de 14.01.1924). Colaborou ainda em diversas revistas, como n' *O Comércio do Porto Ilustrado* (onde realizou desenhos de caricatura), na revista *Ilustração* e em muitas outras revistas portuguesas e estrangeiras, nas quais exibiu o seu talento.

Desenvolveu intensa atividade enquanto pintor, no campo do desenho publicitário e nas artes gráficas e decorativas. Neste domínio, pintou em Coimbra, na delegação da Casa da Sorte, um painel decorativo.

Catálogo:

Cottinelli Telmo/ABC-zinho

"ABC-zinho", Lisboa. 1 : 1 (15 Out. 1921). (reprodução)

10-3-22-5

TELMO, Cottinelli

[Greta Garbo, gravura]. "Kino: grande semanário português de cinematografia", Lisboa. 1 : 4 (22 maio 1930)

G.N.-28-2

- A propósito do centenário do "Zinho". "ABC-zinho", Lisboa. 1 : 24 (23 out. 1922) (reprodução)

10-3-22-5

- Os novos edifícios públicos. Lisboa: S. Industrias da C.M.L., 1936.
7-38-17-6

- O Pirilau que vendia balões e outras histórias de Cottinelli Telmo.
1.^a ed. Lisboa : Baleiazul, 1999.
9-1-39-91

- As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões: III-O feiticeiro Katapumpépé. "ABC-zinho", Lisboa. 3 (18 jan. 1926), pp. 1 e 12.
10-3-22-5

CARVALHO, Margarida Kol de, ed. lit. ; CAMEIRA, Maria Cecília, ed. lit. ; MARTINS, João Paulo, ed. lit.

Cottinelli Telmo : os arquitectos são poetas também. Lisboa : EGEAC, EM, D.L. 2015.

10-(1)-18-42-18

Stuart Carvalhais

CARVALHAIS, Stuart

Cóco, Reineta e Facada. "Tic-tac: o melhor semanário infantil". Lisboa. 3 : 139 (11 ago. 1935, p. [1].

10-11-16-4

- A terrível vingança do "Rebolão" ou um mau bocado do "Xócoláte". Versos de Pistarim, bonecos de Stuart Carvalhais. "Os sportinhos", Lisboa. 1 : 17 (10 dez. 1925), p. 8.

G.N.14-7

- A terrível quadrilha do "Pé Fatal". "O Século Cómico", Lisboa. 19 : 965 (4 maio 1916), p. [4].

B-49-19

- Quim, Manecas e o seu cão Piloto. "O Século Cómico", Lisboa. 18 : 898 (21 jan. 1915), p. [4].

B-49-19

- O incrível dirigível. "ABC-zinho", Lisboa. 6 (2 jan. 1922), p. 9. (reprodução).

10-3-22-5

- Quinquim e Raimundo os meninos magnéticos. "ABC-zinho", Lisboa. 8 (6 fev. 1922), pp. 12-13. (reprodução).

10-3-22-5

- O "Sempre a andar" e o Macacão. "Tic Tac: jornal infantil", Lisboa. 1 : 27 (18 jun. 1933), p. 1.

10-11-16-4

COTRIM, João Paulo, 1965 - .

Stuart : a rua e o riso; rev. António Lampreia. Lisboa : Assírio & Alvim : El Corte Inglés, cop. 2006.

8-(2)-28-24-38

Carlos Botelho

BOTELHO, Carlos

A chave de S. Pedro. "ABC-zinho", Lisboa. 25 (21 jun. 1926), p. 1.

10-3-22-5

- O monstro de aço. "ABC-zinho", Lisboa. Sér. 2, 95 (31 out. 1927), p. 1.

10-3-22-5

- Hoje há fantoches. "Eco dos sports", Lisboa. 2 : 75 (20 nov. 1927), p. 15.

10-9-16

SILVA, Raquel Henriques da ; BOTELHO, Manuel
Carlos Botelho. 1.ª ed. Lisboa : Presença, 1995.
RC-54-13

SOCIEDADE Lisboa 94
Carlos Botelho : os anos diferentes. fot. José Luis Neto. Lisboa :
Soc. Lisboa 94 : Livros Horizonte, 1994.
6-12-37-67

Emmérico Nunes / Rocha Vieira

NUNES, Emérico Hartwich
A crise!.... "O Comércio do Porto Ilustrado", Porto. 49 (Natal 1933), p. [15].
RC-38-1/12

- O menino que foi pelos ares. "ABC-zinho", Lisboa. 33 (5 mar.
1923), p. 5.
10-3-22-5

- Eilt! : obra perdida = lost work. Textos Bernd A. Gülker, Isabel Lopes
Cardoso, José Pedro Cavaleiro ; conceção Isabel Lopes Cardoso,
José Pedro Cavaleiro ; trad. Richard Elliot, Maisie Fitzpatrick, Fátima
Freire de Andrade. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, D.L. 2013.
10-(1)-7-27-27

CARDOSO, Isabel Lopes
Emmerico Nunes. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, 2012 imp.
10-(1)-8-29-3

EMMÉRICO Nunes: 1888-1988: Centenário do nascimento. Sines:
Centro Cultural Emmerico Nunes, 1988.
5-51-38-34

VIEIRA, Rocha

O ladino em bolandas. "O Século", Lisboa. (22 jan. 1922). (reprodução).

B-20-1/72

- Não matarás. "Renovação: revista quinzenal de arte, literatura e actualidades". Lisboa, 1 : 2 (15 jul. 1925), pp. 12-14.

10-11-14-8

- [Desenho da Capa]. "Tic Tac", Lisboa. 4 : 174 (12 abr. 1936), [capa].

10-11-16-4

- [Desenho da Capa]. "Almanaque ilustrado do jornal O Século", Lisboa. 1916.

8-128-21

- [Sem título]. "ABC-zinho", Lisboa. 92 (23 jun. 1927). (reprodução).

10-3-22-5

A Universidade de Coimbra e a independência do Brasil : catálogo da exposição documental e bibliográfica¹ / The University of Coimbra and the independence of Brazil: catalog of the documentary and bibliographic exhibition

Fundação Joaquim Nabuco (Recife, Brasil), 21 março a 31 maio 2022

Sala de São Pedro da BGUC, 7 a 30 setembro 2022

Superior Tribunal de Justiça (Brasília, Brasil), 13 ago. a 11 out. 2024

Ficha Técnica:

Coordenação:

João Nuno Calvão da Silva

João Gouveia Monteiro

Curadoria:

Ana Maria Leitão Bandeira

A. E. Maia do Amaral

Conservação e restauro:

Ana Margarida Quinteira

Elsa Girão

1 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que têm os autores - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Digitalizações:

José Neto

Elsa Figo

Revisões:

Maria Aparecida Ribeiro

Elizama Almeida de Oliveira

Logística e apoios:

Reitoria da Universidade de Coimbra

Portugal. Ministério dos Negócios Estrangeiros

Embaixada de Portugal no Brasil

Vice-Consulado de Portugal no Recife

Instituto Camões, IP

Fundação Joaquim Nabuco

Superior Tribunal de Justiça (Brasil)

Associação da Imprensa de Pernambuco

Associação Portuguesa de Imprensa

Introdução:

A exposição que se segue foi organizada a pedido do Senhor Vice-Reitor para as Relações Externas e *Alumni* para assinalar no Recife (21 de março a 31 de maio) o ano das comemorações da Independência do Brasil. Aconteceu, até, que foi este o primeiro ato comemorativo oficial a realizar-se, este ano, no Estado de Pernambuco e o primeiro realizado no Brasil, em parceria com Portugal.

A exposição resultou de um trabalho conjunto da Biblioteca Geral e do Arquivo da Universidade de Coimbra, desenvolvido a partir de abril de 2021, por técnicos das duas Unidades. A Biblioteca Geral e o Arquivo da Universidade têm alguma experiência de trabalhar em conjunto, o que lhes permitiu a conclusão relativamente rápida (e sem prejuízo de todos os outros trabalhos correntes) do guião da exposição, que foi aprovado sem reservas pelos parceiros brasileiros.

Com uma forte preocupação de seleção, foram identificados 66 documentos/obras nos fundos arquivísticos e bibliográficos de am-

bas as instituições (em razoável paridade), um lote que sofreu depois uma seleção para ser fisicamente mostrado no Brasil.

O acervo do Arquivo da Universidade de Coimbra permite conhecer a frequência de estudantes brasileiros desde que, em 1574, Manuel de Paiva Cabral, o primeiro estudante originário do Brasil, (Pernambuco) chegou à Universidade. Não são apenas os dados biográficos que podem ser colhidos em certidões de batismo entregues, obrigatoriamente, mas todo o percurso académico, cujos registos ficaram lavrados em livros de matrículas, petições para inscrição, livros de exames, processos de carta de curso, etc.

As personalidades que adquiriram destaque (no campo social, das letras, de uma brilhante carreira administrativa ou da política) estão representadas nesta Exposição e foram escolhidas entre esse imenso conjunto de alunos que passaram pela Universidade e aqui concluíram os seus estudos. Outros houve que não o puderam fazer, pela falta de condições familiares e económicas.

Não esqueçamos que são elites intelectuais que fazem a sua formação em Coimbra e que aqui começam a forjar laços de amizade e solidariedade que permanecerão para sempre, por partilharem os mesmos cursos, as mesmas vivências estudantis e a mesma lonjura da pátria. A adaptação do guião para o Brasil contou com sugestões da professora aposentada da UC, Doutora Maria Aparecida Ribeiro, e da doutoranda da FLUC Dra. Elizama Almeida de Oliveira, do Instituto Moreira Salles (RJ), além do conhecimento e da sensibilidade do nosso parceiro brasileiro, a Associação de Imprensa de Pernambuco. Para a logística, muito contámos com a experiência do Instituto Camões e a colaboração dos serviços consulares portugueses.

Aos materiais selecionados acrescentou-se neste catálogo impresso uma lista de estudantes brasileiros na UC (1800-1822), que amplia e corrige os trabalhos pioneiros de Francisco Morais e que foi extensamente trabalhada face aos documentos originais do AUC,

nomeadamente as certidões de batismo entregues por ocasião da primeira matrícula e os próprios livros de matrículas.

Ana Maria Leitão Bandeira

A. E. Maia do Amaral

Apresentação

“O Brasil dispunha, ao tornar-se independente, de uma elite ideologicamente homogênea devido à sua formação jurídica em Portugal, a seu treinamento no funcionalismo público e ao isolamento ideológico em relação a doutrinas revolucionárias”

(José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem*, 5.^a ed., 2010)

A ideia desta exposição é evidenciar como a importância da Universidade de Coimbra (UC) para o Brasil ultrapassa muito o período colonial, o mais frequentemente lembrado.

Na América Espanhola, as elites que deram independência aos seus 18 novos países (até 1850) foram formadas em 25 universidades distintas.

Apesar de existirem 19 Capitánias-Gerais (em 1820), é um facto histórico que o Brasil não se dividiu em 19 países. Talvez as solidariedades criadas em Coimbra entre alunos aí nascidos tenham contribuído para a manutenção da integridade do território: mais do que mineiros, baianos ou cariocas, todos ficaram, por causa dos “bons tempos de estudante”, amigos e “brasileiros”.

Universidade e elites

*“Se o teu intento he ires
A Coimbra a te formares,
Aproveita todo o tempo
Somente em estudares.”*

(*Conselhos que dá hum Brasileiro veterano...*, Lisboa, 1778)

A UC formou as elites de Portugal, ou de todos os territórios que então compunham o Reino, incluindo as ilhas atlânticas, Goa, Macau e Brasil. Por não ter existido, até 1911, outra universidade no vasto “império português”, um estudante de Coimbra podia aspirar a uma carreira administrativa em Portugal ou em qualquer das suas colónias.

No Brasil, entre 1822 e 1831, apesar do analfabetismo da esmagadora maioria da população, 86,7% dos Ministros, Senadores e Conselheiros tinha formação universitária e 71,8% destes tinham obtido essa habilitação em Coimbra. Os restantes eram autodidatas, padres ou militares de carreira.

1.1 O primeiro aluno “natural do Brasil” (Pernambuco) frequentou a Universidade de Coimbra de 1574 a 1586, mas da sua carreira pouco se sabe: Manuel de Paiva Cabral terá ficado pelo Reino, onde é registado como Juiz de Fora em Portalegre e morador em Torres Vedras, em 1590.

Matrícula de Manuel de Paiva Cabral na Faculdade de Leis, em 13 de novembro de 1579. Apresenta-se como bacharel, sendo filho de António Anes e “natural do Brasil de Pernambuco”.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Matrículas (SR), vol. 1, cad. 4, fl. 20v

AUC-IV-1.ºD-1-3-9

1.2 O santista Alexandre de Gusmão (irmão do “padre voador”, Bartolomeu Lourenço de Gusmão) teve um papel determinante ao serviço da Coroa, como secretário particular e diplomata de D. João V. Ambos os irmãos foram alunos de Coimbra.

PRATICA

Pratica de Alexandre de Gusmam na Conferencia da Academia de 13 de Março de 1732, em q(ue) foy recebydo por Académico [manuscrito].

[S. l., s. n.]. Cópia.

BGUC - Cat. de Mss. vol. 8 : códices 1312 a 1431 (1935).

BGUC Ms. 1 431, pp. 337-347

1.3 A carreira normal de um jurista formado por Coimbra era como a deste pernambucano, destinado primeiro à vida monástica, que abandonou para estudar em Coimbra. Caetano Maria Lopes Gama foi juiz de fora, ouvidor, desembargador e intendente-geral de polícia, até ingressar numa carreira política que o levaria a ministro e conselheiro de Estado.

Petição de Caetano Maria Lopes Gama, filho de João Lopes Cardoso Machado, natural de Pernambuco, solicitando uma certidão de todos os exames já efetuados na Universidade, para poder provar as suas habilitações e se matricular no 3.º ano jurídico.

Coimbra, 1819, out. 22.

Universidade de Coimbra (F); Processos de Carta de curso (SR),
Leis – 1819

AUC-IV-2.ªD-13-1-1

1.4 No entanto, alguns brasileiros tiveram as mais extraordinárias carreiras em Portugal, como D. Francisco de Lemos, um natural de Marapicu (Nova Iguaçu, RJ), que foi bispo de Coimbra e executor da Reforma pombalina, duas vezes Reitor da Universidade.

Carta do Bispo do Rio de Janeiro, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, dirigida a D. Francisco de Lemos.

Rio de Janeiro, 1778, jul. 29.

D. Francisco de Lemos (F); Correspondência (SR).

AUC-VI-3.ª 1-3-29

1.5 Nenhuma carreira política estava vedada aos brasileiros no Império português ou na sua capital: Bernardino Machado, um carioca, chegou até a Presidente da República Portuguesa, situação que, inversamente, não seria possível no Brasil.

Augusto BOBONE, 1852-1910

[Aula de Antropologia da Universidade de Coimbra, regida por Bernardino Machado]. [material gráfico]. Lisboa, 1902.

Disponível em: <https://am.uc.pt/item/46374>

UCFCT Ciências da Vida - Antropologia 169/60

1.6 Nem todos os que iam para Coimbra eram ricos: pobre, filho de mãe baiana e de pai português, José da Silva Lisboa viu-se obrigado a reger Grego e Hebraico no Colégio das Artes para se sustentar, antes de ficar conhecido como economista e legislador e vir a obter a mercê de Visconde de Cairu.

José da Silva LISBOA, 1756-1835

Principios de direito mercantil e leis de marinha. [1.^a ed.].

Lisboa : na Regia Officina Typografica, 1798.

BGUC 4-1-19-19 (apenas se mostra o vol.1)

1.7 “Má sorte de quase todos os Brasileiros” era a falta de dinheiro, de que este estudante de Guarapiranga (Vila Rica) se queixa ao Bispo. Ao dar como referências abonatórias “conterrâneos” (dois mineiros e um carioca), esta carta desvenda-nos um pouco das suas sociabilidades.

José Filipe Ferreira CABRAL, ca 1765- ?

Carta de José Filipe Ferreira Cabral a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

[Lisboa?], 1782, set. 6.

Cabido da Sé de Coimbra (F); Petições de esmolas (SR), 1782

AUC III-1^a D-6-4-

1.8 José Bonifácio de Andrada teve uma carreira internacional como Professor de Metalurgia da Universidade de Coimbra, até se aposentar e regressar ao Brasil para se tornar o “Patriarca da Independência”.

José Bonifácio de Andrada e SILVA, 1763-1838

[*Proposta de reforma dos planos de estudos dos cursos de Filosofia, Matemática e preparatórios de Medicina*]. [manuscrito], Coimbra, 1807 jan. 17.

Carta autógrafa, assinada.

BGUC Ms. 2536, n.º 12

Brasilidade afetiva e literária

“Em Portugal me fiz, tal qual poeta”

(Cláudio Grugel do Amaral, *Monte de Apolo*, 167-?)

Como outros lugares de emigração/exílio, Coimbra contribuiu para criar entre os estudantes de naturalidade brasileira um sentimento de pertença.

Ali, escreveu Gonçalves Dias a sua icónica Canção do Exílio (julho de 1843), ali, todos eles idealizaram uma “pátria” brasileira, inventada a partir das saudades, como escreveu o poeta baiano Domingos Borges de Barros:

“Sítios qu’outrora amei, quanto mudastes!

Como sois feios, e deixei-vos lindos:

O sítio é nada, as afeições são tudo.”

2.1 Como afirma Francisco Topa em artigo publicado em “O Eixo e a Roda” (v. 29, n.º 3, 2020), a poesia barroca deste carioca que estudou em Coimbra é uma “paródia da *Sílvia* de Lizardo”, portanto, um tema clássico português, ainda sem quaisquer vestígios de brasilidade.

Cláudio Grugel do AMARAL, ca. 1681-1752

Monte de Apolo ; Parnazo das Muzas [manuscrito] : Obras variadas de Claudio Grogel do Amaral / Recopiladas por Ezope de Homero Mendes.

[Coimbra?, 167-?].

BGUC Ms. 354

2.2 Um tema “nativista” brasileiro é, pela primeira vez, explícito no poema de Basílio da Gama, instrumental de uma bem-sucedida aproximação política do seu autor ao Marquês de Pombal, de quem veio a ser Secretário.

José Basílio da GAMA, 1741-1795

O Uruguay : poema. [1.ª ed.].

Lisboa : na Regia Officina Typografica, 1769.

Borba de Moraes (1983) I, 338-9; Período colonial pp. 148-50. Sacramento Blake IV, 330-4. *Innocência* 4:268-271.

BGUC 4-26-2-35

2.3 O *Caramuru*, que volta a introduzir um assunto brasileiro na poesia, foi escrito em Coimbra e publicado em Lisboa. A obra histórica de José de Santa Rita Durão tem recentemente sofrido inúmeras releituras.

José de Santa Rita DURÃO, 1722-1784

Caramurú : poema epico do descobrimento da Bahia. [1.ª ed.].

Lisboa : Na Regia Officina Typografica, 1781.

BGUC 1-5-1-12

2.4 Manuel Bandeira, na sua *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946), considera Domingos Caldas Barbosa o primeiro poeta de “sabor inteiramente nosso”. Filho de um português e de uma mulher de origem africana, o padre, muito detestado pelos seus contemporâneos na Corte de Lisboa, divulgou ali modinhas e lunduns.

Domingos Caldas BARBOSA, 1738?-1800

Copiador Dos Versos de D. C. B. Na Arcadia de Roma Lereno Selimuntino. [S. l.]. 1794.

Ms. Autógrafo. A data que figura na pág. de título corresponderá apenas ao início da escrituração do Caderno, que tem composições datadas até 1799.

BGUC Ms. 2 545

2.5 No próprio ano da proclamação da Independência, a Imprensa da Universidade publicou esta coleção de poesias relativas ao Brasil, da autoria de José da Natividade Saldanha, homem negro pernambucano “estudante do terceiro ano de Leis”.

José da Natividade SALDANHA, 1796-1832

Poemas oferecidos aos amantes do Brazil...

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1822.

A página de título está mutilada e foi completada à mão, incorretamente, como “Poe[sias] ofere[cidas] ao[s] amantes [do Brazil]”.

BGUC 869.0(81)-1 Saldanha SAL

2.6 O Brasil nunca deixará de ser tema literário para estudantes brasileiros, em Coimbra. António Henriques Leal garante que esse também foi o caso de Odorico Mendes, mas, infelizmente, perdeu-se o caderno poético escrito em Coimbra.

António Henriques LEAL, 1828-1885

Pantheon maranhense : ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos.

Lisboa : Imprensa Nacional, 1873-1875.

4 vol.

BGUC 9-(2)-6-6-26/29 (apenas se mostra o vol.1)

2.7 Residente no Rio de Janeiro, é na Imprensa da Universidade de Coimbra que João Severiano Maciel da Costa vai publicando os seus livros e também esta *Elegia* ao Reitor-Reformador, assinada como “brasileiro saudoso e agradecido”.

João Severiano Maciel da COSTA, 1769-1834

Ode á morte do Ilustríssimo e Eiscelentíssimo [sic] Senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho ...

Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1822.

BGUC Misc. 131, n.º 2 471 (encadern. com outros)

2.8 Para qualquer estudante que por lá tenha passado, brasileiro ou de qualquer outra nacionalidade, as saudades de Coimbra nunca terminam. A cidade com as “Aulas” e os “Estudos” também foi incluída nestas *Saudades de Lisboa*.

Joaquim José de Santana ESBARRA, ? -1791?

As saudades de Lisboa no coração brasileiro...

Lisboa : na Offic. De José Aquino de Bulhões, 1791.

BGUC Misc. 455, n.º 7 615 (encadern. com outros)

Brasilidade política

“Veio-me co’a razão o amor da Pátria,

Aquela enobrecendo, este incitando

O estudo, vereda encontrar busco

Qu’a prol da pátria os passos me encaminhe.”

(Domingos Borges de Barros, in *O Patriota*, 1813)

A brasilidade, que começou por ser afetiva e literária, só depois se regista como um projeto independentista, no plano político.

Sobre o papel da Universidade neste processo de lenta consciencialização recorde-se, a título de exemplo, o número de antigos alunos de Coimbra presentes na Conjuração Mineira: José Álvares Maciel, Tomás António Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José da Silva e Oliveira Rolim, José Joaquim da Maia e, do outro lado da barreira, o juiz António Diniz da Cruz e Silva e o próprio governador da época, o Visconde de Barbacena.

3.1 Cláudio Manuel da Costa, bacharel em Cânones, advogado e poeta arcádico, envolver-se-ia na Conjuração Mineira aos 60 anos de idade, o que viria a precipitar a sua morte.

Cláudio Manuel da COSTA, 1729-1789

Epicedio consagrado à saudoza memoria do Reverendissimo Senhor Fr. Gaspar da Encarnação, reformador dos Conegos Regulares...

Coimbra : no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1753.

BGUC J.F.-43-3 A-1

3.2 Filho de um músico pobre, Silva Alvarenga assina este soneto como “estudante ultramarino na Universidade de Coimbra”. A sua identidade política poderá ser afrancesada e revolucionária (como se verá na *Inconfidência Carioca*), mas não é ainda “brasileira”, em 1775.

Manuel Inácio da Silva ALVARENGA, 1749-1814

Soneto [no dia da inauguração da Estatua Equestre d’ElRey N. Senhor D. José I].

[Lisboa : s.n., 1775].

F. avulsa.

BGUC Misc. 661, n.º 10.336 (encadern. com outros)

3.3 Em relação aos brasileiros, não se deteta em Coimbra a mesma aversão que lhes tinham (ou fingiam ter) as mulheres de Lisboa: “Fujamos, Delmira amada,/De tudo que he Brasileiro:/E dos filhos da Bahia/Devemos fugir primeiro.”

M. D., 17—

Discurso, que fizeram duas Senhoras portuguezas, depois de lerem o papel dos Conselhos, que deu hum Brasileiro a todos os seus Patricios ...

Lisboa : na offic. de Francisco Borges de Sousa, 1789.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/78555>

BGUC Misc. 61, n.º 1 357 (encadern. com outros)

3.4 Depois de 1822, o sentimento “nacional” dos estudantes naturais do Brasil materializou-se num efémero jornal pró-Independência, intitulado *O Brasileiro em Coimbra* e dirigido pelo estudante Candido Ladislau Japi-Assu de Figueiredo e Mello. Veja-se também a adoção de um nome indígena (Japi-Assu) como marca de brasilidade.

O BRASILEIRO EM COIMBRA. Coimbra, 1823

O brasileiro em Coimbra / red. Cândido Ladislau de Figueiredo.

BGUC RB-40-20

3.5 Matérias que circularam nos periódicos acerca de tumultos públicos em Coimbra contra a Independência do Brasil são denunciadas como “boatos” nesta notícia local: “não me consta, porém, que hum só americano fosse maltratado”, escreveu o jornalista.

COIMBRA

Coimbra.

Censor provinciano : periodico semanario de philosophia, politica e literatura. N.º 7 (18 jan. 1823), pp. 97-103.

BGUC 9-(3)-21-11

3.6 A identificação do autor como “brasileiro” não está na página de título, mas só na capa da brochura (normalmente sacrificada na encadernação), o que sugere que, sem exaltados ânimos adversos, tal menção seria argumento de venda, em Coimbra, em 1836.

António Pereira de Sousa CALDAS, 1762-1814

Obras poéticas / com as notas e additamentos de F. de B. G. Stockler.

Coimbra : Imprensa de Trovão & Comp., 1836.

Tomo II.

Restaurado, em caixa. Ex. of. por A. E Maia do Amaral, em 9 abr. 2021.

BGUC RB-40-36 (apenas se mostra o t. 2)

3.7 Na portada desta publicação da Imprensa da Universidade, Francisco José Correia assina orgulhosamente “Cidadão Brasileiro, Doutor em Leis e Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra”.

Francisco José CORREIA

Discursos recitados na Sociedade Conimbricense dos Amigos da Instrucção...

Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1837.

BGUC Misc. 113, n.º 2 172 (encadern. com outros)

A Revolução Liberal em Portugal

“... participar a alegria que se teve pela notícia do levantamento do Porto [...] dentro de poucos dias a voz estender-se-ha por todo o Brazil, e teremos a satisfação de ver renovado este miserável paiz, digno de melhor sorte.”

(J. F. C. de A., *Carta de hum habitante da Bahia...* Lisboa, n.º 1, 1821)

Uma das condições políticas que mais terá influenciado o “Fico” e a Independência do Brasil foi a Revolução Liberal do Porto (Portugal), em 1820. Ela estabeleceu condições políticas indispensáveis, como o fim da censura aos jornais e a extinção do Tribunal da Inquisição.

A convocação, que não acontecia há mais de um século, de Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes, onde o Reino do Brasil deveria estar representado, foi recebida na colónia com esperança por uns e com desconfiança por outros. O futuro daria razão a estes últimos, porque as Cortes de Lisboa acabaram por ser anti-absolutistas, anti-inglesas e antibrasileiras.

4.1 Em 4 de julho de 1821, as Cortes de Lisboa aprovaram a Lei da Liberdade de Imprensa, da qual resultou a proliferação de periódicos e de folhas volantes em todo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

NOTICIA

Noticia. Quem quiser comprar a provincia da Bahia, pella mesma quantia que se vendeo Pernambuco, fale as Cortes que estão autorizadas para isso, tratando as condiçoens com a comissão especial de negócios do Brazil? Adverte ce [sic] que Portugal também anda em praça a quem mais der; &[cetera].

[Lisboa?] : [s.n.], 20 de Abril de 1822.

F. avulsa.

João Jardim de Vilhena (F); Documentos diversos (COL) – Lutas Liberais, n.º 29

AUC-VI-3.ª -2-3-1

4.2 O Pará foi um dos primeiros lugares a proclamar-se “constitucionalista”, após a revolução do Porto. O grande entusiasta do liberalismo nesta Província foi Felipe Alberto Patroni Maciel Martins Parente (1798-1866), fundador de *O Paraense*.

PARAENSE (O)

O Paraense, Bahia. N.º XXXII (7 set. 1822), [p. 4].

Impresso na Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello Companhia, no dia da independência do Brasil, antes da sua proclamação.

João Jardim de Vilhena (F); Documentos diversos (COL) – Lutas Liberais, n.º 27

AUC-VI-3.ª -2-3-1

4.3 Em 1821, a Real Imprensa da Universidade de Coimbra deu à estampa uma proposta conciliadora de criação de um novo Reino Unido, por um “Estudante do 4º Anno Mathematico” e distinto militar português.

António de Oliva e Sousa SEQUEIRA, 1791-1865

Projecto para o estabelecimento politico do Reino-Unido de Portugal, Brasil e Algarves...

Coimbra : Na Real Imprensa da Universidade, 1821.

Inclui: Adição ao projecto...

BGUC Abraceia 9-(1)-5-9-34

4.4 A reunião das Cortes era uma oportunidade para os habitantes apresentarem as suas reivindicações. No entanto, alguns dos eleitos pelo Brasil decidiram não comparecer aos trabalhos ou, como este, não jurar a Constituição de 1822.

Informação final, como Bacharel Formado em Leis, de José Ricardo da Costa Aguiar de Andrade, filho de Francisco Xavier da Costa Aguiar, natural de Santos.

Atribuída pelo Juízo de Informações da Faculdade de Leis, o qual votava, após a graduação do aluno, sobre os seus "Procedimento e costumes", "Merecimento literário" e "Prudência, Probidade e Desinteresse".

Coimbra, 1810, jul. 5.

Universidade de Coimbra (F); Registo de Informações Finais (SR), vol. 3, fl. 35v

AUC-IV-1.ªD-3-1-3

4.5 Um dos que não pôde comparecer foi João Severiano Maciel da Costa que, acontecendo vir preso para Lisboa, foi impedido de desembarcar, tendo de retornar ao Brasil. Contra tal se insurge neste folheto contemporâneo, publicado na Imprensa da Universidade.

João Severiano Maciel da COSTA, 1769-1833

Apologia que dirige à Nação portuguesa João Severiano Maciel da Costa ... a fim de se justificar das imputações que lhe fazem homens obscuros...

Coimbra : Na Imprensa da Universidade, 1821.

Disponível em Almamater: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/2543>

BGUC Abraveia 9-(1)-6-3-88

4.6 Pedro de Araújo Lima, que virá a ser Marquês de Olinda, estreou-se na bancada da província de Pernambuco às Cortes Gerais de Lisboa. Tinha estudado em Olinda e depois em Coimbra, onde defendeu esta tese, nunca publicada.

Pedro de Araújo LIMA, 1793-1870

Dissertatio inauguralis. De interpretatione Cap. Thomas Monachus = 7 = X De Corpore vitiatis ordinandis vel non [manuscrito].

[Coimbra], defendida em 17 jul. 1819. Original autógrafo.

BGUC Ms. 1 361, f. 85-110

4.7 D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, bispo de Olinda, foi deputado brasileiro pela Província do Rio de Janeiro. Infelizmente, morreu dois dias depois de entrado nas Cortes.

José Joaquim da Cunha de Azeredo COUTINHO, 1742-1821

Analyse sur la justice du commerce du rachat des esclaves de la côte d'Afrique.

Londres : Impr. de Baylis, 1798.

UCFL S Joaquim Carvalho 29-6-12

4.8 Também deputado pela província do Rio de Janeiro, sua terra natal, foi Francisco Vilela Barbosa formado em Matemática pela UC e futuro primeiro visconde com Grandeza e marquês de Paranaguá.

Francisco Vilela BARBOSA, 1769-1846

Elementos de geometria. [1.ª ed.].

Lisboa : Na Offic. da Academia R. das Sciencias, 1816.

BGUC 7-56-19-13

4.9 Hesitações acerca da Independência condicionaram a vida de alguns eclesiásticos que lhe eram contrários: o Bispo do Maranhão, ainda em 22 de junho de 1823, escrevia “a prudencia com que nos temos dirigido, a fim de não se proclamar nesta cidade a Independencia...”.

Joaquim de NOSSA SENHORA DA NAZARÉ, 1774-1851

Carta dirigida ao Imperador do Brasil, redigida em 22 de Junho de 1823.

Gazeta Pernambucana. N.º 24, (21 jan. 1824), [p. 5].

João Jardim de Vilhena (F); Documentos diversos – Lutas Liberais, n.º 135

AUC-VI-3.ª -2-3-1

Uma “homogeneidade ideológica”

“Caírem em uma perfeita anarquia [...] e dividirem-se em tantos governos, quantas são as Capitánias. Mas seria isto interessante ao Brasil? De nenhum modo: o grande interesse do Brasil he a sua intima união, e a existência do todo. Unindo-se e formando uma só Nação, será formidável; dividindo-se, perdeu toda a sua força.”

(António d’Oliva de Sousa Sequeira, *Adição ao projecto...* Coimbra, 1821)

Ao contrário da cultura predominante, por exemplo, na Universidade de Montpellier (antirreligiosa, revolucionária, maçónica), o Iluminismo Católico de Coimbra, ao serviço do Absolutismo Esclarecido de Pombal, era não-disruptivo.

Pensa o historiador brasileiro J. Murilo de Carvalho que tal criou entre os diplomados por Coimbra uma “homogeneidade ideológica” que convergiu na defesa de uma Independência com manutenção do regime monárquico (e do próprio Monarca), elemento político-jurídico da coesão territorial, enquanto cabeça do “Reino do Brasil”.

5.1 A Reforma pombalina da UC caracterizou-se pela introdução do método experimental no ensino das ciências naturais. Quando não era possível fazer a experiência na aula, o professor usava este *powerpoint*[®] do século XVIII.

José Monteiro da ROCHA, 1734-1819

Figuras de Hydrodynamica [manuscrito] / [des. Joaquim José da Silva Nogueira].

[Coimbra, ca. 1775-1781].

BGUC Ms. 3 153

5.2 Toda uma geração de filhos da elite colonial brasileira obteve em Coimbra os instrumentos científicos necessários à valorização

económica do Brasil, sobretudo através do empreendimento de “viagens filosóficas” a territórios inexplorados.

PALADIO PORTUGUÊS

Palladio Portuguez : ou Clarim de Pallas que anuncia periodicamente os novos descobrimentos e melhoramentos n'agricultura, artes, manufacturas, commercio, etc. / [José Mariano da Conceição Veloso].

Lisboa : Na Officina Patriarchal, 1796. N.º 1 (1796).

BGUC RB-16-24

5.3 Na sequência da Reforma de 1772, o número de estudantes de origem brasileira que buscavam “Luzes” em Coimbra aumentou para 15,6% (F. Taveira da Fonseca), no período de 1772-1789. Porém, não eram só os herdeiros dos fazendeiros ricos que chegavam a Coimbra.

CARTA

Carta de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho para D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Quinta das Prayas [Lisboa], 1778, ago. 29.

D. Francisco de Lemos (F); Correspondência (SR), carta n.º 45.

AUC VI-3.^a-1-3-29

5.4 A UC acolheu a Reforma, mas não se vergou completamente aos ditames da Censura criada por Pombal para policiar a entrada de “livros perigosos” no Reino, por exemplo, jamais remetendo àquele tribunal, para *exame*, o catálogo da sua “livraria”.

PORTUGAL. Leis, Decretos, etc.

[Lei de 21 de junho de 1787 que substitui a designação de tribunal da Real Mesa Censória pela de Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros].

[Lisboa : Officina Régia Typografica, 23 jun. 1787].

BGUC Ms. 3 138, f. 306-312

5.5 A ideia de que a UC estava fechada às influências francesas não será verdadeira quanto aos livros, se examinarmos os fundos de todas as antigas “livrarias”, a universitária e as dos Colégios (S. Pedro, por exemplo), adquiridos a livreiros franceses como Borel e Bertrand.

Relação de livros comprados no Borel [...] Livros comprados ao Bertrand [...].

Coimbra, 1825, nov. 4.

Universidade de Coimbra (F); Documentos de aquisição de obras para a Biblioteca (SR).

AUC-IV-1.ªE-1-1-17

5.6 Nunca foram comuns em Coimbra os professores geniais, irreligiosos e “libertinos” como José Anastácio da Cunha (1744-1787) que, antes de ser afastado pela Inquisição, terá tido influência relevante em alguns alunos seus nascidos no Brasil.

José Anastácio da CUNHA, 1744-1787

Poezias [manuscrito].

[S. l., s. d.].

BGUC Ms. 1 243

5.7 Talvez a personalidade mais radical produzida por Coimbra tenha sido o *maçon* baiano Cipriano Barata, nativista exaltado, abolicionista e republicano, o «homem de todas as revoluções».

Petição dirigida ao Reitor da Universidade por Cipriano José Barata de Almeida, natural da Bahia, para que lhe seja passada atestação de como frequentou o 1º ano do Curso Filosófico, desde 1786.

Coimbra, 22 de maio de 1787.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), 1790 - Filosofia

AUC-IV-2.ªD-12-2-44

5.8 Os estudantes sempre foram provocadores: consta que o mineiro Francisco de Melo Franco e os cariocas António de Moraes e Silva

e António Pereira de Sousa Caldas usaram os fornos do *Laboratorio Chimico* de Coimbra para assar um presunto, em sexta-feira santa.

Francisco de Melo FRANCO, 1757-1823

Medicina theologica, ou Supplica humilde, feita a todos os Senhores Confessores, e Directores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente da Lascivia, Colera, e Bebedice.

Lisboa : Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1794.

O exemplar conserva anotações a tinta e a lápis.

BGUC J.F.-44-2-16

5.9 Forjou-se em Coimbra, numa sociedade secreta, a amizade entre o português Almeida Garrett, o mineiro Cândido José de Araújo Vianna e os baianos Miguel Calmon du Pin e Almeida e Francisco Gomes Brandão (depois conhecido como Francisco Gê Acayaca de Montezuma).

Informação final, como bacharel formado em Leis, atribuída a Miguel Calmon du Pin e Almeida, pelo “Juízo das Informações da Faculdade de Leis”.

Universidade de Coimbra (F); Registo de Informações Finais (SR), vol. 3, fl. 156

AUC-IV-1.ªD-3-1-3

5.10 A rica coleção documental João Jardim de Vilhena, no AUC, contém muita *efêmera*: este curioso papel concebido por um paraense usa o tradicional formato “genealógico” para transmitir conceitos sócio-político-filosóficos muito pessoais.

Felipe Alberto PATRONI, 1798-1866

Quadro Genealógico da organização social por systemas, conforma a Biblia do Justo Meio, para uso de S. M. I. o Senhor D. Pedro II.

[S. l. : s. n., s. d.].

João Jardim de Vilhena (COL); Documentos diversos – Lutas Liberais, n.º 135

AUC-VI-3.ª -2-3-1

Alguns ex-alunos na Independência

“Estou persuadido de que se na época da Independência do Brasil não existisse uma classe tão inteligente, tão ilustrada e prestigiosa como a classe dos legistas [...] outras, provavelmente com grande detrimento do país, teriam predominado na administração, talvez a classe militar predominasse e viéssemos a cair nas mesmas desgraças em que tem andado a América Espanhola...”

(Senador Cruz Jobim, in *Jornal do Commercio*, 3 ago. 1855)

Ao tempo da Independência, frequentavam a UC cerca de 230 alunos brasileiros.

Alguns não terão tido qualquer papel nos acontecimentos, mas outros estiveram, de fato, envolvidos nas lutas políticas que culminariam na declaração da Independência ou nas lutas que se lhe seguiriam.

Aqueles que aqui se ilustram com algum documento (do qual sejam autores ou sujeitos) não constituem uma escolha qualitativa – os que a UC considerasse mais “importantes” – mas apenas uma amostra significativa, e escolha muito condicionada, aliás, pela limitação do espaço expositivo.

6.1 O bacharel em Leis e padre Belchior Pinheiro de Oliveira (1778-1856), depois de ter sido deputado por Minas Gerais às Cortes de Lisboa, viria a estar ao lado do Imperador no episódio do Ipiranga.

Petição de Belchior Pinheiro de Oliveira, natural de Tijuco, Serro do Frio (MG), para que lhe seja passada certidão do exame do 2.º ano jurídico e declaração dos documentos entregues para matrícula do 1.º ano.

Coimbra, 14 de junho de 1803.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR),
Leis-1806

AUC-IV-2.ªD-12-5-11

6.2 Dos 88 Constituintes de 1823, tinham passado 50 por Coimbra. Entre eles, este irmão menos conhecido de José Bonifácio, António Carlos de Andrada Machado, que teve ocupação de tradutor na tipografia lisboeta do Arco do Cego.

Robert FULTON, 1765-1815

Tratado do melhoramento da navegação por canaes... / escrito na lingua inglesa... e traduzido para a portugueza... por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado da Silva.

Lisboa : na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

BGUC 4 A-32-20-26

6.3 A ideia de um enorme país americano independente com uma nova capital foi promovida por Hipólito José da Costa, aluno de Leis, que fundou o mais conhecido jornal clandestino do período colonial, o *Correio Braziliense ou Armazém Literário* (1808-1823).

Petição de Hipólito José da Costa Pereira, natural de Nova Colónia, para que lhe seja passado o comprovativo de "mostrar se sem culpas neste Juízo da Conservatória, Correição e Crime".

Coimbra, 1798, mar. (?).

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR)

AUC-IV-2.ªD-12-4-10

6.4 Luís Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, pernambucano e magistrado na Relação de Pernambuco, destacou-se pela atividade política desenvolvida com mais dois irmãos, Francisco e António.

Petição de matrícula no 1.º ano jurídico (que era comum às Faculdades de Leis e de Cânones) feita por Luís Francisco de Paula Cavalcanti Albuquerque.

Coimbra, 1816, out. 31.

Universidade de Coimbra (F); Petições de matrícula (SR), Leis-1816

AUC-IV-1.ªD-10-1-20

6.5 Este aluno baiano seguiu a magistratura e veio a integrar a Constituinte de 1823. Prosseguiu depois a carreira política, ascendendo aos mais altos cargos, como Primeiro Ministro, e recebendo títulos nobiliárquicos, como o de Marquês de Monte Alegre.

Registo da Formatura de José da Costa Carvalho Júnior, após concluir o 5.º ano de curso, na Faculdade de Leis.

Coimbra, 1819, jun. 3.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Exames, Atos e Graus (SR); Leis, vol. 11, fl. 90v

AUC-IV-1.ªD-3-4-25

6.6 Outro aluno formado na UC que integrou a Assembleia Constituinte de 1823 foi Inácio Accioli de Vasconcelos, natural de Pernambuco e notável presidente da Província do Espírito Santo.

Prova tipográfica da carta de formatura na Faculdade de Cânones, que concluiu em 16.06.1807, de Inácio Accioli de Vasconcelos, filho de José de Barros Pimentel, natural da “Villa de Alagoas” (atual Marechal Deodoro), Capitania de Pernambuco.

Coimbra, 1807, jul. 7.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), Cânones, 1807

AUC-IV-2.ªD-12-5-12

6.7 Jacinto Furtado de Mendonça foi deputado brasileiro eleito por Minas Gerais para as Cortes Constituintes de Lisboa, mas nas quais, à semelhança de muitos outros conterrâneos, não chegou a participar, permanecendo no Brasil.

Matrícula no 5.º ano da Faculdade de Leis de Jacinto Furtado de Mendonça, filho de Luís António Bettencourt, natural da “Villa do Príncipe”, da comarca de Serro Frio, como se refere em outros registos académicos. Nesta Faculdade concluiria a sua Formatura, em 1799.

Coimbra, 1798, out. 2.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Matrículas (SR), vol. 27, fl. 118
AUC-IV-1.ªD-2-4-19

Um certo espírito coimbrão

“Sobe-me a cor ao rosto quando considero que nós brasileiros, que procuramos imitar os paizes mais adiantados no que ha n’elles de bom e util, adaptassemos no emtanto [...] essas carunchosas e estultas usanças de Coimbra!”

(António Henriques Leal, *Pantheon Maranhense*, 1873)

Para a criação dos primeiros estudos superiores e das primeiras universidades brasileiras, a matriz utilizada não podia deixar de ser aquela que os seus proponentes conheciam melhor, a sua *Alma Mater*, a Universidade de Coimbra.

Frequentada (pelo menos desde 1574, como se viu) por estudantes nascidos no Brasil, eles continuam a ser, hoje, a maioria dos estudantes estrangeiros da UC, entre alunos, bolseiros e investigadores, cerca de 10% do corpo discente. Tal número converte a UC na maior universidade brasileira fora do continente americano.

7.1 Não faltaram no Brasil precoces iniciativas académicas falhadas, como o Curso de Química da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Vicente de Seabra, estudante mineiro, finalista de Medicina, escreveu e publicou em Coimbra um manual destinado ao uso daquele curso.

Vicente Coelho de Seabra Silva TELES, ca. 1764-1804

Elementos de chimica offerecidos a Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro para o uso do seu curso de chimica.

Coimbra: na Real Officina da Universidade, 1788-1790.

Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/26361>
e em <http://hdl.handle.net/10316.2/69844>

BGUC 4-1-19-17 (2 t. encadern. em 1 vol.)

7.2 Com a chegada da Família Real ao Brasil, criaram-se escolas como a de Cirurgia da Bahia (1808), dinamizada por José Correia Picanço (1745-1823), equiparado a doutor em Medicina por Coimbra.

Carta de Mercê, assinada pelo Visconde de Vila Nova de Cerveira, Secretário de Estado dos Negócios do Reino, concedida ao Doutor José Correia Picanço, lente da cadeira de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Arte Obstetrícia.

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda [Lisboa], 1781, dez. 18.

Universidade de Coimbra (F); Processos de Professores (SR), cx. 214

AUC-IV-1.ªD-8-1-214

7.3 José Bonifácio, Câmara Bethencourt, o Marquês de Baependi e Silva Pontes são os antigos alunos de Coimbra mais ligados à criação da Academia Real Militar do Rio de Janeiro, a primeira escola superior oficial do Brasil.

George ATWOOD, 1746-1807

Construcção, e analyse de proposições geometricas, e experiencias practicas, que servem de fundamento á architectura naval ... / traduzida do inglez por Antonio Pires da Silva Pontes ...

Lisboa : na Offic. Patriarcal de João Procopio Correa da Silva, 1798.

BGUC RB-29-24

7.4 A Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro funcionou a partir de 1813 segundo o plano traçado pelo baiano Manoel Luiz Álvares de Carvalho, também formado na UC.

Exame de Formatura na Faculdade de Medicina, que teve lugar na Sala das Congregações, de Manuel Luís Alves (Álvares) de Carvalho, natural da Bahia, filho de Luís José de Chaves, feito perante um júri presidido por D. Carlos Maria de Figueiredo Pimentel, por comissão do Reitor da Universidade.

Coimbra, 1782, jul. 13.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Exames, Atos e Graus da Faculdade de Medicina (SR); vol. 1, fl. 186-186v

AUC-IV-1.ªD-4-4-45

7.5 Este deputado propôs a criação de uma universidade e, em 1823, uma comissão ainda chegou a designar São Paulo e Olinda para sedes de novas Faculdades de Direito. Mas só como Ministro da Justiça, em 1827, ele criaria essas duas Faculdades.

José Feliciano Fernandes PINHEIRO, 1774-1847

Discursos apresentados à meza da agricultura sobre varios objectos relativos a cultura, e melhoramento interno do reino ...

Lisboa : Na Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, 1800.

UCFL I.Hist Teoria Ideias 9-1-6

7.6 Logo após a Independência, em 1823, o mineiro Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá (1764-1835) também proporá, sem resultado, a criação de uma universidade no Rio de Janeiro.

Prova tipográfica da carta de formatura na Faculdade de Leis concedida a Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá. De acordo com informação inserida no seu processo individual para atribuição da carta, esta terá sido passada em 3 de julho de 1788.

Coimbra : Na Real Officina Typografica da Universidade, Anno de 1788.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), 1788- Leis

AUC-IV-2.ªD-12-4-17

7.7 A UC foi determinante na criação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1827), como recorda o Doutor Brasília Machado numa mensagem dirigida aos colegas de Coimbra, em 1910.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Direito

Mensagem do Doutor Brasília Machado aos professores Manuel da Costa Alemão, António Assis Teixeira de Magalhães e José Caetano Lobo d'Ávila da Silva Lima.

S. Paulo, 15 set. 1910.

Universidade de Coimbra (F); Mensagens de congratulações recebidas na Reitoria (COL)

AUC VI-3ª Sec.-4-1-4

7.8 Preferíamos que a UC só tivesse espalhado boas influências, mas não foi assim: António Henriques Leal lamenta que no Rio de Janeiro do seu tempo os estudantes tivessem adotado também a “carunchosa” praxe coimbrã.

Filipe Alberto PATRONI, 1798-1866

Dissertação sobre o direito de cassoar [sic] que compete aos veteranos das academias...

Lisboa : Na Impressão Regia, 1818.

BGUC O.S. 167

Relações da UC com o Brasil

“Os professores da Academia Real Militar [...] gozarão [de] todos os privilégios, indultos e franquezas que têm e gozam os lentes da Universidade de Coimbra. Serão tidos e havidos como membros da Faculdade de Matemática, existente na dita Universidade, sem que entre os lentes da Academia e os de Coimbra se haja [de] interpor diferença alguma...”

(Carta Régia de 4 de Dezembro de 1810, Título Décimo)

As relações entre a UC e o Brasil estabelecem-se em inúmeros campos, uns claros, outros muito mais subtis. Altamente informais enquanto não existiram equivalentes brasileiras (embora existisse o ensino), as relações vieram a fortalecer-se e a consolidar-se depois da criação de universidades.

Coimbra investiu sempre nestas relações, sendo a única universidade portuguesa que dispõe de uma sala exclusivamente dedicada ao Brasil, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Faculdade de Letras. A biblioteca do IEB juntou nos seus 80 anos

de existência um acervo bibliográfico muito importante, e acolhe com frequência investigadores portugueses e estrangeiros.

8.1 A ideia de o Colégio da Bahia se poder constituir em “universidade” dos Jesuítas nunca passou de reivindicação dos Inacianos, a que a Coroa portuguesa não deu resposta. Nesse Colégio, fizeram muitos baianos os preparatórios para ingresso na UC.

Mercê escolar concedida por D. João V, através de um despacho da Mesa da Consciência e Ordens, ao aluno Jerónimo Rodrigues Lima, natural da Bahia, para que lhe seja contado o ano em que estudou Lógica, no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia, no ano letivo de 1734-1735, antes de ingressar na Faculdade de Cânones. Concedida a pedido do aluno, para usufruir de concessão de iguais mercês régias de que já gozavam outros alunos, na Universidade.

Lisboa, 1739, mai. 6.

Universidade de Coimbra (F); Mercês Escolares (SR), 1731-1740

AUC-IV-2.ªD-2-1-1

8.2 De alguma maneira, existiu uma “universidade” da Companhia de Jesus, se não formalmente, pelo menos reconhecida de alguma forma por Coimbra. Veja-se este caso (que não é único) de “reconhecimento de habilitações”, em 1700.

Incorporação, na Universidade de Coimbra, de Agostinho de Sousa e Mendonça, natural da Bahia, com o grau de Mestre em Artes, após a apresentação feita, no próprio dia, de uma carta do Reitor do Colégio da Companhia de Jesus da Bahia, pela qual constava que ali tomara os graus de Bacharel, Licenciado e Mestre em Artes, tendo recebido Provisão Régia para a sua incorporação.

Coimbra, 1700, jun. 26.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Autos e Graus (SR), vol. 50, 2.º cad., fl. 137

AUC-IV-1.ªD-1-1-50

8.3 Sempre ficaram no Reino todos os equipamentos culturais: universidades, bibliotecas públicas, tipografias. Esta modestíssima obra, talvez a primeira impressa no Brasil, foi um empreendimento assumidamente clandestino.

Luís António Rosado da CUNHA

Relação da entrada que fez o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro Bispo do Rio de Janeiro...

Rio de Janeiro : na segunda oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, Anno de M. DCC. XLVII [i.é 1747].

BGUC Misc. 311, n.º 5 129 (encadern. com outros)

8.4 Criado originariamente como Sala do Brasil, em 1925, e reformado em 1937, o atual *Instituto de Estudos Brasileiros/IEB* da Faculdade de Letras foi um avanço importante nas relações entre a UC e o Brasil, dando início à residência de professores brasileiros na UC.

À SALA

À Sala do Brasil, oferta de Afranio Peixoto [manuscrito] : Saudação inicial da Academia Brasileira de Letras.

[s.l.] : [s.n.], 1937.

FLUC I.E. Brasileiros no Cofre da BC

8.5 Em 1942, o IEB começou a publicar a revista *Brasília* que, com uma periodicidade descontínua, editou 13 volumes até 1968. Os 11 volumes de *Suplementos* da revista contêm estudos ainda hoje dignos de merecimento.

Francisco MORAIS

Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil.

Coimbra : Inst. Est. Brasileiros, Fac. Letras da Universidade de Coimbra, 1949.

Sep. de "Brasília", suplemento ao vol. 4. Ex. com dedicat. a Octaviano de Sá e com um recorte de jornal comentado colado numa das folhas preliminares.

BGUC O.S. 412

8.6 Em 2012, o Arquivo, a Biblioteca Geral e o Museu da Ciência da UC juntaram-se para produzir este volume que tentou evidenciar a riqueza, em parte ainda não-explorada, das fontes documentais acerca do Brasil existentes em Coimbra.

José Augusto Cardoso BERNARDES, ed. lit. ; José Pedro Paiva, ed. lit.
A Universidade de Coimbra e o Brasil : percurso iconobibliográfico : [catálogo da exposição].

Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

BGUC RC-97-33

8.7 Depois da atribuição do Doutoramento *Honoris causa* ao Dr. João Café Filho, a Faculdade de Direito da UC tem-no atribuído a outros ex-presidentes da República do Brasil. Juscelino Kubitschek foi distinguido em 1960.

Rogério Guilherme Ehrhardt SOARES, e outro
Doutoramento «Honoris Causa» de sua excelência o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Coimbra : [s.n.], 1961.

Sep. de: Bol. Fac. Direito, 36 (1961).

BGUC 5-6-36-116

8.8 Não foi por essa «tradição» que Tancredo Neves também foi distinguido, mas pelo seu relevo na política, sociedade e cultura brasileiras, como muitos outros intelectuais: Júlio Afrânio Peixoto, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Florestan Fernandes, Evanildo Bechara, etc.

António José Avelãs NUNES
Discurso na Sala dos Capelos por ocasião do doutoramento «honoris causa» de Tancredo Neves.

Coimbra : [s.n.], 1985.

Sep. de: Bol. Fac. Direito, 61 (1985).

BGUC 6-20-31-5

8.9 A influência da UC foi reconhecida pela atribuição do nome *Grupo de Coimbra de Dirigentes de Universidades Brasileiras* à maior associação de universidades, com mais de um milhão de alunos.

GRUPO COIMBRA DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

A Universidade em tempo de crise : conferência de abertura do III Seminário Internacional organizado pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras proferida pelo Doutor António José Avelãs Nunes.

Maceió : [Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras], 2011.

BGUC 6-10-36-132

A Guerra colonial na literatura portuguesa / The colonial war in portuguese literature

Sala do Catálogo da BGUC, 13 de outubro a 30 de dezembro 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

A insurreição ocorrida em Angola a 15 de março de 1961, nos distritos do Zaire, Uíje e Quanza-Norte, marca o início da Guerra Colonial, um conflito que se arrastou durante 13 longos anos e que só veio a terminar na sequência da revolução de 25 de Abril de 1974.

Este episódio, da responsabilidade da UPA - União das Populações de Angola, comandada por Holden Roberto, tinha como objetivo fazer frente ao domínio colonial implementado pelo regime português. A sua génese foi inspirada pelo fenómeno independentista que, entretanto, se desencadeara nas colónias vizinhas, até então sob domínio de países europeus, e do qual sofreu forte influência.

Sobre a Guerra Colonial, ou Guerra do Ultramar, mesmo antes do 25 de abril de 1974, foram publicadas inúmeras obras literárias, que, nas palavras de Rui de Azevedo Teixeira (1998), surgem “numa perspetiva do regime, da portugalidade e do Luso-Tropicalismo”.

Exemplo disso são as obras de Fernanda de Castro, Pedro Homem de Melo ou António Manuel Couto Viana, entre outros. No entanto, ainda durante este período alguns autores como José Correia Tavares, em 1967, Casimiro de Brito, em 1966, e anos depois Álvaro Guerra, Fernando Assis Pacheco e José Bação Leal, publicaram algumas obras, em oposição, já no período marcelista.

É naturalmente depois de 1974 que se assiste à publicação de um grande número de obras literárias, e de outros géneros, sobre este tema.

Nesta exposição encontram-se patentes obras representativas dos mais conceituados escritores portugueses, que basearam os seus romances, os seus contos e as suas histórias na temática da Guerra Colonial, ou porque a viveram ou porque a ela assistiram e escutaram relatos de outros intervenientes. Do lado português, Manuel Alegre, António Lobo Antunes, Mário de Carvalho, Lídia Jorge e João de Melo, entre outros; José Craveirinha, Pepetela ou Arlindo Barbeitos, entre os escritores angolanos e moçambicanos, que, a par de outros nomes menos conhecidos, não deixaram de transmitir, com a sua perspetiva e intensidade, aquilo que a guerra colonial representou no âmbito da literatura de língua portuguesa.

Catálogo:

ALEGRE, Manuel, 1936-

Jornada de África : romance de amor e morte do Alferes Sebastião.

3.^a ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

9-(1)-5-56-15

- Nambuagongo, meu Amor: os poemas da guerra. 1.^a ed. Lisboa:

Dom Quixote, 2008.

9-(1)-5-56-19

- Praça da canção. [1.ª ed.]. Coimbra : [s.n.], 1965 (Coimbra : Oficinas da Atlântida).

5-14-20-79

ANTUNES, António Lobo, 1942-

- Os cus de Judas. 2.ª ed. Lisboa: Vega, 1979.

6-42-39-45

- Fado Alexandrino. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

6-44-1-63

- Memória de elefante. Lisboa: Vega, 1979.

6-42-39-37

BARBEITOS, Arlindo, 1940-2021

Angola Angolê Angolema: poemas. 2.ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.

5-17-35-94

BRÁS, José

Vindimas no capim. Mem Martins: Publicações Europa-América, D.L. 1987.

6-6-30-284

CABEÇADAS, Helena, 1947-

Moçambique: sonhos, vivências e memórias. 1.ª ed. Lisboa: Chiado Editora, 2015.

10-(1)-19-9-21

CALVINHO, António Guerreiro

Trinta facadas de raiva. 3.ª ed. [S.l. : s.n.], D.L. 1979 (Lisboa : Of. da Editorial Minerva).

5-54-102-55

CALVINHO, António, [et al.]

Gritos de guerra. [S.l. : s.n., D.L. 1980].

5-6-53-55

CARDOSO, Dulce Maria

O retorno. 1.^a ed. Lisboa: Tinta da China, 2011.

9-(1)-4-29-21

CARVALHO, Mário de, 1944-

Era uma vez um alferes. Lisboa: Ed. Rolim, imp. 1984.

6-29-11-99

COUTINHO, Carlos

Uma noite na guerra: brevíssima crónica dum momento na agonia do império [...]. Lisboa: Editorial Caminho, 1978.

6-50-18 B-25

CRAVEIRINHA, José, 1922-2003

Cela 1. Lisboa : Edições 70, cop. 1980.

6-14-52-27

- Karingana ua karingana. Lourenço Marques: [Ed. Académica], 1974.

6-21-5-100

- Poemas da prisão. 1.^a ed. Lisboa : Texto Editora, 2004.

8-(2)-17-12-39

FERNANDES, Álvaro

Kianda, o rio da sede: novela. Lisboa : Dinossauro, 1996.

6-31-14-48

FERRAZ, Carlos Vale, 1946-

Os lobos não usam coleira. Venda Nova : Bertrand, imp. 1991.
6-44-12-23

- Nó cego. [Lisboa] : Círculo de Leitores, imp. 1990.
6-14-63-9

- Que fazer contigo, pá? : (O regresso do herói de uma viagem sem epopeia). 1.^a ed. Lisboa : Porto Editora, 2019.
4-(1)-28-13-12

- Soldadó. Lisboa : Notícias, 1997.
6-33-39-16

- A última viúva de África. 1.^a ed. Porto : Porto Editora, 2017.
4-(1)-15-7-36

FERREIRA, Reinaldo

- Poemas. Lourenço Marques : Imprensa Nacional de Moçambique, 1960.
5-62-37-100

GANDRA, Fernando, 1947- , [et al.]

O que muitos andaram para aqui chegarmos. [S.l.] : Poemar, cop. 2019.
4-(1)-29-24-25

GARCIA, José Martins

Lugar de massacre. [Lisboa] : Ed. Afrodite, [imp. 1975].
5-33-40-50

GERALDO, Manuel

Dez farpas no medo. 2.^a ed. [S.l. : Ed. do A., imp. 1974].
6-25-5-98

- O sangue da guerra. Lisboa : Ed. Caso, 1986.

5-68-5-55

- Sangue negro, sangue branco e o suor da guerra. [Mafra : Ed. do A., imp. 1974].

5-54-50-55

GOMES, Catarina

Furriel não é nome de pai. 1.^a ed. Lisboa : Edições Tinta-da-China, 2018.

4-(1)-18-4-8

- Pai, tiveste medo?. Lisboa : Matéria-Prima, 2014.

10-(1)-9-14-46

GUERRA, Álvaro, 1936-2002

O capitão Nemo e eu: crónica das horas aparentes. 2.^a ed. Lisboa : Dom Quixote, 2000.

6-50-72-13

HONWANA, Luís Bernardo

Nós matámos o cão-tinhoso. [S.l. : s.n.], 1964 (Lourenço Marques : Sociedade de Imprensa de Moçambique).

9-(11)-21-3-73

JORGE, Lídia, 1946-

A costa dos murmúrios. Porto : Público Comunicação Social, imp. 2002.

8-(2)-21-32-10

KNOPFLI, Rui, 1932-1997

A ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique. Lisboa : Edições 70, imp. 1989.

6-29-21-96

LIMA, Manuel dos Santos, 1935-

As lágrimas e o vento. 2.^a ed. Porto : Afrontamento, 1989.

5-10-49-102

LOBO, Domingos

Os navios negreiros não sobem o Cuando; pref. de Rui da Azevedo
Teixeira. 2.^a ed. rev. [Lisboa] : Nova Vega, 2005.

6-50-69-52

- Quando os medos ardem. 1.^a ed. Alpiarça : Garrido, D.L. 2001.

5-11 A-10-78

MARIA, Adolfo

Angola: sonho e pesadelo. Lisboa : Colibri, 2014.

10-(1)-17-27-8

MARTINS, Filipe Leandro

Pé na paisagem: romance. Lisboa : Caminho, 1981.

6-46-5-47

MELO, Guilherme de, 1931-2013

A sombra dos dias. 1.^a ed. [Lisboa] : Círculo de Leitores, imp.
1981.

6-22-9-22

MELO, João de, 1949-

Autópsia de um mar de ruínas. Lisboa: Assírio e Alvim, 1984.

6-42-14-70

- Livro de vozes e sombras: romance. 1.^a ed. Alfragide : Publicações
Dom Quixote, 2020.

4-(1)-32-26-11

- Memória de ver matar e morrer. Lisboa: Prelo Editora, 1977.
6-38-40-42

- O meu mundo não é deste reino. Lisboa : Assírio e Alvim, 1983.
6-42-14-53

- NAVARRO, António Modesto, 1942-
A capital do império. Lisboa : Nova Vega, 2017.
10-(1)-15-46-46

- História do soldado que não foi condecorado: contos. Reboleira
: Edição do Autor, 1972.
5-11-75-58

- Ir à guerra: romance. Lisboa: Editorial Futura, 1974.
6-7-9-74

- Libelo acusatório. Lisboa: Prelo Editora, 1968.
5-43-24

- A oitava colina: romance de resistência e liberdade. Lisboa : Página a Página, 2013.
10-(1)-14-49-4

- OLIVEIRA, Álamo, 1945-
Até hoje: memórias de cão. 2.^a ed. Lisboa : Salamandra, 2003
6-36-14-2

- PEPETELA, pseud., 1941-
Mayombe : romance. 5.^a ed. Lisboa : Dom Quixote, 1993.
6-66-11-19

- RAMOS, Wanda, 1948-1998

Percursos: do Luachimo ao Luena. Lisboa: Editorial Presença, imp. 1981.
5-9-52-88

VICENTE, António Carmo
Grades de Novembro : poemas. Lisboa : [s.n.], 1979.
5-54-103-51

- Lourenço. [S.l.] : A Chave, [D.L. 1989].
5-10-66-5

SILVA, Josué da; VICENTE, Carmo; MARQUES, António
Era uma vez... 3 guerras em África. Cacém : Ed. Ró, 1981.
6-14-52-41

VIEIRA, José Luandino, 1935-
A cidade e a infância: contos. Lisboa : Casa dos Estudantes do
Império, 1960.
6-44-2-2

- Luuanda. Luanda : Oficinas Gráficas ABC, imp. 1964.
5-42-22

- Nós, os do Makulusu. 4.^a ed. Lisboa : Edições 70, imp. 1985.
6-48-24-45

- A vida verdadeira de Domingos Xavier. Lisboa ; Luanda : União
dos Escritores Angolanos, imp. 1977.
5-33-75-46

- Vidas novas; desenhos de José Rodrigues. [S.l.] : Afrontamento,
1975.
6-25-25-44

A Ilha dos Amores e outros lugares imaginários das literaturas portuguesa e brasileira ² / **The Island of Love and other imaginary places in portuguese and Brazilian literature**

Sala de Leitura da BGUC, 28 outubro 2022 a 15 junho 2023
Biblioteca da Faculdade de Economia da UC, 1 a 30 dez. 2023

Ficha Técnica:

Conceito, pesquisa e textos:

A. E. Maia do Amaral

Digitalizações:

José Neto

Agradecimentos:

Isabel Campante

Elizama Almeida

Filipe Silva

Fernando Madaíl

Carla Ferreira

Projeto gráfico da exposição:

João Bicker

2 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que tem o autor - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Sinopse:

A exposição foi organizada como homenagem ao *Dicionário de Lugares Imaginários* de Alberto Manguel, quando da sua recente estada em Coimbra, em 27-28 de outubro.

Com a exclusão de céus e infernos, de lugares extraterrestres, sonhados, futuros ou bidimensionais (ou nomes ficcionados para lugares reais, como Tormes), fizeram-se entradas geográficas para «lugares visitáveis», literariamente.

São 31 países, cidades ou apenas edifícios descritos nas literaturas portuguesa e brasileira, em obras publicadas entre 1572 (*Os Lusíadas*, de Camões) e 2021 (*Hífen*, de Patrícia Portela). Junto de cada entrada, está a referência bibliográfica, a imagem da capa e a cota da obra, para se poder requisitar.

Colocar a exposição em coberturas das mesas, diretamente sob os olhos dos utilizadores da Sala de Leitura, foi uma forma de a tornar mais interativa: no sentido de suscitar a leitura dos livros que se apresentam e de solicitar sugestões para inclusão de outras obras. Uma exposição como esta nunca está terminada porque as literaturas de que se pode alimentar não terminam nunca.

Catálogo:

ÁGUA NEGRA é uma Fazenda situada na “Chapada Velha”, no sertão baiano. No passado, toda a região foi diamantífera e alguns ainda sonham em encontrar uma dessas pedras brilhantes, que enlouquecem os homens. A Fazenda Água Negra está limitada pelos rios Santo Antônio e Utinga e tem nas proximidades muitas outras Fazendas semelhantes, Piedade, Caxangá, Boa Sorte e Bom Jesus, esta última usurpada por uma igreja evangélica, com a conivência das autoridades.

Durante muitos anos, Água Negra esteve na posse da família Peixoto, grandes proprietários na Chapada Diamantífera, mas foi vendida

a um casal de citadinos, Salomão e Estela, que não sabiam ao certo o que fazer com a terra: oscilaram entre criar gado ou uma reserva de biodiversidade, mas todos os seus planos pareciam prejudicados pela existência de moradores “sem-terra”, na sua maior parte negros, mas também índios e caboclos. Instalados em Água Negra desde os primeiros anos da década de 30, foram sempre proibidos pelos fazendeiros de erguer casas de alvenaria com telha cerâmica, para que não pudessem, um dia, reivindicar a posse da terra. Trabalhavam na Fazenda sem pagamento, e aqueles permitiam-lhes apenas erguer “taperas” de barro cobertas de palha e cultivar as suas roças de subsistência.

Depois de ter financiado a deslocação de uma professora, 3 dias/semana, o Município concordou, sem grande entusiasmo, em construir uma Escola (3 salas sem banheiro), que honrava o nome do falecido proprietário, «Antônio Peixoto». A única outra obra de relevância na Fazenda tinha sido iniciativa do administrador Sutério, um barracão que vende víveres e mercadorias da cidade a preços exorbitantes, razão porque todos os moradores lhe chamam «o Roubo».

Itamar VIEIRA JÚNIOR

Torto arado.

1.^a ed. Alfragide : Leya, 2019.

BGUC 10-(1)-14-5-21

AMORES, ilha por vezes erradamente identificada com a de Santa Helena ou com alguma do arquipélago de Cabo Verde, foi uma ilha artificial flutuante propositadamente colocada no Atlântico Sul, na rota de regresso da frota de Vasco da Gama, em 1499. Foi preparada pela deusa Vénus com o objetivo de proporcionar um prémio erótico aos marinheiros portugueses, que regressavam da Índia. Para a ocasião, a Ilha foi povoada por ninfas aquáticas, que Cupido, filho de Vénus, tornou amorosas com as suas setas.

A Ilha tinha três elevações («outeiros») de pedra branca, bem providas de fontes e de vegetação, com uma enseada de areia coberta de conchas ruivas, onde os marinheiros desembarcaram, maravilhados e esperançosos de se poderem abastecer de caça fresca. Por intervenção divina, a Ilha estava repleta de árvores de fruto, das espécies que os portugueses conheciam e apreciavam, e povoada de animais pacíficos, cisnes, lebres, gazelas e pássaros variados.

Num dos outeiros, erguia-se um palácio de ouro e cristal, onde a nobre Tétis (uma titânide, filha de Celo e de Vesta) recebeu Vasco da Gama e onde foi servido um grandioso banquete aos seus marinheiros e acompanhantes. No final do banquete, a deusa profetizou o futuro do reino de Portugal, suas descobertas e conquistas territoriais no Oriente. Noutro outeiro (desconhece-se a configuração/função do terceiro), rodeado de uma mata cerrada e cujo topo parecia semeado de esmeraldas e rubis, Tétis mostrou uma esfera perfeita, maravilhosamente suspensa no ar, que representava a *Máquina do Mundo*. A Terra ocupava o centro da máquina e em esferas concêntricas e transparentes representavam-se os movimentos aparentes dos corpos celestes. Perante este prodígio, a semideusa proferiu uma lição de geopolítica, de facto destinada a influenciar a conduta futura do monarca português.

Luís de CAMÕES, 1524?-1580

Lusíadas de Luis de Camoens, principe de los poetas de España ...

En Madrid : por Juan Sanchez : A costa de Pedro Coello, mercader de libros : [por Antonio Duplastre], 1639.

2 vol.

Ex. com notas ms. de Manuel de Faria e Sousa.

BGUC S.P.-Ad-4-2 (vol. 2)

ANTARES é uma pequena cidade, assim nomeada por causa da estrela do mesmo nome, na constelação do Escorpião. O povoado

chamava-se Povinho da Caveira, tendo sido elevado a «Vila de Antares» por Alvará de 1853 e a cidade por Lei Provincial de 1878. Situa-se na fronteira entre o Brasil e a Argentina, a norte de São Borja, margem esquerda do Rio Uruguai e pertence ao Estado de Rio Grande do Sul, mas por razões nunca completamente apuradas, raramente é cartografada, o que motiva repetidos protestos dos Antarianos junto do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Entre a escassa cartografia/iconografia existente, refira-se um plano à escala da praça central da cidade e um desenho (inérito) do seu coreto.

A história de Antares foi marcada pela oposição ancestral e violenta das duas principais famílias de proprietários, os Vacariano e os Campolargo, sanada em 1925 por intervenção do então deputado da Câmara Federal Getúlio Vargas (1882-1954). Antares acompanhou a ascensão deste riograndense à Presidência e dela se aproveitou, sobretudo, o ilustre cidadão Tibério Vacariano, com escritório oportunamente aberto no Rio de Janeiro.

Do ponto de vista económico-social, Antares foi retratada, sob o nome fictício de Ribeira, na monografia *Anatomia duma cidade gaúcha de fronteira* (1964), resultado de trabalhos de campo desenvolvidos pelo Centro de Pesquisas Sociais da Universidade do Rio Grande do Sul.

O que ficou conhecido como o «incidente» começou no dia 13 de dezembro de 1963, e teve eco na imprensa nacional e até internacional, por via das agências noticiosas: começou com uma Greve Geral que paralisou a cidade e que deixou insepultos 7 mortos. Todos os acontecimentos posteriores, com os fantasmas dos falecidos a instalarem-se no coreto, não obstante o assento de inúmeras testemunhas, continuam a ser vigorosamente negados pelas autoridades locais.

Erico VERÍSSIMO, 1905-1975

Incidente em Antares : romance.

[1.ª ed.]. Lisboa : Livros do Brasil, [1971?].

BGUC 6-40-72

ATALISA é uma ilha no Pacífico a 78° O e 33°8' S, relativamente próxima da costa sul-americana. A sua circunstância político-cultural é muito particular: Robinson, considerava-se um súbdito de Sua Majestade britânica, o que não o impediu de se autoproclamar monarca da ilha (Robinson I) e de tentar referendar uma constituição, redigida por ele mesmo. A toponímia da ilha é sobretudo inglesa, mas os autómatos que a povoam expressam-se maioritariamente em francês. Usando das suas prerrogativas reais, Robinson também quererá, a certa altura, alterar toda a toponímia da ilha, para honrar novas personalidades, e mudará mesmo o seu nome para Nagoitapa. Os recém-nagoitapianos aceitaram surpreendentemente bem a nova situação.

Robinson empreende uma experiência de «náufrago voluntário» só ocasionalmente perturbada pelas visitas de turistas, vindos de Comenius Beach. Quando Robinson faz um recenseamento completo, a ilha era habitada por 2 humanos, 19 corvos (do sexo masculino), 2 cabras, 5 papagaios, outros animais de menor porte e 200.037 autómatos diversos. Depois disso, morreu 1 cabra, 1 corvo (chamado Jorge) e 7 autómatos, mas chegaram 8 periquitos, oferecidos pelo Imperador do Haiti.

A ilha tem uma geografia muito variada, vegetação de palmeiras, coqueiros e casuarinas e está bem abastecida de vinhos raros, de charutos e de livros de Filosofia para Robinson e os seus visitantes. Com base nas suas convicções filosóficas sobre o primado da Razão e do Cristianismo, este desenhou um programa educativo para o negro Sexta-Feira (depois Conde de Sadrock, depois Marquês de Klapick-am-Rhein) que, no entanto, falhou estrondosamente, levando-o à rebeldia juvenil e ao crime, à ambição de ver mundo e, finalmente, a abandonar a ilha.

João MEDINA, 1939-

A ilha está cheia de vozes : ou Robinson na ilha dos Autómatos : romance seguido de sete histórias plausíveis : contos.

1.^a ed. Lisboa : Arcádia, 1978.

BGUC 6-36-24-13

ATHENEU ou ATHENAEUM se chamava o melhor colégio masculino do Rio de Janeiro, na época do Império, um complexo erguido no Rio Comprido. O ermo território onde se construíra o Colégio interno estava rodeado de jardins, com abundante arvoredo. Ao fundo, avistava-se a Tijuca. Era dirigido pelo Dr. Aristarcho Argollo de Ramos (dos viscondes de Ramos), uma sumidade pedagógica do seu tempo, assim o proclamavam os anúncios do estabelecimento e os livros coloridos, que o pedagogo distribuía gratuitamente pelas escolas públicas.

O Atheneu abrigava, entre as suas atividades extra-escolares, um *Grémio Litterario Amor ao Saber*, com uma biblioteca, que assegurava duas sessões publicas por ano e publicava um boletim. Tinha banda de música e *Orpheon*.

Antes de ter sido consumido por um incêndio, malevolamente ateadado por um aluno, o Atheneu desenvolvia-se em torno de um enorme pátio, onde pontificava o busto do Dr. Aristarcho, inaugurado com a presença da Princesa do Brasil. O edifício principal, onde se realizavam os atos solenes, tinha majestosa porta de entrada dando para um átrio com dois relevos em gesso: uma alegoria às artes e ao estudo (dir.) e às indústrias humanas (esq.). As paredes da ante-sala imitavam pórfiro verde e nos baixos deste edifício, ficava a cafúa, solitária cela de detenção escolar.

Em pavilhão independente, ficavam um recreio interior, a sala da banda de música, 2 salas de aula do curso primário e a sala do professor Manlio. Noutra pavilhão de tijolo, um espaço de estudo no rés-do-chão e um dormitório no 1º andar. Os vários dormitórios eram conhecidos pela cor do papel de parede: salão pérola, verde, amarelo, azul, floresta. Havia uma Capela e um refeitório. Um tanque de 30 por 5 metros acolhia dois banhos por dia. O complexo abrigava ainda a moradia do Diretor com a enfermaria.

Raul de Ávila POMPEIA, 1863-1895

O atheneu : chronica de saudades.

5.^a ed. definitiva conforme os originaes e os desenhos deixados pelo autor.

Rio de Janeiro : Livraria F. Alves, [19--?].

UCFL I.E.Brasileiros 7-9-8

BAIRRO DOS ESCRITORES situa-se em Lisboa e seria um bairro tão «very typical» como outros da capital portuguesa, se não fosse não se estabelecerem aí facilmente relações de vizinhança; aliás, os escritores são universalmente conhecidos pela sua mútua aversão e constante rivalidade. Caso paradigmático é o de Henri Michaux, que habitando no mesmo prédio de Melville, Cortázar e Gogol, apenas parece interessado nos seus copos de absinto, não se lhe conhecendo interações com vizinhos. Em relação a Breton e Swedenborg, também vizinhos, face aos documentos até agora disponíveis, também não se pode confirmar que se conheçam, embora tal seja provável, porque Breton «conhecia praticamente todos os seus vizinhos». Sabemos que gosta de conversar com Juarroz, com Elliot e com o loquaz Kraus e que conhece (só de vista?) Valéry e até Duchamp, que considera «um indivíduo demasiado privado». No Bairro têm a sua morada 39 intelectuais, mas um deles, o Senhor Walser, fez construir a sua primeira casa em plena Natureza, a uma distância considerável; tão considerável que os operários que vinham fazer reparações na casa, acabavam por lá ficar a dormir para o dia seguinte. Espera-se a cada ano que o esquivo J. D. Salinger se mude para o Bairro.

Na forma como os escritores se distribuem pelas casas parece existir uma ordem subtil e não-explícita: quase como numa classificação de biblioteca pensada por afinidades intelectuais entre eles. Verificamos que num dos prédios mais altos, por exemplo, moram só autores que têm também obra plástica e performativa, Warhol, Duchamp, Corbusier, Lloyd Wright e a Senhora Bausch. Contudo, acerca das interações entre eles, nada se pode acrescentar, de momento.

O único mapa conhecido e publicado d'O *Bairro* é um desenho de Rachel Caiano.

Gonçalo M. TAVARES, 1970-

O Senhor Valéry / des. Rachel Caiano.

[1.ª ed.]. Lisboa : Caminho, imp. 2002.

BGUC 7-75 B-9-2

BALIR é a capital de um reino composto por diversas ilhas, habitadas pelos Balinos. A 6 horas (por mar) da capital, fica a ilha chamada dos Naufrágios «apartada cousa de vinte léguas [marítimas?] de um continente» não nomeado, provavelmente a África, porque os seus mares são frequentados por navios mouriscos. A Ilha dos Naufrágios tem forma sensivelmente circular, com 14 léguas de circunferência e só na maré alta é acessível aos navios. Tem mais de 4 mil habitantes. A Ilha de Olim, onde reside o rei, é a principal, mas o reino também possui terras inabitadas, como a Ilha dos Penhascos, mais pequena e incapaz de sustentar qualquer agricultura, por ser excessivamente pedregosa.

A agricultura é a principal ocupação e interesse dos Balinos, o que pode justificar que na própria capital não haja construções monumentais, mas apenas moradias, cada uma com seu jardim e horta, dando ao visitante a ideia de que toda a cidade é uma grande aldeia. A chegada de estrangeiros a Balir é muito rara, mas sempre que possível é aproveitada para discutir os progressos de outros reinos, em «Disputas Literárias» a que o rei preside pessoalmente. Os assuntos tratados são de natureza prática ou especulativa: as práticas agrícolas, o melhoramento das espécies e dos solos, a origem das fontes, a circulação do sangue, a cosmogonia ou a igualdade entre homens e mulheres.

O povo Balino é simples e feliz, satisfeito com o seu amor ao trabalho, a obediência às leis e o respeito pelos direitos dos outros. Não

parece interessado por produtos de luxo, que consideram inúteis, e que o seu rei julga até perniciosos. A alta consideração que mostram pelas mulheres não admite sequer o conceito de trabalhos femininos.

Luís Caetano de CAMPOS, 1750?-1820?

Viagens d'Altina, nas cidades mais cultas da Europa, e nas principaes povoações dos Balinos, povos desconhecidos de todo o mundo.

Lisboa : Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira : Vende-se na loja da Viuva Bertrand, e Filhos, 1798- ?

4 vols.

BGUC 5-(4)-1-34-47 (tomo 1)

CALEMPLUI é uma ilha provavelmente situada na costa da China ou da Coreia. Descrições do século 16 referem a existência de uma muralha de mármore com 26 palmos de altura acima do rio, construída tão perfeitamente que parecia de uma só peça. A muralha era encimada por uma balaustrada de mármore e um gradeamento de bronze, encerrando uma enigmática construção disposta em vários círculos concêntricos. O primeiro círculo era decorado com estátuas femininas, cada qual com uma bola na mão. O segundo círculo possuía estátuas de monstros de ferro fundido dando-se as mãos, assustadoras para qualquer potencial salteador. O terceiro círculo era composto por belos arcos e o quarto preenchido por uma floresta basta de laranjeiras anãs. Os únicos habitantes permanentes da ilha eram cerca de 360 monges (e seus 40 serviçais), que cuidavam das «capelas» existentes no quinto círculo, cada uma dedicada a um deus diferente. No centro de tudo, erguiam-se sumptuosos edifícios com fachadas cobertas de ouro, cuja função permanece desconhecida.

Acreditando que aí se situariam os túmulos de 17 Imperadores antigos, o corsário português António de Faria (151?-1548?) decidiu assaltar a ilha, em 1542. Partiu com 2 navios da «feitoria» portuguesa de Liampó, uma ilha ao largo da atual Níngbō (), acompanhado do

pirata chinês Similau, com 90 marinheiros e escravos, 56 portugueses e um padre e chegou a pilhar valiosos artefactos de prata, antes de ser obrigado a fugir. O episódio provocou, no imediato, um surto psicótico ao saqueador (que logo se perderia num tufão com os seus barcos carregados) e pode ter contribuído, a prazo, para uma retaliação das autoridades chinesas, que assaltaram e destruíram totalmente o estabelecimento português de Liampó, em 1548-49.

Fernão Mendes PINTO, 1514?-1583

Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto, em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sarnau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais...

[1.^a ed.]. Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de Belchior de Faria, 1614.

BGUC V.T.-9-7-1

CIDADE DOS CEGOS é uma cidade com qualquer outro nome, que ignoramos, e que ganhou esta designação depois de atingida por uma epidemia nunca vista: uma cegueira branca e repentina, aparentemente contagiosa, que as autoridades chamaram (sempre de forma provisória, antes de adicionais esclarecimentos científicos) o «mal-branco». No início, as autoridades reagiram, tentando identificar e confinar todos os doentes sintomáticos e todos os possíveis infetados, para quebrar as cadeias de infeção; se acaso infeção fosse, o que, realmente, nunca ficou determinado. Antes das instituições colapsarem totalmente (desde logo os bancos, sujeitos a uma corrida aos levantamentos que levou a falências em cadeia), os vaticínios otimistas do governo garantiram sempre aos cidadãos que a situação estava controlada, multiplicando *manu militari* quarentenas inúteis e insustentáveis face ao progresso imparável do «mal-branco».

Com os sucessivos colapsos da eletricidade, água corrente, transportes ou órgãos de comunicação, durante os meses em que a pandemia grassou, toda a cidade se foi desorganizando. Onde antes os habitantes se queixavam de engarrafamentos de trânsito, passaram a acotovelar-se os cegos, deambulando em busca de comida, sós ou em grupos, tropeçando no lixo e em carros abandonados pelas ruas, como um escritor a descreveu: «o que ali estava não era uma cidade, era uma extensa massa de alcatrão que ao arrefecer se moldara a si mesma em formas de prédios, telhados, chaminés, morto tudo, apagado tudo».

Assim como começou, o «mal-branco» desapareceu e a visão foi restituída (a quem a tinha antes), apenas para os habitantes se depararem com uma cidade silenciosa e putrefacta, de mortos insepultos, excrementos e víveres apodrecidos, espalhados por toda a parte. Mas, evidentemente, todos festejaram o fim da pandemia, que os tinha alterado para sempre.

José SARAMAGO, 1922-2010

Ensaio sobre a cegueira : romance.

[1.ª ed.]. Lisboa : Caminho, 1995 imp.

BGUC RC-96-10

CIDADE DO SOL ou HELIÓPOLE foi planeada por um Conselho de 7 teósofos (Heptarquia) e levou 7 anos a construir. É uma «república minúscula, socialista, independente» criada no início do século 20 numa propriedade de 2 mil hectares, nas faldas de um monte ermo, a cerca de 80 quilómetros de Lisboa. A cidade é completamente murada e os seus habitantes são voluntários. O mentor do projeto foi Sérgio Ária de Castro, o proprietário da Quinta de São Marcos (onde Heliópole foi edificada) e da qual só resta o velho casarão armoriado, bastante arruinado.

Planeada para albergar 8 mil almas, nunca chegou a contar com esse número de residentes. A avenida principal, dita do Nazareno,

começa nas Portas do Ouro e termina no Templo da Verdade, de arquitetura claramente egípcia. O facto de as restantes avenidas se chamarem Hórus, Ísis, Osíris e Buda, sugere algum sincretismo religioso nas crenças propostas aos Irmãos. Uma vez aceite a admissão de um novo habitante pelo Conselho, ele deve entrar pelas Portas do Ouro, que se voltarão a fechar: a reclusão autoimposta é por regra irreversível e qualquer comportamento desviante no interior será curado em estabelecimento psiquiátrico próprio. Dado o cuidadoso equilíbrio da alimentação, do trabalho e do lazer, a saúde dos habitantes é geralmente excelente e os esforços para o seu desenvolvimento psíquico são constantes. A organização do trabalho (seis horas diárias, apenas) é de natureza corporativa e a Heptarquia (dotada de poderes psíquicos muito desenvolvidos) vela pela boa saúde e pela satisfação das necessidades da comunidade.

Certa vez, a Cidade do Sol foi atacada do exterior, mas derrotou os seus oponentes com armas mentais, e considera-se hoje pronta a servir de modelo à criação de comunidades espirituais semelhantes por todo o mundo.

José Manuel Sarmiento de BEIRES, 1892-1974

A cidade do Sol.

Porto : Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa : Edições Afrontamento, 2011.

BGUC 10-(1)-8-48-14

EUFRÁSIA ou AUFRÁGIA, cidade muito antiga de que apenas restam vagas ruínas, situada numa região outrora rica, próximo dos rios Vizela e Ferro, sucessivamente ocupada por diversos povos, desde a época megalítica. Cerca de 1000 a. C., sob a chefia de Guntão, a povoação primitiva acolheu um grupo de refugiados mesopotâmicos liderados pela princesa Eufrásia, que aí introduziram a metalurgia e a tecelagem e vieram a fundar uma cidade, a que chamaram Eufrásia,

em homenagem à sua Princesa. Próximo da cidade, existiam furnas sulfurosas, desde sempre usadas com propósitos medicinais pelos seus habitantes e onde os imigrantes construíram umas «Termas de Queima Terra».

A cidade situava-se por esse tempo em território do povo Ibero, ao qual estava administrativamente sujeita. Os imigrantes orientais trouxeram para a região o culto do «réptil Vudú», em honra do qual erigiram um magnífico templo. A cidade prosperou apenas pouco mais de cinquenta anos, até ser destruída e a maioria dos seus habitantes morta por um exército persa, que na retirada levou consigo a estátua de ouro do «réptil Vudú».

56 sobreviventes deste violento ataque dividiram-se em quatro grupos e dispersaram em busca de outros locais onde se pudessem estabelecer. Um grupo foi fundar povoação no Monte de Santo Ovídio (Fafe), outro viajou para a região de Arganil, onde estabeleceu uma cidade com o mesmo nome Aufrágia, e dos restantes não se apurou ainda que trajeto levaram e qual o seu destino. Lendas locais ainda recordam na Beira Alta a cidade Aufrágia, todavia sem qualquer memória da sua antecessora de Monte Longo, no Minho.

José Salgado LEITE, 1948-

Reminiscências do tempo e agilidade nos dedos.

[2.^a ed.]. Porto : 5livros, 2020.

A 1.^a ed. foi retirada por ter saído com um erro no tít. da capa.

BGUC 4-(1)-39-16-24

FLANDIA ou **FLÃDIA** já não existe, mas ainda hoje pode ser visitada por turistas, porque tudo aí continua a funcionar automaticamente, mesmo sem pessoas. Na cartografia disponível, era uma ilha sensivelmente circular com uma geografia bem planeada (por exemplo, afastando as cidades das reservas de água) e usando os mais modernos sistemas de mobilidade podia ser atravessada em 2

horas, em qualquer direção. A Flandia (grafia que preferimos aqui) era rodeada pelo Olival, espaço (e continente?) imenso de onde provinham a maioria dos trabalhadores e operadores dos seus serviços administrativos. Nativos ou residentes, todos os habitantes de Flandia se chamavam flans. A generalização da digitalização, a oficialização do multilinguismo e do multiculturalismo de que os flans tanto se orgulhavam e a exploração incessante de conflitos entre as nações do Olival garantiam a Flandia uma boa qualidade de vida, exigindo até um consumo permanente, já que tudo era obrigatoriamente reciclado. Para um oliveense (etnónimo grafado, por erro, *oliveirense*, p. 29), a Flandia parecia um paraíso.

Na ilusão de um desenvolvimento contínuo a que chamavam Progresso, todos os anos algum novo serviço da Flandia era automatizado: um dos primeiros foi o de Correios e dos Transportes Automáticos, o que dispensou os flans de se deslocarem sem ser para recreação. 85% dos flans passaram a estar em teletrabalho. Tudo foi sendo digitalizado, automatizado, robotizado. Por último, foram os cuidados de saúde nos hospitais centrais, quando a doença que chamaram «da Resignação» ou «doença de Aurora» começou por atingir crianças entre os 6 e os 8 anos de idade, que adormeciam permanentemente. À perturbação social que tal provocou veio a chamar-se a «Catástrofe», finalmente responsável pelo colapso da Flandia.

Patrícia PORTELA, 1974-

-Hífen- : com receitas de Annick Gernaey (e arroz de castanhas da casa).

1.^a ed. Alfragide : Editorial Caminho, 2021.

BGUC 4-(1)-18-15-42

FLORESTA BRANCA situa-se perto da aldeia Chora-Que-Logo-Bebes, oculta por trás de um Muro quase inacessível. Geograficamente, não há dados que permitam localizar a aldeia das pessoas choramingas, mas, culturalmente, parece claro que ela se situará

algures em Portugal. Do outro lado do Muro, existe um Mundo da Imaginação Mágica que abriga criaturas do folclore tradicional português (fadas, bruxas, gigantes, o Príncipe Orelhas de Burro, a Bicha de Sete Cabeças) e todas aquelas, extravagantes, que as crianças nalgum tempo inventaram (pedras com dentes ou árvores com braços). O número de residentes desta “reserva” deve ser muito considerável, porque já no tempo em que foi descrita por João Sem Medo, nos anos 30, havia pelo menos 46.734 princesas. João Sem Medo, um nativo de Chora-Que-Logo-Bebes, galgou certo dia o Muro e, uma vez dentro da Floresta, viu-se obrigado a escolher um dos dois caminhos tradicionais das histórias: escolheu o caminho da Infelicidade, já que para seguir o da Felicidade teria de se sujeitar a que lhe cortassem a cabeça, para não pensar. Não foi uma escolha difícil porque, para ele, a «Felicidade consiste em resistir com teimosia a todas as adversidades».

Em perfeita correspondência com os exóticos habitantes de Floresta Branca, os topónimos e antropónimos que aí se encontram são ainda mais delirantes, por exemplo o Oásis da Felicidade Verde, a Colina de Cristal, a Cidade da Confusão, a Sala sem Portas, a Clareira dos Ossos, ou a Bruxa da Felicidade-À-Força, a Fada Lugar-Comum e até a Princesa do Reino-que-não-há-meio-de-deixar-de-ser-nuvem.

O funcionamento desta imensa reserva de entes fantásticos não prescinde, contudo, de burocracias e de regulamentos, frequentemente invocados aos visitantes pelas criaturas encarregadas de os aplicar.

José Gomes FERREIRA, 1900-1985

Aventuras maravilhosas de João Sem Medo : romance.

[1.^a ed]. Lisboa : Portugália Editora, 1963 imp.

BGUC 5-62-4

GAFEIRA é uma aldeia situada a 150 quilómetros de Lisboa, junto à costa e ao pântano da Urdiceira. No século 18, um tempo já de

decadência da aldeia, tinha 1044 habitantes, mas hoje reduziu-se ainda mais a um pequeno número de casas em torno de um Largo de grandes, de facto, de enormes dimensões, com um também enorme muro de granito, que parte das traseiras da sacristia da igreja, e onde se pode ver embutida uma lápide romana com o texto seguinte:

ISIDI DOMIN—

M. OCT. LIB. THEOPHILVS

Na sua *Monografia do Termo da Gafeira* (Leiria, 1801) o abade Agostinho Saraiva interpreta erradamente esta inscrição, supondo que se refere a ruínas de umas termas construídas por «Octavius Theophilus, Pai da Pátria» e que imagina «que serviram aos banhos ímpios da tropa romana e às orgias dos adoradores de Baco a cujos desmandos se acolhiam...» (cap. VI, f. 87v).

Na aldeia existem tabernas, casas de comércio e uma Pensão de Caçadores, destinada aos que anualmente se dirigem à Lagoa, a alguns quilómetros da povoação, para a caça aos patos. A Lagoa da Gafeira tem a forma aproximada de uma pata de ganso e está quase permanentemente coberta por neblinas. Nas marés-vivas, é invadida pelas águas do mar, que lhe dão abundância de enguias. Desde tempos imemoriais, tinha sido propriedade dos Palma Bravo, uma família de antigos Couteiros-Mores, que regularam as licenças de caça até aos anos 60 do século 20.

A Casa da Lagoa, residência dos Palma Bravo, é um solar oitocentista construído sobre um plano térreo mais antigo de cavaliçadas, hoje adega (o *bodegón*), a única parte da casa que sobreviveu à explosão, acontecida quando 3 carvoeiros fabricavam pólvora para as munições miguelistas. A Casa encontra-se atualmente em apressada ruína, depois do súbito desaparecimento (1967) do 11º varão nessa família com o nome Tomás Manuel.

José Cardoso PIRES, 1925-1998

O Delfim : romance.

[Lisboa] ; São Paulo : Moraes Editora, 1968.

BGUC 5-42-12

HIC-HEC-HOC é uma minúscula cidade de montanha, a mais alta do país, da Europa, «quicá do planeta», como arrisca dizer o Senhor Nicolau, Secretário da Câmara. Devido à altitude e falta de oxigénio, é uma cidade onde tudo acontece muito devagar e onde os próprios habitantes falam pausadamente. Há quem diga, em baixo, no vale, que os estudantes de Hic-Hec-Hoc «são de compreensão lenta», mas estes argumentam que «tem de se estudar devagarinho para que a sabedoria assente» e outros sentenciam que os estudantes que demoram dois ou mais anos para fazer o ano escolar «só provam o seu enorme amor ao estudo!».

Já tarde, pelos finais do século 19, chegou à cidade um certo Senhor Ox, muito determinado em conseguir que o Presidente Vandan concordasse com a instalação da iluminação pública com *gás oxihídrico*. Obtida a devida autorização, as obras foram realizadas por uma equipa de fora, especializada. Concluída a obra, os habitantes começaram a notar que as coisas acontecem mais rapidamente e que eles próprios falam com menos pausas e se comportam com muito menos paciência. As primeiras vítimas dessa crescente impaciência são o Presidente Vandan e o seu Secretário Nicolau, que chegam a bater-se em duelo.

A iluminação pública será inaugurada com um baile de máscaras, na Câmara Municipal. A este baile irá comparecer Hidris, a filha do Senhor Ox, que finalmente explicará como as condutas instaladas por toda a cidade se destinam a espalhar um gás tóxico, que altera o comportamento humano. Com a fórmula que inventou, quando procurava criar um acelerador do crescimento das plantas, o fisiologista Ox julga-se capaz de empolgar as multidões e de acelerar a história do mundo. Contudo, o dispositivo é sabotado por Hidris e explode, perdendo a cidade a sua iluminação pública, mas ganhando a tranquilidade e a paz.

António TORRADO, 1939-2021

O mistério da cidade de Hic-hec-hoc : livremente inspirado no conto Doutor Ox de Júlio Verne.

1.^a ed. [S.l.] : Calendário, 2008.

BGUC 9-71-16-96

ILHA DESCONHECIDA foi o nome dado a uma ilha situada no Oceano Atlântico, estranhamente nunca cartografada, apesar de distante poucos graus da habitual rota dos navios que navegam da América para a Europa. Ignora-se qual seja o nome pelo qual os habitantes se referem a esta «certa espécie de república democrática», como diz um relato feito em 1816 por um português, que se esconde sob as iniciais A. P. B. (Bernardo José Alcobia?).

A Ilha Desconhecida tem 300 milhas de circunferência e é quase perfeitamente circular. No centro, existe uma colina regular, que as casas dos colonos rodeiam completamente. No interior desse círculo, vivem as mulheres, retiradas da vida pública da «colónia» e convivendo apenas entre si, fora das vistas dos homens. O clima é ameno e a ilha é frondosa e abundante de águas.

É habitada pelos descendentes de um grupo de espanhóis, aí naufragados em 1493. Entre si, não têm hierarquias e a participação em órgãos de governação é rotativa. Os bens produzidos por todos, que alternam as suas profissões de 5 em 5 anos, armazenam-se em celeiros públicos e são distribuídos segundo as necessidades de cada família. Os pleitos judiciais não são tolerados. Os casamentos são determinados superiormente por um Magistrado dos Matrimónios, que constitui os casais mediante critérios de idade e de aptidão física e mental dos nubentes. Os casamentos não se solenizam com qualquer cerimónia. Também não existem religiosos profissionais na ilha.

O Conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago, apesar da coincidência do nome, não se refere a esta ilha caribenha nem, de facto, a ilha nenhuma, uma vez que o «descobridor» nunca chegou a zarpar do porto.

Jorge Miguel Bastos da SILVA, 1971-
Utopias de cordel e textos afins : uma antologia.
1.^a ed. Vila Nova de Famalicão : Quasi, 2004.
BGUC 8-(2)-22-6-55, p. 132-141

IRMÂNIA é uma ilha que, de tempos a tempos, acolhe algum naufrago da «Velha Civilização». A chegada de estranhos tem trazido sempre alterações ao modo de viver dos habitantes. Uma lenda assegura que um desses naufragos arrojados à ilha, um ancião que dominava uns poucos de idiomas diferentes, lhes ensinou, pouco a pouco, a língua que hoje se fala em Irmânia. Trata-se de uma língua novilatina, que o nome da ilha parece confirmar porque «Irmânia» só pode derivar diretamente da palavra portuguesa «irmão»: Irmânia será, então, uma «terra de irmãos». Os habitantes são «um povo livre e feliz», como verificará outro naufrago, Manfredo, que ali encontrará ampla confirmação das suas crenças e aspirações «naturistas». Manfredo também será uma influência importante nesta comunidade, fundando escolas para crianças e adultos, difundindo conhecimentos científicos sintéticos e claros e sugerindo a adoção do francês, como língua «de uso quase mundial».

O clima de Irmânia é temperado, os habitantes vestem-se com simples túnicas e sandálias e são exclusivamente frugívoros (alimentam-se de frutos). A mera ideia de comer cadáveres de animais é repugnante para os Irmanianos. O dinheiro não existe (praticam a troca direta), não existe autoridade política (a autoridade moral é reconhecida e naturalmente aceite) nem domínio do homem sobre a mulher. A sua sociedade realiza, assim, um ideal que combina o *comunismo* no que respeita à posse comum do solo e o *individualismo* no que toca aos frutos do trabalho de cada um. O planeamento urbano é inexistente, mas no centro da Ilha existe um Jardim Público, criado e mantido por todos.

Por influência deste utópico «País do Bem, Pátria da Verdade», o republicano Basílio Lopes Pereira (1893-1959) tentou adotar este nome

para a aldeia de Marmeleira (Mortágua), tentativa ainda hoje lembrada pela criação de um Núcleo Museológico e de uma Rota Cultural.

Ângelo JORGE, 1883-1922

Irmânia : novella naturista.

[1.ª ed.]. Pôrto : Sociedade Vegetariana, [1912].

BGUC 7-38-10-64

KATALÓNIA ou REINO CIRCULAR, assim chamado pela forma geométrica que lhe deu o seu criador e monarca Akalino, que reinou em tempos fabulosos, durante mais de 400 anos.

A localização do reino e a história da civilização de Katalónia, algures na Ásia Menor, são desconhecidas porque delas apenas sobreviveu um texto particular de um dos cronistas oficiais de Akalino. As crónicas elas próprias não se encontraram, apenas esse texto foi exumado dentro de um vaso de barro, numa gruta da Pérsia Central. Uma comissão de académicos considerou-o como falsificação, contudo, alguns eruditos apontam para circunstâncias do achado e para características materiais que indicariam a manifesta genuinidade desta descoberta espeleológica. Aparentemente, a discussão não está encerrada.

Situado, em tempos muito remotos (pré-diluvianos?), numa região da Filitânia, o reino circular tinha no seu centro geográfico a capital, Obsalon, uma cidade também perfeitamente redonda. Em círculos concêntricos, em torno de uma vasta praça, situavam-se as casas dos industriais e banqueiros, dos altos funcionários reais, dos artífices, servos e intelectuais. No centro da cidade, erguia-se uma torre literalmente de marfim, com uma centena de andares, que consumiu na sua construção as presas de 200 mil elefantes. O plano tinha sido do próprio rei, que habitava recluso no último andar da Torre e que de uma plataforma no seu topo podia observar toda a cidade e até todo o reino com um enorme telescópio de mais de 10 metros de

tubo ótico. O seu poder, que os cronistas oficiais interpretavam como benevolente, era, de facto, absoluto e despótico. "*Circular no território, circular na consciência*", as crenças religiosas distinguiram-se mal das políticas, acumulando Akalino a função de rei e de encarnação viva da principal divindade, *Igú*, o Sol.

Mário BRAGA, 1921-2016

O reino circular: a história maravilhosa do cronista Akalino, sentinela e inventor do reino da Katalónia.

[1.ª ed.]. Coimbra : Atlântida, [1969].

BGUC 5-20-29

LAMEIRO é uma vila situada numa península com o mesmo nome, que de facto não é muito mais do que uma longa restinga de areia na parte norte da Ria de Aveiro, concelho de Ovar. A povoação foi fundada por pescadores vindos de Furamar, mais a Norte. A rua central da povoação, de terra batida, assenta em posição praticamente paralela à linha de costa, tem um posto dos Correios e uma modesta pensão e outrora teve Escola primária. No extremo da península do Lameiro, «entre a foz da Ria e um vasto pântano», existe um quartel abandonado pelos militares, nos inícios do século 20. O quartel do Tremedal é constituído por 3 edifícios implantados em «U», no centro de um recinto cercado por muros altos. Decerto com cumplicidades corruptas de «alguém alto na hierarquia» do governo português, e devidamente vigiado pela PVDE, um tal Dr. Adolf Spiegelmann instalou-se aí, nos anos 30. Praticava gratuitamente a profissão de médico entre os pescadores.

Na sequência de uma série de mortes inexplicadas, Álvaro Alves, conhecido nos meios policiais como o «Sentinela», é chamado à vila por um velho conhecido, o professor Bernardo Borges, que se encontrava gravemente doente. No meio de inúmeras peripécias, Alves descobre uma operação secreta do médico nazi para produzir e con-

trolar mutações anfíbias em certos humanos por meio de drogas, ao serviço de confessados objetivos militares. O Dr. Adolf Spiegelmann (aliás, Prof. Adolf Dunkelhertz, da Universidade de Munique), os seus colaboradores, as pobres vítimas das suas experiências e o próprio quartel serão destruídos num cataclismo protagonizado pelo deus marinho *Dagon*, Pai dos Profundos.

Luís Filipe SILVA, org.

Os anos de ouro da pulp fiction portuguesa / org., introd. Luís Filipe Silva ; colab. Luís Corte Real.

1.^a ed. Estoril : Saída de Emergência, 2011. Pp. 133-158.

BGUC 10-(1)-12-11-28

LISO DO SUSSUARÃO localiza-se no extremo oeste de uma extensa região à margem esquerda do rio São Francisco, em Minas Gerais, já perto da fronteira com a Bahia.

O Liso, que localmente há quem chame também «raso» ou «tableiro», é uma área plana de 50 léguas de comprimento por quase 30 de largura. O local não é habitado nem frequentado pelos sertanejos, que o receiam, porque, como lá dizem, «o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva (...) quando a gente entesta com aquilo o mundo acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo». É praticamente um deserto, quente, sem água, onde nem capim para os cavalos habitualmente se encontrava. Tem-se observado que até os pássaros evitam o local, e que deles não existem cadáveres, nem sequer excrementos. Contudo, quase como se fosse um sítio espiritual, o Liso do Sussuarão revela-se hostil ou amável consoante as intenções e motivações dos que o procuram atravessar. A paisagem é de pedra quase toda azul e o terreno de areia, ressequida como cinzas, mas houve quem relatasse avistamento de abelhas, de aranhas e de formigas, o que deixa supor que não seja totalmente estéril. A aridez pode ser enganadora,

e ocasionalmente oferecer dádivas inesperadas: «em lugar onde foi córrego morto, cacimbada d'água, viável, para os cavalos».

Como todo o sertão brasileiro, o Liso está hoje muito ameaçado pelo avanço desregulado da agroindústria, apesar de estar criado pelo avanço desregulado da agroindústria, apesar de estar criado um *Parque Nacional Grande Sertão Veredas*, localizado no coração do Sertão de Riobaldo. Entre Minas Gerais e Bahia, com sede no município de Chapada Gaúcha, o Parque possui uma área de 231.668 hectares, manifestamente pequena para dar proteção efetiva. O Parque é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

João Guimarães ROSA, 1908-1967

Grande Sertão : veredas.

[1.ª ed.]. Rio de Janeiro : Livr. José Olympio, 1956.

UCFL I.E.Brasileiros 6-9-23

MYLESAS, ilha do Oceano Pacífico lembrada por ter sido palco de uma iníqua experiência «científica» conduzida a instâncias do seu governante. Na sequência desses acontecimentos, os jornalistas crismaram a ilha como Fobolândia ou Ilha Maldita. A história conta-se brevemente: o rei Zebú, que tinha algumas luzes recebidas em Oxford e Leipzig, quis modernizar a sua ilha e ocidentalizar o seu governo, mas sem qualquer sucesso, perante o peso dos costumes e tradições atávicas do seu reino polinésio. Fingindo desistir do seu intento, mandou chamar o professor Wilpert para operar uma «correção psicológica» dos seus súbditos, manipulando a água da ilha.

O químico e fisiologista Bernhard Wilpert (m. 1929) tinha sido durante a Grande Guerra muito aclamado pelos seus contributos na criação de fertilizantes por extração de químicos da atmosfera. Cientista escrupuloso, Wilpert não tinha sequer suposto passar para uma fase digamos «experimental» as suas atuais ideias acerca da

«alteração do carácter humano por meio de intervenção no quimismo do cérebro e do fígado» até ter sido desafiado pelo rei Zebú a deslocar-se para a ilha remota, com o seu laboratório.

Adormecidos alguns escrúpulos pelo facto de os indígenas serem seres «inferiores», que bem podiam ser sacrificados ao progresso da Humanidade, Wilpert conduziu uma experiência, que relatou em *Prometheu: Revista de exposição e crítica das audácias científicas do século XX*. Com o tempo, os resultados sociais e políticos revelaram-se brutais e inesperados e Zebú acabou por pedir a Wilpert que revertesse as transformações introduzidas, o que este foi incapaz de fazer. A situação só foi finalmente corrigida pela filantropia de um bem-humorado americano, que inundou a ilha de dinheiro, de *gadgets* e de bem-estar económico.

Fidelino de FIGUEIREDO, 1888-1967

Uma viagem à Fobolandia : quasi novela.

[1.^a ed.]. Porto : Oficinas de Fotog. de Marques Abreu, 1929.

BGUC 5-2-22

PASÁRGADA é um reino em relação ao qual o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado apenas regista a forma «Pasárgadas», no plural. A sua localização não é conhecida, mas o facto de o nome ser de origem persa (پاسارگاد, transl. Pāsārgād) e significar «campo dos Persas» ou «tesouro dos Persas», permite supor, com alguma razoabilidade, que se localize no Próximo-Oriente. Não deve ser confundida com a sua homónima, a antiga capital do Império Aqueménida, hoje situada na República Islâmica do Irão. Com efeito, essas ruínas, que são Património da Humanidade, ficam numa região árida, enquanto Pasárgada está situada numa costa marítima, com acesso à praia e a um rio, cujo nome não ficou registado, mas que é utilizado para lazer, tanto por habitantes locais como por visitantes.

O regime político de Pasárgada é monárquico, governada por um Rei considerado amigo do poeta brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968). Ainda hoje não está esclarecido como essa amizade se estabeleceu, mas Manuel Bandeira faz remontar o seu contacto com Pasárgada aos seus 16 anos, o que o remeteria para o ano de 1902, pouco antes de se manifestar a tuberculose que marcaria a sua vida.

As mulheres de Pasárgada são consideradas muito belas, livres de costumes, e a prostituição é socialmente aceite. Para estes comportamentos dos seus habitantes muito pode ter contribuído o acesso generalizado a processos anticoncepcionais seguros. Pasárgada veio a representar na língua portuguesa um lugar onde a vida é melhor, um símbolo de liberdade e de hedonismo, nesse sentido consagrada num grande e popular concurso literário promovido em 2009 pela Litteris Editora, do Rio de Janeiro (Brasil).

Manuel BANDEIRA, 1886-1968

50 poemas : escolhidos pelo autor.

[1.ª ed.]. [s.l.] : Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, [1955].

Com uma Dedicat. e um cartão do Aut. oferecendo 3 ex. a Joaquim de Carvalho.

UCFL S Joaquim Carvalho 13-1-43

REDENÇÃO foi o nome que um naufrago, sueco e engenheiro de minas (de quem conhecemos o *Diário*, mas ignoramos o nome), deu à ilha deserta onde naufragou e onde viveu com uma jovem americana durante 7 anos, entre 1914 e 1921. Seguindo os princípios do «naturismo higienista», de que era adepto, viveram ali em saúde e felicidade e tiveram 2 filhos, de forma totalmente natural. Acabaram por ser salvos e por completar a viagem marítima para São Francisco da Califórnia, o destino inicial do paquete em cujo naufrágio se tinham perdido.

A ilha que chamaram Redenção é das mais pequenas do arquipélago das Galápagos, no Oceano Pacífico e é basicamente constituída por uma praia em torno do cone de um vulcão extinto, com um lago central. A água é abundante, caindo em cascatas naturais e em chuvadas diárias, típicas dos climas equatoriais onde se situa. A única dieta dos náufragos durante a estância na ilha foram frutas. Tal reforçou a convicção dietética que os náufragos já tinham, bem materializada na invejável saúde dos filhos aí nascidos, e apontou-lhes para um caminho de «redenção» da espécie humana, na adoção de uma dieta natural frugívora. Depois de novamente resgatados para a «civilização», tentaram dar notícia ampla dessas vantagens, proferindo conferências e escrevendo livros.

Em 1922, começaram a planear regressar à Ilha para aí instalar uma Escola Prática de Puericultura Naturista, onde se ensinasse a repor a sanidade natural nos corpos desequilibrados dos civilizados americanos. As gerações mais novas e ainda menos envenenadas pela civilização eram a principal preocupação deste casal, pensando que poderiam ser elas, talvez um dia, a ditar um novo sentido da vida e do mundo em sociedade.

Amílcar de SOUSA, 1876-1940

Redenção : novela naturista.

[1.^a ed.]. Porto : Livraria Editora Carlos Ventura : [Livraria Catolica Portuense], 1923.

BGUC 5-3-14

SANTA FÉ começou por ser estância do Coronel Ricardo Amaral e a povoação foi estabelecida pelo seu filho, o Major Chico Amaral, a partir de 1803-1804. O território tinha-se chamado Sete Povos das Missões, administrado por jesuítas na margem oriental do rio Uruguai. Pelo Tratado de Madrid (1750), todo o território de Rio Grande de São Pedro fora mandado entregar à Coroa Portuguesa «com todas

as suas Casas, Igrejas e Edifícios» e com a obrigação de deslocar os indígenas dessas terras. Do estabelecimento primitivo restam, entre o mato, as ruínas das igrejas de Santo Ângelo e de São Miguel. Em 1833, chegaram os primeiros imigrantes alemães e o povoado foi elevado a vila, em 1834. Em 1850, Santa Fé foi elevada a Cabeça de Comarca e, em 1884, a cidade. O cemitério fica a um quarto de légua do centro da povoação, junto à atual estação de comboios. No primeiro *Almanaque de Santa Fé* (1853), o Dr. Nepomuceno Garcia de Mascarenhas descreve-a como «situada sobre três colinas e cercada de campinas onduladas, lembra ela ao viandante singelo mas gracioso presepe», e esclarece que nela existiam 68 moradas de casas e 30 ranchos, perfazendo 630 habitantes. O orago é Nossa Senhora da Conceição.

Os principais edifícios concentram-se no Largo da Matriz: o velho casarão dos Amarais, o Palacete da Prefeitura com a sua cúpula e fachada *Arte Nova* e o Sobrado, vasto edifício de pedra, com 18 divisões, em dois andares e águas-furtadas, dentro de um jardim murado. Construído pelo comerciante (e usurário) Aguinaldo Silva no local onde fora a casa assoalhada de Pedro Terra, que a perdeu por uma dívida, o Sobrado regressou à família Terra Cambará, em 1872 com a morte de Luzia, filha e herdeira de Aguinaldo. Opinião unânime de todos os Santa-fezences é de que o Sobrado abriga a maior atração da cidade: o retrato de corpo inteiro do Dr. Rodrigo Cambará, pintado por Don Pepe García, em 1910.

Erico VERÍSSIMO, 1905-1975

O tempo e o vento.

Lisboa : Livros do Brasil, [1961-1962?].

Vol. 1: O Continente. - Vol. 2: O retrato. - Vol. 3, t. 1: O arquipélago.
- Vol. 3, t. 2: O arquipélago.

BGUC 5-50-23-39/42

SÍTIO DO PICAPAU AMARELO é uma roça no interior de São Paulo com uma casinha branca, onde vivem Dona Benta, a sua neta Lúcia (conhecida como «Narizinho Rebitado»), a negra tia Anastácia e uma boneca de trapos, Emília, que apesar dessa condição era muito «viva», faladora e até capaz de gestos de grande audácia. O Sítio fica no meio de um mato denso e assustador, de onde vêm todas as criaturas que ameaçam a paz dos moradores do Sítio, como o *Saci* ou a mítica *Anta*. Nas férias, o primo Pedrinho vem da cidade e também participa nas aventuras. A roça tem velhas jaqueiras (pé-de-jaca) e um pomar ao qual se acede por um portãozinho (de onde a tia Anastácia chama Lúcia para as refeições) e ao fundo corre um ribeirão de águas claras. À beira da água, sentada nas raízes de um ingázeiro, Narizinho todos os dias alimenta os peixes e, às vezes, adormece e sonha, até ser novamente chamada para a refeição.

Em sonhos, visita o Reino das Águas Claras, governado pelo Príncipe Escamado ou «das Escamas de Prata», um *dandy*, por quem se apaixonou. Ao seu reino acede-se por uma fumaça, numa «grande pedreira, numa curva do ribeirão». A entrada é guardada por um sapo com o curioso e apropriado nome de *Agarra-e-Não-Larga-Mais*, mas que sempre se deixa adormecer. A porta dá para a Cidade das Pedras Redondas, onde fica o palácio do príncipe, ornado com sala de jantar, salão de baile e biblioteca. Nas suas «cavaliçadas» guardam-se os «lambarys», os peixes que puxam o colhe real. Na sala do governo há um trono, que tem ao lado um gongo de bronze com um martelinho de prata. E em volta há os jardins, diariamente tratados por atarefadas formigas. Também há um hospital, dirigido pelo famoso doutor Caramujo, que Emília só consegue chamar «Doutor Cara de Coruja».

Monteiro LOBATO, 1882-1948

A menina do narizinho arrebitado : livro de figuras.

[S. Paulo: Metal Leve], 1982.

Fac-simil. da 1.^a ed. (São Paulo : Rev. do Brasil, 1920), fora do comércio.
BGUC RC(A)-18-58

SOLAR DO BARÃO fica algures na serra do Barroso, no caminho que se dirige à Escola Primária de V... (nome propositadamente omitido no único relato que conhecemos), perto de uma «aldeia cujo nome não me lembra». A informação vaga sobre a sua localização e disposição interior decorre, talvez, daquele testemunho único ter sido dado por um inspetor do Ensino Primário de Lisboa, que o visitou numa noite em que ficou consideravelmente embriagado.

A quinta murada tem pomares de laranjeiras e o jardim terá, pelo menos, segundo o relato que temos, violetas, jarros e rosas. O Solar tem entrada por grande escadaria, varanda ou alpendre comprido apoiado em colunas atarracadas de granito e uma fachada abundante de janelas. As divisões térreas têm chão de pedra e tetos abobadados e as escadas interiores são também de pedra. No fim de um corredor escuro e frio, a sala de jantar do solar é enorme, com uma mesa para mais de trinta pessoas. Sobre as suas dimensões colossais, diga-se que pode conter (em semicírculo e de pé) os mais de cinquenta elementos que compõem a «Tuna», conjunto musical criado pelos locais exclusivamente para agradar ao Barão e dirigido por mestre Alçada. Todo o plano do solar é labiríntico (ou assim pareceu ao nosso informador) e a sala de jantar tem várias portas. O armário está sempre bem abastecido de bebidas, vinhos diversos, licores e champagne, que o Barão consome constantemente e que oferece aos seus convidados, com insistência. A cozinha, comandada pela criada Idalina, também é farta e confeciona assados excelentes, capão ou alheiras.

Não longe da quinta fica o «castelo da Bela-Adormecida», morada da mulher por quem o Barão estava doentamente apaixonado e a quem o relato que conhecemos se refere apenas como «Ela»; como o próprio Barão explicou ao autor «- Não a conheces... ¿para que hei-de dizer-te o nome?».

Branquinho da FONSECA, 1905-1974

O Barão.

[1.^a ed.]. Lisboa : Ed. Inquérito, 1942.

Ex. com dedic. do Aut. assinada com o pseud. de António Madeira.

BGUC 869.0-31 Fonseca FON

TORRE DA BARBELA é uma velha construção medieval, na margem esquerda do rio Lima, face à Serra da Arga, e cuja origem se perde na noite dos tempos. Anda atribuída ao século 12, quando era Senhor destas terras D. Raymundo de Barbela, trovador e companheiro de lides guerreiras de D. Afonso Henriques, de quem era ainda parente ou «primo», dizia ele.

A construção cumpria objetivos militares, com os seus patamares interiores, cisterna, escadas estreitas e seteiras, mas encontra-se atualmente anexa a uma casa de habitação seiscentista, que se encosta a uma das faces. Tem 32 metros de altura, o que a converte na torre solarenga mais alta do país e tem uma forma triangular, única em toda a Península Ibérica. Por isso, está classificada como MN (Monumento Nacional). A casa possui uma varanda alpendrada, muito reproduzida na bibliografia da arquitetura portuguesa, disposta em «L», em torno do solar e chamada a «Varanda das Rosas». Árvores de fruto e velhos plátanos cobrem a propriedade.

Durante o dia, os turistas que procurem a Torre da Barbela podem ser guiados por um caseiro da propriedade, mas devem desconfiar saudavelmente das fantasias de que este autoproclamado «guia» é capaz. Já durante a noite, longe da vista e do ouvido dos visitantes, as figuras espectrais de todos os seus habitantes, das diversas gerações, «todos os Barbelas passados e presentes» convivem na propriedade que em vida os reuniu ou à qual se acham ligados por laços de parentesco. Assim, pelo impressionante Jardim dos Buxos passam até os parentes estrangeiros, desde a parisiense Madeleine Barbalat, ao bobo italiano Bárbola, todos ligados à cepa antiga dos

Barbelas. As excursões noturnas de tais personagens estendem-se com frequência à vizinha quinta da Beringela e, por vezes até Paço Vitorino, muito mais longe, na Ribeira.

Ruben A., 1920-1975

A torre da Barbela : romance.

[2.^a ed.]. Lisboa : Livraria Portugal, 1964.

BGUC 5-38-21

USINA DOS LIMOEIROS era conhecida até inícios do século 20 como Saião, nome que figura ainda na mais antiga placa toponímica. Não tem «usina» (ou fábrica de qualquer espécie), tendo recebido o nome por evocação literária do azedume dos seus habitantes, descendentes de Pedro (dito o *Limoeiro*) e de Sobrinha Saião, que aí se terão instalado antes de 1371. Fica a cerca de 130 metros de altitude entre Loures e Lousa, na antiga província portuguesa da Estremadura, e, estranhamente, não tem Orago (ou santo padroeiro).

Tem 1,39 km² e 1058 habitantes, pelos últimos censos. A criação do concelho de Loures (1886), os ofícios mais rendosos praticados na vizinha Fanhões e a cultura das vinhas em Bucelas, todas lhe têm tirado população. João Frederico Ludovice, arquiteto nas obras de Mafra, mencionou em carta que Saião era a terra a mais feia que tinha visto na região. As casas tinham normalmente uma loja, onde se vendiam produtos da horta ou vinho e um andar de habitação. Também restam evidências de pequenas casas de campo do século 18, construídas pela nobreza de Sintra. A oriente, ficam os vestígios de uma pedreira antiga e a toda a volta florestas. Hoje, tem 2 bairros, o mais antigo a norte «onde ainda se pode ver a casa dos fundadores», muito desprezado, sobretudo na zona envolvente da igreja, e o mais recente, construído por emigrantes.

Terra escura e violenta, «morada de gente azeda e dasalegre», como o temperamento dos Saiões, assistiu ultimamente a muitas

desgraças: crianças desaparecem, famílias inteiras são assassinadas, frequentemente os culpados suicidam-se. Apenas porque cumpriu pena por violação de menores (embora a sua relação com Águeda sempre tivesse sido consensual), Isidro, o último dos Saiões, foi apontado como autor de todas as monstruosidades. Contudo, o Mal era muito mais profundo.

David SOARES, 1976-

Os ossos do arco-íris.

1.^a ed. Parede : Saída de Emergência, 2006.

BGUC 9-(1)-3-3-63

UTOPIA III ou NOVA UTOPIA é um arquipélago constituído por 3 ilhas vulcânicas, Nova Ânglia, Nova Ausónia e Nova Lísia, cercado por «nevoeiros densos como uma espécie de cortina protetora». O arquipélago só foi completamente unido em 1911, tendo por capital Amauroto, cidade de Nova Ânglia. O estado desta ilha nos finais do século 15 e inícios do 16 é bem conhecido através do relato que Rafael Hytlodeu fez a Thomas More e que este publicou com o nome de «Utopia». Novas informações sobre o progresso dos novi-utopianos no século 20 foram-nos comunicadas (entre 1980 e 1995) por um dos 33 embaixadores itinerantes de Nova Utopia. O país mantém discretíssimos contactos com o resto do mundo através destes embaixadores e realiza trocas comerciais ainda mais secretas, sobretudo no setor do ouro e doutros minerais e gemas.

O carácter racional, o pacifismo e o apreço pela Natureza que caracterizava os utopianos do século 16 mantêm-se na República Moderna (desde 1746), organizada a partir de uma Assembleia da República Neo-Utopiana com 333 membros, democraticamente eleitos. O país é dirigido por uma Gerúsia de 33 elementos, onde se inclui o Triunvirato Excelso que é o órgão executivo. A população, que era em 1995 de cerca de 3 milhões, segue a medicina galénica e a religião

natural. A Reforma política de 1746 também suprimiu a escravatura, aboliu a pena de morte e ilegalizou definitivamente a caça. A língua de Nova Utopia continua a ser o Latim, todavia escrito com os seus caracteres próprios.

Informações muito recentes e não confirmadas por outras fontes dão conta de um fenómeno extraordinário e ainda não completamente compreendido pelos geógrafos de Nova Utopia: as 3 ilhas moveram-se e juntaram-se numa só, estando essa massa insular ainda em movimento, lentamente em direção à Península Ibérica.

José V. de Pina MARTINS, 1920-2010

Vtopia III : relato em diálogo...

[Lisboa] : Editorial Verbo, 1998.

Com correções ms. do Aut. e dedic. a Maria Helena da Rocha Pereira.

BGUC (6)-1-6-19-1

VALE DA RAZÃO é um reino situado no interior de uma alta cordilheira na Nova Holanda (Austrália), «nação completamente desconhecida e fora do contacto com as outras gentes». Com efeito, o reino interdita os contactos com o exterior, receando tanto a agressão imperialista como a corrupção interna das suas instituições. O comandante de uma expedição inglesa que tinha partido de Liverpool em 1836, acompanhado do seu criado português, conseguiu introduzir-se nela por meio de um balão de ar quente, o que muito surpreendeu os seus habitantes. Os dois estiveram aí mais de seis meses, recebidos com muita urbanidade. Obrigados a comunicar-se primeiro pela mímica, os visitantes vieram a aprender a língua em apenas 2 meses.

Tem de dimensões máximas 280 léguas no sentido Leste-Oeste e 50 no sentido Norte-Sul. O nome da sua capital significa na nossa língua «Habitação da Justiça», o que é totalmente adequado às quali-

dades desta sociedade. Confina com um outro vale, habitado por 20 mil almas, zona de desterro irrevogável de criminosos condenados e chamado «Terra da Correção».

Segundo os visitantes, os habitantes são muito belos e o país bem organizado. Politicamente, é uma Monarquia constitucional, hereditária, com uma longa cultura, durante a qual desenvolveu uma língua, uma escrita e um calendário (métrico) muito diferentes dos que vigoravam na Europa do seu tempo. A educação é generalizada e as artes chegaram a um nível de excelência, sendo as artes cénicas especialmente estimadas. Vale da Razão conhecia e usava algumas tecnologias, como a eletricidade, mas o carácter pacifista dos cidadãos nunca lhes sugeriu as armas de fogo, que o capitão do navio inglês lhes ensinou a produzir. Depois de alguns meses e de garantirem as suas boas intenções, os 2 viajantes foram autorizados a abandonar o reino, de novo por balão.

Vasco José de AGUIAR

Viagem ao interior da Nova Hollanda : obra moral, critica e recreativa...

Lisboa : Typografia de Vicente Jorge de Castro & Irmão, 1841.

3 vols.

BGUC 7-48-11-22/24

WASTEBAND (em português, largura de banda desperdiçada ou «faixa de tempo perdido») é um processo de partilha virtual de memórias e também o lugar físico preparado para a realização dessa partilha. O primeiro modelo de um «virtualómetro» foi construído por um grupo internacional de alquimistas obscuros, em Macau, em 1969. Uma reconstrução desse modelo pode hoje ver-se em exposição no Museu das Invenções Renegadas (Iowa City, E.U.A.). O modelo funcionou comercialmente num armazém, provavelmente (não está confirmado, porque a localização exata era confidencial) perto da Rua da Praia Grande. Existe uma morada que parece ter significado

para todos os participantes na experiência, mas que não será a do espaço Wasteband de Macau, porque se trata do 11º andar do número 18 dessa rua. Talvez fosse perto daí: entrava-se por um «armazém infinito», tirava-se uma senha, ocupava-se um lugar, apertava-se um cinto e esperava-se.

A experiência de Macau foi abruptamente interrompida no verão desse ano de 1969 pelas mesmas autoridades que tinham financiado grande parte da investigação, e com a equipe liminarmente convidada a abandonar o território, individualmente, por carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, o país administrante. A experiência é conhecida tanto pelas notícias especulativas dos jornais da época como pela ata final do julgamento que condenou os principais coordenadores da Wasteband.

Depois de se ter sugerido uma «possível evolução histórica e tecnológica desta grande descoberta», só o facto do espaço Wasteband de Macau se dizer o «primeiro» permite realmente supor que outros «virtualómetros» tenham operado noutros locais, mas sobre tal não existem informações realmente credíveis.

Patrícia PORTELA, 1974-

Wasteband / il. Acácio Nobre.

Alfragide : Caminho, imp. 2014.

Apesar da referência ao ilustrador, a obra não é ilustrada.

BGUC 10-(1)-11-16-63

250 Anos da fundação da Imprensa da Universidade de Coimbra³ / **250 years since the founding of the University of Coimbra Press**

Sala de São Pedro da BGUC, 28 novembro 2022 a 30 dezembro 2022

Ficha Técnica:

Curador:

A. E. Maia do Amaral

Escolhas bibliográficas:

Alexandre Dias Pereira (Direito)

Fernando Taveira da Fonseca (Humanidades)

Luís Reis Torgal (Humanidades)

António Amorim da Costa (Ciências)

João Rui Pita (Ciências da Saúde)

Catálogo/tratamento técnico:

Maria Luísa Sousa Machado

José Alberto Mateus

M. Fátima Moura Carvalho

Grafismos e materiais tipográficos antigos da IU:

Carlos Costa

3 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que tem o curador - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Sinopse:

No dia 28 de novembro, segunda-feira, às 14h30, acolhemos na Biblioteca Geral da UC (Sala de São Pedro), o Colóquio / Exposição que tem por objetivo divulgar «Os 250 Anos da fundação da Imprensa da Universidade de Coimbra» desde a Reforma Pombalina da Universidade, abordando temáticas como Marcos Culturais, Projeção Global, Pluralidade, Estudos Jurídicos e as suas fontes... com a abertura de João Gouveia Monteiro, Alexandre Dias Pereira e Delfim Leão.

Por outro lado, revelando a importância do Património Bibliográfico disponível ao público, esta exposição permite-nos conhecer algumas das obras editadas ao longo dos 250 anos da Imprensa da Universidade de Coimbra, e algum espólio tipográfico pertencente à instituição e que não está regularmente acessível ao público.

Catálogo:

Vitrine 1

PROVISÃO

[Provisam de incorporaçãem no dominio da Universidade do Real Colégio de Humanidades].

[S.l.] : Imprensa da Universidade, [1772?].

RB-32-16 (encadern. com outros)

QUINTILIANO, ca. 40-ca. 96

Os tres livros das instituioens rhetoricas de M. Fab. Quintiliano. Accomodadas aos que se applicaõ ao estudo da eloquencia por pedro Jozé da Fonseca. Traduzidos da lingua latina para a portu- gueza ... por Joaõ Rozado de Villa-Lobos e Vasconcellos, ...

Coimbra : na Real Officina da Universidade : vende-se na loge [sic] de Antonio Berneoud no largo da Sé Velha e à sua custa impresso, 1782. 2 pt. enc. em 1 vol.

J.F.-37-2-13

Domenico VANDELLI, 1735-1816

Dicionario dos Termos Technicos de Historia Natural.

Coimbra : na Real Officina da Universidade, 1788.

4 A-23-1-20

Domenico VANDELLI, 1735-1816

Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen : et epistolae ab eruditissimis viris Carolo a Linné, Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli scriptae.

Conimbricæ : Ex typographia Academico-Regia, 1788.

2-5-9-8

Vicente Coelho de SEABRA, 1764-1804

Elementos de chimica.

Coimbra : Na Real Officina da Universidade, 1788-1789. Tom. I, 1788 ; Tom. II, 1789.

4-21-20

Vitrine 2

Caetano José Pinto de ALMEIDA, 1738-1802?

Prima chirurgicae therapeutices elementa... Parte primeira (segunda)...

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1790. 2 pt. enc. em 1 vol.

4-7-39-3

André de RESENDE, 1498-1573

De antiquitatibus Lusitaniae, caeteraque historica, quae extant, opera. Conimbricensis Academiae jussu edita.

Conimbricae : ex Typographia Academico-Regia, anno M.DCC. XC. [1790].

9-(4)-A-138 (apenas o vol. 1)

Jerónimo Soares BARBOSA, 1737-1816

As duas linguas, ou Grammatica philosophica da lingua portu-
gueza, comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao
mesmo tempo.

Coimbra : na Real Imprensa da Universidade, [1807?].

Data de publicação identificada em obra de referência.

V.T. -17- 8- 13

REPERTÓRIO

Repertorio geral ou Indice alphabetico da leis extravagantes do
Reino de Portugal : publicadas depois das ordenações, compreen-
dendo também algumas anteriores, que se achão em observância.
Ordenado pelo desembargador Manoel Fernandes Thomaz.

Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1815-1819. 2 vols.

J.F.-41-6-17

Almeida GARRETT, 1799-1854

O retrato de Venus : poemas.

Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1821.

R-5-15

Vitrine 3

Agostinho Albano da Silveira PINTO, 1785-1852

Codigo pharmaceutico lusitano ou tratado e pharmaconomia.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1835.

7-48-25-35

Agostinho Albano da Silveira PINTO, 1785-1852

Pharmacographia do código pharmaceutico lusitano dedicado a sua magestade fidelíssima a muito excelsa e augusta Rainha de Portugal a senhora D. Maria II.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1836.

7-40-37-31

M. A. Coelho da ROCHA, 1793-1850

Ensaio sobre a história do governo e da legislação de Portugal, para servir de introdução ao estudo do direito pátrio.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1841.

7-52-18-17

ESCOLA

Eschola popular das primeiras letras dividida em quatro partes.

Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1850.

7-58-37-7 (apenas 2.^a parte)

M. A. Coelho da ROCHA, 1793-1850

Instituições de direito civil portuguez.

3.^a ed.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1852. 2 vols.

7-52-12-8 (apenas o vol. 1)

Joaquim Augusto Simões de CARVALHO, 1822-1902

Lições de Philosophia Chimica.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1859.

7-44-5-28

Cândido Joaquim Xavier CORDEIRO, 1807-1881

Elementos de pharmacia theorica e práctica : contendo muitos artigos proveitosos para o exercicio quotidiano da farmácia.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1859-1860. 2 vols.
7-46-23-6 (apenas o vol. 1)

Vitrine 4

Basílio Alberto de Sousa PINTO, 1793-1881
Lições de Direito Criminal Portuguez.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1861.
3-18-10-295

José Ferreira de Macedo PINTO, 1814-1895
Medicina administrativa e legislativa.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1862. Primeira parte, Higiene pública ; Segunda parte, policia hygienica.
7-58-40-36

Teófilo BRAGA, 1843-1924
Cancioneiro e romanceiro geral portuguez : confecção e estudos.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1867. Vol. 1, História da Poesia Popular portuguesa ; Vol. 2, Cancioneiro popular ; Vol. 3, Romanceiro Geral.
8-(2)-14-7-140

Caetano de Andrade ALBUQUERQUE, 1844-1900
Direito dos operários : estudos sobre as grèves.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1870.
7-54-12-22

Francisco Augusto Correia BARATA, 1847-1900
Da atomicidade : estudo sobre las theorias chemicas modernas.
Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871.
5-56-19-25

Joaquim Augusto Simões de CARVALHO, 1822-1902
Memoria historica da Faculdade de Philosophia.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1872.
6-6-7-25

Vitrine 5

A. A. da Costa SIMÕES, 1819-1903
Histologia e physiologia geral dos músculos. Secção I, Histologia dos músculos.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1878.
7-24-25-26A

Vicente Ferrer Neto PAIVA, 1798-1886
Philosophia de Direito.
Sexta edição, augmentada e aprimorada.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1883. Tomo I, Direito Natural ; Tomo II, Direito das Gentes.
7-54-16 (apenas vol. 1)

Júlio de Sande Sacadura BOTE, 1838-1899
Elementos de pharmacotechinia.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1890.
IC-17-1-8-60

Joaquim dos Santos e SILVA, 1842-1906
Elementos de analyse chimica qualitativa.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1874.
7-44-14-21

Charles LEPIERRE, 1867-1945
Apontamentos praticos para as analyses das urinas.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1895.

IC-17-1-8-72

Álvaro José da Silva BASTO, 1873-1924

Introdução à Theoria da Dissociação Electrolitica.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1907.

5-56-19-71

Vitrine 6

Damião de GÓIS, 1502-1574

Chronica do principe dom loam, rei que foi destes regnos segundo do nome, em que summariamente se trattam has cousas sustanciaes que nelles acontecerão do dia de seu nascimento atte ho em que elRei dom Afonso seu pai faleço.

Nova ed. Preparada pelo Dr. A. J. Gonçalvez Guimarãis.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1905.

R-35-15

Guilherme Alves MOREIRA, 1861-1922

Instituições do Direito Civil Português.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1907. 2 vols.

5-27-34-1 (apenas vol. 1)

Bissaia BARRETO, 1886-1974

O Sol em cirurgia.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1915.

5-56-8-19

Joaquim de CARVALHO, 1892-1958

António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença.

Coimbra : F. França Amado, 1916 (Imprensa da Universidade). Vol. 1 e único publicado.

5-56-13-51

Joaquim de CARVALHO, 1892-1958

Leão Hebreu, filósofo : para a história do platonismo no Renascimento. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1918.

5-56-13-52

Vitrine 7

Carolina Michaelis de VASCONCELOS, 1851-1925

Uriel da Costa : notas relativas à sua vida e às suas obras.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1922.

5-4-8

Gaspar FRUTUOSO, 1522-1591

Saudades da terra : dois inéditos acêrca das ilhas do Faial, Pico, Flôres e Côrvo. Por Gaspar Frutuoso e Espelho Cristalino em jardim de várias flôres. Por Frei Diogo das Chagas ; com uma introdução e anotações de António Ferreira de Serpa.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1921.

5-15-21-2

Gaspar CORREIA, 1495-1561

Lendas da India. Por Gaspar Correa. Publ. por ordem ... da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a dir. de Rodrigo José de Lima Felner.

Coimbra : Imprensa da Universidade : Academia Real das Ciências, 1921-1931. Livro 1, t. 1. – 1922 ; Livro 1, t. 1, Parte 2. – 1921 ; Livro 2, t. 2, parte 1. – 1923 ; Livro 2, t. 2, parte 2. – 1925 ; Livro 3, t. 3, parte 2. - 1931.

5-25-42-9 (apenas o vol. 1)

A. Celestino da COSTA, 1884-1956

Manual de técnica histológica : guia de trabalhos práticos.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926.

5-18-1-6

Joaquim de CARVALHO, 1892-1958

Desenvolvimento da filosofia em Portugal durante a Idade Média.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1927.

5-6-8

CANTIGAS D AMIGO

Cantigas d'amigo dos trovadores Galego-Portugueses. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes, e glossário por José Joaquim Nunes.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926-1928. Vol. 1, Introdução. – 1928 ; Vol. 2, Texto. – 1926 ; Vol. 3, Comentário, variantes e glossário. - 1928.

5-14-24-17

Vitrine 8

Alfredo PIMENTA, 1882-1950

Estudos filosóficos e críticos.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1930.

5-6-20

Manuel da Silva GAIO, 1860-1934

Os vencidos da vida. Pref. Dr. Joaquim de Carvalho.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1931.

5-21-10

João Gaspar SIMÕES, 1903-1987

O mistério da poesia : ensaios de interpretação da génese poética.

Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.

5-3-21

Aristides de Amorim GIRÃO, 1895-1960

Esbôço duma carta regional de Portugal.

2ª ed.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1933.

914.69 GIR

Reis VENTURA, pseud.

A romaria.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1934.

7-36-30-26

Silvio LIMA, 1904-1993

O amor místico : noção e valor da experiencia religiosa.

[S.l.] : [s.n.], 1935.

5-56-14-7

Vitrine suplementar

(Publicações em série)

Minerva lusitana. [Red. José Bernardo de Vasconcelos Corte Real, Joaquim Navarro de Andrade, Luís do Coração de Maria].

Coimbra: na Real Imprensa da Universidade, 1808.

RB-36-8

Relação e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no anno Lectivo de 1816 para 1817; suas naturalidades, filiações, e moradas.

Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1816.

RP-15-2

Revista da Universidade de Coimbra.

Vol. 1 (1912).

A-20-31

Boletim da Faculdade de Direito.

Vol. 1 (1914-1915).

A-24-27

Centenário do nascimento do poeta Eugénio de Andrade / Centenary of the birth of the poet Eugénio de Andrade

Sala do Catálogo da BGUC, 13 janeiro a 17 fevereiro 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Comemora-se este ano o primeiro centenário do nascimento do poeta Eugénio de Andrade, pseudónimo de José Fontinhas, nascido a 19 de janeiro de 1923 em Póvoa de Atalaia, no concelho do Fundão.

Aos sete anos, após a separação dos pais, Eugénio de Andrade mudou-se com a mãe para Castelo Branco. Três anos depois, instalou-se em Lisboa, onde frequentou o Liceu Passos Manuel e a Escola Técnica Machado de Castro.

Cedo mostrou o seu interesse pela leitura e pela escrita, tendo redigido os seus primeiros poemas em 1936. Enviou-os ao poeta António Botto, que lhe manifestou de imediato o reconhecimento do seu enorme talento.

A sua primeira obra, o poema "Narciso", foi publicada em Lisboa em 1940, assinada com o seu nome José Fontinhas. Dois anos depois

publicou a obra “Adolescente: poemas de Eugénio de Andrade”, com desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia, onde pela primeira vez surge o seu pseudónimo impresso.

Em 1943, com o objetivo de terminar o liceu e frequentar Filosofia, vem para Coimbra. Aqui convive com Miguel Torga, Carlos de Oliveira e Eduardo Lourenço, mas também com Paulo Quintela, Afonso Duarte, Joaquim Namorado e António Sousa. De volta a Lisboa, em 1946, ingressa no quadro da Inspeção Administrativa dos Serviços Médico-Sociais, estabelecendo nessa altura novas relações com outros escritores, como Sophia de Mello Breyner Andresen e Mário Cesariny, entre outros.

Autor de uma vasta obra, além de poesia Eugénio de Andrade publicou ainda prosa e livros infantis, organizou várias antologias e traduziu obras de diversos escritores, como Federico García Lorca, Jorge Luís Borges ou Vladimir Holan, entre outros, tendo ainda colaborado em periódicos.

Pela sua intensa e distinta atividade literária ao longo de mais de seis décadas, recebeu diversos prémios, nomeadamente: o Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1985); o Grande Prémio de Poesia A.P.E./CTT (1988); o Grande Prémio Vida Literária A.P.E./CGD (2000); o Prémio Camões (2001); e o Prémio P.E.N. Clube Português de Poesia (2002). Foi também agraciado, pelo Presidente da República, com o Grau de Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada (1982) e com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito (1989).

Eugénio de Andrade morreu no Porto a 13 de junho de 2005. Contava 82 anos de idade.

Catálogo:

Bibliografia ativa

Adolescente : poemas de Eugénio de Andrade. Desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia. [S.l.] : ed. do A., imp. 1942 (Lisboa : Oficinas da Editorial Império).

5-5-5 A-8

Andrade, Eugénio de, pseud.

Pureza : poemas de Eugénio de Andrade. Desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia. Lisboa : Livraria Francesa, imp. 1945 (Coimbra : Tipografia da Coimbra Editora).

5-5-5 A-9

- As mãos e os frutos : poemas de Eugénio de Andrade. [Des. da capa de Manuel Ribeiro de Pavia]. [S.l.] : Portugália Editora, imp. 1948 (Editorial Império).

5-5-5 A-10

- Os amantes sem dinheiro : poemas. Lisboa : Centro Bibliográfico, 1950.

5-5-5 A-11

- As palavras interditas : poemas. Lisboa : Centro Bibliográfico, 1951.

5-5-5 A-12

- Até amanhã. Desenhos de Jean Cocteau e uma Ode de António de Navarro. [Lisboa] : Guimarães Editores, 1956 imp.

5-5-5 A-13

- Resende : dezasseis reproduções a preto e a cores. Porto : [s.n., 1957?].

5-54-46-56

- Antologia : 1945-1961: com um ensaio de Eduardo Lourenço e um retrato de Dórdio Gomes. Lisboa : Delfos, 1961.

5-66-41-14

- Mar de Setembro. Porto : Imprensa Portuguesa, 1961.

5-68-12-38

- Ostinato Rigore. Lisboa : Guimarães Editores, 1964.
5-14-21-3

- Poemas : 1945-1965. [1ª ed.]. Lisboa : Portugália Editora, 1966.
5-12-31-118

- Os afluentes do silêncio. Porto : Editorial Inova, imp. 1968.
5-5-5 A-15

- Eros de passagem. [S.l.] : Tip. Arcanjo Ribeiro, [1968?].
RC-2-36

- Obscuro domínio. [1ª ed.]. Porto : Editorial Inova, [1971].
5-52-10-23

- Véspera da água. Porto : Editorial Inova, 1973.
6-19-6-17

- História da água branca. Il. de Manuela Bacelar. Porto : Asa, imp. 1976.
5-5-5 A-14

- Limiar dos pássaros. 1.ª ed. Porto : Limiar, 1976.
5-11-15-48

- Coração do dia ; Mar de Setembro. Porto : Limiar, 1977.
5-11-15-104

- Memória doutro rio. 1.ª ed. Porto : Limiar, 1978.
(6)-1-5-22-4 Ded. ms. do A. a Maria Helena da Rocha Pereira.

- Matéria solar. 1ª ed. Porto : Limiar, 1980.
5-9-50-5

- Poesia em verso e prosa. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1980.
6-22-3-35

- Poesia e prosa : 1940-1979. Pref. de Óscar Lopes. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
6-50-4 B-13

- Júlio Resende entre a angústia e a esperança. Porto : O Oiro do Dia, 1981.
5-43-70-203

- Chuva sobre o rosto : poemas. Com um retrato de sua mãe pelo escultor José Rodrigues. 2.^a ed. Porto : O Oiro do Dia, [D.L. 1982].
5-42-10-49

- O peso da sombra. [Desenho Ângelo de Sousa]. 1.^a ed. Porto : Limiar, 1982.
6-27-24-2

- Escrita da terra. 5.^a ed. Porto : Limiar, 1983.
(6)-1-5-22-8

- Branco no branco. 1.^a ed. Porto : Limiar, 1984.
(6)-1-5-22-9 Ded. ms. do A. a Maria Helena da Rocha Pereira.

- Os quatro vintes : Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro, José Rodrigues. Textos de Eugénio de Andrade, Fernando Pernes e José Augusto França. Porto : O Oiro do Dia : Simão Guimarães, [D.L. 1985].
5-17-12-23

- A Domingos Peres das Eiras, com umas violetas = To Domingos Peres das Eiras, with a few violets = A Domingos Peres das Eiras,

avec quelques violettes. [Porto] : Fundação Eng. António de Almeida, imp. 1986.

6-38-37-19

- Vertentes do olhar. Porto : Limiar, 1987.

(6)-1-5-22-10

- O outro nome da terra. 1.^a ed. Porto : Limiar, 1988.

6-10-26-7

- Aquela nuvem e outras. Des. Jorge Colombo. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1989.

6-7-45-10

- Dunas. [Fotogr. de] João Avelino Marques ; [texto de] Eugénio de Andrade ; dir. gráfica Armando Alves. Porto : Porto Editora, 1990.

RC-32-2

- Uma casa para a poesia. Eugénio de Andrade, Dario Gonçalves. [Amarante] : Tâmega, imp. 1990.

6-14-25-43

- Com o sol em cada sílaba : poemas. Fot. Dario Gonçalves. [Lisboa] : Dom Quixote, D.L. 1991.

5-26-31-57

- O comum da terra. Fot. Jorge Barros. 1.^a ed. [Porto] : Asa, 1992.

6-2-44-35

- Corpo de amor. Il. José Rodrigues. Sintra : Colares Editora, [D.L. 1992].

6-12-30-88

- Elegia com pastores ao fundo. [Porto] : Fundação Eugénio de Andrade, 1992.

6-12-30-97

- Palavras de Novembro. [Porto] : Fundação Eugénio de Andrade, 1992.

5-72-7-25

- Poesia, terra de minha mãe. Fot. Dario Gonçalves ; pref. Arnaldo Saraiva. Porto : Asa, D.L. 1992.

5-53-16-33

- Quinze poemas = Quinze poemes. Trad. Alex Susanna, Vicent Berenguer i Manuel Guerrero i Brullet. Porto : Câmara Municipal, 1992.

6-10-10-34

- Rente ao dizer. [Retrato do autor Emerenciano]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1992.

6-23-38-72

- À sombra da memória. [Retrato do autor Gustavo Bastos]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1993.

5-53-20-62

- A cidade de Garrett. Des. Fernando Lanhas ; dir. gráf. Armado Alves. Porto : Câmara Municipal : Fundação Eugénio de Andrade, imp. 1993.

6-50-41-118

- 30 poemas = 30 poèmes = 30 poems. Traduções de Ángel Crespo, Michel Chandeigne, Alexis Levitin ; [retrato de Dórdio Gomes]. [S.l.] : Fundação Eugénio de Andrade, 1993 imp. (Porto : Of. Gráf. Simão Guimarães, Filhos).

6-23-46-61

- Ofício de paciência. [Retrato Laureano Ribatua]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1994.
5-15-24-22

- Rosto precário. 6.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
6-31-15-120

- O sal da língua. [Retrato Álvaro Siza]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
6-31-15-122

- Pequeno formato. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, imp. 1997.
6-33-27-25

- Dez poemas. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1998.
5-21-28-31

- Os lugares do lume. [Retrato do autor José Rodrigues]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1998.
(6)-1-5-22-20

- Os sulcos da sede. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 2001.
5-51-42-39

- Coração habitado : com um desenho de José Rodrigues. 3.^a ed. Porto : Asa, 2002.
7-75 A-5-54

- Os doces animais. Des. Cristina Valadas. 1.^a ed. Porto : Asa, 2004.
8-(2)-20-22-28

- E tudo era água. Imagens Rui Cunha. 1.^a ed. [S.l.] : Aquapor : Luságua, 2004.

8-(2)-20-25-31

- O sorriso = the smile = la sonrisa = le sourire = il sorriso = das lächeln = úsmev = smaids. Pref. Arnaldo Saraiva ; il. Armando Alves. [Lisboa] : APEL : Fundação Eugénio de Andrade, 2004.

9-(1)-3-8-26

Obras traduzidas

- Blanco en lo blanco. Trad. e intr. Fidel Villar Ribot. Granada : Editorial Don Quijote, 1985.

9-(1)-2-3-3

- Inhabited heart : the selected poems of Eugenio de Andrade. Translated by Alexis Levitin ; with an introduction by Pilar Gómez Bedate. Bi-lingual ed. Van Nuys : Perivale Press, c. 1985.

5-11-35-73

- Memoria d'un altro fiume. Introd. e trad. Carlo Vittorio Cattaneo ; [des. Annibale Batosi]. Siena : Messapo, imp. 1983.

8-(2)-23-35 A-22

- The shadow's weight. Bilingual ed / with transl. and introd. by Alexis Levitin. Providence : Gávea-Brown, 1996.

7-61-19-63

- The slopes of a gaze. Transl. by Alexis Levitin. Tallahassee, FL : Apalachee Press, cop. 1992.

7-49 A-20-34

- Svrchovanost. Praha : Fra, 2004.

7-49 A-3-40

- Ufficio di pazienza. Acura di Carlo Vittorio Cattaneo. [Lugo] :
Edizione del Bradipo, 1997.

5-26-21-84

Antologias

Antologia pessoal da poesia portuguesa. 1.^a ed. Porto : Campo
das Letras, 1999.

(6)-1-5-3-18

Ded. ms. do A. a Maria Helena da Rocha Pereira.

CAMÕES, Luís de, 1524?-1580.

Versos e alguma prosa de Luís de Camões. Antologia e pref. de
Eugénio de Andrade.

[Porto] : Editorial Inova, imp. 1972.

9-(10)-1-2 1972

CANÇÃO do mais alto rio : antologia literária do Douro. Selec.
e pref. Eugénio de Andrade ; fot. Dario Gonçalves ; óleos Júlio
Resende. 1.^a ed. Porto : Asa, 1990.

6-12-60-3

CANCIONEIRINHO de Coimbra : antologia da Poesia Moderna sobre
Coimbra. Com uma aguarela de Júlio Resende. 2.^a ed. Porto : Asa, 2002.

7-75 A-5-51

DAQUI houve nome Portugal : antologia de verso e prosa sobre
o Porto. Org. e pref. por Eugénio de Andrade ; selecção artística
e dir. gráfica Armando Alves. 4.^a ed.

Porto : Asa, 2000.

RC-75-15

DUAS cidades : antologia sobre o Porto e Coimbra. Porto : Editorial Inova, 1971.

5-52-10-26

EROS de passagem : poesia erótica contemporânea. Selecção e prefácio de Eugénio de Andrade ; desenhos de José Rodrigues. Porto : Limiar, 1982.

5-22-2-71

ESCRITO na cal. Escolha de textos e pref. Eugénio de Andrade ; poesia e prosa de Bernardim Ribeiro... [et al.] ; fot. Ana Esquível. Portel : Câmara Municipal, imp. 1984.

5-22-22-60

GARCÍA LORCA, Federico, 1898-1936.

Antologia poética. Selecção e tradução de Eugénio de Andrade ; com um estudo de André Crabbé Rocha e um poema de Miguel Torga. Coimbra : Coimbra Editora, 1946.

5-62-27-32

MEMÓRIAS de alegria : antologia de verso e prosa sobre Coimbra no Centenário da Geração de 70. Org. e pref. por Eugénio de Andrade ; selecção artística e direcção gráfica de Armando Alves. Porto : Editorial Inova, imp. 1971.

RC-97-47

POEMAS portugueses para a juventude. Selecção e pref. Eugénio de Andrade ; dir. gráf. Armando Alves. 1.^a ed. Porto : Asa, 2002.

7-75 A-5-41

O POETA e a cidade : antologia de poesia contemporânea dedicada à cidade do Porto. Org. Eugénio de Andrade. 2.^a ed. aumentada. Porto : Campo das Letras, 1996.

5-32-12-19

VARIAÇÕES sobre um corpo : antologia de poesia erótica contemporânea. Selecção e prefácio de Eugénio de Andrade; desenhos de José Rodrigues. Porto : Editorial Inova, [1973].
5-52-10-53

Colaboração / traduções / prefácios

ALCOFORADO, Mariana, 1640-1723.
Cartas portuguesas. Trad. Eugénio de Andrade. Porto : Editora Inova, 1969.
RC-4-23

ANDRADE, Eugénio de; ALVES, Armando
Alentejo. Porto : Campo das Letras, 1997.
6-33-40-46

EMERENCIANO, 1946-
Escutar as mãos. Emerenciano ; com um poema de Eugénio de Andrade. Porto : Emerenciano, 1992 ([Porto]) Ofic. Gráf. Arcanjo Ribeiro.
5-26-30-40

ESKIVRE, Anna.
[Macau]. [Pref. de Eugénio de Andrade] ; [desenhos Armando Alves]. [Macau] : [Governo de Macau], [1993] ([Lisboa] : Filográfica).
4-(1)-1-35-14

FERREIRA, Manuel Pedro, 1959-
Faz de conta : para coro infantil a 3 vozes e solistas. Música Manuel Pedro Ferreira ; texto Eugénio de Andrade. [Lisboa?] : [s.n.], 2004.
7-49-8-92

GARCÍA LORCA, Federico, 1898-1936.

Amor de Dom Perlimplin com a Belisa em seu jardim. Pref. e trad. de Eugénio de Andrade. Porto : [s.n.], 1961.

5-64-41-48

- Pequeno retábulo de D. Cristóvão / Federico Garcia Lorca ; trad. Eugénio de Andrade. Porto : O Ouro do Dia, 1980.

5-43-70-147

- Trinta e seis poemas e uma aleluia erótica. Trad. de Eugénio de Andrade. Porto : Editorial Inova, imp. 1968.

5-5-5 A-16

HENRIQUES, Lagoa, 1923-2009

Desenhos recuperados. [Lisboa] : Sociedade Nacional de Belas Artes, [1972]

6-5-20-7

HOLAN, Vladimir

Soldados vermelhos ; A morte. Selec. e trad. de Luísa Neto Jorge [e] trad. de Eugénio de Andrade [respectivamente] ; com uma il. de Kasimir Malevitch. Porto : O Ouro do Dia, 1979.

5-43-75-8

MENDONÇA, José Tolentino, 1965-

De igual para igual. Posf. Eugénio de Andrade. Lisboa : Assírio & Alvim, 2001.

5-57-34-15

OLIVEIRA, Mário Rui de.

O vento da noite. Pref. Eugénio de Andrade. Lisboa : Assírio & Alvim, 2002.

7-75 A-30-85

PASCOAIS, Teixeira de, pseud.

Senhora da noite. Pref. de Eugénio de Andrade. Lisboa : Assírio e Alvim, 1986.

6-40-50-36

RESENDE, Júlio, 1917-2011.

Ribeira negra : Porto. Com um texto de Eugénio de Andrade. [Lisboa] : Sameca (Sá e Castro), imp. 1988.

6-6-34-59

SAFO, séc. 7-6 a.C.

Poemas e fragmentos de Safo. [Porto] : Limiar : Actividades Gráficas, [1974].

6-25-17-80

SIBERTIN-BLANC, Claude.

Femmes en noir. [Introd. de] Eugénio de Andrade ; photographies de Claude Sibertin-Blanc ; avec un texte de João Fatela ; trad. du portugais par Christian Auscher. [Paris] : Éditions de la Différence, imp. 1988.

7-75-16-52

TROCAR de rosa. [Trad. de Eugénio de Andrade de poemas de Lorca, Yannis Ritsos, Neruda, Blaise Cendrars, e outros]. Lisboa : Regra do Jogo, 1980.

5-9-41-73

Correspondência

CARTAS de Eugénio de Andrade a Jorge de Sena. Org. António Oliveira. 1.^a ed. Leça da Palmeira : Letras e Coisas, 2015.

4-(1)-3-15-30

HORA, Tiago Manuel da, 1984-
Fernando Lopes Graça e Eugénio de Andrade : o diálogo entre música e a poesia : correspondência. 1.^a ed. Lisboa : Chiado Editora, 2018.
MI-3-18-12

«**Afinal o que importa não é a literatura...**» **Mário Cesariny (1923-2006)** / **After all, it's not the literature that matters...**» **Mário Cesariny (1923-2006)**

Sala do Catálogo da BGUC, 10 a 31 de março 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Mário Cesariny de Vasconcelos, é considerado o expoente máximo do surrealismo português na literatura e nas artes plásticas.

Nascido em Lisboa a 9 de agosto de 1923, desde cedo mostrou qualidades artísticas e literárias que o vieram a destacar no seio do panorama cultural português, numa época em que as suas posições políticas e sociais não eram as mais cómodas para o regime, o que lhe veio a causar inúmeros dissabores.

Frequentou o Liceu Gil Vicente e a Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde conheceu alguns dos futuros companheiros do surrealismo português, nomeadamente Cruzeiro Seixas, tendo produzido a partir de 1942 as suas primeiras pinturas, desenhos e alguns poemas.

Mais tarde, frequentou em Paris a *Académie de la Grande Chamère*, onde se cruzou com os principais nomes do movimento surrealista francês, como André Breton, Victor Brauner e Henri Pastoureau, que o marcaram de forma mais intensa. No regresso, ainda em 1947, fundou o “Grupo Surrealista de Lisboa”, onde pontificavam nomes como: Cândido Costa Pinto, Marcelino Vespeira, Alexandre O’Neill, António Pedro e João Moniz Pereira. Mais tarde, depois de um desentendimento com António Pedro, fundou com Cruzeiro Seixas, José Augusto França, Pedro Oom e António Maria Lisboa, entre outros, o grupo “Os Surrealistas”.

No campo literário, Cesariny, além de poeta, foi ainda antologista, tradutor (de Rimbaud, de Buñuel, ou de Novalis), além de compilador e historiador na área do surrealismo. Da sua autoria destacam-se obras como: *Corpo visível*, o primeiro livro por si publicado (em 1950); *Manual de prestidigitação*; *Pena Capital*; *Antologia surrealista do cadáver esquisito*; *A cidade queimada*; ou *O Virgem Negra*, entre muitos outros que se encontram patentes nesta exposição. Colaborou em jornais e revistas, como *Cadernos do Meio-Dia*, *Jornal de Letras e Artes*, *Vértice* e *Seara Nova*, entre várias.

Nas artes plásticas, datam dos primeiros anos da década de 40 as suas primeiras pinturas e desenhos. O surrealismo português do pós-guerra teve em Cesariny um dos seus maiores impulsionadores, contribuindo com a introdução de novas técnicas e atitudes artísticas: a colagem surrealista, a soprografia, a sismografia e aquamotos, rejeitando muitas das convenções instituídas. Realizou inúmeras exposições, individuais e coletivas, tendo sido agraciado com o *Grande Prémio EDP* (2002) e distinguido com o *Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores* e com a *Grã-Cruz da Ordem da Liberdade*, ambos em 2005.

Figura irreverente e controversa da cultura portuguesa, Mário Cesariny morreu em Lisboa no dia 26 de novembro de 2006.

Catálogo:

Bibliografia ativa

CESARINY, Mário de

Corpo visível : poema. Ed. facsimil. Lisboa : Assírio & Alvim ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, cop. 2010. 10-(1)-10-33-2

- Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano. [S.l.] : Contraponto, [1952] (Lisboa: Tip. Ideal).

5-46-14

- Manual de prestidigitação. [Lisboa] : Contraponto, imp. 1956.

5-54-3-109

- Pena capital. Lisboa : [s.n.], 1957.

5-52-25-54

- Alguns mitos maiores alguns mitos menores propostos à circulação pelo autor. Frontispício de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Gráfica Portuguesa, 1958.

5-64-32-9

- Nobilíssima visão. Lisboa : Guimarães Editores, imp. 1959.

5-46-59-13

- Antologia surrealista do cadáver esquisito. Lisboa : Guimarães Editores, 1961.

5-50-62-32

- Planifério e outros poemas. Lisboa : Guimarães Editores, 1961.

5-50-55-45

- Poesia : 1944-1955. Desenho à pena de João Rodrigues. Lisboa : Delfos, [1961?].
5-50-55-40

- Surrealismo abjeccionismo : antologia de obras em português. Lisboa : Minotauro, imp. 1963.
5-6-57-54

- Um auto para Jerusalém. Lisboa : Minotauro, [1964?].
5-12-18-53

- A cidade queimada : poema de Mário Cesariny de Vasconcelos ; com um frontispício do A. e três desenhos hors-texte de Artur do Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Ulisseia, imp. 1965.
RB-42-6

- A intervenção surrealista. Capa e arranjo gráfico de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Ulisseia, imp. 1966.
5-44-16

- 19 projectos de prémio Aldonso Ortigão seguidos de poemas de Londres. [Lisboa]: Livraria Quadrante, [1971?].
5-1-83-84

- Burlescas, teóricas e sentimentais : antologia de poemas. [Lisboa] : Editorial Presença, 1972.
5-43-41-63

- 11 crucificações em detalhe, 3 afeições de Zaratustra, retrato de Jean Genêt. Lisboa, 1973. Lisboa : Galeria S. Mamede, 1973.
6-5-21-14

- Contribuição ao saneamento do livro Pacheco versus Cesariny edição pirata da Editorial Estampa, colecção direcções velhíssimas. [S.l. : Jornal do Gato, imp. 1974].

6-25-6-35

- Textos de afirmação e de combate do Movimento Surrealista Mundial. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2021.

4-(1)-39-16-14

- Titânia e A Cidade Queimada. Lisboa : Dom Quixote, 1977.

6-38-17

- Primavera autónoma das estradas. Lisboa : Assírio e Alvim, 1980.

6-42-14-24

- Manual de prestidigitação. Lisboa : Assírio e Alvim, imp. 1981.

6-42-14-23

- Horta de literatura de cordel : o continente submerso, o grande teatro do mundo, os sobreviventes do dilúvio, monstros nacionais, monstros estrangeiros. Selecção, fixação do texto, pref. e notas de Mário Cesariny. Lisboa : Assírio e Alvim, 1983.

6-42-14-58

- Vieira da Silva, Arpad Szeres ou o castelo surrealista: Pintura de Vieira e de Szenes nos anos 30 a 40 em Lisboa. Lisboa : Assírio e Alvim, 1984.

5-22-29-84

- As mãos na água, a cabeça no mar. Lisboa : Assírio e Alvim, cop. 1985.

6-40-50-24

- O Virgem Negra : Fernando Pessoa explicado às criancinhas naturais & estrangeiras por M. C. V. : Who knows enough about it: seguido de louvor e desratização de Álvaro de Campos pelo mesmo no mesmo lugar [...]. Lisboa : Assírio & Alvim, cop. 1989.

6-4-21-40

- A intervenção surrealista. Lisboa : Assírio & Alvim, cop. 1997.

6-47-33-34

- Uma grande razão : os poemas maiores. Lisboa : Assírio & Alvim, 2007.

9-(1)-4-33-29

- Poemas de Mário Cesariny. Lisboa : Assírio & Alvim, cop. 2007.

9-(1)-6-41-56

CD-A- 1456

- Louvor e simplificação de Álvaro de Campo. Ed. fac-similada. Lisboa : Assírio & Alvim, 2008.

9-(1)-6-54-31

Pintura

ALMEIDA, Bernardo Pinto de, 1954-

Mário Cesariny : a imagem em movimento. Lisboa : Caminho ; Paço de Arcos : Edimpresa, 2005.

8-(2)-26-25-5

CESARINY, Mário, 1923-2006, artista.

Mário Cesariny : é preciso dizer para sempre em vez de dizer agora. [Textos António Cardoso, Pedro Álvares Ribeiro, António

Gonçalves] ; [fotografias Guilherme Carmelo]. Amarante : Câmara Municipal de Amarante : Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, D.L. 2014.

4-(1)-28-27-91

CUADRADO, Perfecto E., ed. lit.

De Mário Cesariny para Artur Manuel do Cruzeiro Seixas; il. Cruzeiro Seixas; posf. Ernesto Sampaio. Lisboa : Assírio & Alvim ; Vila Nova de Famalicão, cop. 2009.

10-(1)-1-20-11

EXPOSIÇÃO "Mário Cesariny - Colecção Fundação Cupertino de Miranda", Évora, 2009.

Mário Cesariny : colecção Fundação Cupertino de Miranda textos António Gonçalves, Eduardo Pereira da Silva, Pedro Álvares Ribeiro. [S.l. : s.n.], D.L. 2009 ([Santo Tirso] : Norprint).

9-(1)-9-49-29

GALERIA NEUPERGAMA.

Mário Cesariny : pintura surrealista monocromática e outra. Torres Novas : Galeria Neupergama, D.L. 1998.

RC(A)-19-23

LEAL, Raúl, 1886-1964; CORREIA, Natália, 1923-1993; FREITAS, Lima de, 1927-1998

Mário Cesariny. Lisboa : Secretaria de Estado da Cultura, 1977.

5-17-44-200

MÁRIO Cesariny : iluminação : pintura e objectos, Torres Novas, 2005.

Mário Cesariny : iluminação : pintura e objectos. [Texto] Eurico Gonçalves. Torres Novas : Galeria Neupergama, 2005.

8-(2)-28-24-3

MÁRIO Cesariny : pintura; [org.] Galeria Neupergama. Torres Novas : G.N., D.L. 2002.

7-75 A-14-39

MÁRIO Cesariny : um desmesurado desejo de amizade. [Organização da edição, seleção de textos e revisão Laura Mateus Fonseca] ; [textos Célia Cardoso ... et al.]. Torres Novas : Galeria Neupergama : Município de Torres Novas, Museu Municipal Carlos Reis, cop. 2017.

4-(1)-13-31-6

MÁRIO Cesariny, Enrique Carlón, J. F. Aranda; [org.] Galeria Neupergama. Torres Novas : G.N., D.L. 2001.

6-9 A-6-44

PINHARANDA, João, ed. lit. ; RUIVO, Marina Bairrão, ed. lit. ; SANTOS, José Manuel dos

Correspondências : Vieira da Silva por Mário Cesariny. [Lisboa] : Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva ; Assírio & Alvim, cop. 2008.

9-(1)-10-17-25

PINTURAS de Mário Cesariny, Lisboa, 1981.

Pinturas de Mário Cesariny : [catálogo-exposição]; pref. Laurens Vancrevel. Lisboa : Galeria S. Mamede, 1981.

5-43-70-96

Correspondência

CESARINY, Mário, 1923-2006

Cartas para a casa de Pascoaes; ed. António Cândido Franco ; rev. António Lampreia. 1.^a ed. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2012.

10-(1)-11-1-48

- Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas : 1941-1975; ed. de Perfecto E. Cuadrado, Antonio Gonçalves, Cristina Guerra. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2014.

10-(1)-18-16-5

- Cinco cartas ; org. e notas António Cândido Franco. [S.l.] : Licorne, imp. 2013 ([Odivelas] : Guide-Artes Gráficas).

8-(2)-22-42-59

- Gatos comunicantes : correspondência entre Vieira da Silva e Mário Cesariny : 1952-1985; apresent. José Manuel dos Santos ; ed. e textos Sandra Santos, António Soares. [Lisboa] : Assírio & Alvim : Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2008.

9-(1)-6-45-60

- Um rio à beira do rio : cartas para Frida e Laurens Vancrevel; edição Maria Etelvina Santos, Perfecto E. Cuadrado ; apresentação, tradução e notas Maria Etelvina Santos ; posfácio e comentários Laurens Vancrevel. Lisboa : Documenta; Fundação Cupertino de Miranda, 2017.

4-(1)-9-1-7

- Sinal respiratório : cartas para Sérgio Lima; apresentação Sérgio Lima ; edição e posfácio Perfecto E. Cuadrado. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2019.

4-(1)-30-3-13

- Um sol esplendente nas coisas : cartas de Mário Cesariny para Alberto de Lacerda; edição, fixação do texto e introdução Luís Amorim de Sousa. 1.ª ed. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda ; Lisboa : Documenta, 2015.

10-(1)-18-16-26

PACHECO, Luís, 1925-2008

Pacheco versus Cesariny : folhetim de feição epistolográfica. [Lisboa] : Editorial Estampa, [imp. 1974].

6-21-18-96

Entrevistas

CESARINY: "Sou um poeta esgotado...". Entrevista de Francisco Belard e António Guerreiro. "Expresso: Actual", Lisboa. 1673 (20 nov. 2004), pp. 26-29.

B-59 A

CESARINY "O SURREALISMO FALHOU". Entrevista de Bruno Horta. "Público", Lisboa. 15 : 5366 (1 dez. 2004), p. 43.

B-25

MÁRIO Cesariny: entrevista: "escrever era como voar, voar" [...]. "JL: Jornal de Letras, artes e ideias", Lisboa. 24 : 891 (24 Nov. 2004), pp. 12-20.

B-39-1/13

MÁRIO Cesariny (1923-2006): A maravilha do acaso. Entrevista de Maria Bochicchio. "Expresso: Actual", Lisboa. 1779 (1 Dez. 2006), pp. 20-21.

B-59 A

UMA última pergunta : entrevistas com Mário Cesariny (1952-2006). Organização, introdução e notas Laura Mateus Fonseca; pref. Bernardo Pinto de Almeida ; posfácio Perfecto E. Cuadrado. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; [Vila Nova de Famalicão] : Fundação Cupertino de Miranda, 2020.

4-(1)-9-1-46

Bibliografia Passiva

FRANCO, António Cândido, 1956-

Teixeira de Pascoaes nas palavras do surrealismo em português : Pascoaes, Cesariny, Cruzeiro Seixas, os surrealistas do anti-grupo, o café Gelo & outros saudosistas ou surrealistas do surreal (ou não) : subsídio ou pleito rememorativo ou & (talvez) historiográfico para uma conclusão geral do poético no século XX português. [S.l.] : Licorne, 2010 ([Lousã] : Tip. Lousanense).

10-(1)-5-22-65

- O triângulo mágico : uma biografia de Mário Cesariny. 1.^a ed. Lisboa : Quetzal Editores, 2019.

4-(1)-29-3-11

MÁRIO Cesariny : entre nós e as palavras; [dir. Perfecto E. Cuadrado]. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2016.

A-28-24-1-(15)

MARTINS, Fernando Cabral, 1950-

Mário Cesariny e o virgem negra ou A morte do autor e o nascimento de actor. 1.^a ed. Lisboa : Documenta, 2016.

10-(1)-18-16-38

ROCHA, Michele C.

Mário Cesariny e Joan Brossa : para a transformação poética do homem. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2018.

A-28-24-1-(17)

VERSO de autografia : Mário Cesariny. Lisboa : Assírio & Alvim, 2004.

9-(1)-4-49-54

VERSO de autografia : [Miguel Gonçalves Mendes conversa com Mário Cesariny]. 2.^a ed. Lisboa : JumpCut, 2014.

10-(1)-18-3-11

Pablo Picasso, no cinquentenário da morte do pintor / Pablo Picasso, on the fiftieth anniversary of the painter's death

Sala do Catálogo da BGUC, 20 abril a 31 maio 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Pablo Picasso (1881-1973) foi um dos mais destacados artistas plásticos do século XX. Pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo, desde cedo demonstrou um grande talento artístico.

Filho de um pintor e desenhador com quem aprendeu, Picasso pintou a sua primeira tela com 8 anos, representando cenas de touradas. Com 14 anos ingressou na Escola de Belas-Artes de Barcelona e mais tarde, em 1898, inscreveu-se na conceituada academia de artes de Madrid, a “Real Academia de Belas-Artes de São Fernando”, regressando a Barcelona no mesmo ano, devido a doença. A partir de 1900 mudou-se para Paris, vindo a realizar a sua primeira exposição de pintura a 24 de junho de 1901.

A sua obra é geralmente classificada em vários períodos: o período azul de 1901-1904, marcado profundamente pela melancolia; o

período rosa de 1904-1906, fase caracterizada pela alegria; o período africano de 1907-1909, assinalado pela influência da arte africana; o período denominado de “cubismo analítico”, de 1909-1912, marcado pela sobreposição de planos, pela geometrização das formas e pelo uso de cores neutras; e o período do “cubismo sintético”, de 1912-1919, em que passa a utilizar outras técnicas, como a colagem, com retorno ao figurativo e em que as cores usadas são mais intensas.

Conjuntamente com Georges Braque, Picasso foi um dos principais fundadores do movimento artístico designado por “cubismo”, que surgiu no século XX nas artes plásticas. O seu quadro “As meninas d’Avignon”, de 1907, é considerado o marco inicial deste movimento.

A qualidade da sua extensa obra tornou-o um dos maiores pintores de todos os tempos, reconhecido a nível mundial, deixando uma obra artística composta por 1880 pinturas, 7089 desenhos, 1335 esculturas e 880 cerâmicas. Entre as suas obras mais conhecidas encontra-se também o quadro “La Guernica” (1937), onde expõe os horrores da Guerra Civil de Espanha.

Nascido em Málaga a 25 de outubro de 1881, veio a falecer no dia 8 de abril de 1973, em Mougins, França, aos 91 anos.

Catálogo:

ALONSO, Javier

Pablo Picasso [il. Ángel Coronado ... et al.]; [edição, tradução e adaptação Atlântico Press]. [S.l.] : Atlântico Press, cop. 2018, D.L. 2019.

4-(1)-20-11-10

BOONE, Danièle

Picasso. Trad. Maria Manuela Santos. Lisboa : Estampa : Círculo de Leitores, D.L. 1992.

6-42-7-96

BRASSAI, 1899-1984

Conversas com Picasso : 53 fotografias do autor. Trad. de Elisa Bacelar. Porto : Livraria Civilização, 1971.

6-40-9-12

BRECHT, Bertolt, 1898-1956

Da sedução : poemas eróticos. Gravuras [de] Pablo Picasso ; org. Günter Berg ; trad. Aires Graça. 3.^a ed. Lisboa : Bizâncio, 2004.

8-(2)-27-19-2

BRITO, Alice, 1954-

O dia em que Estaline encontrou Picasso na biblioteca : [romance]. [Rev. Eulália Pyrrait]. 1.^a ed. Lisboa : Planeta, 2015.

10-(1)-17-1-30

BRITO, Casimiro de, 1938-

Sete poemas rebeldes e carte a Pablo Picasso. Faro : [s.n., 19--?].

5-48-58-281

CAWS, Mary Ann

Pablo Picasso. Pref. Arthur C. Danto ; trad. Jorge Palhinhos. Porto : Fio de Palavra, 2009.

10-(1)-4-16-18

CORREIA, Alberto

Picasso fez um galo. Porto : [s.n.], 1957.

5-54-12-24

COWLING, Elizabeth, [et al.]

Matisse, Picasso. [S.l.] : Tate Publishing, 2002.

7 B-10-2-10

CRESELLE, Jean-Paul

Picasso : as mulheres, os amigos, a obra. Lisboa : Livraria Bertrand, [1968?].

5-43-2

- Picasso. Trad. de Maria Margarida Silva Dias ; rev. de Maria G. Prestes, José M. Santos. 1.^a ed. Lisboa : Circulo de Leitores, imp. 1977.

5-58-43

DE PICASSO a Bacon : Musée des Beaux Arts de Lyon - Collection Delubac. [Org. Centro Cultural de Belém]. Lisboa : C.C.B., cop. 2001.

6-9 A-10-26

DESCARGUES, Pierre

Picasso. Lisboa : Editorial Presença, 1965.

5-12-26-24

DUARTE, António

Da escultura de Picasso : breve reflexão. Lisboa : [s.n.], 1981 (Lisboa : Tip. Silvas).

6-27-8-111

DUARTE, Fernando

Picasso. Rio Maior : Síntese, 1964.

5-46-104-12

DUNCAN, David Douglas

Picasso & Lump : a história do cão que comeu um Picasso. Trad. Madalena Alfaia. Lisboa : Guerra & Paz, cop. 2007.

9-(1)-7-13-5

ELGAR, Frank

Picasso. Lisboa : Editorial Verbo, [1972].

5-11-83-10

ENCONTROS ACARTE 93, Lisboa.

Picasso : o chapéu de três bicos : cortina, cenário e figurinos para o bailado de Leonilde Massine com música de Manuel de Falla. [Org.] Centro de Arte Moderna ; trad. Acidália de Brito. Lisboa : F.C.G, 1993.

6-23-49-28

FRANÇA, José Augusto, 1922-2021.

O essencial sobre Pablo Picasso. [Lisboa] : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016.

4-(1)-4-23-8

FRANCE, Manuela

As 10 invenções de Picasso. Trad. de Maria Carvalho. 1.^a ed. Lisboa : Editorial Bizâncio, 2017.

4-(1)-9-2-5

FROM PICASSO to Bacon : Musée des Beaux Arts de Lyon - Collection Delubac. [Org. Centro Cultural de Belém]. Lisboa : C.C.B., cop. 2001.

6-9 A-10-25

FUNDAÇÃO Nacional de Arte, Brasil.

Pablo, Pablo! : [uma interpretação brasileira de Guernica]. Rio de Janeiro : Funarte, 1981.

5-22-27-42

GIDEL, Henry

Picasso. Trad. Fernanda Oliveira. Mem Martins : Europa-América, 2009.

9-(1)-10-35-38

GILLOT, Françoise, 1921- ; LAKE, Carlton

A minha vida com Picasso. Lisboa : Publicações Europa-América, 1965.

5-12-29-114

GONZALEZ, Maria Teresa Maia, 1958-

Picasso e eu. [il. Ângela Vieira]. 1.ª ed. Porto : Porto Editora, 2019.

4-(1)-20-5-52

GRAMARY, Adrian, 1967-

Palco da loucura : os demónios em Picasso, Hemingway, Marilyn

1.ª ed. [S.l.] : Idioteque, 2015 ([Santo Tirso] : Norprint - Artes Gráficas).

10-(1)-19-40-9

HESLEWOOD, Juliet

Picasso : pintor, escultor. Trad. António Sabler. Porto : Edinter, 1996.

7-65-19-85

IZQUIERDO, Paula

Picasso e as mulheres. Trad. Marcelo Correia Ribeiro. 1.ª ed. Porto

: Ambar, 2006.

8-108-7-45

JULLIAN, Philippe

Les Morot-Chandonneur ou une grande famille décrite de Stendhal

a Marcel Aymé peinte d'Ingres à Picasso... Paris : Librairie Plon, 1955.

92 (Morot-Chandonneur) JUL

KENT, Jane

Pablo Picasso. [Il. por Isabel Muñoz] ; [tradução Marta Nazaré]. 1.ª

ed. Amadora : Booksmile, 2019.

4-(1)-20-9-4

LAPORTE, Geneviève

Tão tarde ao anoitecer... Pablo Picasso. [Lisboa] : Arcádia, [1973].

6-19-3-175

LORIA, Stefano

Picasso : o cubismo. Il. Simone Boni, L. R. Galante ; trad. Mafalda Acebey. Matosinhos : Quid Novi, D.L. 2003.

6-43-13

MARRERO, Vicente

Picasso y el monstruo : una introducción. Madrid : Universidad Complutense, 1986.

6-38-8-72

MORÁN, José

Pablo Picasso. [Il. Acacio Puig]. Sintra : Girassol, D.L. 2014.

6-17-17-105

OLIVIER, Fernande

Picasso et ses amis. 2e éd. Paris : Editions Stock, 1945.

92(Picasso) OLI

PAMPLONA, Fernando de, 1909-1989

Meditação crítica sobre Picasso : um centenário. Lisboa : [s.n.], 1982 (Lisboa : Tip. Silvas)

6-27-8-121

PICASSO, Marina, 1950-

Meu avô, Pablo Picasso. Trad. Maria Amélia Pedrosa. 1.ª ed. Porto : Ambar, 2005.

8-(2)-26-42-4

PICASSO, Pablo, 1881-1973

O desejo agarrado pelo rabo ; Quatro meninas : teatro. [Lisboa : Publicações Culturais Engrenagem, 1975].

5-33-48-89

- El desig agafat per la cua i les quatre nenes. 1.^a ed. Barcelona : Edicions 62, 1989.

5-53-4-34

- Não digo mais do que o que não digo. Todas as portas abertas. O enterro do conde de Orgaz: Precedido de não digo mais do que o que não digo [por] Rafael Alberti e precedido de todas as portas abertas [por] Alejo Carpentier ; trad. Vitor Silva Tavares ; il. Carlos FERREIRO. Lisboa : & etc, 2001.

6-40-66-62

- Picasso. Coord. e introd. Rachel Barnes ; trad. Maria Celeste Guerra Nogueira. Lisboa : Dinalivro, D.L. 1993.

6-66-21-3

- Picasso : 77 gravuras, 1930-1971 : [catálogo]. Org. Embaixada de Espanha em Portugal e apresentada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa : F.C.Gulbenkian, 1982.

6-27-15-248

- Picasso 1881-1981 : célébration du centenaire d'une naissance. [Texte établi par Raoul-Jean Moulin]. Paris : UNESCO, 1982.

7-17-3-78

PICASSO ; Matisse ; Klimt ; Munch. Trad. Pedro Tamen ; rev. Ayala Monteiro. Lisboa : Difusão Cultural, imp. 1990.

6-10-12-5

PICASSO por Picasso : pensamentos e várias memórias. Org. Paul Désalmand ; trad. Mário Dias Correia. 1.^a ed. Lisboa : Contexto, 2000.
6-37-54-76

PORTO Cartoon World Festival, 19, Porto, 2017.

XIX Porto Cartoon World Festival : tema principal Turismo = main subject Tourism ; XIX Porto Cartoon World Festival : prémios especiais de caricatura António Guterres e Pablo Picasso = special awards for caricatures António Guterres and Pablo Picasso. Org. Museu Nacional de Imprensa ; [coord. Luís Humberto Marcos] ; [textos Luís Humberto Marcos ... et al.] ; [versão inglesa Liliana Costa]. Porto : Museu Nacional da Imprensa, 2017.

4-(1)-15-8-46

PORTUGAL. Museu do Chiado.

Picasso e o Mosqueteiro : 1967-1972 = Le final des Mousquetaires. [Org.] Museu do Chiado ; textos de Michèle Moutashar, Raquel Henriques da Silva, Eduardo Lourenço ; trad. Alliance Française de Lisbonne, Monique Rutler ; coord. Maria Amélia Fernandes. 1.^a ed. [Lisboa] : Instituto Português de Museus, 1997.

RC(A)-18-17

SANTOS, Margarida Fonseca, 1960-

Pablo Ruiz Picasso. Il. Vasco Gargalo. 2.^a ed. Lisboa : Pass Edições, 2016.

10-(1)-14-30-206

SOCIEDADE Nacional de Belas Artes, Lisboa.

Desastres e misérias da guerra, de Durer a Picasso : gravura. Lisboa : Sociedade Nacional de Belas Artes, 1974.

6-23-1-63

6-23-1-63 A

SPENCE, David

Picasso : romper com as tradições. Trad. Maria Filomena Pestana.

1.ª ed. Lisboa : Texto, 1999.

5-28-28-116

STEIN, Gertrude, 1874-1946.

Picasso. Paris : Librairie Floury, 1938.

92(Picasso) STE

- Picasso. Trad. de Gaetan Martins de Oliveira. Lisboa : Vega, [D.L. 1987]

6-38-15-15

SYED, Matthew

Bounce : Mozart, Federer, Picasso, Beckham, e a ciência do sucesso. Trad. Alexandra Cardoso. 1.ª ed. Alfragide : Academia do Livro, 2010.

10-(1)-7-33-53

VALLENTIN, Antonina , 1893-1957.

Picasso. Lisboa : [s.n., s.d.]

5-50-24-70

VIOLA delta: poemas. Coord. de Fernando Grade. S. João do Estoril : MIC, imp. 1977-

Vol. 46: Poemas sobre Picasso e outros textos. 2009.

6-30-3

YOLLECK, Joan

Paris na primavera com Picasso. Il. de Marjorie Priceman. 1.ª ed.

Lisboa : Gradiva, 2010.

9-71-44-73

WECHSLER, Herman J, 1904-1976.

Os mais famosos pintores franceses : de Ingres a Picasso. Lisboa
: Editorial "Aster", [19--?].

5-42-25-63

ZAMBUJAL, Isabel, 1965-

Violeta e Índigo descobrem Picasso. II. Gonçalo Viana. [Paço de
Arcos] : Levoir, cop. 2015.

9-13-19-54

Natália Correia : centenário do nascimento da poetisa / Natália Correia : centenary of the poet's birth

Sala do Catálogo da BGUC, 13 junho a 22 setembro de 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Nascida na Fajã de Baixo (Ilha de São Miguel, Açores) a 13 de setembro de 1923, Natália Correia notabilizou-se na área das letras como poeta, romancista, dramaturga, ensaísta, tradutora, guionista, jornalista e editora, deixando uma marca relevante no panorama da literatura portuguesa do século XX.

Amiga de alguns nomes importantes do meio cultural, como Cruzeiro Seixas, Tomaz Ribas, Martins Correia, José Augusto França, David Mourão Ferreira, entre outros, promoveu inúmeras tertúlias literárias e artísticas quer em sua casa, quer no “Botequim”, bar que fundou em 1971 e que ficou conhecido como local da tertúlia lisboeta frequentado por destacadas personalidades da cultura e da política.

O seu primeiro livro, *Grandes Aventuras de um Pequeno Herói*, uma narrativa infantil, foi publicado em 1946. A sua obra reparte-se por

diferentes géneros, ficção, teatro, ensaio e poesia, na qual mais se notabilizou, com livros como *Rio de Nuvens* (1947), prefaciado por Campos de Figueiredo; *O vinho e a Lira* (1969), alvo de forte censura; *Sonetos Românticos* (1990), uma compilação de poemas de amor; ou o seu último livro datado do ano da sua morte, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*.

Admiradora do Cancioneiro Medieval, organizou a *Antologia de Poesia Erótica e Satírica* (1966), *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (1970), *Antologia da Poesia do Período Barroco* (1982), e outras antologias de poesia portuguesa.

Além da sua atividade literária, Natália Correia desempenhou outras funções no campo cultural. Foi coordenadora da editora Arcádia, diretora das publicações *Século-Hoje* e *Vida Mundial* e consultora para os Assuntos Culturais Internos da Secretaria de Estado da Cultura, em 1977.

Destacou-se igualmente no campo político, salientando-se da sua intervenção o apoio ao *MUD* - Movimento de Unidade Democrática e o apoio às candidaturas de Norton de Matos e de Humberto Delgado à Presidência da República, antes de 1974, e depois, como ativa deputada, ficou célebre pelas suas intervenções parlamentares, no período de 1979 a 1991.

Entre várias distinções, foi agraciada em 1976 com o prémio literário *La Fleur de Laure*, instituído pelo Centre International de Poésie Néo-Latine e pelo Comité du Prix Petrarque de Poésie Néo-Latine. Em 1991, recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*.

Em 1981 foi-lhe atribuído o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada e em 1991 o grau de Grande Oficial da Ordem da Liberdade.

Natália Correia veio a falecer subitamente em sua casa em Lisboa, no dia 16 de março de 1993, pouco depois de regressar do "Botequim".

Catálogo:

POESIA

CORREIA, Natália

Rio de nuvens. Pref. de Campos de Figueiredo. Coimbra: [s.n.], 1947.

5-41-14

- Poemas. [Porto: s.n.], 1954 (Porto: Tipografia do Carvalhido).

5-39-16

- Dimensão encontrada. Lisboa : [s.n.], 1957.

5-54-32-53

- Passaporte : poemas. Lisboa : [s.n.], 1958.

5-50-24-4

- Comunicação em que se dá notícia duma cidade chamada vulgarmente Lusitania através alguns fragmentos dos oxyrhynchus papyri [...]. [S.l.] : Contraponto, [1959?].

5-44-43-22

- Cântico do país emerso. Lisboa : Contraponto, [1961?].

5-66-15-49

- O vinho e a lira. Lisboa : Fernando Ribeiro de Melo : Edições Afrodite, [1966?].

6-3-9-29

- As maçãs de Orestes. Lisboa : Publicações D. Quixote, 1970.

6-32-15

- A mosca iluminada. [Lisboa : Livraria Quadrante, 1971?].
5-11-63-35
- O anjo do ocidente à entrada do ferro. Lisboa : Edições Ágora, 1973.
S/C
- Poemas a rebate. Lisboa : Publicações Dom Quixote, [1975].
6-38-17
- Epístola aos lamitas. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1976.
6-38-17
- O armistício. 1.^a ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1985.
6-48-21-25
- Sonetos românticos. 1.^a ed. Lisboa : O Jornal, 1990.
6-23-31-12
- O sol nas noites e o luar nos dias. [Lisboa] : Círculo de Leitores,
imp. 1993. (Vol. I e II).
6-22-28
- Poesia completa: o sol nas noites e o luar dos dias. 2.^a ed. Lisboa
: Publicações Dom Quixote, 2000.
5-57-22-30

FICÇÃO

- Anoteceu no Bairro: romance. Lisboa: Ed. Casa do Livro, 1946.
5-38-36
- Grandes Aventuras de um Pequeno Herói: romance infantil. Porto:
Editorial Astra, D. L. 1946.
5-39-14

- A Madona. Lisboa : Editorial Presença, [1972?].
5-1-96-96
- A ilha de Circe. 1.^a ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1983.
6-44-1-54
- Onde está o menino Jesus?. 1.^a ed. Lisboa : Edições Rolim, 1987.
6-42-8-31
- As núpcias. 1.^a ed. Lisboa : O Jornal, 1992.
7 B-3-1-60

TEATRO

- O encoberto. Alfragide : Galeria Panorama, 1969.
5-62-31
- Erros meus, má fortuna, amor ardente. Il. Ângelo, Calvet, Cruzeiro Seixas, Lima de Freitas, Relógio, Resende, Paulo-Guilherme, F. Ribeiro de Mello. Lisboa : Afrodite, 1981.
5-22-1-6
- A Pécora : teatro. 1.^a ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1983.
6-48-21-6
- CORREIA, Natália; MATOS, António - Memória da sombra. Lisboa : Preto no Branco, imp. 1993.
6-38-4-91
- D. João e Julieta : peça em 3 actos. Pref. Armando Nascimento Rosa. 1.^a ed. Lisboa : Dom Quixote, 1999.
5-57-7-53

- Sucubina ou a Teoria do Chapéu. Porto : Casa dos Açores do Norte : CETUP-Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto, 2013.
10-(1)-15-45-87

- Homúnculo: tragédia jocosa. Vila Nova de Gaia : Redil, 2015.
10-(1)-19-26-47

ENSAIO

- Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América. Lisboa: Portugália, 1951.
5-45-13

- Uma estátua para Herodes. Lisboa : Arcádia, 1974.
6-36-21-20

- Poesia de Arte e realismo poético. Lisboa : [s.n.], 1958.
5-46-45-67

- A questão académica de 1907. Pref. Mário Braga. Lisboa : Minotauro : Seara Nova, [1962?].
9-(11)-15-4-20

- Não percas a rosa: diário e algo mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975). Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1978.
(6)-1-5-30-44

- Somos todos hispanos. 1.^a ed. Lisboa : O jornal, 1988.
6-20-2-53

ANTOLOGIAS

ANTOLOGIA de poesia portuguesa erótica e satírica : (dos cancioneros medievais à actualidade). Sel., pref. e notas de Natália Correia ; il. de Cruzeiro Seixas. [S.l.] : Ed. de Fernando Ribeiro de Melo, [1966?].

RB-2-39

CANTARES dos trovadores galego-portugueses. Lisboa : Editorial Estampa, 1970.

6-40-67-7 e 8

A MULHER: antologia poética. Coord. Natália Correia ; il. Martins Correia. Lisboa : Artemágica, 2005.

8-(2)-25-11-30

SOUSA, António - A ilha de Sam Nunca : atlantismo e insularidade na poesia de António Sousa : antologia. [Org. por] Natália Correia. Angra do Heroísmo : Secretaria Regional dos Assuntos Culturais, imp. 1982.

6-27-17-145

O SURREALISMO na poesia portuguesa. Mem Martins: Europa América, 1973.

5-64-5

TROVAS de D. Dinis. Actual. e pref. de Natália Correia. Lisboa: Galeria Panorama, [1971?].

5-62-31

Guerra Junqueiro : exposição bibliográfica / Guerra Junqueiro : bibliographic exhibition

Sala do Catálogo da BGUC, 25 setembro a 24 novembro 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

Maria Luísa Sousa Machado

José Alberto Mateus

Apresentação:

Guerra Junqueiro foi um escritor, poeta, jornalista, político e deputado português.

Nasceu em Ligares, a meio caminho entre Freixo de Espada à Cinta e Moncorvo, no dia 17 de setembro de 1850. Era filho de um rico lavrador e negociante, religioso e tradicionalista, tendo feito os estudos preparatórios em Bragança.

Em 1866 matricula-se na Universidade de Coimbra, em Teologia, vindo a transferir-se para a Faculdade de Direito em 1868, por sentir que não tinha vocação para a vida religiosa. Licenciou-se em Direito, em 1873, durante o período de maior agitação ideológica em Coimbra que deu origem à chamada *Questão Coimbrã*.

Durante a sua permanência em Coimbra colaborou ativamente no semanário "A Folha", estabelecendo relações de amizade com os melhores escritores e poetas do seu tempo. Neste periódico, publica-

do em Coimbra a partir de 25 de novembro de 1868 e dirigido pelo poeta João Penha, colaboraram alguns dos maiores escritores da época como Gonçalves Crespo, Cândido de Figueiredo, Bernardino Machado e Antero de Quental.

Foi um dos mais destacados escritores do Realismo, movimento literário da segunda metade do século XIX, tendo, na década de oitenta, participado com Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós e António Cândido na constituição do grupo *Vencidos da Vida* (1888).

Das suas obras destacam-se: *Dois páginas dos quatorze anos* editada em Coimbra pela Imprensa da Universidade em 1864, a que se seguem *Vozes Sem Eco* (1867), *Espanha Livre* (1873), *A Morte de D. João* (1874), *A Velhice do Padre Eterno* (1885), entre muitas outras que se encontram patentes nesta exposição. Postumamente foram ainda publicadas *Horas de combate* (1924), *Caminho do Céu* (1925), *Vibrações Líricas* (1925), *Prometeu Libertado* (1926), *Horas de Luta* (1945), *Antologia para a Juventude* (1950) e *Orações de Ligares* (2001) recolhidas por Junqueiro, com organização de Maria Aliete Galhoz.

A sua colaboração em publicações periódicas é também muito vasta, salientando-se as seguintes: *O Occidente* (1878-1915), *Renascença* (1878-1879?), *Jornal do domingo* (1881-1888), *Ilustração* (1884-1892), *A Ilustração Portuguesa* (1884-1890), *Ilustração Universal* (1884-1885), *A Imprensa* (1885-1891), *Branco e Negro* (1896-1898), *Brasil Portugal* (1899-1914), *Serões* (1901-1911), *Luz e Vida* (1905), *A Republica Portuguesa* (1910-1911), *Atlântida* (1915-1920).

Na parte final da vida, retira-se para Trás-os-Montes, dando um rumo distinto à sua orientação literária mais voltada para as suas origens, como atestam algumas das suas últimas obras: *Os Simples* (1892), *Oração ao Pão* (1903) e *Oração à Luz* (1904).

Na sua carreira profissional destaca-se a nomeação, em 1876, para Secretário-Geral do Governo Civil de Angra do Heroísmo. Tendo combinado a carreira administrativa com uma intensa atividade política, foi eleito como deputado pelo Partido Progressista, no qual

se filiou em 3 de agosto de 1878. Em 1890 em reação ao Ultimato Inglês publica “Finis Patriae”, tendo por esta altura abandonado o Partido Progressista, abraçando a causa republicana. Mais tarde, em 1911, assumiu o cargo de Ministro Plenipotenciário de Portugal na Suíça, pedindo a exoneração em 1914. Em 1915 é apresentado como candidato a Presidente da República pelo Partido Republicano Evolucionista, naquela que terá sido a sua última participação política.

Agraciado a 12 de fevereiro de 1920 com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, Guerra Junqueiro veio a falecer em Lisboa a 7 de julho de 1923, com exéquias fúnebres nacionais no Mosteiro dos Jerónimos. Em 1966 foi trasladado para o Panteão Nacional.

Catálogo:

Bibliografia Ativa

JUNQUEIRO, Guerra

Duas paginas dos quatorze annos : poesias. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1864.

7-42-11-43

- *Mysticae nuptiae* : poemeto. [Coimbra] : Imprensa da Universidade, 1866.

7-42-12-5

- *Vozes sem echo*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1867.

Sem rosto, faltando as p. 1-2 e com dedicatória do A. “Ao Exmº Snr Olimpio Nicolau Rui Fe.es off.ce G. Junqueiro”.

Enc. com outros. – “Duas paginas dos quatorze anos”. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1864; “Victoria da França”; “*Mysticae nuptiae*: poemeto”; “Á Hespanha livre”.

R-18-23

- O crime : a propósito do assassinato do alferes Brito. Porto : Ernesto Chardron ; Braga : Eugenio Chardron, 1875.

Encadernado com: "Victoria da França"; "O caminho do céu"; "Tragédia Infantil".

9-(2)-1-9-7

- A musa em férias : idilios e satyras. Lisboa : Typ. das Horas Romanticas, 1879.

V.T.-12-4-2

- Viagem á roda da parvonía : relatorio em 4 actos e 6 quadros / pelo commendador Gil Vaz ; illustrado por Manuel de Macedo ; e annot. pelo auctor e pelos Srs Alberto Braga ... [et al.]. Lisboa : Off. Typ. da Empreza Litteraria de Lisboa, [1879?].

Enc. com: "Julia: drama em três actos", por Octavio Feuillet.

7-12-6-33

- A velhice do padre eterno. [1.ª ed.]. Porto : Alvarim Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, 1885 (Porto : Typ. Universal de Nogueira & Caceres).

V.T.-17-3-13

- Amores. "A folha : microcosmo litterario", Coimbra. 2 (1868), p. 16.

RP-6-6

- Finis Patriae. 2.ª ed. Porto : Empreza Litteraria e Typographica, 1891.

9-61-25-85

- A lágrima. 3.ª ed. Porto: Livraria Chardron, 1898.

5-27-25

- Marcha do ódio. Música de Miguel Angelo; des. de Bordallo Pí-
nheiro. Porto: Livraria Civilização, [1891?].

7-42-7-6

- A morte de D. João. 5.^a ed. emendada e com o retrato do auctor.
Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1893.

6-6-2-39

- Oração ao pão. 3.^a ed. Porto : Livraria Chardron, [19--?].

9-(11)-7-5-69

- Oração á luz. 3.^a ed. Porto : Livraria Chardron, [1904?].

9-(11)-7-5-64

- Pátria. [S.l.]: [s.n.], 1896.

9-(2)-1-14-16

- O século: I - Baptismo do amor. Com uma apreciação pelo snr.
Camilo Castelo Branco. 4.^a ed. Porto: Livraria Chardron, [1912?].

7-36-36-39

- Os simples. Porto : Typ. Occidental, 1892.

V.T.-12-4-15

- Contos para a infância escolhidos dos melhores auctores. 4.^a ed.,
augm. e adornada de gravuras [...] Lisboa : Parceria António Maria
Pereira, 1905.

7-36-32-56

- Tragédia Infantil. 2.^a ed. Ilustrada Lisboa: Parceria António Maria
Pereira, 1913.

7-38-1-33

- Edith Cavell. Lisboa : Imprensa Nacional, 1916.
5-3-3-49

- O monstro alemão: Atila e Joana d'Arc. Porto: Oficinas de "O Comercio do Porto", 1918.
9-(11)-7-5-61

- Junqueiro : verso e prosa. Paris ; Lisboa : Aillaud e Bertrand, 1920.
5-2-17

- Poesias dispersas. Porto : Livraria Chardron de Lélo & Irmão, 1920.
9-(2)-1-10-21

- Prosas dispersas. 2.^a ed. Porto : Livraria Chardron de Lélo & Irmão ; Lisboa-Paris : Aillaud e Bertrand, 1921.
9-(11)-14-2-26

- Horas de combate. Prefácio de Mayer Garção. Porto : Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, 1924.
Contém dedicatória manuscrita dos Editores.
5-2-6-39

- Horas de luta. Pref. Mayer Garção. Porto: Livraria Lello, [1924?].
5-5-43

- Contos para a infância escolhidos dos melhores autores. 9.^a ed.
Lisboa : Parceria António Maria Pereira, 1947.
5-38-29

- Na Feira da Ladra : história de um piano ; Fiel. Org., introd. e notas Henrique Manuel S. Pereira. Genealogia de uma fidelidade : exercício archeo histórico de um parentesco. Org. Henrique Manuel S.

Pereira ; fot. Bruno Nacarato, Henrique Pereira ; il. Francisco Silva.
[Lordelo] : Fundação A Lord ; Porto : Escola das Artes - UCP, 2011.
10-(1)-12-13-19

- Orações de Ligares: Recolhidas por Guerra Junqueiro. ed. lit Maria
Aliete Galhoz. 1.^a ed. Porto: Campo das Letras, 2001.
6-47-30-56

Bibliografia Passiva

AGOSTINHO, José, 1866-1938.

Guerra Junqueiro. Porto : A. Figueirinhas : Liv. Portuense de Lopes
& C^a, deposit., [1914].
9-(2)-3-25-27

BOTELHO, Artur, 1883-1940.

Guerra Junqueiro, falso poeta : análise à "Velhice". Porto : António
Marques, Salvador Pinto : J. Pereira da Silva, deposit., 1923.
9-(2)-5-2-51

CARVALHO, Amorim de, 1904-1976.

Guerra Junqueiro e a sua obra poética : análise crítica. Rev. e fixação
do texto Júlio Amorim de Carvalho. Porto : Lello, 1998.
6-37-9-34

COIMBRA, Leonardo, 1883-1936.

Guerra Junqueiro. Porto : Renascença Portuguesa, 1923.
5-2-3-15

FONSECA, Tomás da, 1877-1968.

Guerra Junqueiro : como êle escrevia : considerações sôbre o ma-
nuscrito de "Os Simples". Coimbra : Coimbra Editora, 1924.
5-5-5

FRANCO, António Cândido, 1956-

A epopeia pós-camónica de Guerra Junqueiro. Lisboa : Gazeta do Mundo de Língua Portuguesa, 1996.

6-31-12-71

GUERRA Junqueiro : de Freixo para o mundo, Freixo de Espada à Cinta, 2010.

Guerra Junqueiro : de Freixo para o mundo : exposição comemorativa dos 160 anos do nascimento do poeta, no âmbito do centenário da República Portuguesa. Fot. António Morais, Henrique Pereira. Freixo de Espada à Cinta : Câmara Municipal, imp. 2010.

10-(1)-10-35-15

GUERRA Junqueiro : obra ilustrada. [Org.] Casa Museu Guerra Junqueiro ; coord. Maria João Vasconcelos ; pesquisa e selecção Luísa Rodrigues ; fot. Eduardo Cunha. Porto : Câmara Municipal, 2000.

6-35-41-43

GUERREIRO, Carla Alexandra do Espírito Santo, 1971-

A mundividência infantil na obra de Guerra Junqueiro. Freixo de Espada à Cinta : Câmara Municipal, 2005.

8-(2)-25-29-24

HOURCADE, Pierre, 1908-1983.

Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son oeuvre. Paris : Société d'Édition "Les Belles-Lettres", 1932 (Coimbra : Imprensa da Universidade).

9-(2)-5-1-29

MARIANO, Maria Luísa Sereno Cura

A influência de Vitor Hugo em Guerra Junqueiro [Texto policopiado]. Coimbra : M.L.S.C. Mariano, 1951.

9-(1)-1-32-5

MONIZ, Egas, 1874-1955.

Guerra Junqueiro : conferência. Porto : Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, 1949.

9-(11)-7-5-67

MOREIRA, Alberto, 1912-1967.

Junqueiro e Camilo : louvores e agravos : as relações entre o gigante da prosa e o príncipe da poesia. Porto : Livraria Civilização, 1950.

9-(11)-7-5-127

NA MORTE de Junqueiro : homenagem dos estudantes de Coimbra. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1923.

9-(11)-7-5-65

PASCOAIS, Teixeira de, 1877-1952

Guerra Junqueiro. [S.l. : s.n.], imp. 1950 (Porto : Tip. Sequeira).

5-43-17

PEREIRA, Henrique Manuel S., 1967-

À volta de Junqueiro : vida, obra e pensamento. Pref. Ângelo Alves ; posfácio Eugénio Lisboa. Porto : Universidade Católica Portuguesa, 2010.

10-(1)-4-24-38

- Guerra Junqueiro e a Folha : primícias, seguido de Índice Geral da revista. [Introd., fixação de texto e notas] ; pref. de António Cândido Franco. 1.^a ed. [Coimbra] : Tenacitas ; [Porto] : Alforria, 2016.

4-(1)-7-16-12

- Guerra Junqueiro e as mediações francesas : traduções. [Aveiro?] : s.n., 2008?].

9-(1)-11-40-15

- Guerra Junqueiro : fragmentos de unidade polifónica. 1.^a ed. Maia : Cosmorama, 2015.

10-(1)-7-44-47

- Guerra Junqueiro : percursos e afinidades. Pref. Pinharanda Gomes. Lisboa : Roma Editora, 2005.

10-(1)-4-9-1

- polémica entre Sena Freitas e Guerra Junqueiro : notas para um "correctivo". [S.l. : s.n., 2007?].

6-12-70-107

- Viajar com... Guerra Junqueiro. Org. Helena Gil. Porto ; Vila Real : Caixotim : Delegação Regional da Cultura do Norte, D.L. 2003.

8-(2)-21-23-3

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1925-2017

As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro. Porto : Livraria Portugália, 1950.

9-(11)-7-5-118

SOUSA, J. Fernando de, 1855-1942.

Guerra Junqueiro e Zola : notas críticas de um jornalista catholico. Porto : Livraria Nacional e Estrangeira de Eduardo Tavares Martins, 1922.

5-2-5-86

1 2



9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA